

ALI HAZELWOOD

A hipótese do amor



O bestseller instantâneo
do *New York Times* que
explodiu no TikTok.

ANTROSE

Porque começo a perguntar-me
se é isto que é estar-se

apaixonado.

Não te importares por teres de
te desfazer em pedaços, desde
que o outro possa ficar

inteiro.



A hipótese do amor

ALI HAZELWOOD

A hipótese
do *amor*

TRADUÇÃO DE CÉLIA CORREIA LOUREIRO

ANÍTOSED

DESROTINA

TÍTULO ORIGINAL: *The Love Hypothesis*

Copyright © 2021 by Ali Hazelwood

This edition published by arrangement with Berkley, an imprint of Penguin Publishing Group, a division of Penguin Random House LLC.

All rights reserved including the rights of reproduction in whole or in part in any form.

© Desrotina Editora

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

TÍTULO: *A Hipótese do Amor*

AUTORIA: Ali Hazelwood

ILUSTRAÇÃO: *lilithsaur*

DESIGN DE CAPA: *Tiffany Estreicher*

ISBN: 978-989-9096-43-1

EDIÇÃO EM PAPEL: março de 2022

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, fotográfico, gravação ou outro, nem ser introduzida numa base de dados, difundida ou de qualquer forma copiada para uso público ou privado, sem prévia autorização por escrito do Editor.

Desrotina Editora é uma chancela


infinito particular
Ostentidade à medida

info@particular.pt | www.particular.pt

Para as minhas mulheres nas STEM: Kate, Caitie, Hatun e
Mar.

Per aspera ad aspera.

Hi-pó-te-se (nome)

Uma suposição ou sugestão de explicação feita com base em conhecimentos limitados, como ponto de partida para mais investigação.

Exemplo: «Com base na informação disponível e na informação recolhida, a minha hipótese é que quanto mais longe estiver do amor, melhor para mim.»

Prólogo

Para dizer a verdade, Olive estava um bocadinho de pé atrás com aquela história do doutoramento.

Não porque ela não gostasse de ciência. (Ela gostava, a ciência era a sua *cena*). E também não era por causa da montanha de alertas. Ela tinha perfeita noção de que dispor-se a anos de trabalho não reconhecido e mal pago durante 18 horas por semana poderia *não* ser benéfico para a sua saúde mental. As noites passadas a labutar diante de um bico de Bunsen para desvendar um pedacinho de conhecimento trivial poderiam *não* ser a chave para a felicidade. E sabia que devotar-se de corpo e alma a perseguir fins académicos com raras pausas para roubar *bagels* sem vigilância poderia *não* ser uma escolha ajuizada.

Tinha perfeita noção de tudo isso e, no entanto, não estava preocupada. Ou se calhar estava, um bocadinho, mas conseguia lidar com isso. Havia outra coisa que a impedia de se render de vez ao mais notório círculo sugador-de-almas do inferno (ou seja, um curso de doutoramento). Na verdade, era algo que a angustiava, até ter sido chamada para uma entrevista para o departamento de biologia de Stanford, e se cruzar com O Gajo.

O Gajo, que não chegou a perceber ao certo como se chamava.

O Gajo, com quem se deparou depois de tropeçar na primeira casa de banho que conseguiu encontrar.

O Gajo, que lhe perguntou:

— Só por curiosidade, há algum motivo particular para estares a chorar na minha casa de banho?

Olive guinchou. Tentou abrir os olhos por entre as lágrimas e só o conseguiu a custo. Todo o seu campo de visão estava desfocado. Tudo o que conseguia ver era um vulto aquático — alguém alto, de cabelo escuro, vestido de preto e... Pois. Era tudo.

— Eu... Isto é a casa de banho das senhoras? — gaguejou.

Pausa. Silêncio. E depois:

— *Nope.*

A voz era profunda. Muito profunda. Mesmo profunda. *Sonhadoramente* profunda.

— Tens a certeza?

— Sim.

— Absoluta?

— Diria que sim, sendo que esta é a casa de banho do meu laboratório.

Pronto. Não valia a pena insistir mais.

— Peço imensa desculpa, precisas de...? — gesticulou, na direção dos lavatórios, ou onde julgava que estariam os lavatórios. Os olhos ardiam, mesmo fechados, e ela teve de os esfregar para afastar a queimadura. Tentou secar as bochechas com a manga, mas o material da bata era barato e frágil, e não absorvia metade do que o verdadeiro algodão absorve. Ah, as alegrias de ser pobre.

— Só preciso de despejar este reagente no ralo — disse ele, mas ela não o ouviu mexer-se. Talvez porque ela estava a bloquear o lavatório. Ou talvez porque achasse que Olive era maluca e estava a ponderar se devia mandar a polícia do *campus* atrás dela. Isso podia significar um fim brutalmente rápido para os seus sonhos de doutoramento, não podia? —

Não usamos isto como sanitários, só aqui vimos para despejar as sobras e lavarmos o equipamento.

— Oh, desculpa, pensei... — Mal. Tinha pensado mal, como era seu costume e maldição.

— Está tudo bem? — Ele devia ser mesmo muito alto. Parecia que a voz vinha de meio metro acima dela.

— Claro. Porquê a pergunta?

— Porque estás a chorar. Na minha casa de banho.

— Oh, não estou a chorar. Bem, estou mais ou menos, mas são só lágrimas, percebes?

— Por acaso não.

Ela suspirou, embatendo na parede de azulejos.

— São as minhas lentes de contacto. Já estão fora de prazo há algum tempo, e também não eram lá grande coisa de início. Dão-me cabo dos olhos. Já as tirei, mas... — Encolheu os ombros. Com sorte, na direção dele. — Demora um bocadinho a ficarem melhores.

— Usas lentes de contacto fora de prazo? — Pareceu pessoalmente ofendido.

— Só um bocadinho fora de prazo.

— O que é um bocadinho?

— Sei lá. Uns aninhos?

— *O quê?* — As consoantes saíam-lhe ríspidas e precisas. Duras. Agradáveis.

— Poucos, acho eu.

— Poucos *anos?*

— Não faz mal. As datas de validade são para os fracos.

Ouviu-se um ruído áspero — uma espécie de arquejo.

— As datas de validade servem para não dar com ninguém a chorar na minha casa de banho.

A menos que o tipo fosse o Sr. Stanford em pessoa, podia parar de chamar àquela *a sua* casa de banho.

— Está tudo bem — acenou com a mão. Teria revirado os olhos, se não estivessem em chamas. — A ardência só dura uns minutos.

— Quer dizer que já fizeste isto antes?

Ela franziu o sobrolho.

— Isto o quê?

— Usar lentes de contacto fora de prazo.

— Claro. As lentes de contacto não são baratas.

— Muito menos os *olhos*.

Ups. Bem visto.

— Já nos conhecemos? Se calhar ontem à noite, no jantar de recrutamento com os candidatos a doutoramento?

— Não.

— Não estavas lá?

— Não é bem o meu tipo de evento.

— Mas e a comida gratuita?

— Não compensa a conversa de circunstância.

Talvez ele estivesse de dieta, porque que tipo de aluno de doutoramento diria uma coisa dessas? E Olive tinha a *certeza* de que ele também era um aluno de doutoramento; o tom de arrogância condescendente denunciava-o. Todos os alunos de doutoramento eram assim: achavam-se acima de toda a gente só porque tinham recebido o privilégio dúbio de dissecar moscas da fruta em nome da ciência por noventa cêntimos à

hora. Na paisagem soturna, escura e infernal da academia, os alunos de doutoramento eram as criaturas no fundo da cadeia alimentar, e por isso tinham de se convencer de que eram os melhores. Olive não era nenhuma psicóloga, mas pareceu-lhe um mecanismo de defesa evidente.

— Estás a candidatar-te a um lugar no programa?

— Sim. A um dos dez lugares em biologia no próximo ano.

— Deus do céu, os olhos ainda queimavam. — E tu? — perguntou, pressionando-os com as palmas das mãos.

— Eu?

— Há quanto tempo estás por cá?

— Aqui? — Pausa. — Seis anos. Mais ou menos.

— Oh, então estás quase a obter o diploma.

— Eu...

Ela percebeu a sua hesitação e sentiu-se instantaneamente culpada.

— Espera, não precisas de responder. A primeira regra do doutoramento: não perguntes aos outros quanto tempo falta para terminar a tese.

Passou um instante. E depois outro.

— Certo.

— Desculpa. — Gostaria de poder vê-lo. Socializar já era difícil o suficiente; a última coisa de que precisava era de poucas orientações de como proceder. — Não quis soar como os teus pais no Dia de Ação de Graças.

Ele riu-se devagar.

— Não terias como.

— Oh. — Ela sorriu. — Pais muito chatos?

— E Dias de Ação de Graças ainda piores.

— É o que vocês, americanos, merecem por deixarem a Comunidade Britânica das Nações. — Estendeu a mão na direção em que lhe pareceu que ele estava. — Sou a Olive, já agora. Como a árvore.

Ela começava a perguntar-se se tinha acabado de se apresentar ao ralo quando o ouviu dar um passo na sua direção. A mão que se fechou em redor da dela era seca, quente e tão grande que poderia ter envolvido o seu pulso inteiro. Tudo nele devia ser enorme. Altura, dedos, voz.

Não foi desagradável de todo.

— Não és americana? — perguntou ele.

— Canadiana. Ouve, se por acaso falares com alguém do comité de admissões, importas-te de não mencionar este incidente com as lentes de contacto? Não quero que me julguem uma candidata pouco brilhante.

— Achas que sim? — gracejou.

Ela tê-lo-ia fulminado se pudesse. Embora, quem sabe, estivesse a fazê-lo com sucesso nesse preciso momento, porque ele riu-se — foi só um sopro, mas ela percebeu. E gostou de o ouvir.

— Estás a pensar juntar-te a nós? — perguntou ele.

Ela encolheu os ombros.

— Não sei se me vão fazer uma proposta.

Mas ela e a professora que a entrevistara, a Dra. Aslan, tinham-se entendido muito bem. Olive gaguejara e balbuciara menos do que era costume. Além disso, os seus resultados nos exames e a sua média geral eram quase perfeitos. Não ter vida pessoal acabava por ser útil de vez em quando.

— Estás a pensar juntar-te a nós se receberes uma proposta?

Seria parva se não aceitasse. Afinal, estavam a falar de Stanford — estava à frente de um dos melhores programas de biologia. Ou pelo menos era o que Olive andava a dizer a si mesma para encobrir a assustadora verdade.

Que, na realidade, ela estava um bocadinho de pé atrás com aquela história do doutoramento.

— Eu... Talvez. Devo dizer que a linha entre uma excelente oportunidade de carreira e a possibilidade de estragar a minha vida está a tornar-se um bocadinho ténue, ultimamente.

— Parece que estás mais inclinada para estragar a tua vida.
— Ele aparentava estar a sorrir.

— Não. Quer dizer... Eu apenas...

— Apenas?

Ela mordeu o lábio.

— E se não for boa o suficiente? — atirou, e porquê, Deus, *porque* é que estava a desvendar os medos mais profundos e secretos do seu coração perante um gajo qualquer na casa de banho? E o que é que isso adiantava, de qualquer maneira? Sempre que expressava as suas dúvidas aos amigos e conhecidos, ofereciam-lhe prontamente o mesmo apoio banal e vazio de significado. *Vai correr tudo bem. Tu consegues. Acredito em ti.* Este gajo ia com toda a certeza fazer o mesmo.

Estava a caminho.

A qualquer momento.

Era uma questão de segund...

— Porque queres fazer isto?

Hum?

— Fazer o quê?

— Fazer um doutoramento. Qual é o motivo?

Olive aclarou a garganta.

— Sempre tive uma mente inquisitiva, e a universidade é o sítio ideal para a estimular. Vai dar-me importantes capacidades transferíveis e...

Ele bufou.

Ela franziu o sobrolho.

— O que foi?

— Não te perguntei o que vem escrito nos manuais de preparação para entrevistas. Porque é que *tu* queres um doutoramento?

— Mas é a verdade — insistiu ela, com alguma hesitação. — Quero melhorar as minhas habilidades de investigação...

— É porque não te vês a fazer mais nada?

— Não.

— Porque não conseguiste um lugar no mercado de trabalho?

— Não, nem sequer me candidatei.

— Ah. — Ele mexeu-se, era uma figura grande e distorcida que se aproximou dela para despejar algo no lavatório. Olive captou o cheiro a óleo de cravo, a detergente de roupa e a pele de homem limpa. Uma combinação estranhamente agradável.

— Preciso de mais liberdade do que aquela que o mercado pode oferecer.

— Não se tem grande liberdade na universidade. — A voz estava mais perto, como se ele ainda não se tivesse afastado. — Vais ter de custear o teu trabalho através de bolsas absurdamente competitivas. Farias mais dinheiro num emprego qualquer das nove às seis, e ao menos podias gozar o conceito de fim de semana.

Olive falou-lhe com desconfiança:

— Estás a tentar influenciar-me a rejeitar a oferta? Isto é algum tipo de campanha contra pessoas-que-usam-lentes-de-contacto-fora-de-prazo?

— *Nah.*

Conseguia ouvi-lo sorrir.

— Vou acreditar que foi só um engano passageiro.

— Eu uso-as a *toda a hora* e quase nunca...

— Uma grande sequência de enganos passageiros, claramente. — Ele suspirou. — O que interessa é: não faço ideia se és boa o suficiente, mas não é isso que devias perguntar-te. A academia dá muito trabalho para pouco ganho. O que interessa é saber se a *razão* pela qual estás na universidade é boa o suficiente. Posto isto, porque queres fazer um doutoramento, Olive?

Ela refletiu na resposta, e refletiu, e refletiu ainda mais um bocado. E depois falou com hesitação:

— Eu tenho uma questão. Uma questão específica. Uma coisa que quero descobrir. Pronto. É isso. Aqui está a resposta. É uma coisa que tenho medo que mais ninguém descubra se eu também não descobrir.

— Uma questão?

Sentiu o ar mover-se e percebeu que ele se tinha apoiado no lavatório.

— Sim. — Sentiu a boca seca. — Uma coisa que é importante para mim. E não confio em mais ninguém para o descobrir. Porque até agora não conseguiram. Porque...

Porque aconteceu uma coisa má. E porque quero fazer a minha parte para garantir que isso não acontecerá de novo.

Eram pensamentos sérios para se ter na presença de um estranho, na escuridão das suas pálpebras fechadas. Então

revelou-os; a visão continuava desfocada, mas os olhos já não lhe ardiam tanto. O Gajo ainda estava a olhar para ela. Um bocadinho vago nos contornos, talvez, mas estava mesmo *ali*, à espera que ela continuasse.

— É importante para mim — repetiu. — A pesquisa que quero fazer.

Olive tinha vinte e três anos e estava sozinha no mundo. Não aspirava a ter fins de semana nem a um salário decente. Queria voltar atrás no tempo. Queria sentir-se menos sozinha. Mas, uma vez que isso lhe parecia impossível, conformava-se com o que podia fazer.

Ele assentiu, mas não disse nada conforme se endireitou e deu alguns passos na direção da porta. Estava claramente a ir-se embora.

— Achas que a minha razão é suficientemente boa para fazer um doutoramento? — disse, na direção dele, detestando a ânsia de aprovação na sua voz. Era possível que estivesse à beira de uma crise existencial qualquer.

Ele parou e virou-se, olhando para ela.

— É a melhor.

Ele estava a sorrir, achou ela. Ou algo do género.

— Boa sorte na tua entrevista, Olive.

— Obrigada.

Ele já estava quase fora da porta.

— Talvez te encontre no próximo ano! — murmurou. — Se conseguir entrar. E se ainda não tiveres terminado.

— Talvez — ouviu-o dizer.

Com aquilo, O Gajo desapareceu. E Olive nunca chegou a saber o seu nome. Mas, umas semanas depois, quando o

departamento de biologia de Stanford lhe enviou uma proposta, ela aceitou-a. Sem qualquer hesitação.

Capítulo 1

♥ HIPÓTESE: Quando posso escolher entre A (uma situação ligeiramente inconveniente) e B (uma porcaria colossal com consequências devastadoras) acabo inevitavelmente por escolher B.

DOIS ANOS E ONZE MESES DEPOIS

Em defesa de Olive, o homem não pareceu sentir-se muito incomodado com o beijo.

Demorou um instante a adaptar-se — perfeitamente compreensível, dadas as circunstâncias repentinas. Foi um minuto estranho, desconfortável e de certo modo doloroso, em que Olive estava, em simultâneo, a esmagar os lábios contra os dele e a pôr-se em bicos de pés para tentar manter a boca ao nível da cara dele. Ele *precisava* de ser tão alto? O beijo deve ter parecido um choque de cabeças desajeitado, e ela foi ficando ansiosa com a possibilidade de não ser capaz de dar conta do recado. A sua amiga Anh, que Olive tinha visto vir na sua direção há uns segundos, ia olhar para aquilo e perceber de imediato que Olive e o Tipo do Beijo não poderiam, de maneira alguma, ser duas pessoas a meio de um encontro.

Depois o momento agonizante passou e o beijo tornou-se... *diferente*. O homem inspirou com brusquidão e inclinou um bocadinho a cabeça, o que permitiu que Olive se parecesse menos com um esquilo a subir a um baobá, e as mãos dele — que eram grandes e agradavelmente quentes do ar condicionado da entrada — fecharam-se em torno da cintura dela. Deslizaram um pouco e foram alojar-se junto às costelas de Olive, segurando-a contra ele. Nem demasiado perto, nem demasiado longe.

O ideal.

Foi mais um encontro de lábios prolongado do que outra coisa qualquer, mas foi bastante agradável e, durante alguns segundos, Olive pôde esquecer-se de um grande número de coisas, incluindo o facto de estar pressionada contra um tipo desconhecido qualquer. Ou que mal tivera tempo de lhe perguntar «Importa-se que o beije?», antes de pregar os lábios aos dele. Ou que o que a levava àquilo era a esperança de enganar Anh, a sua melhor amiga no mundo inteiro.

Mas um bom beijo tem esse efeito: o de fazer uma rapariga esquecer-se de si própria durante um bocado. Olive deu por si a derreter contra um peito largo e sólido, que não ofereceu resistência de todo. As mãos dela moveram-se desde um maxilar bem definido até um cabelo surpreendentemente suave e denso, e então... então... ouviu-se a si própria suspirar, como se já estivesse sem fôlego, e foi então que percebeu, como se levasse com um tijolo na cabeça, que... Não. Não.

Nope, nope. Não.

Ela não devia estar a gostar daquilo. Um tipo qualquer, e tudo isso.

Olive arquejou e afastou-se dele, aflita à procura de Anh. À luz azulada do corredor do laboratório de biologia, a amiga não estava em lado nenhum. Estranho. Olive estava certa de a ter visto uns segundos antes.

O Tipo do Beijo, por outro lado, estava de pé diante dela, de lábios afastados, o peito a subir e a descer e um brilho estranho no olhar, que, quando recaiu sobre ela, trouxe a enormidade do que tinha acabado de fazer. De *quem* tinha acabado de...

Estava completamente lixada.

Estava. Completamente. Lixada.

Porque o Dr. Adam Carlsen era um canalha bem conhecido.

O facto não era extraordinário por si só, uma vez que na universidade qualquer posição acima da dos estudantes de doutoramento (a de Olive, infelizmente), requeria um certo nível de canalhice para poder manter-se durante algum tempo, sendo o docente titular da faculdade o topo da pirâmide da canalhice. O Dr. Carlsen, contudo, era um caso excepcional. Pelo menos se os rumores tivessem razão de ser.

Ele era o motivo pelo qual o colega de quarto de Olive, Malcolm, tivera de destruir por inteiro dois projetos de investigação, e com alguma probabilidade acabaria por se graduar com um ano de atraso; fora por causa dele que Jeremy tinha vomitado de ansiedade antes dos exames de qualificação; era o único culpado por metade dos estudantes do departamento terem de adiar a defesa das suas teses. Joe, que estava no grupo de Olive e que costumava levá-la a assistir a filmes europeus com legendas microscópicas como escape às quintas-feiras à noite, tinha sido assistente no laboratório de Carlsen, mas desistiu seis meses depois por alguns «motivos». Provavelmente, era melhor assim, porque a maioria dos estudantes que restavam a Carlsen tinha as mãos num tremor constante, e era costume terem aspeto de quem não dormia havia um ano.

O Dr. Carlsen podia ter sido uma *rock star* durante os seus anos de jovem académico, e um prodígio a biologia, mas também era mau e hipercrítico, e era evidente, pela forma como falava, pelos ares que se dava, que achava que era a única pessoa que praticava ciência com conhecimento no departamento de biologia de Stanford. Ou no mundo inteiro, provavelmente. Era um conhecido sacana mal-humorado, desprezível e aterrorizador.

E Olive tinha acabado de o beijar.

Não tinha a certeza de quanto tempo haviam ficado em silêncio — só que foi ele a quebrá-lo. Ele deixou-se ficar diante de Olive, estupidamente intimidante com os seus olhos escuros e cabelo ainda mais escuro, a olhá-la de cima sabe-se lá com quantos centímetros para lá do metro e oitenta — ele devia ter pelo menos vinte centímetros a mais do que ela. Olhou-a desconfiado, com uma expressão que ela reconheceu por o ter visto a assistir ao seminário do departamento, um olhar que habitualmente precedia um alçar da mão para salientar algum erro fatal no trabalho do orador.

Adam Carlsen. Destruidor de carreiras de investigação, como dissera uma vez a orientadora de Olive.

Está tudo bem. Não há problema. Ela ia fingir que não tinha acontecido nada, ia acenar-lhe cordialmente, e sair dali em bicos de pés. *Sim, um plano sólido.*

— Acabaste... Acabaste de me beijar? — Pareceu perplexo, e talvez um bocadinho sem fôlego. Os lábios estavam cheios e inchados e... Deus. Beijados. Não havia modo de Olive sair daquela situação simplesmente negando o que acabara de fazer.

Ainda assim, valia a pena tentar.

— *Nope.*

Para sua surpresa, pareceu funcionar.

— Ah, *okay* então. — Carlsen assentiu e virou-lhe as costas, parecendo um tanto desorientado. Deu alguns passos pelo corredor e depois alcançou o dispensador de água; se calhar era para lá que se dirigia em primeiro lugar.

Olive começava a acreditar que estava a salvo quando ele parou e voltou atrás com uma expressão cética.

— Tens a certeza?

Caramba.

— Eu... — enterrou a cara nas mãos. — Não é o que parece.

— *Okay.* Eu... *Okay* — repetiu ele, devagar. A voz era profunda e baixa e soava como se ele estivesse prestes a zangar-se. Do género que se calhar até já estava zangado. — O que é que se passa aqui?

Não havia simplesmente modo de explicar. Qualquer pessoa normal teria achado a situação de Olive estranha, mas Adam Carlsen, que obviamente achava que a empatia era um inseto e não uma característica da humanidade, nunca poderia compreender. Ela deixou as mãos caírem e respirou fundo.

— Eu... Oiça, não quero ser mal-educada, mas não é nada que lhe diga respeito.

Ele fitou-a por um momento, e depois assentiu.

— Sim. Claro. — Devia estar a voltar ao seu humor habitual, porque o tom tinha perdido parte da surpresa e parecia normal. Seco. Sucinto. — Vou voltar para o meu escritório e começar a preparar a minha queixa do artigo IX.

Olive expirou de alívio.

— Sim, isso seria ótimo, uma vez que... Espere. A sua quê?

Ele empertigou a cabeça.

— O artigo IX é uma lei federal que protege os cidadãos de conduta sexual indevida em ambientes académicos.

— Eu sei o que é o artigo IX.

— Estou a ver. Então escolheste ignorá-lo de livre vontade.

— Eu... O quê? Não. Não, não escolhi!

Ele encolheu os ombros.

— Devo estar enganado, então. Devo ter sido atacado por outra pessoa.

— Atacado? Eu não o «ataquei».

— Beijaste-me.

— Mas não foi *a sério*.

— Sem primeiro obteres o meu consentimento.

— Eu *perguntei* se podia beijá-lo.

— E depois beijaste-me sem esperar pela resposta.

— O quê? Você disse que sim.

— Desculpa?

Ela franziu o sobrolho.

— Perguntei se podia beijá-lo e você disse que sim.

— Incorreto. Perguntaste-me se podias beijar-me e eu bufei.

— Tenho *a certeza* de que o ouvi dizer que sim.

Ele arqueou a sobrancelha e, por um momento, Olive deu por si a imaginar que afogava alguém. O Dr. Carlsen. Ela própria. Ambas eram excelentes opções.

— Oiça, peço imensa desculpa. Foi uma situação estranha. Podemos esquecer que aconteceu?

Ele estudou-a durante um longo momento, o rosto anguloso expressava seriedade e outra coisa, algo que ela não conseguiu decifrar porque estava demasiado ocupada a reparar, uma vez mais, em como ele era largo e alto como uma torre. Era maciço. Olive sempre tinha sido delgada, um bocadinho magra, mas as raparigas de um metro e setenta e dois raramente se sentem minúsculas. Pelo menos até se verem ao lado de Adam Carlsen. Ela sabia que ele era alto, claro, via-o no departamento e a atravessar o *campus*, e tinha até

partilhado o elevador com ele, mas nunca tinham interagido. Nunca haviam estado tão próximos.

Exceto há um segundo, Olive. Quando quase enfiaste a língua na...

— Há algum problema? — Pareceu quase preocupado.

— O quê? Não. Não, não há.

— Porque — continuou ele, calmamente — beijar um estranho à meia-noite num laboratório de ciência pode levar a crer que há.

— Não há.

Carlsen assentiu, pensativo.

— Muito bem. Então aguarda o meu *e-mail* nos próximos dias.

Ele passou por ela e Olive virou-se para gritar para as costas dele:

— Nem sequer me perguntou o nome!

— Tenho a certeza de que não é difícil de descobrir, porque deves ter usado o teu cartão para entrar no laboratório a esta hora. Tem uma boa noite.

— Espere! — Ela avançou e parou-o, segurando-lhe o pulso. Ele parou de imediato, embora fosse evidente que não precisava de fazer um grande esforço para se libertar, e olhou diretamente para o sítio onde os dedos dela lhe envolviam a pele; mesmo abaixo de um relógio de pulso que devia custar metade do salário anual dela como estudante. Ou o salário todo.

Ela largou-o de repente e recuou um passo.

— Desculpe, não quis...

— O beijo. Explica.

Olive mordeu o lábio inferior. Estava mesmo lixada. Tinha de lho explicar agora.

— Anh Pham. — Olhou ao redor para se certificar de que a amiga tinha mesmo ido embora. — A rapariga que ia a passar. É uma estudante do departamento de biologia. — Carlsen não deu qualquer sinal de saber quem era Anh. — A Anh tem... — Olive afastou uma mecha de cabelo castanho para trás da orelha. Era ali que a história se tornava embaraçosa. Complicada e com um toquezinho juvenil. — Eu andava a sair com um tipo do departamento. Jeremy Langley, é ruivo e trabalha com o Dr... Enfim, saímos algumas vezes, mas quando o levei à festa de aniversário da Anh, eles começaram a dar-se bem e...

Olive fechou os olhos. O que era uma má ideia, porque agora podia ver tudo gravado nas pálpebras; como a sua melhor amiga e o rapaz com quem andava a sair se tinham posto a gracejar naquele beco atrás do *bowling*, como se fossem conhecidos de uma vida inteira; nunca esgotavam os assuntos de conversa, a risada, e depois, quando a noite chegou ao fim, o olhar de Jeremy já seguia todos os movimentos de Anh. E tinha sido dolorosamente claro em quem estava interessado. Olive sacudiu a mão e tentou sorrir.

— Resumindo, depois de eu e o Jeremy terminarmos, ele convidou a Anh para sair. Ela disse que não por causa da... sororidade feminina e tal, mas eu sei que ela gosta *mesmo* dele. Ela tem medo de me magoar, e não importa quantas vezes lhe diga que estou bem, ela simplesmente não acredita.

Para não mencionar que no outro dia a ouvi dizer ao Malcolm que achava que o Jeremy é espetacular, mas que jamais me iria trair saindo com ele, e soou tão deprimida. Desapontada e insegura, nada como a Anh corajosa e vivaça a que estou habituada.

— Então eu menti-lhe e disse que já andava a sair com outra pessoa. Porque ela é uma das minhas melhores amigas e nunca a vi gostar assim tanto de um homem, e acho que ela deve ter as coisas boas que merece, e tenho a certeza de que ela faria o mesmo por mim, e... — Olive deu conta de que estava a extrapolar e que Carlsen não podia estar menos interessado. Ela parou e engoliu, apesar de a garganta estar seca. — Hoje. Disse-lhe que *hoje* tinha um encontro.

— Ah. — A expressão dele era indecifrável.

— Mas não tenho. Então decidi vir trabalhar numa coisa, mas a Anh apareceu também. Não estava à espera de a ver aqui. Mas vi. A vir nesta direção. E fiquei em pânico, enfim. — Olive passou uma mão no rosto. — Não estava a pensar.

Carlsen não disse nada, mas os olhos transpareciam os seus pensamentos. *Obviamente*.

— Só precisava que ela acreditasse que estava num encontro.

Ele assentiu.

— Então beijaste a primeira pessoa que viste no corredor. Faz todo o sentido.

Olive encolheu-se.

— Quando o põe nesses termos, se calhar não foi o meu melhor momento.

— Se calhar.

— Mas também não foi o meu pior! E tenho a certeza de que a Anh nos viu. Agora vai pensar que estava num encontro consigo e espero que se sinta livre para sair com o Jeremy e... — Ela sacudiu a cabeça. — Oiça, lamento imenso isto do beijo...

— Lamentas?

— Por favor, não faça queixa de mim. Eu achei mesmo que o ouvi dizer que sim. Eu prometo, não quis...

De repente, a enormidade do que tinha feito aterrou em toda a sua dimensão em cima dela. Ela acabara de beijar um tipo qualquer. Um tipo que tinha fama de ser o membro mais desagradável da faculdade, no departamento de biologia. Ela tinha tomado um *bufar* por consentimento, basicamente tinha-o atacado no corredor, e agora ele estava a olhar para ela com um ar estranho e pensativo, tão grande e concentrado e perto dela e...

Merda.

Se calhar era por ser tão tarde. Se calhar era porque tomara o último café há dezasseis horas. Se calhar era porque Adam Carlsen estava a olhar para ela *daquela* maneira. E, de repente, a situação foi demais para ela.

— Na realidade, está totalmente certo. E lamento imenso. Se sente que o assediei de algum modo, devia realmente fazer queixa de mim, porque é o mais justo. Foi uma coisa horrível da minha parte, apesar de eu não ter mesmo intenção de... Não que as minhas intenções interessem; é mais a sua percepção que...

Tretas, tretas, tretas.

— Vou-me embora agora, *okay*? Obrigada e... Oh, peço muitas, muitas desculpas... — Olive rodou nos saltos e correu pelo corredor.

— Olive — ouviu-o chamar atrás dela. — Olive, espera...

Ela não parou. Acelerou pelas escadas abaixo até ao primeiro andar, e depois saiu do edifício e atravessou os caminhos escassamente iluminados do *campus* de Stanford, passando por uma rapariga que estava a passear o cão e por um grupo de estudantes às risadas em frente à biblioteca. Continuou até

chegar à porta do seu alojamento, parando apenas para a destrancar, e avançando em linha reta para o seu quarto a fim de evitar o colega de apartamento e quem quer que ele tivesse trazido consigo para casa essa noite.

Só quando se afundou na cama, de olhos nas estrelas cintilantes que colara ao teto, é que se lembrou de que não tinha ido verificar os seus ratinhos. Também deixara o computador portátil no banco, e a camisola algures no laboratório, e também se esquecera de parar para comprar o café que tinha prometido a Malcolm para a manhã seguinte.

Merda. Que desastre de dia.

Nunca ocorreu a Olive que o Dr. Adam Carlsen, conhecido canalha, a tinha chamado pelo nome.

Capítulo 2

♥ HIPÓTESE: Qualquer rumor a respeito da minha vida amorosa vai espalhar-se com uma velocidade proporcional ao meu desejo de que o dito cujo rumor seja segredo.

Olive Smith era uma aluna promissora do terceiro ano de doutoramento num dos melhores departamentos de biologia do país, um que recebia mais de uma centena de doutorandos e aquilo que às vezes parecia serem vários milhões de alunos de licenciatura. Não fazia ideia de quantos estudantes havia no *campus*, mas avaliando pelas caixas de correio na sala de fotocópias, poderia fazer uma estimativa segura: demasiados. Assim sendo, refletiu em como nunca tinha sido azarada ao ponto de interagir com Adam Carlsen nos dois anos anteriores à «Noite» (tinham passado poucos dias desde o incidente do beijo, mas Olive sabia que haveria sempre de pensar na sexta-feira anterior como «A Noite» para o resto da sua vida), pelo que era perfeitamente possível que concluísse o doutoramento sem voltar a cruzar-se com ele outra vez. Na realidade, estava bem segura de que Adam Carlsen não só não fazia ideia de quem ela era, como também não tinha nenhum interesse em descobrir, e que provavelmente já tinha esquecido o episódio por completo.

A menos que, claro, ela estivesse catastroficamente enganada e ele tivesse mesmo preenchido aquela queixa ao abrigo do artigo IX. Se fosse o caso, supunha que havia de o ver de novo, quando se declarasse culpada num tribunal federal.

Olive acabou por considerar que podia perder o seu tempo a ralar-se com taxas de justiça, ou podia focar-se em assuntos mais urgentes. Como os cerca de quinhentos diapositivos que tinha de preparar para Neurobiologia, disciplina na qual se tornaria assistente do professor no semestre que iniciava no

outono; ou seja, em menos de duas semanas. Ou na nota que Malcolm lhe deixara essa manhã, dizendo que tinha visto uma barata a escapulir-se para debaixo do aparador, ainda que o apartamento já estivesse cheio de armadilhas. Ou no tema mais crucial: o facto de o seu projeto de investigação ter atingido um ponto crítico em que ela precisava desesperadamente de encontrar um laboratório maior e com muito mais dinheiro para poder continuar o seu ensaio. Se assim não fosse, o que poderia vir a tornar-se um estudo pioneiro e clinicamente relevante, acabaria a definhar em meia dúzia de placas de Petri, largado na parte mais árida do frigorífico.

Olive abriu o computador portátil e pesquisou: «Órgãos sem os quais podemos viver» e «Quanto pagam por eles», mas foi interrompida pelos vinte *e-mails* que tinha recebido enquanto cuidava dos seus animais de laboratório. Quase todos tinham sido enviados por jornais predatórios, pseudo-príncipes da Nigéria, e havia um de uma empresa de cosmética cuja *newsletter* ela tinha assinado há seis anos em troca de um batom gratuito. Olive despachou-se a marcá-los como lidos, desejosa de voltar às suas experiências, quando reparou numa mensagem que era, na realidade, uma resposta a algo que ela tinha enviado. Uma resposta de... Merda. *Merda*.

Clicou nela com tanta força que quase torceu o indicador.

Hoje, 15h15

DE: Tom-Benton@harvard.edu

PARA: Olive-Smith@stanford.edu

ASSUNTO: Re: Projeto de diagnóstico de cancro pancreático

Olive,

O teu projeto parece-me bom. Vou estar em Stanford daqui a duas semanas. Gostarias de falar nessa altura?

Cumprimentos,

TB

Tom Benton, Ph.D.

Professor Associado

Departamento de Ciências Biológicas, Universidade de Harvard

O coração parou de bater. Depois pôs-se a galopar. Depois acalmou até parecer que só se arrastava. Depois sentiu o sangue a pulsar-lhe nas pálpebras, o que não podia ser saudável, mas *sim*. Sim! Ela tinha um interessado. Quase. Provavelmente? Talvez. Definitivamente talvez. Tom Benton dissera que o projeto era «bom». Aliás, dissera que lhe parecia «bom». Tinha de ser um «bom» sinal. Certo?

Franziu o sobrolho e deslizou o rato até poder reler o *e-mail* que lhe enviara há já algumas semanas.

7 de julho, 08h19

DE: Olive-Smith@stanford.edu

PARA: Tom-Benton@harvard.edu

ASSUNTO: Projeto de diagnóstico de cancro pancreático

Dr. Benton,

O meu nome é Olive Smith e sou aluna de doutoramento no departamento de biologia da universidade de Stanford. A minha investigação foca-se no cancro pancreático, em particular na busca por ferramentas que nos levem a detetá-lo de modo não invasivo e a custo acessível, e que permitam tratá-lo mais cedo e com melhores taxas de sobrevivência. Tenho estado a trabalhar em biomarcadores sanguíneos, com resultados promissores. (Pode ler sobre o meu trabalho preliminar no documento revisto que envio anexo. Também lhe envio algumas descobertas mais recentes e por publicar, relativas à conferência da SDB¹ deste ano; o resumo ainda não foi aceite, mas veja o esboço anexo.) O próximo passo é aprofundar os estudos para determinar a viabilidade do meu *kit* de teste.

Infelizmente, o meu laboratório atual (da Dra. Aysegul Aslan, que vai reformar-se em dois anos) não tem os fundos nem o equipamento necessários para poder prosseguir. Ela tem-me encorajado a encontrar um laboratório de pesquisa oncológica com maior capacidade, no qual possa passar o próximo ano académico a recolher a informação de que preciso. Depois regressaria a Stanford para analisar e registar essa informação. Sou uma grande fã das suas publicações sobre o cancro pancreático e gostaria de saber se haveria

possibilidade de continuar o meu trabalho no seu laboratório em Harvard.

Estou disponível para discutir o meu projeto ao pormenor se estiver interessado.

Atenciosamente,

Olive

Olive Smith

Candidata a Ph.D.

Departamento de Biologia, Universidade de Stanford

Se Tom Benton, um prodígio da investigação oncológica, viesse a Stanford e lhe concedesse dez minutos do seu tempo, Olive poderia convencê-lo a ajudá-la com o seu bloqueio na pesquisa!

Bem... talvez.

Olive era muito melhor a *fazer* investigação do que a convencer os outros da sua importância. Comunicação científica e falar em público eram, sem dúvida, as suas fraquezas. Mas tinha uma oportunidade de mostrar a Benton o quão promissores eram os seus resultados. Poderia fazer uma lista dos benefícios do seu trabalho, e poderia explicar-lhe o pouco de que precisava para transformar aquele projeto num sucesso gigantesco. Tudo o que precisava era de um banco tranquilo num canto qualquer do laboratório dele, umas centenas de ratinhos e acesso ilimitado ao seu microscópio de eletrões no valor de vinte milhões de dólares. Benton nem havia de dar pela sua presença.

Olive encaminhou-se para a sala onde gozava as pausas, a preparar mentalmente um discurso apaixonado sobre como não se importava de usar o laboratório dele só à noite, e que podia até limitar o seu próprio consumo de oxigénio a menos de cinco inalações por minuto. Serviu-se de uma caneca de café rançoso e virou-se para encontrar alguém mesmo atrás de si com um ar desconfiado.

Ficou tão assustada que quase se queimou.

— Jesus! — Esfregou o peito, respirou fundo e agarrou-se com mais força à sua caneca do *Scooby-Doo*. — Anh, pregaste-me um susto de morte.

— Olive.

Era um mau sinal. Anh nunca lhe chamava Olive — nunca, a menos que estivesse a repreendê-la por roer as unhas até ao sabugo, ou por jantar apenas gomas de vitaminas.

— Oi, como foi o teu...

— Aquela noite.

Merda.

— ... fim de semana?

— O Dr. Carlsen.

Merda, merda, merda.

— O que é que tem?

— Vi-vos juntos no outro dia.

— Oh. A sério? — A surpresa de Olive pareceu embaraçosamente ensaiada, mesmo aos seus ouvidos. Se calhar devia ter-se inscrito no clube de teatro no secundário, em vez de ter praticado todos os desportos disponíveis.

— Sim. Aqui, no departamento.

— Oh. Boa. Hum, eu não te vi, senão tinha-te dado um olá.

Anh arqueou a sobrancelha.

— Ol. Eu vi-te. Vi-te com o Carlsen. Tu sabes que te vi, e eu sei que tu sabes que eu te vi, porque andas a evitar-me.

— Não ando nada.

Anh deitou-lhe um dos seus formidáveis olhares que diziam «chega de tretas». Provavelmente, era o que usava como presidente da Associação de Estudantes, dirigente da Associação de Mulheres na Ciência de Stanford e diretora de sensibilização da Organização dos Cientistas BIPOC². Não havia luta que Anh não conseguisse vencer. Era temerária e indomável, e Olive amava-a por isso — embora não naquele momento.

— Não respondeste a nenhuma das minhas mensagens nos últimos dois dias. É costume trocarmos mensagens a toda a hora.

Pois era. Várias vezes por hora. Olive passou a caneca para a mão esquerda, sem outro motivo que não o de ganhar mais tempo.

— Tenho estado... ocupada?

— Ocupada? — Anh arqueou ainda mais a sobrancelha. — Ocupada a beijar o Carlsen?

— Oh. Oh, *isso*. Foi só...

Anh assentiu, incentivando-a a terminar a frase. Quando ficou evidente que Olive não conseguia, Anh concluiu por ela:

— Foi só, e não te ofendas, o beijo mais bizarro que alguma vez vi.

Calma. Fica calma. Ela não sabe. Ela não pode saber.

— Duvido muito — retrucou Olive, debilmente. — Pensa naquele beijo de cabeça para baixo do Homem-Aranha. Isso foi mais bizarro do que...

— Ol, tu disseste que tinhas um encontro naquela noite. Não estás a sair com o *Carlsen*, pois não? — Fez uma careta.

Seria tão fácil contar-lhe a verdade. Desde que tinham entrado no programa, Anh e Olive haviam feito montes de

disparates, juntas e separadas; o momento em que Olive entrou em pânico e beijou o dito cujo Adam Carlsen podia tornar-se um deles, um do qual se haviam de rir durante semanas nas suas noites de cerveja e tagarelice.

Ou não. Havia a possibilidade de que, se Olive admitisse ter mentido naquele momento, Anh nunca mais pudesse confiar nela. Ou que nunca saísse com Jeremy. E por muito que a ideia de ter a sua melhor amiga a sair com o seu ex lhe desse um bocadinho de vontade de vomitar, o pensamento de saber a dita melhor amiga triste fazia-a ter ainda mais vontade de vomitar.

A situação era simples e deprimente: Olive estava sozinha no mundo. Já o estava há muito tempo, desde o secundário. Tinha-se habituado a não levar isso demasiado a sério — estava certa de que no mundo havia muitas pessoas sozinhas que se viam obrigadas a inventar nomes e números de telefone nos formulários de contactos de emergência. Durante o curso na universidade, focou-se na ciência e na investigação, e isso era uma forma de lidar com as coisas, e estava mais do que pronta para passar o resto da vida enfiada num laboratório apenas na companhia de provetas e de pipetas como suas fiéis companheiras. Até... Anh.

Em certa medida, tinha sido amor à primeira vista. Primeiro dia de doutoramento. Orientação dos dez estudantes de biologia. Olive entrou na sala de conferências, olhou ao redor e sentou-se no primeiro lugar livre que encontrou, petrificada. Era a única mulher na sala, praticamente sozinha num mar de homens brancos que já estavam a falar de barcos e de desportos de bola que haviam passado na TV na noite anterior, e das melhores estradas para chegar a sítios. *Cometi um erro enorme.* Pensou. *O Gajo da casa de banho estava enganado. Nunca devia ter vindo aqui. Nunca me hei de adaptar.*

E, então, uma rapariga de cabelo preto encaracolado e rosto redondo e bonito afundou-se na cadeira ao lado da dela e murmurou: «Belos programas de STEM³, estes. Muito comprometidos com a inclusão, não achas?» E nesse momento tudo mudou.

Podiam ter-se tornado apenas aliadas. Eram as únicas pessoas ali fora do universo do homem-branco-cisgénero, podiam ter encontrado consolo juntas, a falar mal de tudo quanto lhes desse jeito e a ignorarem-se o resto do tempo. Olive tinha muitos amigos desse género — todos eles, aliás, eram amizades de circunstância, conhecidos em quem pensava com carinho, mas não com frequência. Anh, no entanto, tinha sido diferente desde o início. Talvez porque descobriam depressa que adoravam passar as noites de sábado a comer comida de plástico e a dormir enquanto assistiam a comédias românticas. Talvez fosse pelo modo como ela insistiu em arrastar Olive para todos os grupos de apoio às «Mulheres nas STEM» do *campus*, e como deixara todos impressionados com os seus comentários perspicazes. Talvez fosse antes por se ter aberto com Olive e lhe ter dito como fora difícil chegar ali. O modo como os irmãos costumavam rir-se dela e chamar-lhe *nerd* por gostar tanto de matemática, numa idade em que gostar de matemática já não tinha piada. Ou aquela vez em que um professor de física lhe perguntou se estava a assistir à aula errada no primeiro dia do semestre. Ou a realidade de que, apesar das suas notas e experiência em investigação, até o seu assistente académico pareceu cético quanto ao facto de ela ter decidido ingressar em educação superior nas STEM.

Olive, cujo caminho para a universidade também tinha sido duro, embora não tão duro, ficou atordoada. Depois ficou enfurecida. E depois em admiração absoluta quando percebeu que Anh tinha aprendido a controlar a falta de confiança, transformando-a em ferocidade.

E, por algum motivo inimaginável, Anh parecia gostar de Olive da mesma forma. Quando o dinheiro de Olive não chegava ao fim do mês, Anh partilhava o seu *ramen* instantâneo com ela. Quando o computador de Olive avariou sem que ela tivesse cópias do trabalho realizado, Anh tinha ficado acordada a noite inteira a ajudá-la a reescrever o seu trabalho de cristalografia. Quando Olive não tinha onde ir passar as férias, Anh levava-a para a sua casa, no Michigan, e deixava a sua família enorme apaparicar Olive com comida deliciosa enquanto tagarelavam em vietnamita ao seu redor. Quando Olive se sentiu demasiado estúpida para ser bem-sucedida no programa e considerou desistir, Anh convenceu-a a ficar.

No dia em que Olive conheceu os olhos que Anh estava sempre a revirar, nasceu uma amizade para a vida. Aos poucos, começaram a incluir Malcolm e tornaram-se uma espécie de trio, mas Anh... Anh era *a sua pessoa*. Família. Olive nunca tinha pensado que precisava disso.

Era raro Anh pedir-lhe alguma coisa, apesar de serem amigas há mais de dois anos, e Olive nunca a tinha visto interessada em sair com ninguém — até Jeremy aparecer. Fingir que tinha estado num encontro com Carlsen era o mínimo que Olive podia fazer para garantir a felicidade da sua amiga.

Então recompôs-se, sorriu e tentou manter um tom seguro, mesmo quando perguntou:

— O que queres dizer com isso?

— Quero dizer que falamos a todos os instantes, todos os dias, e tu nunca falaste do Carlsen antes. A minha melhor amiga anda, supostamente, a sair com a celebridade do departamento, e por algum motivo nunca ouvi falar disso. Tu *conheces* a reputação dele, certo? É algum tipo de brincadeira?

Tens um tumor cerebral? Será que *eu* tenho um tumor cerebral?

Era aquilo que acontecia quando Olive mentia: acabava por ter de contar mais mentiras para ocultar a primeira, e era péssima nisso, o que queria dizer que cada mentira era pior e menos convincente do que a anterior. Não havia forma de conseguir enganar Anh. Não havia forma de conseguir enganar *ninguém*. Anh ia ficar chateada, depois Malcolm também ia ficar chateado, e depois Olive ia dar por si inevitavelmente sozinha. O desgosto havia de a fazer desistir do curso. Ia perder o visto de estudante e a única fonte de rendimentos, e ia voltar para o Canadá, onde nevava a toda a hora e as pessoas comiam coração de alce e...

— Oi.

A voz, profunda e equilibrada, veio de algures nas costas de Olive, mas ela não precisou de se virar para saber que era Carlsen. Tal como também não precisou de se virar para saber que o peso grande e morno que a apoiou, aquela coisa firme apesar da pouca pressão que aplicava ao fundo das suas costas, era a mão de Carlsen. E estava poucos centímetros acima do seu rabo.

Merda.

Olive virou o pescoço e olhou para cima. E para cima. E para cima. E mais um bocadinho para cima. Ela não era uma mulher baixa, mas ele era *grande*.

— Oh. Hum. Oi.

— Está tudo bem? — perguntou ele, olhando-a nos olhos e falando baixo, com um toque íntimo. Como se estivessem sozinhos. Como se Anh não estivesse ali. Disse-o de uma forma que deveria ter deixado Olive desconfortável, mas não deixou. Por alguma razão inexplicável, a presença dele

acalmou-a, mesmo quando estava prestes a enlouquecer no momento anterior. Quem sabe dois tipos de aflição diferentes se neutralizassem um ao outro. Parecia um tópico fascinante de pesquisa. Valia a pena descobrir. Se calhar, era boa ideia Olive deixar biologia e mudar-se para psicologia. Se calhar, podia retirar-se e ir consultar os manuais. Se calhar, podia morrer ali agora mesmo, para evitar enfrentar a situação mais desastrosa em que alguma vez se tinha metido.

— Sim. Sim. Está tudo ótimo. Eu e a Anh estávamos só... a conversar. Sobre os nossos fins de semana.

Carlsen olhou para Anh, como se só então desse conta da sua presença na sala. Sinalizou a sua presença com um daqueles acenos rápidos que os homens costumam usar para se cumprimentarem uns aos outros. A mão desceu mais um bocadinho nas costas de Olive, conforme Anh esbugalhava os olhos.

— Prazer em conhecer-te, Anh. Já ouvi falar muito de ti — disse Carlsen, e ele era bom naquilo, Olive tinha de reconhecer. Porque ela tinha a certeza de que do ponto de vista de Anh parecia que ele estava a acariciar-lhe o rabo, quando, na realidade... não estava. Ela mal conseguia sentir a mão dele a tocar-lhe.

Só um bocadinho, talvez. O calor, a leve pressão e...

— Prazer em conhecê-lo, também. — Anh parecia ter sido atingida por um raio. Como se fosse desmaiar a qualquer momento. — Hum, eu já estava de saída. Depois mando-te mensagem... Pois.

Desapareceu antes que Olive lhe pudesse responder. O que era bom, porque Olive não queria ter de inventar mais mentiras. Mas não tão bom quanto isso, porque agora estava sozinha com Carlsen. Muito perto um do outro. Olive teria dado bom dinheiro para poder dizer que foi ela quem se

afastou dele, mas a verdade embaraçosa é que ele é que se afastou primeiro. O suficiente para lhe dar o espaço de que ela precisava.

— Está tudo bem? — perguntou ele, de novo. O tom continuava suave, o que não era algo que ela esperasse dele.

— Sim. Sim, eu só... — Olive sacudiu a mão. — Obrigada.

— De nada.

— Ouviu o que ela disse? Sobre sexta-feira e...

— Ouvi. Foi por isso que... — Olhou para ela e depois para a sua mão, para a mão que estivera a aquecer-lhe as costas segundos antes. E Olive entendeu de imediato.

— Obrigada — repetiu ela. Porque Adam Carlsen podia ser um sacana de renome, mas Olive sentia-se bastante agradecida naquele momento. — Já agora, não pude deixar de reparar que nas últimas setenta e duas horas não apareceu nenhum agente do FBI a bater-me à porta para me prender.

O canto da boca dele agitou-se. Só um bocadinho.

— Ah é?

Olive assentiu.

— O que me faz pensar que se calhar não preencheu aquela queixa. Apesar de estar totalmente no direito de o fazer. Portanto, obrigada. Por isso. E... e por me salvar, agora mesmo. Poupou-me a muitas chatices.

Carlsen olhou para ela durante bastante tempo, e de repente parecia-se consigo próprio nos tempos do seminário, quando alguém misturava teoria e hipótese, ou admitia ter usado o método de exclusão Listwise em vez de imputação.

— Não devia ser preciso que ninguém te salvasse.

Olive enrijeceu. Certo. *Sacana de renome.*

— Bem, não é como se lhe tivesse pedido que o fizesse. Eu ia resolver tudo sozi...

— E também não devias ter de mentir sobre as tuas relações — continuou. — Não para que a tua amiga e o teu namorado possam ficar juntos sem se sentirem culpados, especialmente. Não é assim que funciona a amizade, que eu saiba.

Oh. Afinal ele tinha estado a ouvir enquanto ela vomitava a história da sua vida.

— Não é bem assim. — Ele arqueou a sobrancelha, e Olive levantou a mão para se defender. — O Jeremy não era bem meu namorado. E a Anh não me pediu coisa nenhuma. Não sou nenhuma vítima. Só quero... que a minha amiga seja feliz.

— Mentindo-lhe — acrescentou ele, seco.

— Bem, sim, mas... Ela pensa que estamos a sair, você e eu — disparou Olive. Deus, as implicações eram demasiado ridículas para poder suportar.

— Não era esse o objetivo?

— Sim — concordou ela, lembrando-se do café que tinha na mão e dando um gole. Ainda estava quente. A conversa com Anh não podia ter durado mais de cinco minutos. — Sim, acho que era. Já agora, sou a Olive Smith. Caso ainda esteja interessado em preencher aquela queixa. Sou aluna de doutoramento no laboratório da Dra. Aslan...

— Eu sei quem és.

— Oh. — Se calhar ele tinha feito a tal pesquisa, afinal de contas.

Olive tentou imaginá-lo a passar em revista os atuais alunos da secção de doutoramento na página do departamento. A fotografia de Olive tinha sido tirada pela secretária do programa no seu terceiro dia como aluna, bem antes de ela

estar ciente do que estava por vir. Tinha feito um esforço para parecer bem: tinha domado o cabelo castanho ondulado, tinha rímel para evidenciar os olhos verdes e até tentara esconder as sardas com alguma base emprestada. Isso tinha sido antes de ela dar conta de como a academia era feroz e sufocante. Fora antes de se sentir inadequada, antes de viver no medo constante de que, mesmo sendo boa a investigação, quem sabe nunca viesse a tornar-se uma acadêmica. Estava a sorrir. Um sorriso real, autêntico.

— *Okay.*

— Eu sou o Adam. Carlsen. Sou titular de...

Ela desmanchou-se a rir na cara dele. E depois arrependeu-se assim que reparou na sua expressão confusa, como se tivesse realmente achado que Olive não sabia quem ele era. Como se não fizesse ideia de que era um dos membros mais preeminentes da escola na sua área. A modéstia não ficava bem a Adam Carlsen. Olive aclarou a garganta:

— Certo. Hum, eu também sei quem é, Dr. Carlsen.

— Provavelmente, devias chamar-me Adam.

— Oh. Oh, não. — Isso seria demasiado... Não. O departamento não funcionava assim. Os alunos não tratavam o quadro de professores pelos seus primeiros nomes. — Nunca poderia...

— Não vá a Anh estar por perto.

— Oh. Sim. — Fazia sentido. — Obrigada. Não tinha pensado nisso. — Ou em coisa alguma, na verdade. Claramente, o seu cérebro tinha parado de funcionar há três dias, quando achara que beijá-lo para salvar a própria pele era boa ideia. — Se está bem para *ti*. Vou para casa, isto tudo foi muito stressante e... — *Ia fazer uma experiência, mas preciso mesmo de me sentar no sofá a ver o Guerreiro Ninja*

Americano por quarenta e cinco minutos enquanto como Doritos, que sabem muito melhor do que parecem.

Ele assentiu.

— Eu acompanho-te ao carro.

— Não estou assim *tão* abalada.

— No caso de a Anh ainda estar por aqui.

— Oh. — Olive teve de admitir que era uma oferta generosa. Surpreendentemente generosa. Em especial porque vinha do Adam «demasiado-bom-para-este-departamento» Carlsen. Olive sabia que ele era um cretino, por isso não entendia bem porque é que tinha acabado de... não se comportar como um. Se calhar devia culpabilizar apenas o seu péssimo comportamento, o que faria qualquer um parecer bom em comparação. — Agradeço. Mas não é preciso.

Entendeu que ele não queria insistir, mas que não pôde impedir-se de o fazer.

— Ia sentir-me melhor se me deixasses acompanhar-te ao carro.

— Não tenho carro. — *Sou uma estudante de doutoramento a viver em Stanford, Califórnia. Ganho menos de trinta mil dólares por ano. A renda suga dois terços do meu salário. Uso o mesmo par de lentes de contacto desde maio, e vou a todos os seminários que oferecem lanches para poupar nas refeições, achou que não valia a pena acrescentar. Não fazia ideia de quantos anos teria Carlsen, mas não podia ter passado muito tempo desde que ele próprio fora um aluno de doutoramento.*

— Apanhas o autocarro?

— Vou de bicicleta. E a minha bicicleta está logo à entrada do edifício.

Ele abriu a boca e depois voltou a fechá-la. E depois abriu-a de novo.

Beijaste aquela boca, Olive. E foi um bom beijo.

— Não há ciclovias por aqui.

Ela encolheu os ombros.

— Gosto de viver perigosamente. — De forma *barata*, queria ela dizer. — E tenho um capacete.

Largou a caneca na primeira superfície que encontrou. Mais tarde punha-a no sítio. Ou não, caso alguém a roubasse. O que é que isso importava? Tinha-lhe sido oferecida por um pós-doutorado que deixara a universidade para ser DJ, de qualquer maneira. Pela segunda vez, em menos de uma semana, Carlsen tinha-lhe salvado a pele. Pela segunda vez, ela não aguentava estar diante dele nem mais um minuto.

— Vemo-nos por aí, *okay*?

O peito dele elevou-se conforme ele inalava profundamente.

— Sim, *okay*.

Olive saiu dali o mais depressa que conseguiu.

— Isto é para os apanhados? Deve ser. Estou em direto na televisão? Onde estão as câmaras ocultas? Como estou?

— Não é para os apanhados. Não há câmaras. — Olive ajustou a alça da mochila no ombro e afastou-se para evitar ser atropelada por um estudante numa trotineta elétrica. — Mas agora que falas nisso, estás com ótimo aspeto. Especialmente sendo sete e meia da manhã.

Anh não corou, mas quase.

— Ontem à noite fiz uma daquelas máscaras de rosto que o Malcolm me ofereceu no meu aniversário. Aquela que parece um panda, sabes? E comprei um protetor solar novo que deixa

a pele a brilhar. E pus rímel — acrescentou, num murmúrio rápido.

Olive podia perguntar-lhe porque se tinha dado a tanto trabalho para parecer bonita numa terça-feira banal, mas já sabia a resposta: o laboratório de Jeremy e o de Anh eram no mesmo andar, e embora o departamento de biologia fosse grande, havia sempre a possibilidade de um encontro accidental.

Disfarçou um sorriso. Por muito que lhe soasse estranha a ideia de a sua melhor amiga poder sair com o seu ex, estava feliz por ver que Anh começava a permitir-se pensar em Jeremy no sentido romântico. Acima de tudo, era agradável saber que a indignidade que havia passado perante Carlsen, n'A Noite, estava a dar frutos. Isso, somado ao *e-mail* promissor de Benton sobre o seu projeto de investigação, faziam-na pensar que se calhar as coisas iam começar a melhorar.

— *Okay*. — Anh mordiscou o lábio inferior, concentrada. — Não é para os apanhados. Quer dizer que deve haver outra explicação. Deixa-me ver se descubro...

— Não há nada para descobrir. Nós apenas...

— Meu Deus, estás a tentar obter a cidadania? Vão deportar-te de volta para o Canadá porque temos andado a partilhar a palavra-passe da Netflix do Malcolm? Diz-lhes que não sabias que é um crime federal. Não, espera, não lhes digas nada até te arranjarmos um advogado. E, Ol, eu caso contigo. Arranjo-te um visto permanente e não vais ter de...

— Anh — Olive apertou a mão da amiga com força para conseguir que ela se calasse um bocadinho. — Prometo que não vou ser deportada. Só tive um encontro com o Carlsen.

Anh fez uma careta, arrastou Olive para um banco fora do caminho e obrigou-a a sentar-se. Olive colaborou, dizendo a si mesma que se fosse ao contrário, e que se fosse ela a apanhar Anh a beijar Carlsen, provavelmente teria a mesma reação. C'os diabos, provavelmente estaria ocupada à procura de uma avaliação psiquiátrica completa para Anh.

— Ouve — começou Anh —, lembras-te, na primavera passada, de quando te segurei o cabelo enquanto vomitavas uns quantos quilos de *cocktail* de camarão estragado que tinhas comido na festa de aposentação do Dr. Park?

— Oh, sim. Lembro-me bem. — Olive empertigou a cabeça, pensativa. — Comeste mais do que eu mas não ficaste doente.

— Porque sou feita de um material mais resistente, mas isso não interessa para aqui agora. O que interessa é: eu estou aqui para ti, e hei de estar sempre. Não importa quantos quilos de *cocktail* de camarão estragado precisas de vomitar, podes confiar em mim. Somos uma equipa, tu e eu. E o Malcolm, quando não está ocupado a dormir com toda a população de Stanford. Por isso, se o Carlsen é um extraterrestre disfarçado de humano, a planear dominar a Terra e escravizar a humanidade, e a única maneira de o parares é saindo com ele, podes dizer-me que eu conto à NASA...

— Por amor de Deus — Olive teve de se rir. — Foi só um encontro!

Anh pareceu perplexa.

— Não consigo entender.

Porque não faz sentido.

— Eu sei, mas não há nada para entender. É só isso... Tivemos um encontro.

— Mas... porquê? Ol, tu és bonita, inteligente e divertida, e tens um excelente gosto para meias pelo joelho, por isso, por

que raio havias de querer sair com o Adam Carlsen?

Olive coçou o nariz.

— Porque ele é... — Custava-lhe dizer a palavra. Oh, se custava. Mas tinha de dizer. — Simpático.

— Simpático? — As sobrancelhas de Anh subiram tanto que quase se fundiram com o cabelo.

Ela está mesmo com um ar fofinho hoje, refletiu Olive, satisfeita.

— Adam «Sacana» Carlsen?

— Bem, sim. É... — Olive olhou à volta, como se a ajuda pudesse chegar-lhe dos carvalhos ao redor, ou dos estudantes de primeiro ano que iam apressados para as aulas de verão. — É um sacana *simpático*, acho eu.

A expressão de Anh alterou-se para incredibilidade.

— *Okay*, então saltaste de uma pessoa incrível como o Jeremy para o Adam Carlsen.

Perfeito. Era exatamente a deixa de que Olive precisava.

— Sim. E estou muito satisfeita, porque nunca estive muito interessada no Jeremy. — Por fim, alguma verdade naquela conversa. — Não foi assim tão difícil esquecê-lo, para dizer a verdade. E é por isso que acho que... Por favor, Anh, acaba com o sofrimento do rapaz. Ele merece, e acima de tudo *tu* mereces. Aposto que ele está no *campus*, hoje. Devias pedir-lhe que te acompanhasse àquele festival de filmes de terror, para eu não ter de ir contigo e não ter de dormir de luzes acesas nos próximos seis meses.

Desta vez, Anh corou mesmo. Olhou para as mãos, passou as unhas em revista e *depois* começou a apertá-las antes de dizer:

— Não sei. Talvez. Quer dizer, se achas mesmo que...

Ouviu-se um alarme no bolso de Anh e ela esticou-se para poder tirar o telemóvel.

— Merda, tenho uma reunião de mentoria de Diversidade nas STEM e depois tenho de acabar dois ensaios. — Pôs-se de pé e agarrou a mochila. — Queres vir almoçar comigo?

— Não posso. Tenho uma reunião de AE⁴ — Olive sorriu. — Mas quem sabe o Jeremy esteja livre...

Anh revirou os olhos, mas os cantos da boca esboçaram um sorriso. Olive ficou mais do que satisfeita. Tão satisfeita que nem se zangou quando Anh se virou, já no caminho, e perguntou:

— Ele está a chantagear-te?

— Hã?

— O Carlsen. Está a chantagear-te? Descobriu que és uma aberração e que fazes chichi no chuveiro?

— Antes de mais, poupa-se imenso tempo — fulminou-a Olive. — Depois, acho pouco lisonjeiro que aches que o Carlsen precisava de se dar a tanto trabalho para conseguir que eu saísse com ele.

— Qualquer um acharia, Ol. Porque tu és fantástica. — Anh semicerrou os olhos antes de acrescentar: — Exceto quando fazes chichi no chuveiro.

Jeremy estava estranho. O que não queria dizer grande coisa, porque Jeremy tinha sido sempre um bocado esquisito, e ter acabado com Olive para poder sair com a sua melhor amiga não fazia dele menos esquisito, mas nesse dia parecia mais estranho do que nunca. Foi até à cafetaria do *campus*, algumas horas depois da conversa de Olive com Anh, e pôs-se a olhar para ela durante uns bons dois minutos. Que passaram a três. Que passaram a cinco. Nunca tinha prestado tanta atenção a Olive, nem sequer quando saíam juntos.

Quando se tornou insuportavelmente ridículo, ela levantou os olhos do computador portátil e acenou-lhe. Jeremy, corado, agarrou no *latte* que o esperava no balcão e sentou-se sozinho numa mesa. Olive voltou a reler as duas linhas do *e-mail* pela sétima vez.

Hoje, 10h12

DE: Olive-Smith@stanford.edu

PARA: Tom-Benton@harvard.edu

ASSUNTO: Re: Projeto de diagnóstico de cancro pancreático

Dr. Benton,

Agradeço a resposta. Conversar ao vivo seria fantástico. Quando vai estar aqui em Stanford? Diga-me quando lhe seria mais conveniente encontrarmo-nos.

Atenciosamente,

Olive.

Nem vinte minutos depois, um aluno do quarto ano que trabalhava com o Dr. Holden Rodrigues em farmacologia apareceu e sentou-se ao lado de Jeremy. Puseram-se logo a sussurrar um para o outro e a apontar para Olive. Em qualquer outra altura ela teria ficado preocupada e um bocadinho chateada, mas o Dr. Benton já tinha respondido ao seu *e-mail*, o que tinha prioridade sobre... tudo o resto, na verdade.

Hoje, 10h26

DE: Tom-Benton@harvard.edu

PARA: Olive-Smith@stanford.edu

ASSUNTO: Re: Projeto de diagnóstico de cancro pancreático

Olive, estou em licença sabática de Harvard este semestre, por isso vou ficar por vários dias. Eu e um colaborador de Stanford acabámos de receber um ótimo financiamento e vamos encontrar-nos para definir tudo. Podemos combinar mais perto da data, quando eu estiver aí?

Cumprimentos,

TB

Enviado do meu iPhone

Sim! Ela teria vários dias para o convencer a aceitar o seu projeto, o que era muito melhor do que os dez minutos que tinha previsto inicialmente. Olive bateu com o punho na mesa, o que levou a que Jeremy e o amigo a olhassem com ainda mais estranheza. Mas que raio se passava com eles, afinal? Será que tinha pasta de dentes na cara, ou assim? Que lhe importava? Ia encontrar-se com Tom Benton e ia convencê-lo a aceitá-la no seu laboratório. *Cancro do pâncreas, aí vou eu!*

Esteve de excelente humor até duas horas depois, quando entrou na reunião de AE de biologia e o silêncio recaiu sobre a sala. Cerca de quinze pares de olhos fixaram-se nela, o que não era uma reação a que estivesse acostumada. Olive disse a si mesma que só podia estar a imaginar coisas. *Devo estar com os níveis de açúcar em baixo. Ou lá no alto. Um dos dois.*

— Oi, Olive. — Um aluno do sétimo ano que nunca tinha dado pela sua existência tirou a mochila para libertar a cadeira ao lado da sua. — Como estás?

— Bem. — Sentou-se com cautela, tentando não soar desconfiada. — Hum, e tu?

— Ótimo.

Havia alguma coisa no sorriso dele. Alguma coisa obscena e falsa. Olive estava a considerar perguntar-lho quando o responsável de AE conseguiu, por fim, pôr o projetor a funcionar e chamou a atenção de todos para a reunião.

Depois daquilo, as coisas ficaram ainda mais estranhas quando a Dra. Aslan passou pelo laboratório apenas para perguntar a Olive se havia alguma coisa que ela quisesse dizer-lhe; Chase, outro estudante de doutoramento do laboratório, deixou-a usar o termociclador primeiro, apesar de geralmente se apoderar dele como um aluno do terceiro ano se agarra ao último rebuçado do Dia das Bruxas; o gerente do laboratório piscou-lhe o olho quando ela lhe entregou uma resma de papel

para a impressora. E depois encontrou Malcolm na casa de banho geral, por absoluto acaso, e de repente tudo fez sentido.

— Sua monstlinha escorregadia — silvou ele. Os olhos negros pareciam duas fendas cómicas. — Fartei-me de te mandar mensagens, hoje.

— Oh. — Olive afagou o bolso de trás das calças de ganga, e depois o da frente, a tentar lembrar-se da última vez que tinha visto o seu telemóvel. — É possível que tenha deixado o telemóvel em casa.

— Não posso acreditar.

— Acreditar no quê?

— Não posso acreditar em *ti*.

— Não sei do que é que estás a falar.

— Pensava que éramos amigos.

— E somos.

— Bons amigos.

— E somos. Tu e a Anh são os meus melhores amigos. O que é...

— É evidente que não, se tive de saber pela Stella, que soube pela Jess, que soube pelo Jeremy, que soube pela Anh...

— Saber o quê?

— ... que o soube sei lá por quem. E pensava que éramos amigos.

Olive sentiu qualquer coisa gelada a subir-lhe pela espinha. Será que?... Não. Não podia ser.

— Saber o quê?

— Chega. Vou deixar que as baratas te comam viva. E vou mudar a palavra-passe da Netflix.

Oh, não.

— Malcolm, o que é que ouviste dizer?

— Que andas a sair com o *Adam Carlsen*.

Olive nunca tinha estado no laboratório de Carlsen, mas sabia onde ficava. Era o espaço mais amplo e funcional de pesquisa no departamento inteiro; era cobiçado por todos e era uma fonte infinita de ressentimento contra Carlsen. Ela teve de passar o seu cartão uma vez, e depois outra vez, para poder entrar (revirou os olhos das duas vezes). A segunda porta abria-se diretamente para a área do laboratório, e talvez devido ao facto de ele ser da altura do Monte Evereste, com ombros igualmente largos, a presença dele foi a primeira coisa em que reparou. Ele estava a descodificar ADN ao lado de Alex, um estudante que estava um ano à frente de Olive, mas virou-se para a porta no momento em que ela entrou.

Olive atirou-lhe um sorriso débil — sobretudo de alívio por ter conseguido encontrá-lo.

Ia ficar tudo bem. Ela ia explicar-lhe o que Malcolm lhe tinha dito, e sem dúvida que ele ia achar que aquilo era categoricamente inaceitável, e ia resolver tudo pelos dois, porque Olive *não* podia passar os restantes três anos de doutoramento rodeada de pessoas que achavam que tinha um caso com Adam Carlsen.

Só que Carlsen não foi o único a vê-la na entrada. Havia cerca de doze bancos no laboratório, e pelo menos dez pessoas a trabalhar neles. Quase todos — *aliás, todos* — estavam a olhar para Olive. Provavelmente porque a maioria deles — *aliás, todos* — tinha ouvido dizer que Olive andava a sair com o chefe deles.

Estava lixada.

— Posso falar consigo um instante, Dr. Carlsen? —
Racionalmente, Olive sabia que o laboratório não favorecia nenhum tipo de eco. Porém, sentiu que as suas palavras tinham sido replicadas pelas paredes, vários decibéis mais altas.

Carlsen assentiu, surpreendido, e disse algo a Alex antes de se dirigir na direção dela. Pareceu inconsciente ou indiferente ao facto de dois terços do laboratório estarem de olhos neles. Os restantes pareciam à beira de um AVC.

Conduziu Olive até uma sala de reuniões fora da área principal do laboratório e ela seguiu-o em silêncio, procurando ignorar que uma série de pessoas do laboratório, que achavam que eles andavam juntos, estava agora a vê-los entrar para uma sala privada. Sozinhos.

Era péssimo. Era absolutamente péssimo.

— Toda a gente sabe — disparou, assim que a porta se fechou atrás dela.

Ele estudou-a por um instante, perplexo.

— Estás bem?

— Toda a gente sabe. Acerca de nós.

Ele endireitou a cabeça, cruzando os braços sobre o peito. Mal passara um dia desde que tinham falado, mas parecia que fora o suficiente para Olive se ter esquecido da... presença dele. Ou do que quer que fosse que a fazia sentir-se pequena e frágil sempre que ele estava por perto.

— Nós?

— Nós.

Ele pareceu confuso, pelo que Olive desenvolveu:

— Nós, de nós sairmos juntos, não que estejamos a sair juntos, mas a Anh claramente achou que sim, e contou... — percebeu que estava a atropelar as palavras e forçou-se a

abrandar — ao Jeremy. E ele contou a toda a gente. Toda a gente sabe. Ou pensam que sabem, apesar de não haver absolutamente *nada* para saberem. Como eu e tu sabemos.

Ele absorveu a informação por um instante e depois assentiu devagar.

— E quando dizes toda a gente...?

— Quero dizer *toda a gente* — apontou na direção do laboratório. — Aquelas pessoas lá fora? Elas sabem. Os outros estudantes? Também sabem. Cherie, a secretária do departamento? Certamente que sabe. Os mexericos são terríveis neste departamento. E toda a gente acha que ando a sair com um *professor*.

— Estou a ver — disse ele, parecendo nada preocupado com aquela embrulhada. Aquilo devia ter acalmado Olive, mas só conseguiu deixá-la ainda mais em pânico.

— Lamento que isto tenha acontecido. Lamento *imenso*. Foi culpa minha — choramingou, passando a mão pela cara. — Mas acho que... Eu percebo porque é que a Anh contou ao Jeremy... quer dizer, juntá-los foi o objetivo desta charada, mas... Porque é que o Jeremy haveria de contar a toda a gente?

Carlsen encolheu os ombros.

— Porque é que não haveria de contar?

Ela olhou para cima.

— O que é que queres dizer com isso?

— Uma aluna de doutoramento a sair com um professor do quadro parece-me uma informação muito interessante para partilhar.

Olive sacudiu a cabeça.

— Não é assim tão interessante. Porque é que alguém se haveria de interessar por isso?

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Uma vez, disseram-me que os mexericos neste departamento eram terrí...

— *Okay, okay*. Já percebi. — Respirou fundo apesar do coração acelerado, e tentou ignorar o modo como Carlsen a estudava, como parecia relaxado, de braços cruzados sobre o peito enquanto se apoiava na mesa de conferências. Ele não devia estar calmo. Devia estar em fúria. Era conhecido por ser um sacana arrogante, a ideia de as pessoas acharem que ele andava a sair com uma rapariga insignificante deveria deixá-lo mortificado. O fardo do pânico não devia recair apenas sobre Olive.

— Isto é... Precisamos de fazer alguma coisa, como é evidente. Precisamos de dizer às pessoas que não é verdade e que foi tudo inventado. Exceto que vão achar que sou maluca, e se calhar que também é maluco, por isso é melhor inventarmos outra história. Sim, *okay*, precisamos de dizer às pessoas que já não estamos juntos.

— E o que fará a Anh e o outro-tipo-sem-nome?

Olive parou de respirar.

— Hum?

— Os teus amigos não vão sentir-se mal por andarem a sair quando acharem que já não estamos juntos? Ou que lhes mentiste?

Ela não tinha pensado nisso.

— Eu... talvez. Talvez, mas...

Era *verdade* que Anh parecia feliz. Se calhar até já tinha convidado Jeremy para o tal festival de cinema —

possivelmente logo depois de lhe falar de Olive e Carlsen, maldita fosse. Mas aquilo era exatamente o que Olive queria.

— Vais dizer-lhe a verdade?

Um som de pânico escapou-lhe dos lábios:

— Não posso. Não *agora*. — Deus, porque é que ela tinha concordado em sair com Jeremy? Nem sequer estava interessada nele. Sim, o sotaque irlandês e o cabelo ruivo eram engraçados, mas não valiam aquele trabalho todo. — Se calhar podemos dizer às pessoas que acabei a relação?

— Muito lisonjeador — observou o Dr. Carlsen.

Ela nem conseguiu perceber se ele estava a brincar.

— Seja. Dizemos que preferiu acabar a relação.

— Porque isso soa credível — disse ele, seco, num murmúrio baixo.

Ela não tinha a certeza de o ter ouvido bem, e não fazia ideia do que aquilo poderia significar, mas começava a sentir-se muito aborrecida. Tudo bem, ela é que o tinha beijado, em primeiro lugar — Deus, ela tinha *beijado* Adam Carlsen; era a vida dela, as escolhas dela — mas a postura dele na sala de descanso no dia anterior não tinha sido de grande ajuda. Podia, pelo menos, mostrar-se mais preocupado. Não havia forma de acreditar que ele pudesse estar descansado com toda a gente a achar que se sentia atraído por uma rapariga qualquer com uma publicação e meia na área — sim, o artigo que ela tinha revisto e voltado a submeter há três semanas contava como «meia».

— E se dissermos que acabámos por acordo mútuo?

Ele assentiu.

— Soa bem.

Olive agitou-se.

— A sério? Ótimo, então! Bem...

— Podíamos pedir à Cherie que o publicasse na *newsletter* do departamento.

— O quê?

— Ou achas melhor anunciarmos publicamente no seminário?

— Não. Não, é...

— Se calhar podemos pedir à informática que o meta na página inicial do *site* de Stanford. Assim as pessoas iam ficar a saber...

— *Okay, okay*, já entendi!

Ele olhou para ela por um momento, e depois, quando falou, o tom soava razoável de um modo que ela nunca esperara da parte de Adam «Sacana» Carlsen.

— Se te preocupa o que as pessoas possam achar por andares a sair com um professor, então lamento, mas o mal já está feito. Dizer a toda a gente que acabámos não desfaz o facto de acharem que chegámos a sair juntos.

Os ombros de Olive descaíram. Odiou que ele estivesse certo.

— *Okay*, então. Se tem alguma ideia para resolvermos esta confusão, esteja à vontade, sou toda...

— Podemos deixá-los continuar a achar.

Por um momento, achou que tinha ouvido mal.

— O quê?

— Podemos deixar que pensem que andamos a sair juntos. Isso resolve o teu problema com a tua amiga e o outro-tipo-sem-nome, e não tens muito a perder, pelo menos do ponto de vista da reputação. — Ele disse a palavra «reputação» com um

leve revirar de olhos, como se o conceito de se preocupar com o que os outros pensam fosse a maior idiotice desde os antibióticos homeopáticos. — As coisas não podem ficar muito piores para ti.

Aquilo era... no meio de tudo... na sua vida... Olive nunca tinha, *nunca* tinha...

— O quê? — perguntou outra vez, debilmente.

Ele encolheu os ombros.

— Parece-me uma fórmula vencedora.

Não era *nada*. Parecia uma fórmula perdedora, e depois perdia-se mais um pouco, e mais um pouco ainda. Parecia loucura.

— Quer dizer... para sempre? — Achou que a voz lhe saiu chorosa, mas era possível que fosse apenas o efeito do sangue a pulsar na sua cabeça.

— Isso soa-me exagerado. Talvez até os teus amigos deixarem de sair juntos? Ou até a relação estar mais firme? Não sei. O que for melhor, acho eu.

Ele estava a falar a sério. Não estava a brincar.

— Não é... — Olive nem sabia o que havia de perguntar. — Casado, ou assim? — Ele devia ter trinta e poucos anos. Tinha um emprego fantástico, era alto e robusto, com cabelo preto ondulado, era inteligente e atraente, além de bem constituído. Sim, era um sacana mal-humorado, mas com certeza que isso não importava para a maioria das mulheres. Algumas até podiam gostar.

Ele voltou a encolher os ombros.

— A minha mulher e os gémeos não se hão de importar.

Oh, merda.

Olive sentiu uma onda de calor a engoli-la. Corou até ficar carmim, e depois quase morreu de vergonha porque — Deus do céu, ela tinha obrigado um homem casado, um *pai* de família, a beijá-la. Agora as pessoas achavam que tinham um caso. A mulher dele devia estar a chorar na almofada. As crianças iam crescer com distúrbios de personalidade e iam tornar-se assassinos em série.

— Eu... Oh, meu Deus, eu não quis... Peço *imensa* desculpa...

— Estava a brincar.

— Não fazia ideia de que era...

— Olive. Eu estava a brincar. Não sou casado. Não tenho filhos.

Uma onda de alívio recaiu sobre ela. Seguida de outra cheia de raiva.

— Dr. Carlsen, isto não é algo com que se deva brincar...

— Precisas mesmo de começar a tratar-me por Adam. Uma vez que é sabido que já saímos há algum tempo.

Olive soltou um suspiro lento, enquanto apertava a ponta do nariz.

— Porque é que havia de... O que é que vai ganhar com isto?

— Com isto o quê?

— Com isto de fingir que estamos juntos. Porque é que se importa com isso? O que é que lhe pode trazer?

O Dr. Carlsen — Adam — abriu a boca e, por um instante, Olive achou que ia dizer alguma coisa importante. Em vez disso, evitou o olhar dela e tudo o que lhe saiu foi:

— Iria ajudar-te — hesitou por um momento. — E tenho os meus motivos.

Ela estreitou o olhar.

— Que motivos?

— Motivos.

— Se são motivos criminosos, prefiro não estar envolvida.

Ele sorriu por um momento.

— Não são.

— Se não me disser o que é, só posso assumir que envolve rapto. Ou fogo posto. Ou fraude.

Ele pareceu alarmado por um momento, os dedos puseram-se a tamborilar sobre os bíceps enormes. Pareciam ter pouco espaço na camisa.

— Se te contar, nunca vai poder sair daqui.

— Acho que ambos podemos considerar que *nada* do que aconteça nesta sala pode sair dela.

— *Okay* — disse ele, por fim, como um homem que sabe, no instante depois de abrir a boca, que vai arrepender-se de tudo o que disser. — Consideram que estou em risco de fuga.

— Risco de fuga? — Deus, ele era um condenado em condicional. Um júri tinha-o condenado por crimes contra alunos de doutoramento. Provavelmente, tinha batido na cabeça de alguém com um microscópio, por se enganar a colar rótulos nas amostras de peptídeos. — Então é *algo* criminoso.

— O quê? Não. O departamento suspeita de que estou a fazer planos para deixar Stanford e mudar-me para outra instituição. Regra geral, não me sentiria aborrecido por isso. Só que Stanford decidiu congelar o financiamento da minha pesquisa.

— Oh. — Não era o que ela pensava. De modo algum. — E podem fazer isso?

— Bem, sim, até um terço dos fundos. O motivo é que não querem financiar uma investigação e investir na carreira de alguém que, segundo eles, se vai embora de qualquer forma.

— Mas se só podem congelar um terço...

— É um milhão de dólares — disse ele, sucinto. — Que tenho distribuídos por projetos que planeio concluir até ao fim do ano. Aqui, em Stanford. O que significa que preciso desses fundos para breve.

— Oh. — Pensando bem, Olive tinha ouvido rumores sobre Carlsen ter sido recrutado para outras universidades desde o primeiro ano. Alguns meses antes, até tinham dito que ele ia trabalhar para a NASA. — Porque é que acham isso? E porquê agora?

— Há vários motivos. O mais importante é que há algumas semanas ganhei uma bolsa, uma bolsa muito significativa, com um cientista de outra instituição. Essa instituição já tentou recrutar-me no passado, e Stanford vê essa colaboração como um sinal de que estou a ponderar aceitar. — Hesitou antes de prosseguir. — Em geral, tenho estado ciente de que... O que acontece é que não criei raízes, porque quero poder ir-me embora de Stanford de um dia para o outro.

— Raízes?

— A maioria dos meus estudantes vai terminar o curso durante este ano. Não tenho família na área. Não há mulher, nem filhos. Estou numa casa arrendada, teria de comprar uma para convencer o departamento de que quero ficar aqui — disse ele, claramente irritado. — Se eu estivesse numa relação... isso podia ser uma mais-valia.

Okay. Fazia sentido. Mas...

— Já pensou em arranjar uma namorada a sério?

Ele arqueou a sobrancelha.

— Já pensaste em arranjar um encontro a sério?

— *Touché.*

Olive ficou calada e estudou-o por alguns momentos, deixando-o observá-la de volta. Era engraçado como costumava ter medo dele. Agora, ele era a única pessoa no mundo que sabia da sua maior embrulhada de sempre, e era difícil sentir-se intimidada — mais difícil ainda quando descobria que ele estava igualmente desesperado por fingir que andava a sair com alguém para desbloquear os seus fundos de pesquisa. Olive tinha a certeza de que faria exatamente o mesmo por uma oportunidade de terminar a sua investigação sobre o cancro do pâncreas, o que a fazia identificar-se, estranhamente, com Adam. E, se conseguia identificar-se com ele, então podia concordar em sair com ele a fingir, certo?

Não. Sim. O quê? Estava doida por sequer ponderar uma coisa dessas. Estava declaradamente maluca. E, ainda assim, deu por si a dizer:

— Seria complicado.

— O quê?

— Fingirmos que andamos a sair juntos.

— A sério? Seria difícil fazer os outros acreditar que andamos a sair juntos?

Oh, ele era impossível.

— *Okay*, já percebi o que quer dizer. Mas seria difícil fazê-lo convincentemente durante um longo período.

Ele encolheu os ombros.

— Vai correr tudo bem, desde que nos cumprimentemos quando passarmos um pelo outro no corredor, e desde que não me trates por Dr. Carlsen.

— Não me parece que as pessoas que estão juntas se limitem a cumprimentar-se quando se veem no corredor.

— O que é que fazem as pessoas que estão juntas?

Era mais do que ela saberia dizer. Só tinha estado em cinco encontros na vida, incluindo os que tivera com Jeremy, e tinham oscilado entre moderadamente chatos a indutores de ansiedade, e depois passaram a horríveis (sobretudo quando tinha ouvido um monólogo sobre a operação à anca da avó de um tipo com detalhes assustadores). Ela teria adorado ter alguém por perto, mas duvidava de que isso lhe estivesse reservado. Se calhar, não podia ser amada. Talvez os muitos anos que passara sozinha a tivessem deixado incapaz de se entregar a uma ligação romântica autêntica, ou até de sentir a atração de que os outros tanto falavam. No fim de contas, nada disso importava. Frequentar um doutoramento e ter um namorado não eram coisas que funcionassem bem juntas, o que era provavelmente o motivo pelo qual o Dr. Adam Carlsen, com a sua bolsa MacArthur e as suas qualidades de génio, estava ali, aos trinta e poucos anos, a perguntar a Olive o que é que as pessoas faziam juntas.

Académicos, senhoras e senhores:

— Hum, coisas. Cenas. — Estava a queimar o cérebro. — Saem juntos e fazem atividades. Tipo apanhar maçãs, ou aquela coisa de pintar por pontos. — *O que é ridículo*, pensou Olive.

— O que é ridículo — disse Adam, fazendo um gesto para afastar essa ideia. — Podes ir ter com a Anh e dizer-lhe que fomos juntos pintar um Monet. Parece-me evidente que ela se encarregaria de informar toda a gente.

— *Okay*, antes de mais nada, foi o Jeremy. Vamos concordar que a culpa é do Jeremy. E é mais do que isso — insistiu Olive. — Quando as pessoas namoram, elas... elas conversam.

Muito. Mais do que cumprimentos no corredor. Contam uma à outra quais são as suas cores favoritas, onde nasceram, dão as mãos. *Beijam-se.*

Adam apertou os lábios como se estivesse a impedir-se de sorrir.

— Nunca poderíamos fazer uma coisa *dessas*.

Uma nova onda de mortificação apanhou Olive de surpresa.

— *Lamento* muito isso do beijo. Não estava mesmo a pensar...

Ele abanou a cabeça.

— Está tudo bem.

Ele pareceu incarateristicamente indiferente à situação, sobretudo para um tipo que ia aos arames quando alguém errava no número atómico do selénio. Não, não era indiferença. Ele estava a *divertir-se*.

Olive empertigou-se.

— Está a achar graça a isto?

— Achar graça não é a expressão certa, mas tens de admitir que é bastante divertido.

Ela não fazia ideia do que é que ele estava a falar. Não havia nada de engraçado no facto de ela ter beijado um docente ao calhas, porque era a única pessoa no corredor e tudo isso, como consequência de uma ação espetacularmente idiótica, e em todos acharem que ela namorava uma pessoa que só tinha visto duas vezes antes daquele momento.

Desmanchou-se a rir e dobrou-se sobre si própria antes de sequer chegar ao fim da linha de raciocínio, tolhida pela improbabilidade da situação. *Aquilo* era a vida dela. *Aqueles* eram os resultados das suas ações. Quando conseguiu respirar outra vez, doía-lhe a barriga e teve de secar os olhos.

— Isto é péssimo.

Ele estava a sorrir, a observá-la com uma luz estranha nos olhos. E quem diria: Adam Carlsen tinha covinhas. Covinhas fofas.

— *Yep.*

— E é culpa minha.

— Diria que sim. Dei um empurrãozinho ontem, diante da Anh, mas sim. É sobretudo culpa tua.

Fingir que namorava. Com Adam Carlsen. Olive teria de ser doida.

— Não é um problema que seja professor titular e que eu seja aluna?

Ele inclinou a cabeça, de repente sério.

— Não fica muito bem, mas não me parece que seja um problema, não. Uma vez que não tenho nenhuma autoridade sobre ti e que não estou a supervisionar-te. Mas posso perguntar por aí.

Era uma ideia epicamente má. A pior ideia que alguém jamais tivera na história das ideias epicamente más. Exceto que resolvia o problema dela, e alguns dos problemas de Adam, em troca de se cumprimentarem uma vez por semana no corredor, e de ela fazer um esforço por não lhe chamar Dr. Carlsen. Pareceu um ótimo acordo.

— Posso pensar um bocado?

— Claro — disse ele, calmo. Tranquilizador.

Ela não sabia que ele era assim. Depois de todas aquelas histórias, e de vê-lo passar sempre com a mesma expressão de perpétua desaprovação, não sabia mesmo que ele podia ser assim. Nem sequer entendia o que *ser assim* significava.

— E obrigada, acho eu. Por me ajudares, Adam — acrescentou as últimas palavras como um esforço de mentalização. Experimentou proferi-las, senti-las entre os lábios. Pareceram-lhe estranhas, mas não demasiado.

Depois de uma longa pausa, ele anuiu:

— Sempre às ordens, Olive.

Sociedade de Descobertas Biológicas (*N. da T.*)

Black, Indigenous and People of Color: Negros, indígenas e pessoas de cor (N. da T.).

Science, Technology, Engineering e Mathematics: Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática (N. da T.).

Assistente de Ensino (*N. da T.*)

Capítulo 3

♥ HIPÓTESE: Uma conversa privada com Adam Carlsen fica 150 por cento mais esquisita depois de a palavra «sexo» ser proferida. Por mim.

Três dias depois, Olive deu por si de pé diante do escritório de Adam.

Nunca tinha estado ali antes, mas não teve problemas em dar com ele. Uma estudante que ia a escapular-se de olhos molhados e uma expressão aterrorizada denunciou-o, para não mencionar que a porta de Adam era a única no corredor que estava vazia de fotografias de crianças, de animais de estimação ou de parentes. Não havia sequer uma cópia do artigo que saíra na capa de *Nature Methods*, do qual ela tinha conhecimento porque o tinha pesquisado no *site* da universidade no dia anterior. Era só madeira castanho-escuro e uma placa de metal que dizia Adam J. Carlsen, Ph.D.

Se calhar, o *J* era de «Jumento».

Olive sentira-se um bocadinho rastejante na noite anterior, a percorrer a página da faculdade e a passar em revista cerca de dez milhões de publicações de bolsas de investigação, até ver uma fotografia dele claramente tirada no meio de uma caminhada, e não pelo fotógrafo oficial de Stanford. Ainda assim, ela reprimiu esse sentimento de intrusão, convencendo-se de que não havia mal nenhum em estar por dentro do passado académico dele, e que até era bastante lógico se iam fingir que estavam juntos.

Respirou fundo antes de bater à porta, e depois voltou a respirar fundo entre o momento em que ele disse «Entre» e o instante em que ela, finalmente, conseguiu obrigar-se a abrir a

porta. Quando entrou no escritório, ele não olhou logo para cima e continuou a digitar no seu *iMac*.

— O meu horário de atendimento já acabou há cinco minutos, por isso...

— Sou eu.

Ele parou de mover as mãos, que ficaram imobilizadas alguns centímetros acima do teclado. Então, virou a cadeira na direção dela.

— Olive.

Havia qualquer coisa no modo como ele falou. Se calhar era o sotaque, ou apenas uma característica da sua voz. Olive não entendeu o que poderia ser, mas estava lá, na forma como ele tinha dito o seu nome. Precisa. Cuidadosa. Profunda. Ninguém o dizia assim. Parecia quase familiar — por muito que soasse impossível.

— O que é que lhe disseste? — perguntou ela, a tentar ignorar o modo como Adam Carlsen falava. — À rapariga que saiu daqui em lágrimas?

Ele precisou de um momento para se recordar de que há menos de sessenta segundos tinha estado alguém com ele, ali no escritório. Alguém que, era evidente, deixara em lágrimas.

— Só fiz alguns comentários a uma coisa que ela escreveu.

Olive assentiu, a agradecer secretamente a todos os deuses por ele não ser o seu orientador, e por nunca poder vir a vê-lo, e estudou o ambiente ao seu redor. Ele tinha um escritório de esquina, claro. Duas janelas que, juntas, deviam conter setenta mil metros quadrados de vidro, e tanta luz que só o estar de pé no centro daquele espaço já poderia curar vinte pessoas da depressão sazonal. Fazia sentido, devido a todo o dinheiro que ele angariara em bolsas, e ao prestígio que havia trazido à instituição, que lhe dessem um bom espaço. O escritório de

Olive, por sua vez, não tinha janelas e tinha um cheiro esquisito, possivelmente porque ela o dividia com outros três alunos de doutoramento, apesar de ser pensado para acomodar dois estudantes no máximo.

— Ia mandar-te um *e-mail*. Falei com o reitor hoje — disse-lhe Adam, quando ela voltou a olhar para ele.

Ele estava a gesticular para a cadeira diante da sua secretária. Olive puxou-a e sentou-se.

— Sobre ti.

— Oh. — Olive sentiu uma vertigem no estômago. Preferia que o reitor nem soubesse da sua existência. Pensando bem, preferia nem sequer estar naquele escritório com Adam Carlsen, e que o semestre não estivesse a poucos dias de começar, e que as mudanças climáticas não fossem reais. Contudo...

— Bem, sobre nós — corrigiu ele. — E sobre regras de socialização.

— E o que é que ele disse?

— Não há nada que nos impeça de sair juntos, uma vez que não sou o teu orientador.

Um misto de pânico e de alívio tomou conta de Olive.

— No entanto, há algumas questões a considerar. Não posso colaborar contigo em nenhum projeto formal. E, uma vez que faço parte do comité de atribuição de prémios, terei de me retirar se fores nomeada para parcerias ou para oportunidades do género.

Ela assentiu.

— Parece justo.

— E não posso, de modo algum, fazer parte do teu comité de tese.

Olive soprou uma gargalhada.

— Isso não será um problema. Não te ia pedir que estivesse no comité.

Ele semicerrou os olhos.

— Porque não? Estudas cancro do pâncreas, não é?

— Sim. Diagnóstico precoce.

— Então o teu trabalho podia beneficiar da perspectiva de um modelador computacional.

— Sim, mas há outros modeladores computacionais no departamento. E eu gostaria de concluir o doutoramento, de preferência sem ter de ir a correr soluçar para a casa de banho depois de cada reunião do comité.

Ele olhou para ela.

Olive encolheu os ombros.

— Sem ofensa. Sou uma rapariga simples, com necessidades simples.

Perante aquilo, ele baixou os olhos para a secretária, mas não a tempo de esconder de Olive o sorriso que lhe nascia nos cantos da boca. Quando voltou a olhar para cima, a sua expressão era séria.

— Portanto, já decidiste?

Ela pressionou os lábios enquanto o observava, calmamente. Respirou fundo antes de dizer:

— Sim. Sim, eu... Quero avançar com isto. É uma boa ideia, até.

Por várias razões. Por um lado, Anh e Jeremy iam deixar de andar em cima dela, mas também... todos os outros. Parecia que desde que o rumor tinha começado a circular, toda a gente se sentia intimidada diante de Olive e não a tratavam como de

costume. Os outros assistentes do laboratório tinham parado de tentar trocar os turnos dela, que começavam às duas da tarde, pelos seus turnos péssimos que começavam às oito da noite; os seus parceiros de laboratório deixaram de lhe passar à frente na fila para o microscópio; e dois membros do quadro da faculdade que Olive tinha tentado abordar durante semanas haviam finalmente respondido aos seus *e-mails*. Pareceu-lhe um pouco injusto explorar aquele mal-entendido enorme, mas a universidade era uma terra sem lei, e a vida de Olive tinha sido simplesmente miserável nos últimos dois anos. Aprendera a agarrar-se ao que pudesse para se salvar. E se alguns — *okay*, a maioria — dos estudantes do departamento a olhavam desconfiados porque andava a sair com Adam Carlsen, paciência. Os amigos dela tinham reagido surpreendentemente bem, apesar de um tanto confusos.

Exceto Malcolm. Ele andava a evitá-la há três dias como se ela tivesse sarampo. Mas Malcolm era Malcolm, mais cedo ou mais tarde cairia em si.

— Muito bem, então — disse Adam, sem qualquer expressão no rosto; quase *demasiado* inexpressivo. Como se não fosse nada de extraordinário e ele não se importasse fosse qual fosse a decisão, ou como se o que ela tinha dito não mudasse nada para ele.

— Contudo, andei a pensar bastante nisto.

Ele aguardou pacientemente que ela continuasse.

— E acho que é boa ideia definirmos algumas regras. Antes de começarmos.

— Algumas regras?

— Sim, estás a ver? O que podemos e o que não podemos fazer. O que podemos esperar deste acordo. Acho que é o

protocolo do costume, antes de as pessoas embarcarem em falsos namoros.

Ele inclinou a cabeça.

— O protocolo do costume?

— *Yup*.

— Quantas vezes já fizeste isto?

— Zero. Mas estou familiarizada com o conceito.

— Com... o quê? — ele pestanejou, confuso.

Olive ignorou-o.

— *Okay* — respirou fundo e levantou o indicador. — Primeiro, isto tem de ser uma coisa exclusiva do *campus*. Não que pense que te queres encontrar comigo fora do *campus*, mas caso estejas a pensar em matar dois coelhos com uma cajadada, ficas a saber que não vou ser o teu último recurso se precisares de levar alguém a passar o Natal a casa, ou...

— Chanucá.

— O quê?

— É mais provável que a minha família celebre o Chanucá do que o Natal. — Ele encolheu os ombros. — Embora seja pouco provável que eu celebre qualquer um dos dois.

— Oh. — Olive ponderou por um instante. — Parece-me que isto é algo que a tua falsa-namorada devia saber.

Surgiu o fantasma de um sorriso no rosto dele, mas ele manteve-se calado.

— *Okay*. Segunda regra. Aliás, pode ser interpretada como uma extensão da primeira. — Olive mordeu o lábio, obrigando-se a dizê-lo. — Nada de sexo.

Durante vários instantes, ele não se mexeu. Nem sequer um milímetro. Depois os lábios dele afastaram-se, mas não saiu nenhum som, e foi aí que Olive entendeu que o tinha deixado sem fala. O que até teria sido engraçado noutras circunstâncias, mas o facto de ele parecer perplexo por causa de Olive não querer incluir sexo no falso-namoro fê-la sentir-se tonta.

Será que ele tinha assumido que sim? Por causa de alguma coisa que ela tivesse dito? Será que devia explicar-lhe que tinha pouca experiência com sexo? Que, durante anos, se tinha perguntado se não seria assexual e que apenas há pouco tempo se tinha apercebido de que *podia* experienciar atração sexual, mas apenas por pessoas em quem confiasse profundamente? Que, se por algum motivo inexplicável, Adam quisesse ter sexo com ela, ela não saberia o que fazer?

— Ouve — ela pôs-se de pé, com o pânico a subir de tom na sua voz. — Desculpa, se me sugeriste isto do falso-namoro a contar que tivéssemos...

— *Não*. — A palavra saiu-lhe como numa explosão. Ele parecia genuinamente perplexo. — Sinto-me é chocado por achares necessário mencionar isso.

— Oh. — As bochechas de Olive incendiaram-se diante da indignação na voz dele. É claro que ele não estava à espera de sexo. Ou sequer queria ter sexo com ela. Bastava olhar para ele: porque haveria de querer? — Desculpa, não quis insinuar que...

— Não, é bom que sejamos diretos. Só estou surpreendido.

— Eu sei — anuiu Olive. Para dizer a verdade, também estava um bocadinho surpreendida. Por estar sentada no escritório de Adam Carlsen, a falar de sexo, embora não da meiose associada ao sexo, mas de potenciais relações sexuais

entre os dois. — Desculpa, não quis que isto ficasse ainda mais estranho.

— Não há problema. Isto é tudo estranho.

O silêncio prolongou-se entre eles, até Olive dar conta de que ele também estava um pouco ruborizado. Era só um sugestão de vermelho, mas ele parecia tão... Olive não conseguiu parar de o olhar.

— Nada de sexo — confirmou ele, com um aceno.

Ela teve de aclarar a garganta e de se obrigar a parar de inspecionar a forma e a cor das maçãs do rosto dele.

— Nada de sexo — repetiu. — *Okay*, terceira regra. Esta não é bem uma regra, mas cá vai: não vou sair com mais ninguém. Do género, sair para encontros. Seria confuso, ia complicar tudo e... — Olive hesitou. Devia contar-lhe? Ou seria demasiada informação? Será que ele precisava de saber? Oh, enfim. Porque não, já que estavam ali? Não é que ela nunca o tivesse beijado, ou falado de sexo no seu local de trabalho. — Eu não costumo ter encontros, seja como for. O Jeremy foi uma exceção. Eu nunca... nunca tive uma relação a sério, e é melhor assim. O doutoramento já é suficientemente stressante, e tenho os meus amigos e os meus projetos sobre o cancro do pâncreas, e sinceramente há coisas melhores para fazer com o meu tempo.

As últimas palavras saíram mais à defensiva do que ela pretendia.

Adam limitou-se a olhá-la sem dizer nada.

— Mas tu podes sair com quem quiseres, claro — acrescentou, à pressa. — Apesar de te ficar agradecida se evitares falar disso às pessoas do departamento, para eu não parecer uma idiota e tu um traidor, e para os rumores não

ficarem fora de controlo. Também seria melhor para ti assim, já que queres fingir que estás numa relação séria...

— Não vai acontecer.

— *Okay*. Ótimo. Obrigada. Eu sei que mentir por omissão custa um bocado, mas...

— Quis dizer que não vou sair com mais ninguém.

Havia uma determinação, uma firmeza no seu tom que a apanhou de surpresa. Ela apenas pôde assentir, mesmo com vontade de protestar, porque ele ainda não podia ter a certeza disso, e apesar de ainda ter mil e uma perguntas em mente. Noventa e nove por cento dessas perguntas eram inapropriadas e não lhe diziam respeito, por isso ela afugentou-as.

— *Okay*. Quarta regra. Obviamente que não podemos fingir para sempre, por isso devíamos definir um prazo.

Ele pressionou os lábios um contra o outro.

— Seria até quando?

— Não sei bem. Um mês ou assim seria, talvez, suficiente para convencer a Anh de que ultrapassei o Jeremy de vez. Mas pode não ser suficiente para o *teu* objetivo, por isso... diz-me tu.

Ele ponderou, e depois moveu a cabeça apenas uma vez, num aceno decisivo:

— Vinte e nove de setembro.

Estavam a pouco mais de um mês dessa data. Mas também...

— É uma data estranhamente específica. — Olive deu voltas à cabeça, a tentar perceber a que poderia referir-se aquela data. A única coisa que lhe ocorreu foi que estaria em Boston nessa semana, para a conferência anual de biologia.

— É o dia depois do relatório final do orçamento do departamento. Se não libertarem os meus fundos aí, então não vão libertá-los de todo.

— Estou a ver. Enfim, vamos concordar que a vinte e nove de setembro seguimos caminhos separados. Direi à Anh que a nossa separação foi amigável, e que estou um bocadinho em baixo porque ainda tenho um fraquinho por ti — esboçou um sorriso na direção dele. — Assim ela não vai achar que ainda estou presa ao Jeremy. *Okay* — respirou fundo. — Quinta e última regra.

Aquela era a mais complicada. A única que ela receava que ele rejeitasse. Reparou que estava a torcer as mãos e pousou-as com firmeza no colo.

— Para isto funcionar devíamos, provavelmente... fazer coisas juntos. De vez em quando.

— Coisas?

— Coisas. Cenas.

— Cenas — repetiu ele, desconfiado.

— *Yep*. Cenas. O que é que fazes para passar o tempo? — Ele devia fazer coisas atrozadas, tipo excursões para derrubar vacas, ou lutas de escaravelhos japoneses. Se calhar, colecionava bonecas de porcelana. Ou era um entusiasta do *Geocaching*. Ou, quem sabe, frequentasse convenções sobre cigarros-eletrónicos. Oh, Deus.

— Para passar o tempo? — repetiu ele, como se nunca tivesse refletido naquela expressão antes.

— Sim. O que fazes quando não estás a trabalhar?

O tempo que passou entre Olive ter feito a pergunta e a resposta dele foi alarmante.

— Às vezes também trabalho em casa. E faço exercício. E durmo.

Ela teve de se impedir de bater no próprio rosto com a palma da mão.

— Hum, espetacular. Mais alguma coisa?

— O que é que *tu* fazes para passar o tempo? — atirou ele, de certo modo defensivo.

— Inúmeras coisas. Eu... — *Vou ao cinema*. Apesar de não ir desde a última vez que Malcolm a tinha arrastado. *Jogos de tabuleiro*. Mas todos os seus amigos estavam muito ocupados ultimamente, portanto nem isso. Tinha participado num torneio de vôlei, mas tinha sido há mais de um ano.

— Hum. Faço exercício? — Adoraria poder arrancar a expressão de gozo que surgiu na cara dele. Adoraria. — Enfim. Devíamos fazer alguma coisa juntos, com alguma frequência. Não sei. Tomar café? Tipo, uma vez por semana? Só durante dez minutos, num sítio onde toda a gente nos veja. Sei que soa aborrecido e uma perda de tempo, mas vai ser mesmo rápido, e ia tornar o falso-namoro mais credível e...

— Claro.

Oh.

Ela tinha pensado que seria preciso mais trabalho para o convencer. Muito mais trabalho. Mas, uma vez mais, ele era um dos interessados. Precisava que os colegas acreditassem naquela relação se ia persuadi-los a libertarem o financiamento.

— *Okay*. Hum... — Obrigou-se a parar de se perguntar o porquê de ele lhe parecer tão flexível, e tentou visualizar o seu horário. — Que tal na quarta-feira?

Adam girou a cadeira para poder ver o computador de frente e abriu a aplicação do calendário. Tinha tantas caixinhas de eventos coloridas que Olive sentiu um surto de ansiedade galopante.

— Pode ser antes das onze da manhã e depois das seis da tarde.

— Às dez, então?

Ele virou-se para ela.

— Às dez está bom.

— *Okay*. — Ela ficou à espera que ele inserisse o compromisso na agenda, mas ele não fez tenção de o digitar.

— Não vais pôr na agenda?

— Eu lembro-me — garantiu ele.

— *Okay*, então. — Ela fez um esforço para sorrir, e pareceu-lhe em certa medida sincero. Muito mais sincero do que qualquer sorriso que ela pudesse imaginar-se capaz de elaborar na presença de Adam Carlsen. — Ótimo. O falso-namoro arranca na quarta-feira, então.

Surgiu uma ruga entre as sobrancelhas dele.

— Porque continuas a repetir isso?

— Repetir o quê?

— Falso-namoro. Como se fosse um conceito estabelecido.

— Porque é. Não vês comédias românticas?

Ele olhou-a com uma expressão intrigada, até ela aclarar a garganta e fitar os próprios joelhos.

— Pois. — Deus, não tinham nada em comum. Nunca encontrariam um assunto de conversa. Os cafés de dez minutos seriam as alturas mais dolorosas e esquisitas das suas já dolorosas e esquisitas semanas.

Mas Anh teria a sua linda história de amor e Olive não teria de esperar uma vida para poder usar o microscópio de eletrões. E isso era o mais importante.

Ela pôs-se de pé e estendeu-lhe a mão, convencida de que até contratos de falsos-namoros mereciam, pelo menos, um aperto de mão. Adam observou-a, hesitante durante uns instantes. Depois também se pôs de pé e apertou-lhe os dedos. Olhou para as duas mãos juntas e depois para os olhos dela, e Olive obrigou-se a não reparar no calor da pele dele, nem no quão largo ele era, ou noutra coisa qualquer sobre ele. Quando ele lhe largou a mão, teve de fazer um esforço consciente para se impedir de inspecionar a própria palma.

Ele tinha-lhe feito alguma coisa? Ela sentiu como se tivesse. A pele formigava.

— Quando queres começar?

— Que tal na próxima semana? — Era sexta-feira. O que significava que ela tinha menos de sete dias para se preparar psicologicamente para a experiência de tomar um café com Adam Carlsen. Ela sabia que conseguia; se tinha conseguido chegar aos noventa e sete por cento na parte verbal de GRE⁵, podia fazer qualquer coisa, ou tentar; mas ainda assim, aquilo parecia-lhe uma péssima ideia.

— Parece ótimo.

Ia acontecer. Oh, Deus.

— Então encontramos-nos no Starbucks do *campus*. É aí que a maioria dos estudantes toma o café, alguém nos há de ver. — Encaminhou-se para a porta e parou para voltar a olhar para Adam. — Então vejo-te no falso-namoro de quarta-feira?

Ele ainda estava de pé atrás da secretária, de braços cruzados sobre o peito. A olhar para Olive. Parecia bem menos irritado

com aquela embrulhada do que ela teria esperado. Parecia... bem.

— Até lá, Olive.

— Passa-me o sal.

Olive teria passado o sal, mas Malcolm tinha ar de quem já estava bastante salgado. Por isso ela apoiou a anca contra o balcão da cozinha e cruzou os braços no peito.

— Malcolm.

— E a pimenta.

— Malcolm.

— E o óleo.

— Malcolm...

— De girassol, não esse de sementes não sei de quê.

— Ouve. Não é o que estás a pensar...

— Tudo bem, eu vou buscar.

Em sua defesa, Malcolm tinha o direito de estar chateado. E Olive entendia a sua tristeza. Ele estava um ano à sua frente e era herdeiro da realeza das STEM. Era produto de gerações de biólogos, geólogos, botânicos, físicos, e sabe-se lá que outros especialistas da natureza estariam presentes no seu ADN, a reproduzirem-se como máquinas científicas. O pai dele era reitor de uma escola estatal na Costa Leste. A mãe era uma oradora das *TED Talk*, especialista em células Purkinje, e tinha milhões de visualizações no YouTube. Será que Malcolm queria estar num programa de doutoramento, a caminho de uma carreira académica? Provavelmente, não. Será que ele tinha tido escolha, tendo em conta a pressão que a família punha nele desde que usava fraldas? Também não.

Para não mencionar que Malcolm era infeliz. Planeava obter o doutoramento e encontrar um emprego confortável no mercado de trabalho, fazer montes de dinheiro das nove às seis, o que o qualificava, tecnicamente, como «sendo um cientista», o que não era algo que os pais pudessem desaprovar. Pelo menos, não com grande tenacidade. Entretanto, tudo o que ele queria era passar pela formação em doutoramento do modo menos traumatizante possível. De toda a gente no programa de Olive, era ele quem melhor conciliava a vida pessoal com a de estudante. Fazia coisas inimagináveis para a maioria dos estudantes, como cozinhar comida a sério! Fazer caminhadas! Meditar! Participar em peças de teatro! Sair com pessoas como se fosse um desporto olímpico! («É mesmo um desporto olímpico, Olive, e estou a treinar para a medalha de ouro.»)

E fora por isso que quando Adam obrigara Malcolm a descartar uma tonelada de informação, e a refazer metade da sua investigação, ele vivera uns meses muito, muito miseráveis. Em retrospectiva, deve ter sido por essa altura que Malcolm começou a rogar pragas à família Carlsen (andava a encenar *Romeu e Julieta*).

— Malcolm, podemos falar sobre isto, por favor?

— Estamos a falar.

— Não, estás a cozinhar e eu estou aqui parada, a tentar que entendas que estás chateado por causa do Adam...

Malcolm deu as costas à caçarola, sacudindo o dedo na direção de Olive.

— Não digas.

— Não digo o quê?

— Tu sabes o quê.

— Adam Carl...?

— *Não* digas o nome dele.

Ela atirou as mãos ao ar.

— Isto é de doidos. É mentira, Malcolm.

Ele voltou a desferir golpes nos espargos.

— Passa-me o sal.

— Estás a ouvir, ao menos? Não é a sério.

— E a pimenta e o...

— A relação. É falsa. Não estamos a sair a sério. Estamos a fingir para as pessoas *acharem* que estamos juntos.

As mãos de Malcolm imobilizaram-se a meio da tarefa.

— O quê?

— Tu ouviste.

— É um arranjo tipo amigos-coloridos? Porque...

— Não. É o oposto. Não há nada de colorido. Há zero cores. Zero sexo. Zero amizade, também.

Ele olhou para ela, de olhos semicerrados.

— Para sermos honestos, sexo oral e coisas com o rabo também contam como sexo...

— Malcolm.

Ele aproximou-se um passo, agarrando um pano para secar as mãos, as narinas dilatadas.

— Estou com medo de perguntar.

— Eu sei que soa ridículo. Ele está a ajudar-me, fingindo que estamos juntos porque eu menti à Anh, e preciso que ela se sinta à vontade para sair com o Jeremy. É tudo falso. Eu e o Adam só falámos — decidiu omitir informação relativa À Noite — três vezes, e eu não sei nada sobre ele. Só sei que está

disposto a ajudar-me a lidar com esta situação e eu aproveitei a oportunidade.

Malcolm estava a fazer aquela cara que reservava a pessoas que via de sandálias com meias brancas. Ficava com um ar um bocado assustador, ela tinha de admitir.

— Isso é... uau. — Havia uma veia a pulsar na têmpora dele.
— Ol, isso é incredivelmente estúpido.

— Talvez. — Sim. Sim, pois era. — Mas é o que é. E tens de me apoiar nesta idiotice, porque tu e a Anh são os meus melhores amigos.

— Pensava que o Carlsen é que era o teu melhor amigo, agora.

— Por favor, Malcolm, ele é um sacana. Mas até tem sido simpático para mim e...

— Nem sequer vou... — Ele fez uma careta. — Não quero falar disto.

Ela suspirou.

— *Okay*. Não fales disto. Não tens de o fazer. Mas podias não me odiar? Por favor? Eu sei que tem sido um pesadelo para metade dos estudantes de doutoramento do programa, tu incluído. Mas ele está a ajudar-me. Tu e a Anh são as únicas pessoas que quero que saibam a verdade. Mas não posso contar à Anh...

— ... por motivos óbvios.

— ... por motivos óbvios — concluiu ela ao mesmo tempo, e sorriu.

Ele abanou a cabeça em sinal de desaprovação, mas a expressão tinha-se suavizado.

— Ol. Tu és fantástica. E boa, demasiado boa. Devias encontrar alguém melhor do que o Carlsen. Alguém com quem

pudesses estar a sério.

— Sim, claro — ela rolou os olhos. — Porque correu tudo super bem com o Jeremy. E, já agora, só aceitei sair com ele por conselho *teu*. «Dá uma oportunidade ao rapaz», disseste tu. «O que é que pode correr mal?», disseste tu.

Malcolm fulminou-a com o olhar, e ela riu-se.

— Ouve, é evidente que sou péssima em namoros reais. Talvez seja melhor em namoros a fingir? Se calhar encontrei a minha especialidade.

Ele suspirou.

— Mas tem de ser com o Carlsen? Há mais pessoal docente com quem podias fingir que estás a namorar.

— Tipo quem?

— Sei lá. O Dr. McCoy?

— A mulher dele não acabou de ter trigémeos?

— Oh, sim. Que tal o Holden Rodrigues? Esse é giro. Tem um sorriso fofo, também. Eu sei porque ele sorri sempre para mim.

Olive desmanchou-se a rir.

— Nunca poderia fingir que ando a sair com o Dr. Rodrigues, não depois de te ver a babar por ele nestes dois anos.

— É, não é? Alguma vez te disse que houve um clima de romance muito forte entre nós os dois na feira de pesquisa da universidade? Tenho quase a certeza de que ele me piscou o olho várias vezes, da outra ponta da sala. Agora, há quem diga que ele tinha qualquer coisa no olho, mas...

— *Eu*. Eu disse que ele provavelmente tinha alguma coisa na vista. E tu contas-me essa história dia sim, dia não.

— Certo — suspirou. — Tu sabes, Ol, eu teria fingido que andavas a sair comigo num piscar de olhos, para te poupar ao malvado do Carlsen. Podíamos andar de mãos dadas, e dava-te o meu casaco quando tivesses frio, oferecia-te rosas de chocolate em público e ursinhos no Dia dos Namorados.

Como era refrescante falar com alguém que via comédias românticas.

— Eu sei. Mas também trazes uma pessoa diferente para casa todos os dias, e adoras que seja assim, e eu adoro que tu adores que seja assim. Não quero prejudicar o teu estilo de vida.

— Parece-me justo. — Malcolm pareceu satisfeito, talvez por se divertir bastante com essa rotina, ou talvez por Olive o compreender sem reservas, ela não tinha a certeza do motivo exato.

— Então, por favor, podes não me odiar?

Ele atirou o pano de cozinha para a bancada e aproximou-se dela.

— Nunca poderia odiar-te. Vais ser sempre a minha *kalamata* — puxou-a para o peito, apertando-a com força.

No início, quando se conheceram, Olive tinha ficado desorientada por ele ser tão dado a manifestações de afeto físico. Possivelmente porque há vários anos que não tinha um contacto tão afetuoso com ninguém. Agora, os abraços de Malcolm eram um refúgio feliz.

Pousou a cabeça no ombro dele e sorriu para o algodão da sua *T-shirt*.

— Obrigada.

Malcolm apertou-a mais um bocadinho.

— E eu prometo que, se alguma vez trazer o Adam para casa, deixo uma meia na porta... Au!

— Sua criatura malvada.

— Estava a brincar! Espera, não te vás embora, tenho de te contar uma coisa importante.

Ele parou à porta, olhando-a desconfiado.

— Atingi o meu limite diário de conversas sobre o Carlsen. Se insistires pode ser letal, por isso...

— Tom Benton, o investigador de cancro de Harvard, respondeu-me! Ainda não está nada decidido, mas talvez ele esteja interessado em ter-me no seu laboratório para o ano.

— Oh, meu Deus! — Malcolm voltou para perto dela. — Ol, isso é espetacular! Pensei que nenhum dos investigadores que tinhas contactado te tinha respondido...

— Não durante muito tempo. Mas agora o Benton respondeu, e tu sabes como ele é famoso e reconhecido neste meio. Provavelmente tem mais fundos de investigação do que aqueles com que eu poderia sonhar. Seria...

— Fantástico. Seria fantástico. Ol. Estou tão orgulhoso de ti. — Malcolm segurou as mãos dela nas suas. O brilho que lhe cruzava o rosto suavizou-se. — E a tua mãe ia ficar muito orgulhosa.

Olive desviou os olhos, pestanejando depressa. Não queria chorar, não naquele momento.

— Ainda não está nada decidido. Vou ter de o persuadir. Vai envolver bastante poder de argumentação e muita capacidade de resumir o meu projeto. Que, como bem sabes, não é o meu forte. Ainda pode ser que não dê em nada...

— *Vai* correr tudo bem.

Certo. Sim. Ela precisava de ser otimista. Assentiu e tentou esboçar um sorriso.

— Mas mesmo que não corra... ela estaria orgulhosa na mesma.

Olive assentiu novamente. Quando uma lágrima solitária conseguiu deslizar pela sua bochecha, ela deixou-a estar.

Quarenta e cinco minutos depois, ela e Malcolm sentaram-se no sofá minúsculo, os braços bem juntos, a ver repetições de episódios do *Ninja Guerreiro Americano*, enquanto comiam uma caçarola de vegetais muito insossa.

Graduate Record Examination: Exame de admissão que por vezes faz parte dos requisitos de entrada para programas de doutoramento na América do Norte e Austrália (*N. da T.*).

Capítulo 4

♥ HIPÓTESE: Eu e o Adam Carlsen não temos absolutamente nada em comum, e tomar café com ele vai custar muito mais do que tratar uma cárie. Sem anestesia.

Olive chegou tarde ao primeiro falso-encontro na quarta-feira, e no pior dos humores, depois de uma manhã a rosnar aos seus reagentes baratos por não se dissolverem, depois por não se precipitarem, e por não agitarem as partículas, e por fim por não serem suficientes para o ensaio completo.

Parou fora da cafetaria e respirou fundo. Precisava de um laboratório melhor se queria produzir ciência decente. Melhor equipamento. Melhores reagentes. Melhores colónias de bactérias. Melhor *tudo*. Na semana seguinte, quando Tom Benton estivesse por lá, tinha de estar na sua melhor forma. Precisava de preparar o discurso, em vez de perder tempo num café que não queria particularmente tomar, com uma pessoa com quem definitivamente não lhe apetecia falar, a meio do seu protocolo experimental.

Uh.

Quando entrou no café, Adam já lá estava, com uma camisola preta *Henley* que parecia ter sido idealizada, desenhada e produzida especificamente para a parte superior do seu corpo. Olive ficou perplexa por um instante, não tanto por as roupas lhe assentarem bem, mas por ter reparado no que alguém tinha vestido. Não costumava reparar nessas coisas. Tinha visto Adam cirandar pelo edifício de biologia durante dois anos, afinal de contas, sem contar que tinham falado várias vezes nas últimas semanas. Até se tinham beijado, se contabilizasse o que se tinha passado n'A Noite como um beijo a sério. A conclusão que a atingiu quando chegou à fila para pedir o seu café deixou-a confusa e desestabilizada.

Adam Carlsen era bem-parecido.

Adam Carlsen, com o seu nariz comprido e cabelo ondulado, com os lábios cheios e um rosto anguloso que não deviam combinar, mas que por algum motivo combinavam, era muito, muito, *muito* bem-parecido. Olive não sabia por que razão ainda não reparara nisso, ou porque é que só se apercebera disso ao vê-lo numa simples camisola preta.

Forçou-se a olhar para a frente para o menu de bebidas, em vez de para o peito dele. Na cafetaria havia um total de três alunos de doutoramento, um em pós-doutoramento de farmacologia, e um jovem assistente de investigação. *Perfeito*.

— Então, como estás? — perguntou ela, porque era o que devia fazer.

— Bem. E tu?

— Também.

Ocorreu a Olive que se calhar não tinha pensado bem em todas as implicações daquilo. Porque serem vistos juntos podia ser o objetivo dos dois, mas estarem lado a lado em silêncio não faria ninguém acreditar que estavam juntos e felizes. E Adam era... enfim. Parecia pouco provável que fosse dar início a qualquer tipo de conversa.

— Então — Olive passou o peso do corpo de um pé para o outro algumas vezes. — Qual é a tua cor favorita?

Ele olhou para ela, confuso.

— O quê?

— A tua cor favorita.

— A minha cor favorita?

— Sim.

Surgiu uma ruga entre os olhos dele.

— Eu... não sei.

— Como assim, não sabes?

— São cores. São todas iguais.

— Deve haver uma de que gostes mais.

— Não me parece.

— Vermelho?

— Não sei.

— Amarelo? Verde-vómito?

Ele semicerrou os olhos.

— Porque é que queres saber?

Olive encolheu os ombros.

— Parece-me algo que deveria saber.

— Porquê?

— Porque, se alguém quiser perceber se andamos mesmo juntos, essa é das primeiras perguntas que há de fazer. No *top* cinco, de certeza.

Ele estudou-a por um momento.

— Isso parece-te um cenário provável?

— Tão provável quanto fingirmos que namoramos.

Ele assentiu, como se lhe reconhecesse razão nesse ponto.

— *Okay*. Preto, acho eu.

Ela bufou.

— Vá-se lá entender.

— Qual é o problema com o preto? — Ele franziu o sobrolho.

— Nem sequer é uma cor. É a ausência de cores, tecnicamente.

— É melhor do que verde-vômito.

— Não, não é.

— Claro que é.

— Sim, seja. Fica bem com a tua personalidade de herdeiro das trevas.

— E que quer isso dizer?

— Bom dia. — O funcionário sorriu-lhes alegremente. — O que vai ser hoje?

Olive sorriu-lhe de volta, gesticulando na direção de Adam para ele pedir primeiro.

— Café. — Deitou-lhe um olhar enviesado antes de acrescentar, embaraçado: — Preto.

Ela teve de virar a cabeça para esconder o sorriso, mas quando voltou a olhar para ele, os lábios dele também estavam recurvados. Coisa que, hesitou em admitir para si própria, lhe ficava bem. Rejeitou esse pensamento e pediu a bebida mais gorda e açucarada que encontrou no menu, com *chantilly* extra. Estava a perguntar-se se poderia compensar comprando também uma maçã, ou se devia resignar-se a pedir uma bolacha, quando Adam tirou o cartão de crédito da carteira e o entregou ao rapaz da caixa.

— Oh, não. Não, não, não. *Não*. — Olive pôs a mão à frente da dele e baixou a voz: — Não podes pagar as minhas coisas.

Ele pestanejou.

— Não posso?

— Não é esse tipo de falsa-relação que temos.

Ele pareceu surpreendido.

— Não é?

— *Nope* — ela abanou a cabeça. — Nunca iria fingir que saio com um tipo que acha que tem de pagar o meu café só porque é gajo.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Duvido de que isso que pediste seja chamado de «café» em alguma língua.

— Ei...

— E não é por eu ser «um gajo» — a palavra saiu-lhe com um toque de mágoa — mas porque és uma estudante de doutoramento. E eu sei quanto ganhas por ano.

Por um momento ela hesitou, perguntando-se se devia ficar ofendida. Será que Adam estava apenas a ser o canalha que se dizia que era? Estaria a ser condescendente com ela? Acharia que ela era pobre? Depois lembrou-se de que *era* realmente pobre. Encolheu os ombros, pediu mais uma bolacha com pequenas de chocolate, uma banana e um pacote de pastilhas, além do café. Adam teve o mérito de pagar o total de 21 dólares e 39 cêntimos sem pestanejar.

Enquanto esperavam pelas bebidas, a mente de Olive começou a fugir para o seu projeto e para a incerteza de conseguir convencer a Dra. Aslan a adquirir melhores reagentes o quanto antes. Olhou distraída ao seu redor, dando conta de que apesar de o assistente de investigação, o aluno de pós-doutoramento e um dos outros estudantes se terem ido embora, havia ainda dois estudantes de doutoramento (um dos quais, por sorte, trabalhava no laboratório de Anh) sentados numa mesa junto à porta, e a lançar-lhes olhares de vez em quando. Ótimo.

Apoiou a anca no balcão e olhou para cima, para Adam. Graças a Deus que seriam apenas dez minutos por semana, ou

ela acabaria por desenvolver uma tendinite no pescoço.

— Onde é que nasceste? — perguntou.

— É outra das tuas perguntas dos casamentos em troca de visto de residente?

Ela deu uma gargalhada. Ele sorriu como resposta, como que satisfeito por a ter posto a rir. Embora fosse, certamente, por outro motivo.

— Nos Países Baixos. Em Haia.

— Oh.

Ele também se recostou no balcão, mesmo à frente dela.

— Porquê «oh»?

— Não sei. — Olive encolheu os ombros. — Acho que estava à espera que dissesse Nova Iorque. Ou talvez Kansas.

Ele abanou a cabeça.

— A minha mãe foi embaixadora dos Estados Unidos nos Países Baixos.

— Uau. — Era estranho imaginar que Adam tinha uma mãe. Uma família. Que, além de ser alto, assustador e infame, tinha sido uma criança. Se calhar até falava neerlandês. Se calhar, costumava comer arenque fumado ao pequeno-almoço. Se calhar, a mãe dele teria gostado que ele seguisse os seus passos e se tornasse um diplomata, mas a sua personalidade cintilante tinha emergido e ela fora obrigada a abdicar desse sonho. Olive deu por si seriamente ávida por saber mais sobre a infância dele, o que era... estranho. Muito estranho.

— Aqui têm.

As bebidas deles apareceram no balcão. Olive convenceu-se de que não tinha nada que ver com o modo como a funcionária loira olhou para Adam quando ele se virou para agarrar uma

tampa para o seu copo. Também se lembrou de que por muito que estivesse curiosa em relação à sua mãe diplomata, e ao número de línguas que ele falava, à possibilidade de ele gostar de tulipas, essa informação ia muito além do que tinham acordado.

As pessoas já os tinham visto juntos. Iam voltar para os seus laboratórios e espalhar histórias improváveis sobre o Dr. Adam Carlsen e a estudante vulgar e discreta com quem o tinham visto. Era hora de Olive voltar para a ciência.

Aclarou a garganta.

— Bem, foi divertido.

Ele levantou os olhos do copo de café, surpreendido.

— A quarta-feira do falso-encontro já terminou?

— *Yep*. Ótimo trabalho, equipa, agora corram para os chuveiros. Estás livre até à próxima semana. — Olive espetou a palhinha na sua bebida e sorveu, sentindo o açúcar a explodir-lhe na boca. O que quer que tivesse pedido era repulsivamente bom. Era possível que estivesse a tornar-se diabética enquanto falava. — Vemo-nos...

— Onde é que *tu* nasceste? — perguntou Adam, antes que ela pudesse ir-se embora.

Oh. Iam mesmo fazer aquilo, então. Era provável que ele estivesse só a tentar ser cordial, e Olive soltou um suspiro imaginário, pensando com saudades no seu banquinho do laboratório.

— Toronto.

— Certo. És canadiana — disse ele, como se já o soubesse.

— Sim.

— Quando é que te mudaste para cá?

— Há oito anos. Para a universidade.

Ele assentiu, como se estivesse a armazenar a informação.

— Porquê os Estados Unidos? O Canadá tem ótimas universidades.

— Quis começar de novo. — Era verdade. Embora não a verdade completa.

Ele debateu-se com o suporte de cartão do copo.

— Vais lá muitas vezes?

— Não, não vou.

Olive lambeu o *chantilly* da palhinha. Ficou surpreendida quando ele desviou o olhar à pressa.

— Planeias voltar ao Canadá, quando estiveres doutorada?

Ela pareceu tensa.

— Só se não puder evitar.

Tinha um monte de memórias dolorosas do Canadá, e a sua única família, as pessoas que queria por perto, eram Anh e Malcolm, ambos cidadãos americanos. Olive e Anh até tinham feito um pacto em que, se Olive algum dia se visse na iminência de perder o visto, Anh casaria com ela. Vendo bem, aqueles encontros falsos com Adam até podiam ajudá-la a praticar para quando precisasse de enganar o Departamento de Segurança Interna.

Adam assentiu, dando um gole no café.

— Cor favorita?

Olive abriu a boca para lhe dizer a sua cor favorita, que ia ser muito melhor do que a ele, mas...

— Raios.

Ele fez um ar conhecedor.

— É difícil, não é?

— Há tantas boas.

— *Yep.*

— Vou para o azul. Azul-claro. Não, espera!

— Hum.

— Vou dizer branco. *Okay*, branco.

Ele estalou a língua.

— Sabes, acho que não posso aceitar isso. Branco não é bem uma cor. É mais o aglomerado de todas as cores...

Olive beliscou-o na parte mais carnuda do antebraço.

— Au — disse ele, mas foi evidente que não sentiu dor.

Com um sorriso malicioso, ele acenou-lhe um adeus e virou-se, afastando-se na direção do edifício de biologia.

— Ei, Adam? — chamou ela, atrás dele.

Ele parou e olhou para trás.

— Obrigada por me comprares o equivalente a três dias de comida.

Ele hesitou e depois assentiu uma vez. Aquilo que ele estava a fazer com a boca... era definitivamente um sorriso dirigido a ela. Um bocadinho relutante, mas era.

— O prazer foi meu, Olive.

Hoje, 14h40

DE: Tom-Benton@harvard.edu

PARA: Olive-Smith@stanford.edu

ASSUNTO: Re: Projeto de diagnóstico de cancro pancreático

Olive, o meu voo é na terça-feira à tarde. Que tal encontrarmo-nos na quarta-feira às 15h00, no laboratório da Dra. Aysegul Aslan?

O meu colaborador pode indicar-me qual é.

TB

Enviado do meu iPhone

Olive também estava atrasada para o segundo falso-encontro na quarta-feira seguinte, mas por motivos diferentes, todos relacionados com Tom Benton.

Primeiro, tinha adormecido por conta de ter passado a noite a ensaiar as palavras certas para lhe vender o seu projeto. Repetira a mesma ladainha tantas vezes que Malcolm tinha começado a terminar as suas frases e depois, à uma da manhã, tinha-lhe atirado uma nectarina e suplicara-lhe que fosse treinar para o seu quarto. Coisa que ela fez, até às três.

Depois, de manhã, percebeu que o conjunto que habitualmente usava no laboratório (*leggings*, *T-shirt* com ratinhos e um apanhado no cabelo muito, muito desgrenhado), dificilmente passaria a ideia de «futuro colega valioso» que precisava de passar ao Dr. Benton, e perdeu imenso tempo à procura de algo mais apropriado. Vestir-se para arrasar, como se diz.

Por fim, ocorreu-lhe que não fazia ideia nenhuma de qual seria o *aspetto* do Dr. Benton — que era claramente a pessoa mais importante da sua vida no momento, e sim, ela sabia como isso soava triste mas decidiu não se deixar afetar. Pesquisou-o no telemóvel e descobriu que ele teria trinta e muitos anos, era loiro de olhos azuis, e tinha dentes muito direitos e muito brancos. Quando chegou ao Starbucks do *campus*, ia a sussurrar para o seu retrato no *site* de Harvard: «Por favor, deixa-me ir trabalhar para o teu laboratório.» E então viu Adam.

Estava um dia invulgarmente nublado. Apesar de ainda ser agosto, parecia que estavam no fim do outono. Olive deitou-lhe um olhar, e percebeu imediatamente que ele estava com um humor péssimo. O boato de ele ter atirado uma placa de

Petri contra uma parede, porque a sua experiência não tinha funcionado, ou porque o microscópio de elétrões precisava de manutenção, ou porque algo igualmente inócuo tinha acontecido, veio-lhe à mente. Ponderou esconder-se debaixo de uma mesa.

Está tudo bem, disse ela. Isto vale a pena. As coisas com Anh tinham voltado ao normal. Estavam melhores do que nunca: ela e Jeremy tinham assumido o namoro e, na semana anterior, Anh tinha aparecido para umas cervejas e petiscos de *leggings* e com uma camisola MIT⁶ vários tamanhos acima que ele lhe tinha, obviamente, emprestado. Quando Olive almoçou com os dois, há alguns dias, não tinha sido nada estranho. Além disso, os alunos de doutoramento do primeiro, segundo e até terceiro ano, tinham demasiado medo da namorada de Adam Carlsen para roubar as pipetas de Olive, o que significava que já não precisava de as esconder na mochila e de as levar para casa ao fim de semana. E estava a conseguir alguma comida gratuita de ótima qualidade. Ela conseguia lidar com Adam Carlsen — sim, mesmo com Adam Carlsen no pior dos seus estados de espírito. Durante dez minutos por semana, pelo menos.

— Ei — sorriu ela. Ele respondeu com um olhar que transbordava de mau humor e de angústia existencial. Olive respirou fundo para se fortalecer. — Como estás?

— Ótimo. — O tom foi sucinto, e a expressão estava mais tensa do que o habitual.

Usava uma camisola vermelha axadrezada e calças de ganga, e parecia-se mais com um lenhador do que com um académico que refletia nos mistérios da biologia computacional. Ela não pôde deixar de reparar nos músculos dele, e perguntou-se uma vez mais se a roupa que usava seria feita à medida. O cabelo ainda estava um bocado comprido, mas um pouco mais curto

do que na semana passada. Parecia um pouco surreal que ela e Adam Carlsen estivessem num ponto em que ela já era capaz de reparar no seu humor e nos seus cortes de cabelo.

— Pronto para tomar café? — chilreou ela.

Ele assentiu, distraído, sem a olhar. Numa mesa ao fundo, um aluno do quinto ano olhava-os enquanto fingia limpar o monitor do computador portátil.

— Desculpa ter chegado atrasada.

— Tudo bem.

— Tiveste uma boa semana?

— Foi boa.

Okay.

— Hum, fizeste alguma coisa divertida esta semana?

— Trabalhei.

Puseram-se na fila para pedir, e foi tudo o que Olive conseguiu fazer para se impedir de suspirar.

— O tempo tem estado bom, não tem? Não está demasiado quente.

Ele rosnou como resposta.

Começava a ser demasiado. Havia um limite para o que Olive estava disposta a fazer por aquela relação a fingir — mesmo que isso envolvesse um *Frappuccino* de manga gratuito. Suspirou.

— É por causa do corte de cabelo?

Aquilo conquistou-lhe a atenção. Adam olhou para ela, com uma ruga vertical a evidenciar-se entre as sobrancelhas.

— O quê?

— O mau humor. É por causa do corte de cabelo?

— Que mau humor?

Olive gesticulou amplamente na sua direção.

— Isto. O mau humor com que estás agora.

— Não estou de mau humor.

Ela bufou, embora isso não fosse, provavelmente, o termo certo para o que ela fez. Foi demasiado alto e sarcástico, mais parecido a uma gargalhada. Algo entre o riso e um espirro.

— O quê? — Ele franziu o sobrolho diante do ruído que ela fez.

— Vá lá.

— O quê?

— Estás a destilar mau humor.

— Não estou nada — soou indignado, o que ela achou estranhamente encantador.

— Estás, sim. Assim que vi essa expressão, percebi logo.

— Não percebeste nada.

— Percebi. Estou a perceber. Mas está tudo bem, podes estar de mau humor à vontade.

Era a vez dela, por isso deu um passo adiante e sorriu ao funcionário da caixa:

— Bom dia. Quero um *latte* de abóbora e especiarias. E um daqueles bolinhos com queijo-creme, por favor. Sim, esse mesmo, obrigada. — Apontou para Adam com o polegar. — Ele quer um chá de camomila. Sem açúcar — acrescentou, alegremente.

Desviou-se imediatamente para o lado, a fim de evitar mazelas caso Adam quisesse atirar-lhe uma placa de Petri. Ficou surpreendida por ele se limitar a entregar calmamente o

cartão de crédito ao rapaz atrás do balcão. Ele não era mesmo tão mau quanto o pintavam.

— Odeio chá — disse ele. — E camomila.

Olive retorquiu.

— Isso é que foi azar.

— Sabichona.

Ele olhava em frente, mas ela tinha a certeza de que estava prestes a sorrir. Havia muito a dizer sobre ele, mas não podia dizer-se que não tivesse sentido de humor.

— Então... não é por causa do corte de cabelo?

— Hum? Ah, não. Estava de um tamanho esquisito. Atrapalhava-me durante a corrida.

Oh. Então ele praticava *jogging*. Como Olive.

— *Okay*. Ótimo. Porque não está nada mal.

Parece bem. Quer dizer, muito bem. És provavelmente o homem mais bem-parecido com quem falei na semana passada, mas agora estás ainda melhor. Não que eu me importe com este tipo de coisas. Não me importo mesmo nada. Raramente reparo nos homens, e não sei bem porque é que estou a reparar em ti, ou no teu cabelo, ou na tua roupa, ou em como és alto e largo. Não percebo mesmo. Nunca me interessei por nada disso. Habitualmente. Hum.

— Eu... — Ele pareceu sem palavras por um momento, os lábios a moverem-se sem que saísse nenhum som, enquanto procurava uma resposta apropriada. Depois, sem que ela esperasse, disse: — Falei com o chefe do departamento esta manhã. Continuam a recusar-se a desbloquear o meu fundo de investigação.

— Oh. — Ela endireitou a cabeça. — Pensei que não iam fazê-lo até ao fim de setembro.

— E não vão. Foi um encontro informal, mas o assunto surgiu. Disse que ainda está a monitorizar a situação.

— Estou a ver. — Ficou à espera que ele continuasse. Quando ficou claro que ele não ia dizer mais nada, ela perguntou: — A monitorizar como?

— Não ficou claro. — Ele pôs-se a esfregar o queixo.

— Lamento. — E era sincero. Lamentava mesmo. Se havia algo com que ela podia identificar-se era com estudos científicos interrompidos abruptamente por falta de recursos. — Significa que não podes continuar a tua investigação?

— Tenho outros financiamentos.

— Então... o problema é que não podes começar novos estudos?

— Posso. Teria de rearranjar um bocado as coisas, mas penso que conseguiria financiar novas linhas de investigação, também.

Uh.

— Estou a ver. — Aclarou a garganta. — Então, deixa-me recapitular. Parece que Stanford congelou os teus fundos com base em rumores, o que concordo que é uma atitude merdosa. Mas também parece que tens meios para continuar o que estavas a planear fazer, por isso... não é o fim do mundo, certo?

Adam lançou-lhe um olhar insultado, parecendo ainda mais chateado.

Ui, agora é que era.

— Não me interpretes mal, eu percebo o cerne da questão, e também ficaria chateada. Mas tu tens quantas outras bolsas? Aliás, não respondas. Tenho a certeza de que não quero saber.

Provavelmente, tinha umas quinze. E também tinha a titularidade do laboratório, dúzias de publicações, e uma série de honras listadas no seu *website*. Para não mencionar que ela tinha lido no seu currículo que também possuía uma patente. Olive, por sua vez, tinha reagentes baratos e velhas pipetas que eram roubadas com regularidade. Tentou não pensar em como ele estava muito à frente dela na carreira, mas era inevitável, ele era muito bom no que fazia. Era *irritantemente* bom.

— O que quero dizer é que não é um problema inultrapassável. E estás a trabalhar ativamente para o resolver. Estamos nisto juntos, a mostrar às pessoas que vamos ficar aqui para sempre por causa da tua namorada espetacular.

Olive apontou para si própria com um floreado, e o olhar dele seguiu a sua mão. Era evidente que ele não era fã de racionalizar e de trabalhar nas suas emoções.

— Ou podes ficar chateado, e podemos ir para o teu laboratório atirar tubos de ensaio cheios de reagentes tóxicos um ao outro, até a dor das queimaduras de terceiro grau anular esse humor de caca. Parece divertido, não?

Ele desviou o olhar e revirou os olhos, mas ela podia ver na curva das bochechas que estava mais animado. Provavelmente, contra a sua vontade.

— És cá uma sabichona.

— Quem sabe, mas não fui eu quem rosnou quando me perguntaram como me correu a semana.

— Eu não rosnei. E tu pediste-me chá de camomila.

Ela sorriu.

— Não precisas de agradecer.

Ficaram alguns momentos calados enquanto ela mastigava o último pedaço do bolo. Assim que engoliu, disse-lhe:

— Lamento pelos teus fundos.

Ele abanou a cabeça.

— Lamento pelo mau humor.

Oh.

— Tudo bem. És famoso por isso.

— Sou?

— Sim. É tipo, a tua cena.

— Ai é?

— Hum.

A boca dele contraiu-se.

— Se calhar queria poupar-te.

Olive sorriu, porque era uma coisa bonita de se dizer. E ele não era uma boa pessoa, mas era bastante bondoso para ela a maior parte do tempo — se não sempre. Ele estava quase a sorrir-lhe de volta, olhando-a de cima de um modo que ela não conseguiu interpretar, mas que a fez ter pensamentos estranhos, até o funcionário deixar as bebidas no balcão. De repente, pareceu que ele estava prestes a vomitar.

— Adam? Estás bem?

Ele olhou para o copo dela e deu um passo atrás.

— O *cheiro* dessa coisa.

Olive inalou profundamente. Era o paraíso.

— Odeias *latte* de abóbora com especiarias?

Ele franziu o nariz, afastando-se ainda mais.

— Nojento.

— Como podes odiar isto? É a melhor coisa que o teu país produziu no último século.

— Por favor, mantém-te afastada. O fedor.

— Ei. Se tiver de escolher entre ti e o *latte* de abóbora e especiarias, provavelmente vamos ter de repensar o nosso arranjo.

Ele fitou o copo dela como se tivesse resíduos radioativos.

— Se calhar devíamos.

Ele segurou a porta enquanto ela saía da cafetaria, tentando manter-se o mais longe possível daquela bebida. Lá fora, começava a chover. Os estudantes estavam a tirar os computadores portáteis e os cadernos à pressa das mesas do pátio, prontos a seguirem de volta às aulas ou para a biblioteca. Olive era apaixonada pela chuva desde que conseguia lembrar-se. Inalou profundamente e encheu os pulmões de petricor, detendo-se com Adam debaixo do toldo. Ele deu um gole no chá de camomila, e isso fê-la sorrir.

— Ei — disse ela. — Tenho uma ideia. Vais ao piquenique de outono das biociências?

Ele assentiu.

— Tenho de ir, estou no comité de relações públicas do departamento.

Ela soltou uma risada alta.

— Não acredito!

— *Yep*.

— Inscreveste-te nisso?

— É serviço aleatório. É a minha vez de assumir a posição.

— Ah. Isso soa... divertido. — Ela estremeceu de empatia, quase soltando outra gargalhada diante da expressão vacilante dele. — Bem, eu também vou. A Dra. Aslan obriga-nos todos

a ir, diz que estreita as relações entre colegas de laboratório. Também obrigas os teus estudantes a ir?

— Não. Tenho outras maneiras mais produtivas de os fazer sentirem-se miseráveis.

Ela riu-se. Ele era engraçado, de um modo estranho e negro muito particular.

— Aposto que tens. Bem, a minha ideia é: devíamos estar um bocado juntos enquanto estivermos lá. Diante do chefe do departamento, uma vez que ele está a «monitorizar». Eu faço olhinhos na tua direção, e ele vai ver que estamos a um passo do casamento. E depois faz um telefonema rápido e aparece um camião para despejar os fundos em dinheiro mesmo diante de...

— Então, meu?

Um homem louro dirigiu-se a Adam. Olive ficou em silêncio enquanto Adam se virava para lhe sorrir e para trocar um aperto de mão com ele — um aperto de amigos próximos. Ela pestanejou, perguntando-se se estaria a ver coisas, e deu um gole no seu *latte*.

— Pensei que estavas a dormir — estava Adam a dizer.

— A diferença horária lixou-me. Achei que era melhor vir para o *campus* e pôr-me a trabalhar. Comer qualquer coisa, também. Não tens nada para comer, meu.

— Há maçãs na cozinha.

— Exato. Não há comida.

Olive recuou um passo, pronta para se retirar, quando o homem louro se virou para ela. Pareceu-lhe estranhamente familiar, apesar de ter a certeza de nunca o ter visto antes.

— E quem é esta? — perguntou, curioso. Os olhos eram de um azul penetrante.

— Esta é a Olive — disse Adam. Houve um compasso de espera depois do seu nome, durante o qual ele deveria ter explicado *de onde* a conhecia. Mas ele não o fez, e ela não podia culpá-lo por não querer alimentar aquela história de falso-namoro diante de alguém que lhe era claramente próximo. Ela continuou a sorrir e deixou Adam continuar. — Olive, este é o meu colaborador...

— Meu. — O homem fingiu ficar chateado. — Apresenta-me como teu amigo.

Adam revirou os olhos e era evidente que estava divertido.

— Olive, este é o meu *amigo* e colaborador, o Dr. Tom Benton.

Instituto de Tecnologia do Massachusetts

Capítulo 5

♥ HIPÓTESE: Quanto mais preciso que o cérebro me ajude a ultrapassar esta situação, maior é a probabilidade de que ele congele.

— Espera aí. — O Dr. Benton inclinou a cabeça. O sorriso estava no sítio, mas o olhar tornou-se mais perspicaz, o foco em Olive era menos superficial. — Será que és a...?

Olive congelou.

A sua mente nunca era calma, nem ordeira, era mais um emaranhado confuso de pensamentos, na verdade. E ainda assim, diante de Tom Benton, a sua mente estava estranhamente calma, com várias considerações que se foram arrumando, sozinhas, no seu lugar.

A primeira era que ela era comicamente azarada. A probabilidade de a pessoa de quem ela dependia para terminar a sua adorada investigação ser um conhecido — não, um *amigo* — da pessoa de quem ela dependia para assegurar a felicidade amorosa de Anh era ridiculamente baixa. E, mesmo assim... Mas enfim, a falta de sorte de Olive não era novidade, pelo que passou à consideração seguinte.

Tinha de admitir quem era perante Tom Benton. Iam encontrar-se às 15h00, e fingir que não sabia quem ele era seria o prego no caixão dos seus planos de se infiltrar no laboratório dele. Os académicos têm egos gigantes, no fim de contas.

A última consideração: se ela conseguisse usar as palavras certas, ainda era possível deixar o Dr. Benton fora daquela confusão de falso-namoro. Adam não o tinha mencionado, o que significava que não estava a planear fazê-lo. Olive só tinha de manter o mesmo registo.

Sim. Ótimo plano. Estava no papo.

Olive sorriu, agarrou-se ao seu *latte* de abóbora e especiarias, e respondeu:

— Sim, sou a Olive Smith, a...

— A namorada de quem tanto ouvi falar?

Merda. Merda, merda, *merda*. Ela engoliu em seco.

— Hum, na realidade...

— Quem é que te disse isso? — perguntou Adam, de testa franzida.

O Dr. Benton encolheu os ombros.

— Toda a gente.

— Toda a gente — repetiu Adam. Então pareceu desconfiado: — Mesmo em Boston?

— Sim.

— Porque é que as pessoas estão a falar da minha namorada em Harvard?

— Porque tu és tu.

— Porque eu sou *eu*? — Adam parecia incrédulo.

— Já houve algumas lágrimas e puxões de cabelos. Alguns corações partidos. Mas não te inquietes, elas ultrapassam.

Adam revirou os olhos, e o Dr. Benton dirigiu a sua atenção a Olive. Sorriu-lhe, oferecendo-lhe a mão:

— É um prazer conhecer-te. Achava que a história da namorada era só um rumor, mas fico feliz por... existires. Desculpa, não apanhei o teu nome. Sou péssimo com nomes.

— Sou a Olive. — Ela apertou-lhe a mão. Ele tinha um bom aperto de mão, não demasiado forte nem demasiado frouxo.

— Em que departamento ensinas, Olive?

Oh, merda.

— Na verdade, em nenhum. Quer dizer, não sou professora.

— Desculpa, não quis assumir que fosses — sorriu, desculpando-se com modéstia. Havia um charme suave nele. Era jovem para ser professor, embora não tão jovem quanto Adam. E era alto, embora não tão alto quanto Adam. E era bonito, embora não... pois. Não era tão bonito quanto Adam.

— O que fazes, então? És parceira de investigação?

— Hum, na verdade...

— É uma aluna — disse Adam.

Os olhos do Dr. Benton abriram-se de espanto.

— Uma aluna de *doutoramento* — clarificou Adam. Havia um toque de aviso no seu tom, como se quisesse mesmo que o Dr. Benton deixasse o assunto em paz.

O Dr. Benton, naturalmente, não deixou.

— *Tua* aluna de doutoramento?

Adam franziu o sobrolho.

— Claro que não é *minha*...

Era a deixa ideal.

— Na realidade, Dr. Benton, eu trabalho com a Dra. Aslan.

— Talvez ainda pudesse salvar aquele encontro. — Provavelmente, não reconheceu o meu nome, mas já trocámos *e-mails*. Combinamos encontrar-nos hoje. Sou a estudante que está a trabalhar nos biomarcadores de cancro pancreático. A que pediu para ir trabalhar no seu laboratório durante um ano.

Os olhos do Dr. Benton arregalaram-se mais um pouco e ele murmurou algo que soou a «*Mas que raio?*» Depois a sua expressão estreitou-se num sorriso amplo.

— Adam, seu grande imbecil. Nem sequer me tinhas falado disto.

— Eu não sabia — balbuciou Adam. O olhar estava fixo em Olive.

— Como é que não sabias que a tua namorada...

— Eu não disse ao Adam porque não sabia que vocês eram amigos — intercedeu Olive. E depois pensou que não era muito credível. Se fosse realmente namorada de Adam, ele ter-lhe-ia falado dos seus amigos. Uma vez que, numa reviravolta imprevista e chocante, parecia que ele tinha pelo menos um.

— Quer dizer, hum... Nunca somei dois e dois, e não percebi que era o Tom de quem ele estava sempre a falar. — Pronto, soava melhor. Mais ou menos. — Peço desculpa, Dr. Benton, não quis...

— Tom — disse ele, ainda com o mesmo sorriso. O choque parecia ter-se transformado em surpresa agradável. — Por favor, trata-me por Tom. — Os olhos passaram de Adam para Olive durante uns segundos. Depois disse: — Ei, estão com tempo? — Apontou para a cafetaria. — Porque não entramos para falar do projeto agora? Não vale a pena esperar até à tarde.

Ela deu um gole no *latte* para refletir. Estava com tempo? Tecnicamente, sim. Teria adorado correr até ao limite do *campus* e gritar para o vazio até a civilização moderna colapsar, mas não era um compromisso urgente. E queria que o Dr. Benton — Tom — percebesse que estava disponível. Quando a vida te dá limões...

— Estou livre.

— Ótimo. E tu, Adam?

Olive ficou imóvel. E Adam também, por um segundo, antes de salientar:

— Não acho que deva estar presente, se vais fazer-lhe uma entrevista...

— Oh, não é uma entrevista. É uma conversa informal para ver se o meu projeto e o da Olive têm alguma coisa em comum. Vais querer saber se a tua namorada se vai mudar para Boston durante um ano, não? Vá lá.

Gesticulou para que o seguissem e entrou no Starbucks.

Olive e Adam trocaram um olhar silencioso que dizia muita coisa. Dizia: *Que raio é que vamos fazer?* E: *Como é que queres que eu saiba?* E: *Vai ser muito esquisito.* E: *Não, vai ser mesmo péssimo.* Então Adam suspirou, adotou uma expressão resignada e entrou. Olive seguiu-o, lamentando as suas escolhas.

— A Aslan vai reformar-se, é? — perguntou Tom, depois de se instalarem numa mesa isolada ao fundo. Olive teve de se sentar diante dele, à esquerda de Adam. Como uma «boa namorada», pensou. O seu «namorado», entretanto, estava a bebericar o seu chá de camomila ao lado dela. *Devia tirar uma fotografia a isto, refletiu ela. Ia dar um meme viral excelente.*

— Nos próximos anos — confirmou Olive. Gostava muito da sua orientadora, tinha sido sempre atenciosa e encorajadora. Dera a Olive a liberdade necessária, desde o início, para desenvolver o seu próprio programa e investigação, o que era raro no caso de alunos de doutoramento. Ter uma mentora compreensiva era ótimo para poder seguir os seus interesses, mas...

— Se a Aslan se vai reformar em breve, já não está a candidatar-se a novos financiamentos, o que é compreensível, porque não vai estar por perto para ver os projetos a consolidarem-se. O que significa que o teu laboratório não está a nadar em dinheiro neste momento — resumiu Tom, na

perfeição. — *Okay*, fala-me do teu projeto. O que há de irreverente nele?

— Eu... — começou Olive, esforçando-se por organizar os pensamentos. — Então, é... — Mais uma pausa. Desta vez mais demorada e mais desconfortável. — Hum...

Aquele era, precisamente, o seu problema. Olive sabia que era uma ótima cientista, que tinha a disciplina e o pensamento crítico necessários para produzir resultados no laboratório. Infelizmente, ser-se bem-sucedido na academia implicava alguma habilidade para expor o seu trabalho, para o vender a desconhecidos, apresentá-lo em público, e *isso* não era algo que ela gostasse de fazer, ou que fosse boa a fazer. Fazia-a sentir-se em pânico, escrutinada, como se estivessem a observá-la numa lâmina ao microscópio, e a sua capacidade de produzir frases sintéticas com coerência via-se completamente anulada.

Como naquele momento. Olive sentiu as bochechas incendiarem-se, a língua enrolou-se e...

— Que tipo de pergunta é essa? — intercedeu Adam.

Quando ela o olhou de relance, ele estava de testa franzida na direção de Tom, que se limitou a encolher os ombros.

— O que há de *irreverente* no teu projeto? — repetiu Adam.

— Sim. Irreverente. Tu entendes o que quero dizer.

— Não me parece que entenda, e se calhar nem a Olive entendeu.

Tom bufou.

— Está bem, então como é que *tu* farias a pergunta?

Adam virou-se para Olive. O joelho roçou na perna dela, morno e estranhamente tranquilizador, através das calças de ganga.

— A que tipo de problemas é que a tua investigação pretende dar resposta? Porque é que achas que é relevante? Que lacunas é que vem colmatar, nos manuais académicos? Que métodos é que estás a usar? Que tipo de obstáculos prevês?

Tom voltou a bufar.

— Certo, seja. Responde-me a todas essas perguntas compridas e chatas, Olive.

Ela deitou um olhar a Adam, e descobriu que ele estava a estudá-la com uma expressão calma e encorajadora. O modo como ele acabava de formular as perguntas ajudou-a a organizar os pensamentos, e entender que tinha resposta para cada um daqueles pontos desanuviou parte do pânico. Era possível que não fosse intencional da parte de Adam, mas tinha-lhe prestado um favor.

Olive recordou-se do Gajo da casa de banho, o de há vários anos. *Não faço ideia se és boa o suficiente*, tinha ele dito. *O que importa é se a razão pela qual estás na academia é boa o suficiente*. Ele tinha dito que os motivos de Olive eram os melhores e, por isso, ela ia conseguir. *Precisava* de conseguir.

— *Okay* — começou, depois de respirar fundo, reunindo tudo o que tinha ensaiado na noite anterior com Malcolm. — Aqui vai. O cancro do pâncreas é muito agressivo e mortal. Tem um diagnóstico muito fraco, e só uma em quatro pessoas ainda está viva um ano depois desse diagnóstico. — A voz dela, pensou, parecia menos aflita e mais confiante. Ótimo. — O problema é que é muito difícil detetá-lo, só se chega a um diagnóstico já bastante tarde. Por essa altura, o cancro já se espalhou por toda a parte, e a maioria dos tratamentos já não consegue revertê-lo. Mas se o diagnóstico fosse mais rápido...

— As pessoas poderiam começar os tratamentos mais cedo e ter uma maior probabilidade de sobreviver — disse Tom, acenando com alguma impaciência. — *Yep*, sei disso muito

bem. Já temos algumas ferramentas para o detetar, como a imagiologia...

Ela não estava surpreendida por ele ter mencionado a imagiologia, posto que era a especialidade do seu laboratório.

— Sim, mas é caro, demora tempo, e muitas vezes não é eficaz por causa da posição do pâncreas. Mas... — respirou fundo mais uma vez. — Eu acho que encontrei uma sequência de biomarcadores. Não a partir da biópsia de uma amostra de tecido, mas biomarcadores sanguíneos. Não invasivos, fáceis de obter. Baratos. Nos ratos, conseguem detetar o cancro pancreático desde o primeiro estágio.

Ela deteve-se. Tom e Adam estavam de olhos postos nela. Tom parecia claramente interessado e Adam parecia... um bocadinho estranho, para dizer a verdade. Impressionado, talvez? Não, era impossível.

— *Okay*, soa promissor. Qual é o próximo passo?

— Recolher mais dados. Proceder a mais análises, com melhor equipamento, para poder provar que esta sequência de biomarcadores merece um ensaio clínico. Mas, por enquanto, preciso de um laboratório maior.

— Estou a ver. — Ele assentiu, com uma expressão pensativa, e depois reclinou-se para trás na cadeira. — Porquê o cancro do pâncreas?

— É um dos mais letais, e sabemos pouco sobre como...

— Não — interrompeu Tom. — A maioria dos alunos do terceiro ano de doutoramento está demasiado ocupada a debater-se com a centrífugadora para desenvolver a sua própria linha de pesquisa. Tem de haver uma razão para estares tão motivada. Tens alguém próximo com cancro?

Olive engoliu em seco antes de responder, relutante:

— Sim.

— Quem?

— Tom — disse Adam, com um tom de aviso na voz. O joelho dele ainda estava a pressionar-lhe a coxa. Ainda estava morno e, ainda assim, Olive sentiu o sangue a gelar. Ela não queria mesmo, mesmo nada dizer aquilo. E, ainda assim, não podia ignorar a questão. Precisava da ajuda de Tom.

— A minha mãe.

Okay. Já tinha saído. Tinha contado, e podia voltar a tentar não pensar nisso...

— Ela morreu?

O coração acelerou. Olive hesitou, e depois anuiu em silêncio, sem olhar para nenhum dos homens à mesa. Sabia que Tom não estava a tentar ser mau, as pessoas acabavam por se sentir curiosas. Mas não era uma coisa sobre a qual Olive gostasse de falar. Era raro falar desse assunto, mesmo com Anh e com Malcolm, e tinha evitado escrever sobre a sua experiência na candidatura ao doutoramento, mesmo quando lhe disseram que poderia ajudá-la a ser admitida.

Ela simplesmente... não podia. Não podia.

— Que idade tinhas...

— *Tom* — interrompeu Adam, áspero. Pousou o chá com mais força do que seria necessário. — Para de assediá-la a minha namorada. — Era mais uma ameaça do que um aviso.

— Está bem. Sim, sou um sacana insensível — sorriu Tom, arrependido.

Olive reparou que ele estava a olhar sobre o ombro dela. Quando seguiu o seu olhar, percebeu que Adam tinha pousado o braço nas costas da cadeira dela. Não estava a tocar-lhe, mas havia qualquer coisa... protetora, naquele gesto. Ele parecia

gerar enormes quantidades de calor, o que não era de rejeitar naquele momento. Ajudou a derreter o sentimento de aversão que a conversa com Tom tinha deixado a pairar no ar.

— Mas, se virmos bem, o teu namorado também é. — Tom piscou-lhe o olho. — *Okay*, Olive. Fazemos assim — Tom inclinou-se para a frente, apoiando os cotovelos na mesa. — Eu li o teu trabalho e o esboço que me submeteste para a conferência da SDB. Ainda tens intenção de ir?

— Se me aceitarem.

— Tenho a certeza de que sim. É um trabalho excelente. Mas parece que o teu projeto progrediu ainda mais desde que o submeteste, e gostaria de saber mais sobre isso. Se decidir que podes vir trabalhar no meu laboratório para o ano, ficas inteiramente por minha conta: salário, material, equipamento, o que quer que possas precisar. Mas preciso de saber em que pé estás, para perceber se vale a pena investir.

Olive sentiu a cabeça a andar à roda. Soava promissor. Muito promissor.

— Eis o que proponho. Dou-te duas semanas para preparares um relatório com tudo o que fizeste até aqui: protocolos, descobertas, desafios. Em duas semanas, envias-me esse relatório e eu tomo uma decisão baseada nele. Parece-te exequível?

Ela sorriu e concordou com entusiasmo.

— Sim! — Poderia fazer isso, sem dúvida.

Só tinha de repescar a introdução de um dos seus documentos, os métodos do protocolo do laboratório e a informação preliminar que tinha submetido à aprovação de uma bolsa que não lhe fora concedida. E teria de refazer algumas análises, para se certificar de que o relatório que ia enviar a Tom não continha nenhum erro. Seria muito trabalho

em tão pouco tempo, mas quem precisa de dormir, afinal? Ou de ir à casa de banho?

— Ótimo. Entretanto vemo-nos por aí e podemos voltar a falar disto. Eu e o Adam vamos andar colados nas próximas semanas, a desenvolver o projeto da bolsa que acabámos de ganhar. Vens à minha apresentação de amanhã?

Olive nem sabia que ele ia fazer uma apresentação, quanto mais onde ou quando seria, mas respondeu:

— Claro! Mal posso esperar! — Com a certeza de alguém que tinha uma contagem decrescente ativa no telemóvel.

— E estou na casa do Adam, por isso vemo-nos lá.

Oh, não.

— Hum... — Atreveu-se a olhar para Adam, que estava inexpressivo. — Claro. Embora geralmente seja ele quem vem à minha casa, por isso...

— Estou a ver. Não és fã da coleção de taxidermia dele, pois não? — disse Tom, pondo-se de pé com um sorriso pretensioso. — Só um momento. Vou buscar café e venho já.

No instante em que ele se afastou, Olive virou-se para Adam. Estavam sozinhos, com dez milhões de tópicos para discutir, mas a pergunta mais urgente foi:

— A sério que tens uma coleção de taxidermia?

Ele atirou-lhe um olhar mordaz e removeu o braço que mantivera nos ombros dela. Ela sentiu-se fria, de repente. Desolada.

— Desculpa. Não fazia ideia de que ele fosse teu amigo, ou que tinham uma bolsa juntos. Fazem pesquisas tão diferentes, a possibilidade nem me cruzou a mente.

— Tu é que mencionaste que não achas que os investigadores de cancro possam beneficiar da colaboração com modeladores

computacionais.

— Tu... — Ela reparou em como a boca dele se retorcia de riso e perguntou-se quando, exatamente, é que tinham começado a provocar-se um ao outro. — Como é que vocês se conheceram?

— Ele estava em pós-doutoramento no meu laboratório, quando eu era estudante de doutoramento. Estivemos sempre em contacto, e colaborámos ao longo dos anos.

Então ele devia ser quatro ou cinco anos mais velho do que Adam.

— Andaste em Harvard, certo?

Ele assentiu, e ocorreu-lhe uma ideia aterrorizadora:

— E se ele se sentir obrigado a aceitar a minha candidatura porque sou a tua falsa-namorada?

— O Tom não faria isso. Uma vez, despediu um primo por ele ter partido um citómetro de fluxo. Não é nenhum coração mole.

É preciso ter-se um para se reconhecer outro, pensou ela.

— Ouve, desculpa por isto te estar a obrigar a mentir ao teu amigo. Se quiseres contar-lhe a verdade...

Adam sacudiu a cabeça.

— Se contasse, ele nunca mais havia de me deixar em paz com isso.

Ela deu uma gargalhada.

— Pois, é o mais provável. E, sinceramente, também não ia abonar em meu favor.

— Mas, Olive, se decidires que queres ir para Harvard, vais ter de guardar segredo até ao fim de setembro.

Ela arquejou, dando conta das implicações do que ele estava a dizer.

— Claro. Se souberem que estou de partida, nunca vão achar que vais querer ficar. Nem tinha pensado nisso. Prometo que não conto a ninguém! Quer dizer, só ao Malcolm e à Anh, mas eles são ótimos a guardar segredos, jamais...

Ele arqueou as sobrancelhas. Olive estremeceu.

— Vou *obrigá-los* a guardar este segredo. Juro.

— Agradeço.

Reparou que Tom estava a voltar para a mesa e inclinou-se para Adam, para um sussurro rápido:

— Só mais uma coisa. Que apresentação é essa que ele disse, a tal que vai dar amanhã?

— A que «mal podes esperar»?

Olive mordeu o interior da bochecha.

— Sim. É onde e quando?

Adam riu-se baixinho no momento exato em que Tom estava a sentar-se.

— Não te preocupes, envio-te tudo por *e-mail*.

Capítulo 6

♥ HIPÓTESE: Quando comparado a diversas peças de mobiliário, o colo de Adam Carlsen será classificado no *top* cinco quanto a conforto, aconchego e satisfação.

No instante em que Olive abriu a porta do auditório, ela e Anh trocaram um olhar espantado como se dissessem, em uníssono: «Raios!»

Nos seus dois anos em Stanford, tinha assistido a inúmeros seminários, formações, palestras e aulas naquela sala de eventos, mas nunca tinha visto o espaço tão preenchido. Será que Tom estava a distribuir cerveja gratuita?

— Acho que a apresentação é obrigatória para os alunos de imunologia e de farmacologia — disse Anh. — E ouvi pelo menos cinco pessoas a dizerem que o Tom é um conhecido «cientista *sexy*». — Ela fitou o pódio com um olhar crítico, e viu Tom a conversar com a Dra. Moss, de imunologia. — Concordo que é giro. Mas não tão giro quanto o Jeremy.

Olive sorriu. A atmosfera na sala era quente e húmida, e cheirava ao suor de demasiados seres humanos juntos.

— Não tens de ficar. A sala pode incendiar-se a qualquer momento e não tem nenhum interesse para a tua pesquisa...

— Prefiro estar aqui do que estar mesmo a trabalhar. — Agarrou o pulso de Olive, puxou-a pela multidão de estudantes de doutoramento e de pós-doutoramento e desceram as escadas laterais. Também ali estava tudo apinhado. — E se este tipo te vai levar para Boston, para longe de mim durante um ano, quero assegurar-me de que te merece — piscou-lhe o olho. — Considera a minha presença o equivalente a um pai que está a limpar a caçadeira diante do namorado da filha antes do baile de finalistas.

— Que fofura, papá.

Não havia nenhum lugar livre, claro, nem sequer no chão ou nos degraus. Olive descobriu Adam numa cadeira na nave a alguns metros de distância. Estava de novo com a camisola *Henley* e profundamente envolvido numa conversa com Holden Rodrigues. Quando os olhos de Adam encontraram os de Olive, ela sorriu-lhe e acenou. Por alguma razão desconhecida, que possivelmente estava ligada ao facto de partilharem um segredo enorme, ridículo e inexplicável, Adam parecia-lhe um rosto amigo. Não lhe acenou de volta, mas o olhar pareceu suavizar-se e amolecer um pouco e a boca agitou-se naquela careta que ela agora entendia ser a sua versão de um sorriso.

— Não acredito que não mudaram esta apresentação para um auditório maior. Não há mesmo espaço para... Oh, *não*, não, não, não.

Olive seguiu o olhar de Anh e viu entrar pelo menos mais vinte pessoas. A multidão empurrou-as imediatamente para a frente da sala. Anh gritou quando um rapaz do primeiro ano de neurociências, que tinha pelo menos quatro vezes o seu peso, lhe pisou os dedos do pé.

— Isto é ridículo.

— Eu sei. Não acredito que ainda há mais gente a...

A anca de Olive bateu em qualquer coisa — em alguém. Virou-se para se desculpar e era Adam. Ou o ombro de Adam. Ele ainda estava a falar com o Dr. Rodrigues, que tinha uma expressão desagradável enquanto murmurava:

— Recorda-me porque é que estamos aqui.

— Porque ele é um amigo — disse Adam.

— Não é *meu* amigo.

Anh suspirou e virou-se para olhar para Olive.

— Ei, desculpa — gesticulou, na direção da entrada. — Chegou ainda mais gente e aparentemente o espaço nesta sala é finito. Acho que é uma lei da física, ou qualquer coisa do género.

— Tudo bem.

— Eu recuaria um passo, mas...

No pódio, a Dra. Moss pegou no microfone e começou a apresentar Tom.

— Ei — disse Adam a Olive, preparando-se para se levantar diante da sua cadeira. — Fica com o meu lugar.

— Oh. — Era uma oferta generosa. Não tão generosa quanto a de aceitar fingir que namoravam para a ajudar, ou a de gastar vinte dólares em comida nada saudável com ela, mas ainda assim era muito simpático da parte dele. Olive não podia aceitar. Além disso, Adam era um professor, o que significava que era mais velho e tudo. Trinta e qualquer coisa. Tinha um ar saudável, mas provavelmente tinha um joelho problemático e estava a poucos anos da osteoporose.

— Obrigada, mas...

— Na verdade, é uma péssima ideia — interrompeu Anh. Os olhos iam de Olive para Adam. — Sem querer ser maleducada, Dr. Carlsen, mas é três vezes maior do que a Olive. Se se puser de pé, a sala vai passar-se.

Adam olhou para Anh como se estivesse na dúvida se tinha acabado de ser insultado.

— Mas — continuou ela, desta vez de olhos postos em Olive — fazias-me um favor se te sentasses ao colo do teu namorado, Ol. Assim já não precisava de estar aqui em bicos de pés.

Olive pestanejou. E voltou a pestanejar. E pestanejou mais um bocado. Perto do pódio, a Dra. Moss ainda estava a apresentar Tom.

— Obteve o seu doutoramento em Vanderbilt e avançou para um pós-doutoramento em colaboração com a Universidade de Harvard, onde foi pioneiro numa série de técnicas no campo da imagiologia — mas a voz chegava-lhe de muito longe. Possivelmente porque Olive não conseguia parar de pensar no que Anh acabava de lhe propor, o que era...

— Anh, não me parece boa ideia — balbuciou, sem fôlego, evitando olhar na direção de Adam.

Anh atirou-lhe um olhar de estranheza.

— Porquê? Estás a ocupar espaço desnecessário, é lógico que uses o Carlsen como cadeira. Eu usaria, mas ele é teu namorado, não meu.

Por um instante, Olive tentou imaginar o que Adam faria se Anh decidisse sentar-se no seu colo, e percebeu que aquilo iria acabar com alguém a cometer assassinato e alguém assassinado, e não estava certa de quem seria quem. A imagem era tão ridícula que quase desatou a rir alto. Depois, reparou que Anh estava a olhá-la com expectativa.

— Anh, *não* posso.

— Porquê?

— Porque isto é uma apresentação científica.

— Por favor. Lembras-te de quando, no ano passado, a Jess e o Alex se enrolaram durante quase toda a palestra do CRISPR²?

— Lembro-me, e foi *estranho*.

— *Nah*, não foi nada. Além disso, o Malcolm jura que viu, durante um seminário, um gajo de imunologia a ser

masturbado por...

— *Anh!*

— O que interessa é que ninguém quer saber disso para nada.
— A expressão de Anh suavizou-se, tornou-se suplicante. — E o cotovelo desta rapariga está a espetar-me o pulmão direito, e só tenho mais trinta segundos de oxigénio... Por favor, Olive.

Olive virou-se para encarar Adam, que, sem surpresa, a observava com a sua não-expressão do costume, a tal que Olive não conseguia decifrar. Exceto quando movia o maxilar, e ela perguntava-se se seria isso. A gota de água. O momento em que ele saltava fora do combinado. Porque nem os milhões de dólares para investigação poderiam compensar o facto de ter uma rapariga que mal conhecia sentada ao colo na sala mais apinhada na história das salas apinhadas.

Importas-te? Tentou perguntar-lhe com os olhos. Porque se calhar é um bocadinho demais. Muito pior do que dizermos olá um ao outro e tomarmos café juntos.

Ele respondeu-lhe com um aceno breve, e depois Olive — ou pelo menos o corpo de Olive, aproximou-se de Adam e sentou-se desajeitadamente na sua coxa, os joelhos acomodados entre as pernas afastadas dele. Estava a acontecer. Já tinha acontecido. Olive estava lá.

Sentada.

Em.

Adam.

Aquilo. *Yep, aquilo.*

Aquilo era a vida dela agora.

Ia matar Anh por causa daquilo. Devagarinho. Se calhar, optando por infligir também alguma dor. Iria presa por assassinar a melhor amiga, e isso não a incomodava.

— Desculpa — sussurrou a Adam. Ele era tão alto, a boca dela mal chegava ao seu ouvido. Conseguia cheirá-lo; o toque amadeirado do champô, ao gel de banho, e a algo debaixo disso tudo, escuro, bom e limpo. Tudo lhe pareceu familiar e, por alguns segundos, Olive percebeu que era por causa da última vez em que tinham estado assim tão próximos. Por causa d’A Noite. Por causa do beijo. — Peço muita, *muita* desculpa.

Ele não respondeu logo. Tinha o maxilar tenso e estava de olhos postos no *PowerPoint*. A Dra. Moss tinha desaparecido, Tom estava a falar dos diagnósticos de cancro, e Olive poderia ter engolido tudo aquilo num dia normal, mas naquele momento só queria fugir. Fugir daquela apresentação. Daquela sala. Da sua própria vida.

Então, Adam virou um pouco o rosto e disse-lhe:

— Está tudo bem.

Soou um pouco rígido. Como se nada, naquela situação, estivesse bem.

— Desculpa. Não podia adivinhar que ela ia sugerir uma coisa destas, e não me ocorreu como escap...

— Chiu. — O braço dele rodeou-lhe a cintura, a mão foi repousar na sua anca, num gesto que poderia ser desconfortável mas que ela assumiu como tranquilizador. A voz dele voltou a falar-lhe, baixinho, quando ele reafirmou: — Está tudo bem. — As palavras vibraram-lhe no ouvido, plenas e quentes. — Mais pontos a abordar na queixa do artigo IX.

Merda.

— Desculpa, lamento imenso...

— Olive.

Ela levantou os olhos e encontrou os dele. Ficou surpreendida por perceber que, se não estava a sorrir, parecia.

— Estava a brincar. Não pesas nada, não me importo.

— Eu...

— Chiu. Foca-te na conversa. O Tom pode fazer-te perguntas sobre isto.

Aquilo era só... A sério, a situação toda era simplesmente, inequivocamente...

Confortável. O colo de Adam Carlsen era um dos sítios mais confortáveis do mundo. Era quente e sólido de um modo agradável e suave, e ele não parecia nada ralado por a ter meio espojada em cima de si. Pouco tempo depois, ela percebeu que a sala estava demasiado cheia de gente para que reparassem neles, à exceção de Holden Rodrigues, que lhes dirigiu um olhar rápido e se pôs a estudar Adam por um momento, para depois sorrir afetuosamente a Olive antes de se concentrar na apresentação. Ela parou de fingir que conseguia manter a coluna direita por mais do que cinco minutos, e apoiou-se no torso de Adam. Ele não disse nada, mas mexeu-se um pouco, para a poder acomodar melhor, com mais conforto.

Algures a meio da apresentação, ela deu conta de que estivera a deslizar pela perna de Adam. Ou, para dizer a verdade, Adam é que reparara nisso e puxara-a para cima com um gesto firme e rápido, o que a fez sentir que não pesava nada. Uma vez estável, ele não voltou a mover o braço de onde o pusera, em torno da cintura dela. A conversa já ia em trinta e cinco minutos, e mais parecia que durava há um século, por isso ninguém podia culpar Olive por se afundar um bocadinho mais nele.

Foi bom. Foi melhor do que bom, na realidade. Foi agradável.

— Não adormeças — murmurou ele. Ela sentiu os lábios dele moverem-se sobre os cabelos finos da sua têmpora. Deveria ser uma deixa para Olive se endireitar, mas não conseguiu obrigar-se a isso.

— Não estou a adormecer. Embora sejam muito aconchegante.

Os dedos dele apertaram-na com mais força, talvez para a despertar, talvez para a trazer para mais perto. Ela estava prestes a derreter na cadeira e a começar a risonar.

— Parece mesmo que vais tirar uma sesta.

— É que já li todos os artigos do Tom, já sei tudo o que ele está a dizer.

— Pois, eu também. Citámos isto tudo na candidatura à bolsa — suspirou ele, e ela sentiu o corpo dele a mover-se debaixo do seu. — Isto é chato.

— Se calhar devias fazer uma pergunta, para agitar as coisas.

Adam virou-se devagar para ela.

— Eu?

Ela ajeitou o ângulo da cabeça para lhe dizer ao ouvido:

— Tenho a certeza de que consegues inventar alguma coisa. Levanta a mão e faz uma observação maldosa ao teu estilo. Fulmina-o. Pode evoluir para uma explosão de pancadaria.

A bochecha dele curvou-se.

— És cá uma sabichona.

Olive voltou a olhar para os diapositivos, a sorrir.

— Tem sido estranho? Ter de mentir ao Tom sobre nós?

Adam pareceu ponderar na resposta.

— Não — hesitou. — Parece que os teus amigos acreditam que estamos juntos.

— Acho que sim. Não sou uma mentirosa muito convincente, e às vezes penso que a Anh está desconfiada. Mas no outro dia entrei na sala de convívio e dei com ela e o Jeremy na marmelada.

Ficaram em silêncio a assistir aos últimos minutos da apresentação. Um pouco adiante, Olive pôde ver dois professores a dormir uma sesta, e vários a trabalhar sorrateiramente nos seus computadores portáteis. Ao lado de Adam, o Dr. Rodrigues tinha estado a jogar *Candy Crush* no telemóvel durante a última meia hora. O mesmo tinham feito vários outros alunos ao redor de Olive, o que significava que ela poderia, tecnicamente, pôr-se de pé e deixar Adam em paz. Tecnicamente. Tecnicamente, havia uma cadeira livre algures entre a terceira e a última fileira. Tecnicamente.

Em vez disso, ela levou os lábios uma vez mais à orelha de Adam e sussurrou:

— Está a correr muito bem para mim, esta história do falso-namoro. — Melhor do que bem. Melhor do que ela poderia ter imaginado.

Adam pestanejou uma vez e depois assentiu. O braço dele ficou um pouco tenso ao redor dela. Talvez fosse só impressão, mas a mente de Olive estava a pregar-lhe partidas. Estava a ficar tarde, fosse como fosse. Já tinha tomado o último café há bastante tempo, e não estava bem acordada. Os seus pensamentos começavam a ficar desordenados e relaxados.

— E para ti?

— Hum? — Adam não estava a olhar para ela.

— Está a funcionar para ti? — soou um pouco carente. Olive disse a si própria que era só porque tinha de manter a voz baixa. — Ou queres antecipar o nosso falso-rompimento?

Por um segundo, ele não respondeu. Depois, no momento em que a Dra. Moss voltou a pegar no microfone para agradecer a Tom e perguntar se alguém tinha questões na audiência, ela ouviu-o dizer:

— Não. Não quero um falso-rompimento.

Ele cheirava mesmo bem. E era engraçado de uma forma estranha e impassível, e, sim, um conhecido canalha, mas amistoso o suficiente para com ela para que Olive pudesse ignorar esse seu lado. Além disso, andava a gastar uma fortuna em açúcar com ela. Sinceramente, ela não tinha do que se queixar.

Olive acomodou-se de modo mais confortável e voltou a atenção para o pódio.

Depois da apresentação, Olive ponderou descer até ao pódio e congratular Tom, aproveitando para lhe fazer uma ou duas perguntas cujas respostas já conhecia. Infelizmente, havia dezenas de pessoas que aguardavam pelo mesmo, e decidiu que não valia a pena ficar na fila para o bajular. Então despediu-se de Adam, esperou que Anh acordasse da sua sesta, enquanto considerava vingar-se pintando-lhe um pénis no rosto, e depois dirigiu-se devagar com a amiga para o outro lado do *campus*, onde ficava o complexo de biologia.

— Vai dar muito trabalho, esse relatório que o Benton pediu?

— Bastante. Preciso de fazer uns estudos de controlo para assegurar os resultados que obtive. Além disso, tenho de trabalhar noutras coisas com a orientadora, e na minha apresentação para a conferência da SDB, em Boston. — Olive inclinou a cabeça para trás, sentindo o sol a aquecer-lhe a pele,

e sorriu. — Se me barricar no laboratório todas as noites desta semana e da próxima, devo conseguir acabar tudo a tempo.

— A conferência da SDB é animadora, pelo menos.

Olive assentiu. Não era grande fã das conferências académicas, uma vez que os custos de inscrição eram proibitivos, a somar às despesas com deslocações e alojamento. Mas Malcolm e Anh também iam à SDB, e Olive estava entusiasmada por poder explorar Boston com eles. Além disso, o drama interno do departamento, que estalava sempre em situações de encontros académicos, prometia entretenimento de primeira linha.

— Estou a organizar um evento de divulgação para as mulheres BIPOC nas STEM de todo o país. Vêm estudantes de doutoramento falar com os de pós-graduação que vão candidatar-se, para lhes garantir que se quiserem percorrer esta estrada não vão estar sozinhos.

— Anh, isso é fantástico. *Tu* és fantástica.

— Eu sei. — Anh piscou-lhe o olho, enquanto enfiava o braço no de Olive. — Podemos partilhar um quarto no hotel. E arranjar brindes gratuitos das cabinas de expositores, e ser enxotadas ao mesmo tempo. Lembras-te de quando fomos à de Genética Humana, e o Malcolm ficou bêbedo e começou a bater em qualquer um que passasse com aquele póster enrolado? O que é que se passa ali?

Olive estreitou os olhos, de frente para o sol. O parque de estacionamento do edifício de biologia estava estranhamente congestionado. As pessoas buzonavam e saíam dos carros, para tentar perceber o que estava a atrapalhar tudo. Ela e Anh contornaram uma fila de veículos parados e encontraram um grupo de estudantes de biologia.

— Alguém ficou sem bateria e está a obstruir a saída — disse Greg, um dos colegas de laboratório de Olive, a revirar os olhos e a balançar-se, com impaciência, para a frente e para trás. Apontou para a carrinha vermelha de lado, na curva mais inconveniente do parque.

Olive reconheceu o veículo de Cherie, a secretária do departamento.

— Amanhã defendo a minha tese, preciso de ir para casa preparar-me. Isto é ridículo, e que raio é que a Cherie está ali a fazer, a conversar ociosamente com o Carlsen? Querem que levemos chá e sanduíches de pepino?

Olive olhou ao redor, à procura da figura alta de Adam.

— Oh, sim, está ali o Carlsen — disse Anh. Olive seguiu a sua indicação, bem a tempo de ver Cherie voltar para o volante e Carlsen a correr à volta da carrinha.

— O que é que ele... — foi tudo o que Olive conseguiu dizer, antes de ele se deter, pôr as mãos na traseira da carrinha em ponto morto, e começar a...

Empurrar.

Os ombros e bíceps distenderam a camisola *Henley*. Os músculos firmes do seu tronco agitaram-se e tornaram-se tensos debaixo do tecido preto, conforme ele se inclinava para a frente e empurrava várias toneladas de carrinha durante... uma distância considerável até ao lugar de estacionamento mais próximo.

Oh.

Houve aplausos e assobios dos transeuntes, quando a carrinha desobstruiu a passagem, e alguns docentes de neurociências deram palmadinhas no ombro de Adam conforme a corrente de carros começou a descongestionar o parque.

— Até que enfim — disse Greg, atrás de Olive, enquanto ela se deixou ficar ali a pestanejar, um tanto chocada. Estaria a ter alucinações? Ou Adam tinha mesmo acabado de empurrar uma carrinha gigante sozinho? Será que ele era um extraterrestre do planeta Krypton que se transformava em super-herói à luz da lua?

— Ol, vai dar-lhe um beijo.

Olive deu meia-volta, de repente recordada da existência de Anh.

— O quê? — Não. *Não*. — Não é preciso. Despedimo-nos há um minuto e...

— Ol, porque é que não queres beijar o teu namorado?

Hum.

— Eu... Não é que não queira. Só acho que...

— Miúda, ele acabou de desviar uma carrinha. Sozinho. Num terreno a subir. Merece a porcaria de um beijo. — Anh enxotou Olive e fingiu que lhe apontava uma arma.

Olive cerrou os dentes e encaminhou-se para Adam, a desejar ter desenhado vinte pénis na cara de Anh quando tivera oportunidade. Se calhar, ela desconfiava mesmo que a relação com Adam era a fingir. Ou, se calhar, apenas se divertia a instigar demonstrações públicas de afeto, aquela ingrata. Fosse como fosse, se aquela era a paga por engendrar um plano intricado de falso-namoro, que se propunha apenas a beneficiar a vida amorosa de uma amiga, então talvez...

Olive parou de repente.

A cabeça de Adam estava inclinada para a frente, o cabelo preto cobria-lhe a testa, conforme ele limpava o suor dos olhos com a bainha da camisola. O gesto deixou à vista uma tira de pele do seu tronco, e não era nada indecente, nada invulgar,

era só o diafragma de um homem em boa forma, mas por algum motivo Olive não conseguiu deixar de fitar a pele desnudada de Adam Carlsen, como se ele fosse um bloco de mármore italiano e...

— Olive? — disse ele, e os olhos dela subiram imediatamente para os dele. Merda, era evidente que a tinha apanhado a olhar. Primeiro, tinha-o obrigado a beijá-la, e agora estava a cobiçá-lo no parque de estacionamento como se fosse uma pervertida e... — Precisas de alguma coisa?

— Não, eu... — sentiu as bochechas ficarem escarlates.

A pele dele também estava assim; ruborizada do esforço de empurrar, e os seus olhos, brilhantes e límpidos, e ele parecia... Bem, pelo menos não parecia infeliz por a ver.

— A Anh mandou-me vir dar-te um beijo.

Ele congelou a meio de limpar as mãos na camisola. E depois disse «Ah» no seu tom neutro e indecifrável do costume.

— Porque desviaste a carinha. Eu... eu sei como soa ridículo. Eu sei. Mas não quis que ela ficasse desconfiada, e também há aqui alguns membros da administração, se calhar podem contar ao chefe do departamento e seriam dois coelhos com uma cajadada, mas posso ir-me embora se...

— Está tudo bem, Olive. Respira.

Certo. Sim. Bom conselho. Olive respirou, e ao fazê-lo percebeu que tinha estado a conter-se há algum tempo, o que a levou a sorrir a Adam, que a contemplou com o seu retorcer de lábios. Estava a começar a habituar-se a ele. Às expressões dele, ao seu tamanho, ao modo particular como se comportava quando estavam no mesmo espaço.

— A Anh está a olhar para nós — disse ele, olhado por cima da cabeça de Olive.

Olive suspirou e apertou a ponta do nariz.

— Aposto que sim — balbuciou.

Adam limpou o suor das têmporas e das costas da mão.

Olive contorceu-se.

— Então... damos um abraço, ou assim?

— Oh — Adam olhou para as mãos e para si próprio. — Acho que não queres fazer isso. Estou todo sujo.

Antes de poder evitar, Olive estudou-o dos pés à cabeça, registando o seu corpo amplo, os ombros largos, e o modo como o cabelo encaracolava junto às orelhas. Ele não parecia *nada* sujo. Nem sequer a Olive, que não apreciava, habitualmente, tipos que tinham ar de passar dois dígitos do seu tempo no ginásio. Ele parecia...

Nada sujo.

Ainda assim, era melhor se não se abraçassem. Olive podia acabar a fazer alguma coisa notoriamente estúpida. Ia só dizer adeus e virar-lhe as costas. Sim, era isso que devia fazer.

Só que acabou por proferir algo absolutamente insano:

— Então, damos um beijo? — ouviu-se dizer. E desejou, nesse mesmo momento, que um meteorito à deriva atingisse o sítio exato em que ela se encontrava, porque... será que ela tinha acabado de pedir um beijo a Adam Carlsen? Era isso que ela tinha feito? Estaria doida, de repente?

— Quer dizer, não um *beijo*, beijo — apressou-se a acrescentar. — Como o da última vez? Tu sabes.

Não pareceu que ele soubesse. O que fazia sentido, porque o outro beijo tinha sido um *beijo*, beijo. Olive tentava não pensar demasiado nisso, mas de vez em quando atravessava-lhe a mente, quase sempre quando estava a fazer alguma coisa importante que exigia a sua atenção por completo, como

implantar elétrodos no pâncreas de um rato, ou tentar decidir o que pedir do menu do Subway. De vez em quando, vinha-lhe à ideia em momentos mais calmos, como quando estava na cama prestes a adormecer, e sentia um misto de embaraço, de incredibilidade e de mais qualquer coisa. Alguma coisa que não tinha intenção de analisar de perto, nem agora nem nunca.

— Tens a certeza?

Ela anuiu, embora não tivesse certeza nenhuma.

— A Anh ainda está a olhar para nós?

Ele seguiu-a com os olhos.

— Sim. Ela nem sequer está a fingir que não está a olhar. Eu... Mas porque é que ela se interessa tanto por isto? És famosa?

— Não, Adam — gesticulou na direção dele. — *Tu* é que és.

— Eu? — Ele pareceu espantado.

— De qualquer forma, não é preciso beijarmo-nos. Tens razão, ia ser esquisito.

— Não. Não, não foi isso que eu quis dizer... — Havia uma gota de suor a descer-lhe pela têmpora, e ele voltou a limpar o rosto, desta vez com a manga da camisola. — Podemos beijar-nos.

— Oh.

— Se achas que... Se a tua amiga estiver a olhar.

— Sim. — Olive engoliu em seco. — Mas não temos de o fazer.

— Eu sei.

— A menos que queiras. — As palmas das mãos de Olive estavam húmidas e peganhentas, então limpou-as

discretamente às calças de ganga. — E com «queiras» quero dizer, a menos que aches que é boa ideia.

Não era mesmo uma boa ideia. Era uma ideia péssima. Como *todas* as ideias dela.

— Certo. — Ele voltou a olhar para lá de Olive, para Anh, que possivelmente estava a meio de preparar uma história de Instagram sobre eles. — Vamos lá, então.

— *Okay.*

Ele deu um passo em frente e, realmente, não estava sujo. Como é que alguém tão suado, alguém que tinha empurrado uma carrinha, ainda conseguia cheirar bem, era um assunto digno de uma tese de doutoramento, sem dúvida. Os cientistas mais distintos da Terra teriam ficado perplexos com aquilo.

— Porque é que eu não... — Olive soergueu-se, e deixou a mão vacilar um pouco, antes de a pousar no ombro de Adam. Empinou-se nas pontas dos pés, posicionando a cabeça na direção dele. Não foi grande ajuda, porque Olive continuava a não ser alta o suficiente para lhe chegar aos lábios, por isso tentou equilibrar-se apoiando também a outra mão no ombro dele, e deu conta de estar, basicamente, a abraçá-lo. Que era exatamente o que ele lhe tinha pedido que não fizesse há um segundo. *Merda.*

— Desculpa, demasiado perto? Não quis...

Teria acabado a frase, se ele não se tivesse limitado a vencer a distância entre eles e a, simplesmente, beijá-la. Assim, de repente.

Foi pouco mais do que um encontro de bocas, os lábios dele apenas pressionaram os dela, e a mão dele pousou na sua anca por um instante. Foi um beijo, mas fraco, e com certeza não justificava o modo como o coração dela se pôs a bater no peito, ou que houvesse algo quente e líquido a acumular-se no

seu ventre. Não foi desagradável, mas foi um pouco confuso e até assustador, ainda assim. Quando ela voltou a apoiar-se nas plantas dos pés, pareceu que, por uma fração de segundo, Adam a acompanhou, como se procurasse preencher o vazio entre as suas bocas. No entanto, quando ela pestanejou para afastar a névoa do beijo, ele já estava direito diante dela, com as maçãs do rosto tingidas de vermelho e o peito a subir e a descer numa respiração superficial. Ela devia ter sonhado com os últimos pormenores.

Era preciso desviar os olhos dele. Precisava de olhar para outra coisa. Porque é que continuavam a olhar um para o outro?

— *Okay* — disse ela. — Isto... hum... funcionou.

O maxilar de Adam distendeu-se, mas ele não respondeu.

— Bem, então. Vou... hum — apontou por cima dos ombros, com o polegar.

— Anh?

— Sim. Sim, ter com a Anh.

Ele engoliu com dificuldade.

— *Okay*. Sim.

Tinham-se beijado. Tinham-se beijado — duas vezes, já. *Duas*. Não que isso importasse. Não queria dizer nada. Mas. *Duas*. Mais, o colo. Nesse dia. Uma vez mais, não queria dizer nada.

— Vemo-nos por aí, certo? Na semana que vem?

Ele levou os dedos aos lábios, depois deixou o braço cair.

— Sim, na quarta-feira.

Era quinta-feira. O que queria dizer que só voltariam a ver-se daí a seis dias. O que parecia bem. Olive sentia-se bem, não

importava quando estariam juntos, ou quantas vezes estariam juntos.

— Sim. Vemo-nos na quarta... Ei, e o piquenique?

— O... Oh. — Adam revirou os olhos, voltando a parecer-se consigo próprio. — Certo. Essa *me*... — interrompeu-se. — Esse piquenique.

Ela sorriu.

— É na segunda-feira.

Ele suspirou.

— Eu sei.

— Ainda vais?

Ele olhou-a como se dissesse, claramente: *Não é que tenha escolha, apesar de preferir que me arrancassem as unhas uma a uma. Com um alicate.*

Olive riu-se.

— Boa. Eu também vou.

— Ao menos isso.

— Levas o Tom?

— Provavelmente. Ele até *gosta* de pessoas.

— *Okay*. Então vou poder falar com ele do trabalho, e eu e tu podemos mostrar a toda a gente como isto é sério e como estamos comprometidos, diante do chefe do departamento. Vais parecer um passarinho sem asas. Nada de risco de fuga.

— Perfeito. Levo uma licença de casamento falsificada, e deixo-a cair sem querer aos pés dele.

Olive riu-se, acenou-lhe uma despedida e correu até Anh. Roçou os dedos nos lábios, como que a tentar desanuviar a mente do facto de ter acabado de beijar Adam — o Dr. Adam

Carlsen — pela segunda vez na vida. O que, uma vez mais, parecia bem. Aquilo mal podia ser chamado de beijo. Não tinha sido importante o suficiente para isso.

— Bem, então — disse Anh, acomodando o telemóvel no bolso. — Acabaste de te pôr na marmelada à frente do edifício de biologia, com o professor associado Adam MacArthur Carlsen.

Olive revirou os olhos e começou a subir as escadas.

— Tenho a certeza de que esse não é o nome do meio dele. E não me pus na marmelada.

— Mas foi evidente que querias.

— Cala-te. Porque é que estavas a olhar para nós, de qualquer maneira?

— Não estava. Aconteceu aperceber-me disso quando ele estava prestes a saltar-te para cima, e depois já não pude deixar de olhar.

Olive bufou, conectando os auriculares ao telemóvel.

— Sim, claro.

— Ele está mesmo interessado em ti. Vê-se na maneira como olha para...

— A partir de agora estarei a ouvir música muito alto. Para não ter de te ouvir.

— ... ti.

Só muito mais tarde, depois de Olive ter estado horas a trabalhar no relatório para Tom, é que se lembrou do que Adam tinha dito quando ela lhe dissera que ia ao piquenique.

Ao menos isso.

Olive baixou a cabeça e deu por si a sorrir para os próprios dedos dos pés.

Clustered Regularly Interspaced Short Palindromic Repeats é uma ferramenta que visa editar genomas e permite que os investigadores alterem com facilidade as sequências de ADN, modificando a função dos genes (*N. da T.*).

Capítulo 7

♥ HIPÓTESE: Haverá uma correlação positiva significativa entre a quantidade de protetor solar que me escorre dos dedos e a intensidade da minha vontade de matar a Anh.

Já tinha concluído um terço do relatório para Tom, que estava com umas sólidas trinta e quatro páginas sem espaçamento, em letra Arial (tamanho 11), por justificar. Eram onze horas da manhã e Olive tinha estado a trabalhar no laboratório desde as cinco, a analisar amostras de peptídeos, a registar notas de protocolo, a dormir enquanto a centrífugadora trabalhava, quando Greg irrompeu pela sala, absolutamente furioso.

Era raro, mas não *muito* raro. Greg, às vezes, fervia em pouca água, mas a universidade vinha com explosões de mau feitio em sítios semipúblicos, habitualmente por motivos que Olive sabia que poderiam parecer fúteis a alguém que nunca tivesse pisado a academia. *Estão a obrigar-me a dar assistência a Introdução à Biologia pela quarta vez de seguida; o trabalho que preciso de consultar está protegido por uma subscrição paga; tive uma reunião com a minha orientadora e chamei-lhe «mãe» por engano.*

Greg e Olive tinham a Dra. Aslan como orientadora comum e, apesar de se terem sempre dado bem, nunca tinham sido muito próximos. Ao escolher uma orientadora mulher, Olive tinha acalentado a esperança de evitar alguma da malícia que era frequentemente dirigida às mulheres nas STEM. Infelizmente, tinha acabado por se ver sozinha num laboratório onde só havia homens, o que não era um ambiente muito... ideal. Foi por isso que Olive ficou sem reação quando Greg entrou e bateu com a porta, e depois atirou uma pasta para o banco. Viu-o sentar-se e adotar uma expressão amuada. Chase,

outro colega de laboratório, entrou um momento depois, com uma expressão consternada, e começou a afagar-lhe as costas.

Olive olhou demoradamente para as suas amostras de ácido ribonucleico. Depois aproximou-se do banco de Greg e perguntou:

— Há algum problema?

Esperou que a resposta fosse algo como: *Deixaram de fabricar o meu reagente*, ou *O meu valor-p é .06*, ou *Isto do doutoramento é um erro, mas agora é demasiado tarde para voltar atrás porque a minha autoconfiança está intrinsecamente ligada ao meu desempenho académico, e o que é que havia de ser dela se decidisse desistir?*

Em vez disso, o que ouviu foi:

— O estúpido do teu namorado é que é o problema.

Por essa altura, o falso-namoro já durava há duas semanas. Olive já não ficava surpreendida quando diziam que Adam era seu namorado. Ainda assim, as palavras de Greg foram tão inesperadas e cheias de veneno que ela não pôde evitar responder:

— Quem?

— Carlsen — cuspiu o nome dele como se fosse uma praga.

— Oh.

— Ele está no comité de tese do Greg — explicou Chase, num tom mais moderado, embora evitando os olhos de Olive.

— Oh. Estou a ver. — Aquilo podia ser mau. Muito mau. — O que é que aconteceu?

— Ele chumbou a minha proposta.

— Merda. — Olive mordeu o lábio inferior. — Lamento ouvir isso, Greg.

— Isto vai atrasar-me imenso. Vou precisar de meses para rever tudo, só porque aquele Carlsen tinha de ser picuinhas. Nem sequer o quis no meu comité; a Dra. Aslan obrigou-me a incluí-lo porque anda obcecada com essa estúpida história de computação.

Olive mordiscou o interior da bochecha, enquanto procurava alguma coisa significativa para dizer, mas sem que nada lhe ocorresse.

— Lamento imenso.

— Olive, vocês falam deste tipo de coisas? — perguntou Chase de repente, deitando-lhe um olhar desconfiado. — Ele disse-te que ia chumbar o Greg?

— O quê? Não. Não, eu... — *Falo com ele durante uns exatos quinze minutos por semana. E sim, beijei-o. Duas vezes. E sentei-me no colo dele. Mas é só isso, e o Adam... Ele fala muito pouco. Até gostava que falasse mais, porque não sei quase nada sobre ele, e gostava de saber o essencial.* — Não, não falou disso. Acho que seria contra o regulamento, se tivesse falado.

— Porra — Greg bateu com a palma da mão na beira do banco, fazendo-a saltar. — Ele é cá um sacana. Que sádico de merda!

Olive abriu a boca para... para fazer o quê, em concreto? Para defender Adam? Ele *era* um sacana. Já o tinha visto a ser um sacana em ação. Talvez não nos últimos tempos, e talvez não para com ela, mas podia contar pelos dedos o número de conhecidos seus que tinham acabado em lágrimas por causa dele. Bem... Ia precisar das duas mãos e dos dedos dos pés. Talvez até tivesse de usar alguns dos dedos de Chase, também.

— Ele explicou porquê, pelo menos? Disse-te o que deves mudar?

— Tudo. Quer que mude as condições de controlo e que acrescente outra, o que vai obrigar-me a despender dez vezes mais tempo com este projeto. E a maneira como o disse, o ar de superioridade... É *tão* arrogante.

Pois. Também não era novidade. Olive coçou a têmpora, num esforço por não soltar um suspiro.

— É péssimo. Lamento — repetiu mais uma vez, sem saber o que mais poderia dizer e sentindo realmente pena de Greg.

— Sim, pois. — Ele levantou-se e contornou o próprio banco, vindo parar diante de Olive. — Devias mesmo lamentar.

Ela imobilizou-se. Devia ter ouvido mal.

— Desculpa?

— És namorada dele.

— Eu... — *Na realidade, não sou.* Mas, mesmo se fosse...

— Greg, só ando a sair com ele. Não sou ele. Como é que eu havia de ter alguma coisa que ver com...

— Tu não te importas com nada disto. Que ele se comporte como um canalha no trono. Não te interessa a forma como ele trata toda a gente no programa, caso contrário não terias estômago para estar com ele.

Perante aquilo, ela recuou um passo.

Chase levantou as mãos num gesto apaziguador e meteu-se entre os dois.

— Ei, vá lá. Não vale a pena...

— Não fui eu quem te chumbou, Greg.

— Talvez não. Mas também não te interessa que metade do departamento viva aterrorizada pelo teu namorado.

Olive sentiu a raiva a acumular-se.

— Isso não é verdade. Eu sou capaz de separar as minhas relações profissionais dos meus sentimentos por ele.

— Porque não queres saber de ninguém, só de ti própria.

— Isso é injusto. O que é que eu poderia fazer?

— Podias fazê-lo parar de chumbar as pessoas.

— Podia fazer... — Olive tropeçou nas palavras. — Greg, como é que isto pode ser uma reação racional a teres sido reprovado pelo Adam?

— Ah. Adam, não é?

Ela rangeu os dentes.

— Sim. Adam. Como é que gostarias que chamasse o meu namorado? Professor Carlsen?

— Se fosses uma aliada minimamente decente de algum dos teus colegas de doutoramento, limitavas-te a deixar a porra do teu namorado.

— Como... Será que ouves os disparates que estás...

Não valia a pena acrescentar mais nada, porque Greg estava a levar a sua fúria para fora do laboratório, e voltou a bater a porta atrás de si. Não estava interessado em nada do que Olive pudesse querer acrescentar. Ela passou a mão pela cara, incrédula diante do que acabara de acontecer.

— Ele não... Ele não queria mesmo dizer isso. Não sobre ti, pelo menos — disse Chase, a coçar a cabeça. Um lembrete de que ele tinha estado ali na sala durante toda a conversa. Na primeira fila. Em cerca de quinze minutos toda a gente no programa estaria por dentro da situação. — O Greg e a mulher precisam do diploma na primavera, para depois poderem procurar um pós-doutoramento juntos. Eles não querem estar separados, percebes?

Ela assentiu. Não sabia, mas podia imaginar. Parte da sua raiva dissipou-se.

— Sim, pois. — *Ser rude para mim não vai ajudá-lo a acabar a tese mais depressa*, evitou dizer.

Chase suspirou.

— Ele não tem nada contra ti. Mas tens de entender que é estranho para nós. Porque o Carlsen... Se calhar nunca esteve em nenhum dos teus comités, mas sabes o género de pessoa que ele é, certo?

Ela não sabia bem como responder.

— E agora vocês andam a sair juntos e... — Chase encolheu os ombros e deu-lhe um sorriso nervoso. — Não é uma questão de tomares partidos, mas às vezes parece que sim, entendes?

As palavras de Chase colaram-se a ela durante o resto do dia. Olive pensou nelas enquanto submetia os seus ratos ao protocolo experimental, e mais tarde, enquanto tentava decidir o que fazer com os indicadores que lhe pareceram difíceis de interpretar. Remoheu naquilo enquanto seguia para casa de bicicleta, com o vento quente a aquecer-lhe as faces e a agitar-lhe o cabelo, e enquanto comia duas fatias da piza mais deprimente de sempre. Malcolm andava numa fase saudável há algumas semanas (algo sobre melhorar o microbioma dos intestinos), e recusava-se a admitir que couve-flor salteada não sabia bem.

Entre os seus amigos, Malcolm e Jeremy eram quem tinha tido interações desagradáveis com Adam no passado, mas, depois do choque inicial, não pareciam ressentir-se da relação de Olive com ele. Ela não se preocupara com os sentimentos dos outros estudantes quanto a isso. Tinha sido sempre um tanto solitária, e focar-se na opinião de pessoas com quem mal

interagia parecia-lhe uma perda de tempo e de energia. Ainda assim, talvez houvesse um bocadinho de verdade naquilo que Greg dissera. Adam nunca tinha sido um canalha para com ela, mas aceitar a sua ajuda enquanto ele tinha atitudes desprezíveis para com os seus colegas de doutoramento não faria dela uma má pessoa?

Olive estendeu-se na cama por fazer, contemplando as estrelas do teto que brilhavam no escuro. Há mais de dois anos que tinha pedido o escadote emprestado a Malcolm para as colar cuidadosamente no teto; a cola estava a começar a enfraquecer, e o cometa no canto perto da janela ia cair a qualquer momento. Sem se permitir pensar demasiado nisso, rolou para fora da cama e vasculhou nos bolsos das calças de ganga até encontrar o telemóvel.

Não usara o número de Adam desde que ele lho tinha dado há alguns dias. «Se acontecer alguma coisa e precisares de cancelar, dá-me um telefonema. É mais rápido do que um *e-mail*.» Quando carregou no ícone azul debaixo do nome dele, abriu-se uma janela branca, uma janela sem histórico de mensagens anteriores. Olive sentiu um estranho formigueiro de ansiedade, tanto que escreveu a mensagem com uma mão enquanto mordiscava o polegar da outra.

Olive: Acabaste de chumbar o Greg?

Adam *nunca* estava atento ao telefone. Nunca. Sempre que Olive estava na sua companhia, nunca o tinha visto consultá-lo nem uma vez, embora, com um laboratório daquela dimensão, ele devesse receber uns trinta *e-mails* por minuto. A verdade é que ela nem sabia que ele tinha um telemóvel. Talvez ele fosse um *hippie* dos tempos modernos que odiava tecnologia. Quem sabe ele lhe tivesse dado o número fixo do escritório, e era por isso que lhe tinha dito telefonar. Talvez ele nem soubesse

como mandar uma mensagem, o que significava que Olive nunca iria receber uma resposta...

O telemóvel vibrou-lhe na mão.

Adam: Olive?

Ocorreu-lhe que, quando Adam lhe tinha dado o seu número, ela se tinha esquecido de responder com o dela. O que significava que ele não podia saber quem estava a escrever-lhe naquele momento, e ter adivinhado demonstrava que tinha uma intuição sobrenatural.

Raios o partam.

Olive: *Yup*. Eu.

Olive: Chumbaste o Greg Cohen? Cruzei-me com ele depois da reunião. Ele estava muito chateado.

Comigo. Por causa de ti. Por causa desta coisa estúpida que estamos a fazer.

Houve uma pausa de cerca de um minuto, durante a qual Olive pensou que Adam podia estar a regozijar-se diabolicamente do sofrimento que tinha causado a Greg. Depois, ele respondeu:

Adam: Não posso discutir as reuniões dos outros doutorandos contigo.

Olive suspirou, trocando um olhar carregado com a raposa de peluche que Malcolm lhe tinha oferecido como presente por se ter qualificado nos exames.

Olive: Não peço que me contes nada. O Greg já me contou. Sem mencionar que eu é que levei com a fúria dele, por ser tua namorada.

Olive: «Namorada».

Apareceram três pontinhos na base do ecrã. Depois desapareceram, e depois reapareceram e então, por fim, o telemóvel de Olive vibrou:

Adam: Os comités não chumbam alunos. Chumbam propostas.

Ela bufou, quase a desejar que ele a pudesse ouvir.

Olive: Sim, pois. Diz isso ao Greg.

Adam: E disse. Expliquei-lhe as fraquezas do estudo. Se ele as corrigir, então eu aprovo a tese.

Olive: Então admities que foste o responsável pela decisão de o chumbar.

Olive: Ou, como queiras. De chumbar a proposta.

Adam: Sim. Do modo em que está agora, não ia produzir resultados de valor científico.

Olive mordeu o interior da bochecha, fitando o telemóvel e perguntando-se se continuar aquela conversa não seria uma péssima ideia. Será que o que ela queria dizer era demasiado? Depois recordou-se do modo como Greg a tinha tratado nessa manhã, murmurou «Que se lixe», e digitou:

Olive: Não achas que podias ter dado a tua opinião de um modo mais simpático?

Adam: Porquê?

Olive: Porque se o tivesses feito se calhar ele não estava tão chateado, agora.

Adam: Não vejo porquê.

Olive: A sério?

Adam: A minha função não é gerir as emoções dos teus amigos. Ele está num programa de doutoramento, não no secundário. Será inundado de *feedback* de que não vai gostar para o resto da vida, se quiser continuar na academia. O modo como lida com esse *feedback* é problema dele.

Olive: Mesmo assim, podias tentar esconder que te dá gozo atrasar-lhe a graduação.

Adam: Isto é irracional. A proposta dele tem de ser modificada porque, da maneira como a apresentou, está destinada ao falhanço. Eu e o resto do comité demos-lhe conselhos para ele poder garantir que o seu trabalho

vai produzir conhecimento útil. Ele é um cientista em formação: devia valorizar a orientação, não ficar ofendido com ela.

Olive rangeu os dentes enquanto escrevia a resposta:

Olive: Deves saber que chumbas mais pessoas do que qualquer outro docente. E as tuas críticas são desnecessariamente bruscas. Do género desiste-já-do-doutoramento-e-nunca-mais-voltes. Deves saber como é que os outros te veem.

Adam: Não sabia.

Olive: Antagonista. E inalcançável.

E era dizer pouco. És um sacana, queria Olive dizer. Só que sei que consegues não ser sacana, e não entendo porque és tão diferente comigo. Não sou absolutamente nada para ti, por isso não faz sentido que sofras um transplante de personalidade cada vez que estás comigo.

Os três pontinhos no fundo do ecrã agitaram-se durante dez segundos, depois vinte, trinta. Passou um minuto inteiro. Olive releu a sua última mensagem e perguntou-se se tinha, finalmente, ido demasiado longe. Se calhar ele ia lembrar-lhe que ser insultado por mensagem às nove da noite numa sexta-feira não fazia parte do seu acordo de falso-namoro.

Depois uma bolha azul surgiu, e preencheu o ecrã inteiro.

Adam: Estou a fazer o meu trabalho, Olive. Que não é dar *feedback* de modo agradável, ou fazer os alunos sentirem-se bem consigo mesmos. O meu trabalho é formar pesquisadores rigorosos que não vão publicar porcaria inútil ou nociva, que cause danos na nossa área. A academia está cheia de ciência má e de cientistas medíocres. Não podia importar-me menos com a forma como os teus amigos me veem, desde que o trabalho que desenvolvam esteja à altura das exigências. Se quiserem desistir quando o trabalho não está à altura, então que seja. Nem toda a gente nasceu para ser cientista, e os que não nasceram deviam afastar-se.

Ela olhou para o telefone, detestando o quão insensível e duro ele soava. O problema era que Olive percebia exatamente de onde Greg vinha, porque ela tinha passado por situações semelhantes. Talvez não com Adam, mas a sua experiência

geral na academia das STEM tinha sido pontuada de dúvidas, ansiedade e de uma sensação de inferioridade. Mal tinha dormido nas duas semanas antes dos exames de qualificação, e várias vezes se perguntara se a dificuldade de falar em público a haveria de impedir de ter uma carreira, além de que estava constantemente aterrorizada com a possibilidade de ser a pessoa mais estúpida dentro de uma sala. Ainda assim, usou a maior parte do seu tempo e energia a tentar tornar-se na melhor cientista possível, a fim de abrir um caminho para si própria e poder aspirar a *algo*. A ideia de alguém dispensar assim o seu trabalho e os seus sentimentos, de modo tão frio, magoava-a profundamente, e por isso a sua resposta foi tão imatura, quase fetal.

Olive: Então vai-te foder, Adam.

Arrependeu-se instantaneamente mas, por algum motivo, não conseguiu pedir-lhe desculpa. Só vinte minutos depois é que compreendeu que Adam não ia responder. Um aviso surgiu no topo do ecrã, informando-a de que a bateria estava a 5 %.

Com um suspiro profundo, levantou-se da cama e foi à procura do carregador no quarto.

— Agora vira à direita.

— Entendido. — O dedo de Malcolm acionou o pisca para a direita. Um som intermitente ouviu-se em todo o pequeno veículo. — Virando à direita.

— Não, não ligués ao Jeremy. Vira à esquerda.

Jeremy inclinou-se para a frente e deu uma palmada no braço de Anh.

— Malcolm, confia em mim. A Anh nunca esteve na quinta. É à direita.

— O *Google Maps* diz que é à esquerda.

— O *Google Maps* está enganado.

— O que é que faço? — Malcolm fez uma careta no espelho retrovisor. — Esquerda, direita? Ol, vou para onde?

No banco de trás, Olive olhou pela janela do carro e encolheu os ombros.

— Tenta direita. Se estiver errado, voltamos para trás.

Deitou um olhar rápido a desculpabilizar-se na direção de Anh, mas ela e Jeremy estavam demasiado entretidos a lançar olhares de gozo um ao outro para ela reparar.

Malcolm sorriu.

— Vamos chegar atrasados. Odeio a porcaria destes piqueniques.

— Na realidade, estamos, tipo — Olive consultou o relógio do carro — uma hora atrasados, para sermos precisos. Acho que podemos somar-lhe mais dez minutos. — *Só espero que ainda haja alguma comida.* O estômago vinha a protestar há duas horas, e não era possível que os outros não tivessem dado conta disso.

Depois da discussão com Adam, há três dias, tinha ficado com vontade de faltar ao piquenique. Podia barricar-se no laboratório e continuar a fazer o que tinha feito durante todo o fim de semana: ignorar o facto de ter-lhe dito que se fosse foder, e sem ter grande razão para isso. Podia aproveitar o tempo para trabalhar no relatório para Tom, que estava a revelar-se mais denso e cansativo do que planeara — possivelmente porque Olive não conseguia esquecer-se de tudo o que estava em jogo, e continuava a repetir análises e a agonizar a cada frase. Mas mudara de ideias no último instante, convencendo-se de que tinha prometido a Adam que iam encenar diante do chefe do departamento. Seria injusto se

ela desistisse depois de ele ter cumprido tão bem a sua parte de convencer Anh.

Isso, claro, no caso muito improvável de ele ainda querer ter alguma coisa que ver com Olive.

— Não te preocupes, Malcolm — disse Anh. — Havemos de chegar. Se alguém perguntar alguma coisa, dizemos que fomos atacados por um leão da montanha. Deus, porque é que está tanto calor? Trouxe protetor solar, já agora. Com proteção 30 e 50. Ninguém vai a lado nenhum sem o pôr primeiro.

No banco de trás, Olive e Jeremy trocaram um olhar resignado, cientes da obsessão de Anh com proteção solar.

O piquenique ia a todo o vapor quando finalmente chegaram, e estava tão congestionado quanto a maioria dos eventos académicos que envolviam comida gratuita. Olive foi direita às mesas e acenou à Dra. Aslan, que estava sentada à sombra de um carvalho gigante com outros docentes. A Dra. Aslan acenou-lhe de volta, sem dúvida agradada por a sua autoridade se estender ao tempo livre dos alunos, em cima das oitenta horas semanais que já passavam no laboratório. Olive sorriu debilmente, numa tentativa admirável de esconder o ressentimento, agarrou num cacho de uvas e levou uma à boca, enquanto o olhar passeava pelos campos.

Anh tinha razão. Aquele setembro estava invulgarmente quente. Havia gente por toda a parte, sentados nas cadeiras de jardim, estendidos na relva, a caminhar diante dos celeiros — todos a apreciarem o bom tempo. Alguns comiam em pratos de plástico em mesas de dobrar, próximos da casa principal, e havia pelo menos três jogos a decorrer — uma versão de voleibol com os participantes em círculo, uma partida de futebol, e algo que envolvia um *Frisbee* e meia dúzia de gajos semidespidos.

— O que é que eles estão a jogar, afinal? — perguntou Olive a Anh. Viu o Dr. Rodrigues a abalroar alguém de imunologia e voltou a olhar para as mesas quase vazias, com uma careta. Só havia migalhas. Olive queria uma sanduíche. Um pacote de batatas fritas. Qualquer coisa.

— Ultimate Frisbee, parece? Sei lá. Puseste protetor solar? Estás de *top* e calções, tens mesmo de pôr.

Olive trincou outra uva.

— Vocês, americanos, e essa mania de inventar desportos.

— Tenho a certeza de que também há torneios canadianos de Ultimate Frisbee. Sabes o que não é inventado?

— O quê?

— O melanoma. Mete protetor solar.

— É para já, mamã — sorriu Olive. — Posso só comer primeiro?

— Comer o quê? Não há nada. Oh, está aqui um bocado de pão de milho.

— Oh, ótimo. Passa para cá.

— Não comam o pão de milho, pessoal. — A cabeça de Jeremy apareceu entre Olive e Anh. — O Jess diz que um aluno do primeiro ano de farmacologia espirrou em cima dele. Onde é que o Malcolm foi?

— Estacionar... *Deus do Céu.*

Olive levantou os olhos da mesa que estava a escrutinar, alarmada pelo tom de urgência na voz de Anh.

— *Meu Deus do Céu.*

— Sim, o que é...

— *Deus do Céu.*

— Já mencionaste isso.

— Porque... *Deus do Céu*.

Olive olhou ao redor, a tentar perceber o que se estava a passar.

— O que é... Ah, ali está o Malcolm. Se calhar encontrou alguma coisa para comer.

— Aquilo é o *Carlsen*?

Olive já estava a dirigir-se para Malcolm para encontrar alguma coisa comestível, e pular a parte do protetor solar por completo, mas quando ouviu o nome de Adam ficou petrificada a meio do caminho.

— O quê? Onde?

Jeremy apontou para a multidão do Ultimate Frisbee. — É ele, não é? Sem camisola?

— *Deus do Céu* — repetiu Anh, cujo vocabulário tinha ficado muito limitado de repente, tendo em conta os seus mais de vinte anos de estudos. — Aquilo são abdominais?

Jeremy pestanejou.

— São. Dos que nunca mais acabam.

— Aquilo são os ombros verdadeiros dele? — perguntou Anh. — Será que fez alguma cirurgia de aumento de ombros?

— Deve ter usado a bolsa MacArthur para isso — disse Jeremy. — Acho que aquele tipo de ombros não existe na natureza.

— Deus, e aquilo é o *peito* do Carlsen? — Malcolm pousou o queixo no ombro de Olive. — Aquilo estava dentro da camisa dele enquanto ele estava a rasgar a minha tese aos pedacinhos? Ol, porque é que não nos disseste que ele era *esculpido*?

Olive deixou-se ficar ali, pregada ao chão, com os braços dependurados do lado do corpo. *Porque eu não sabia. Porque não fazia ideia.* Ou, se calhar, até fazia, porque o tinha visto a empurrar a carrinha naquele dia — apesar de andar a tentar suprimir essa imagem da mente.

— Inacreditável — Anh puxou a mão de Olive para si, e virou-a para lhe despejar uma quantidade saudável de protetor solar na palma. — Toma, espalha nos ombros. E nas pernas. E na cara, também... De certeza que és pessoa de risco em tudo o que é doença de pele, Sardas McSardas. Jer, tu também.

Olive assentiu, atordoada, e começou a espalhar a loção nos braços e nas coxas. Inalou o cheiro a óleo de coco, tentando não pensar em Adam e no facto de que ele tinha *mesmo* aquele aspeto. Sem grande sucesso, mas enfim.

— Há mesmo estudos? — perguntou Jeremy.

— Hum? — Anh estava a fazer um apanhado com o cabelo.

— Que liguem as sardas ao cancro da pele?

— Não sei.

— Diria que há.

— Mesmo. Agora quero descobrir.

— Esperem. Há *wi-fi* aqui?

— Ol, tens internet?

Olive limpou as mãos a um guardanapo que parecia não ter sido usado.

— Deixei o telemóvel no carro do Malcolm.

Desviou a cabeça de Anh e Jeremy, que estavam a estudar o ecrã do *iPhone* de Jeremy, até ter uma boa perspetiva do grupo do Ultimate Frisbee — catorze homens e nenhuma mulher. Provavelmente, estava relacionado com o excesso habitual de

testosterona nos programas de STEM. Pelo menos, metade dos jogadores eram docentes ou pós-doutorados. Adam, claro, e Tom, e o Dr. Rodrigues, além de vários outros de farmacologia. Todos igualmente sem camisa. Embora não fossem iguais de todo. Não havia nada de igual em Adam.

Olive não era assim. Não era mesmo. Podia enumerar os tipos por quem se tinha sentido visceralmente atraída em uma mão. Na verdade — em um dedo. E, naquele momento, o dito cujo estava a correr na direção dela, porque Tom Benton, Deus o abençoasse, tinha atirado o *Frisbee* desajeitadamente para um pedaço de relva a poucos passos de Olive. E Adam, o Adam em tronco nu, era o mais próximo do sítio onde ele aterrara.

— Oh, vê só este artigo. — Jeremy parecia entusiasmado.

— Khalesi *et al.*, 2013. É uma meta-análise. «Sinais cutâneos de danos por exposição solar e risco de carcinoma das células basais». Em *Epidemiologia de Cancro, Biomarcadores e Prevenção*.

Jeremy deu um salto.

— Olive, estás a ouvir isto?

Nope. Não, não estava. Estava a tentar esvaziar o cérebro, e os olhos também. Do seu falso-namorado e do calor repentino no seu ventre. Só queria estar noutra sítio qualquer. Ou estar temporariamente cega e surda.

— Então ouve: os lentigos solares têm uma fraca, mas positiva, associação com o carcinoma das células basais, com probabilidades em torno de 1.5. *Okay*, não gosto disto. Jeremy, segura o telefone. Vou dar mais protetor solar à Olive. Toma, fator 50, é deste que precisas.

Olive arrancou os olhos do peito de Adam, agora perigosamente próximo, e virou-se, afastando-se de Anh.

— Espera, já espalhei algum.

— Ol — disse Anh, com o tom ajuizado e maternal que usava sempre que Olive lhe confessava, sem querer, que obtinha os seus nutrientes nas batatas fritas, ou que lavava a roupa branca e de cor na mesma máquina. — Tu conheces os estudos.

— Eu não conheço estudos nenhuns, nem tu, só sabes uma linha do artigo e...

Anh segurou outra vez a mão de Olive e despejou meio litro de loção nelas. Tanto que Olive teve de usar a outra mão para evitar que escorresse tudo para o chão, até estar simplesmente ali de pé, como uma idiota, as mãos unidas como uma mendiga meio afogada em protetor solar.

— Pronto — Anh sorriu abertamente. — Agora podes proteger-te do carcinoma das células basais. Que, sinceramente, soa horrível.

— Eu... — Olive teria batido com a palma da mão na cara, se pudesse mexer os seus membros superiores. — Odeio protetor solar. É peganhento e faz-me cheirar a *piña colada* e... Isto é demasiado.

— Põe todo o que a tua pele possa absorver. Especialmente onde tens sardas. O resto podes partilhar com alguém.

— *Okay*, Anh, então toma, tira um bocado. Tu também, Jeremy. És ruivo, por amor de Deus.

— Um ruivo sem sardas, no entanto — sorriu ele, orgulhoso, como se tivesse um genótipo único. — E já pus uma tonelada. Obrigado, querida — inclinou-se para depositar um beijo leve na bochecha de Anh, que quase evoluiu para uma sessão de marmelada.

Olive tentou não suspirar.

— Pessoal, o que é que faço com isto?

— Encontra alguém. Onde é que foi o Malcolm?

Jeremy bufou.

— Ali, com o Jude.

— Jude? — Anh franziu a testa.

— Sim, o do quinto ano de neurologia.

— O doutorando em medicina? Estão a sair ou...?

— Pessoal? — Olive esforçou-se por não gritar. — Não tenho mobilidade. Por favor, resolvam esta confusão de protetor solar que criaram.

— Deus do Céu, Ol. — Anh revirou os olhos. — És tão dramática, às vezes. Espera aí... — Acenou a alguém atrás de Olive e, quando falou, a voz elevou-se bastante: — Ei, Dr. Carlsen! Já pôs protetor solar?

Por um microssegundo, o cérebro de Olive explodiu em chamas, e depois desmoronou-se numa pilha de cinzas. Nesse instante, uma centena de biliões de neurónios, um milhar de biliões de células gliais, e sabe Deus quantos mililitros de líquido cefalorraquidiano, deixaram de existir. O resto do corpo dela também não estava muito bem, porque Olive conseguiu sentir todos os órgãos a desligarem-se em simultâneo. Desde que conhecia Carlsen, tinha desejado por várias vezes cair morta diante dele, ou que o chão se abrisse e a engolisse inteira, ou que um cataclismo a atingisse e a poupasse ao embaraço das interações. Desta vez, porém, pareceu-lhe que havia uma possibilidade real de o mundo acabar.

Não te vires, foi o que lhe disse o que sobrou do seu sistema nervoso central. *Finge que não ouviste a Anh. Deseja isto até deixares de existir.* Mas era impossível. Havia um triângulo

formado por Olive, Anh à sua frente, e Adam provavelmente — com toda a certeza — de pé atrás dela; não é que Olive tivesse escolha. Qualquer escolha. Especialmente quando Adam, que não tinha como imaginar as implicações depravadas dos pensamentos de Anh, e que não podia de forma alguma imaginar o balde de protetor solar que tinha vindo residir para as mãos de Olive, disse:

— Não.

Pronto. *Merda*.

Olive virou-se, e ali estava ele — suado, a segurar um *Frisbee* na mão esquerda, e tão, tão desnudado da cintura para cima.

— Perfeito, então — disse Anh, soando animada. — A Olive tem ali muito e estava a perguntar-se o que fazer com ele. Assim, ela espalha-lhe algum.

Não. Não, não, *não*.

— Não posso — silvou, na direção de Anh. — Seria *muito* inapropriado.

— Porquê? — Anh pestanejou, com ar inocente. — Ponho protetor solar ao Jeremy a toda a hora. Olha — despejou mais loção para a mão e espalhou-a sem critério na cara de Jeremy. — *Estou* a pôr protetor solar no meu namorado. Porque não quero que ele desenvolva um melanoma. Estou a ser inapropriada?

Olive ia assassiná-la. Ia obrigá-la a lamber cada porcaria de cada gota de protetor solar, e observá-la enquanto se contorcia de dor ao morrer, devagar, de intoxicação de oxibenzona.

Mais tarde, porém. Nesse momento, Adam estava a olhar para ela, a expressão indecifrável do costume, e Olive queria pedir-lhe desculpa, queria escapulir-se para debaixo de uma mesa, podia, ao menos, tentar acenar-lhe um cumprimento —

mas tudo o que conseguiu fazer foi olhar para ele e pensar que, apesar de o ter insultado da última vez que tinham falado, ele não parecia muito zangado. Parecia apenas pensativo e um bocadinho confuso, conforme olhava do rosto de Olive para o pequeno lago de gosma branca que agora vivia nas suas mãos, possivelmente a tentar perceber se havia um modo de fugir àquela palhaçada — e depois, por fim, limitou-se a ceder.

Assentiu uma vez, incisivo, e virou-se, os músculos das costas moveram-se quando atirou o *Frisbee* ao Dr. Rodrigues e gritou:

— Vou fazer uma pausa!

O que, assumiu Olive, significava que iam mesmo fazer aquilo. Claro que iam. Porque era a vida dela, e aquelas eram as suas escolhas fracas, imbecis, irracionais.

— Ei — disse Adam para ela, quando se aproximou.

Estava a olhar para as mãos dela, para o modo como ela as segurava diante do corpo como que em súplica. Atrás dela, Anh e Jeremy estavam a observá-los sem sequer disfarçarem.

— Ei. — Ela estava de chinelos, e ele de ténis, e ele era sempre alto, mas naquele momento parecia uma torre a ensombrá-la. Ela olhou para diante, para o seu peitoral, e... *Não. Nope. Não ia fazer isso.*

— Podes virar-te?

Ele hesitou por um momento, mas depois virou-se, estranhamente obediente. O que não resolveu o problema de Olive, porque as suas costas não eram menos amplas e impressionantes do que o seu peito.

— Podes... hum... inclinar-te um bocado?

Adam inclinou a cabeça até que os seus ombros, ainda anormalmente altos, ficaram mais fáceis de alcançar. Ela

levantou a mão direita e parte da loção escorreu para o chão, *onde pertence*, pensou, com ferocidade — e no momento seguinte estava a fazê-lo, a fazer aquilo que nunca tinha pensado que haveria de fazer. Estava a espalhar protetor solar em Adam Carlsen.

Não era a primeira vez que o tocava. Por isso, não devia ter ficado espantada com a rigidez dos músculos dele, ou com a firmeza da sua pele. Olive recordou-se do modo como ele tinha empurrado a carrinha, pensou que, provavelmente, ele podia dobrar três vezes o seu peso, e depois obrigou-se a parar, porque *não* era uma corrente apropriada de pensamentos. Ainda assim, a questão é que não havia nada entre a sua mão e a pele dele. Ele estava quente por causa do sol, os ombros relaxaram e imobilizaram-se sob o seu toque. Mesmo em público, e mesmo próximos como estavam, parecia que havia algo de íntimo a desenrolar-se.

— Portanto — ela tinha a boca seca. — Esta pode ser uma boa altura para mencionar o quanto lamento que continuemos a ver-nos encurralados nestas situações.

— Tudo bem.

— Lamento mesmo, ainda assim.

— Não é culpa tua. — Havia uma aspereza na voz dele.

— Estás bem?

— *Yep* — acenou ele, embora o movimento parecesse tenso.

Olive pensou que talvez ele não estivesse tão relaxado quanto ela tinha pensado.

— Numa escala de um a «correlação é igual à causa», quanto odeias isto?

Foi surpreendida pela risada dele, apesar de ainda lhe parecer algo rígido.

— Não odeio. E não é culpa tua.

— Porque eu sei que isto é o pior que podia acontecer e...

— Não é, Olive. — Ele virou-se um pouco para poder olhá-la nos olhos, com um misto de divertimento e de tensão inexplicável. — Estas coisas vão continuar a acontecer.

— Certo.

Os dedos dele roçavam levemente a palma da mão esquerda dela, conforme ele lhe tirava um pouco de protetor solar para espalhar no peito. O que, fosse como fosse, era o ideal. Ela não queria mesmo ter de lhe espalhar a loção solar diante de setenta por cento dos seus colegas de doutoramento — para não mencionar a sua chefe, a Dra. Aslan, que de certeza que estava a vigiá-los como um falcão. Ou, se calhar, não estava. Olive não tinha intenção de se virar para verificar. Preferia viver numa ignorância nada-abençoada.

— Sobretudo porque só te dás com uma série de pessoas metediças.

Ela soltou uma gargalhada.

— Eu sei. Acredita em mim. Estou mesmo arrependida de ser amiga da Anh, neste momento. Também estou a ponderar assassiná-la, para ser sincera.

Ela avançou para as omoplatas. Tinha uma série de sinais e sardas ali, e ela perguntou-se se seria muito invasivo unir aquele picotado com os dedos. Perguntou-se que imagem fantástica poderia surgir.

— Mas, ei, os benefícios a longo prazo do protetor solar estão comprovados por cientistas. E tu és bem pálido. Pronto, inclina-te só mais um bocado para eu chegar ao teu pescoço.

— Hum.

Ela contornou-o para chegar à parte da frente dos seus ombros. Ele era tão largo que ela tinha de usar a totalidade da porcaria do protetor solar. Se calhar até tinha de pedir mais a Anh.

— Pelo menos o chefe do departamento está a assistir a um belo espetáculo. E também parece que te estás a divertir.

Ele deitou um olhar ao sítio onde a mão dela estava a espalhar o creme na sua clavícula. As faces de Olive queimaram.

— Não quero dizer que... Não por causa de eu estar... Quer dizer, parece que te estás a divertir a jogar *Frisbee*. Ou seja lá o que aquilo for.

Ele fez uma careta.

— É melhor do que coscuvilhar, sem dúvida.

Ela riu-se.

— Faz sentido. Aposto que é por isso que estás em tão boa forma. Praticaste inúmeros desportos enquanto crescias, porque isso te poupava a ter de falar com pessoas. Também explica porque é que agora que és adulto a tua personalidade é tão... — Olive interrompeu-se de repente.

Adam arqueou a sobrancelha.

— Antagónica e inalcançável?

Merda.

— Eu não disse isso.

— Só escreveste.

— Desculpa... Lamento imenso. Não quis... — pressionou os lábios, ruborizada. Depois reparou que os olhos dele pareciam divertidos. — Vai-te lixar.

Beliscou-o levemente na parte interior do braço. Ele encolheu-se e o sorriso abriu-se ainda mais, o que a fez perguntar-se o que é que ele faria se ela se vingasse escrevendo o seu nome no peito dele com o protetor solar, para depois ele ficar bronzeado apenas ao redor. Tentou imaginar a cara dele quando tirasse a *T-shirt* e descobrisse as cinco letras gravadas na sua carne, no reflexo do espelho da casa de banho. A expressão que ele faria. Se haveria de tocar nas letras com a ponta dos dedos.

Doida, disse a si própria. *Esta história toda está a pôr-te doida. Pronto, ele é bonito e também o achas atraente. Grande coisa. Que importa?*

Limpou as mãos quase livres de loção solar às colunas dos bíceps dele, e depois recuou um passo.

— Está pronto, Dr. Antagonístico.

Ele cheirava a suor fresco, a si próprio e a coco. Olive não ia poder falar com ele de novo até quarta-feira, e não entendeu porque é que essa ideia lhe causava um aperto no peito.

— Obrigado. E agradece à Anh, acho eu.

— Hum. O que é que achas que ela nos vai obrigar a fazer da próxima vez?

Ele encolheu os ombros.

— Dar as mãos?

— Ou dar morangos na boca um ao outro?

— Essa é boa.

— Talvez ela ainda se torne mais insistente.

— E nos obrigue a fingir um casamento?

— A fingir que compramos uma casa juntos?

— A fingir que assinamos os documentos da hipoteca?

Olive riu-se às gargalhadas, e o modo como ele olhava para ela... bondoso, curioso e paciente... Devia estar a imaginar coisas. Não podia estar bem da cabeça. Devia ter posto um chapéu.

— Ei, Olive.

Desviou o olhar do de Adam e reparou em Tom que se aproximava. Também ele estava em tronco nu e em boa forma, e tinha os abdominais tão definidos que era possível contá-los. E ainda assim, por algum motivo, isso não afetava Olive de nenhuma forma.

— Olá, Tom — sorriu ela, apesar de estar um pouco irritada por serem interrompidos. — Adorei a tua apresentação, no outro dia.

— Foi boa, não foi? O Adam contou-te da nossa mudança de planos?

Ela inclinou a cabeça.

— Mudança de planos?

— Temos feito grandes progressos com esta bolsa, por isso vamos a Boston na semana que vem para acabarmos de resolver as coisas do lado de Harvard.

— Oh, isso é ótimo. — Virou-se para Adam. — Quanto tempo vais estar fora?

— Só uns dias. — O seu tom era tranquilo. Olive sentiu alívio por saber que não seria por muito tempo. O motivo era impossível de discernir.

— Achas que consegues enviar-me o teu relatório até sábado, Olive? — perguntou Tom. — Teria o fim de semana para o analisar, e assim discutíamo-lo enquanto ainda estiver por cá.

O cérebro dela explodiu num ataque de pânico e de alertas vermelhos, mas conseguiu manter o sorriso no sítio.

— Sim, claro. Envio-to no sábado. — Oh, Deus. Oh, *Deus*. Teria de trabalhar sem parar. Não poderia dormir nada naquela semana. Teria de levar o computador portátil consigo para a casa de banho, enquanto fizesse chichi. — Não será um problema — acrescentou, intensificando um pouco mais a mentira.

— Perfeito. — Tom piscou-lhe o olho, ou se calhar só o contraiu por causa do sol. — Vens jogar? — perguntou a Adam e, quando Adam anuiu, Tom deu meia-volta e voltou para o jogo.

Adam hesitou por um segundo, depois fez um aceno a Olive e partiu. Ela tentou não fitar as suas costas enquanto ele voltava a juntar-se à sua equipa, que pareceu satisfeita por o ter de volta. Era evidente que ele também era um prodígio no desporto, por injusto que fosse.

Ela nem teve de verificar se Anh, Jeremy e todos os outros tinham estado de olhos fixos nela pelos últimos cinco minutos. Pescou uma lata de *Seltzer* da geleira mais próxima, lembrando-se de que era precisamente aquilo que pretendiam com a encenação, e depois encontrou um cantinho debaixo de um carvalho, junto dos outros — depois de tanta confusão por conta do protetor solar, viam-se sentados à sombra. Vá-se lá entender.

Até tinha perdido a fome, uma cortesia miraculosa resultante de ter espalhado protetor solar no seu namorado a fingir de forma tão pública.

— Então, como é que ele é? — perguntou Anh. Estava deitada com a cabeça no colo de Jeremy. Acima dela, Malcolm acompanhava o jogo de *Frisbee*, provavelmente derretido pela visão de Holden Rodrigues ao sol.

— Hum?

— O Carlsen. Oh, na verdade — Anh fez uma careta — quis dizer Adam. Chamas-lhe Adam, não é? Ou preferes Dr. Carlsen? Se vocês fizerem brincadeiras com uniformes escolares e reguadas, não te esqueças de mo contar. Adorava ouvir.

— Anh.

— Pois, como é o Carlsen? — indagou Jeremy. — Assumo que contigo é diferente de como é connosco. Ou ele também te diz, *repetidamente*, que o tipo de letra dos teus eixos x e y é irritantemente pequena?

Olive sorriu para os próprios joelhos, porque conseguia imaginar, sem dificuldade, Adam a dizer uma coisa daquelas. Quase ouvia a voz dele a dizê-lo.

— Não. Pelo menos até agora, não.

— Então, como é que ele é?

Abriu a boca para responder, pensando que seria fácil. Claro que não foi nada fácil.

— Ele é só... vocês sabem.

— Não sabemos nada — disse Anh. — Deve ter mais camadas do que aparenta. É tão mal-humorado e negativo, e zangado e...

— Não é nada — interrompeu Olive. E depois arrependeu-se, porque não era totalmente verdade. — Ele *consegue* ser isso tudo. Mas também consegue *não* ser.

— Se tu o dizes — Anh não pareceu convencida. — Como é que começaram a sair? Nunca me contaste.

— Oh — Olive desviou o olhar e deixou-o vaguear. Adam devia ter feito alguma coisa notável, porque ele e o Dr. Rodrigues estavam a dar um *high five*. Reparou que Tom estava a observá-la desde o campo, e acenou-lhe com um

sorriso. — Hum, simplesmente falámos. E depois tomámos café. E depois...

— Como é que isso aconteceu? — interrompeu Jeremy, cético. — Como é que alguém decide concordar em sair com o Carlsen? Antes de o ver seminu, quero eu dizer.

Se o beijares primeiro. Beija-lo primeiro, e depois, quando dás por ti, ele está a tirar-te de situações complicadas e a comprar-te scones e a chamar-te sabichona num tom estranhamento afetuoso, e mesmo quando está a ser sacana, não me parece que seja assim tão mau. Ou mau de todo. E depois dizes-lhe que se vá foder ao telefone, e é possível que arruines tudo.

— Ele convidou-me para sair. E eu disse que sim. — Embora fosse uma mentira óbvia. Ninguém publicado na *Lancet* e com músculos assim tão definidos nas costas iria convidar Olive para sair.

— Então não se conheceram no *Tinder*?

— O quê? Não.

— Porque é o que todos estão a dizer.

— Eu não estou no *Tinder*.

— E o Carlsen?

Não. Talvez. Sim? Olive massajou as têmporas.

— Quem é que anda a dizer que nos conhecemos no *Tinder*?

— Na realidade, o que os rumores dizem é que se conheceram na *Craigslist* — disse Malcolm, distraído, enquanto acenava a alguém.

Ela seguiu-lhe o olhar e reparou que estava a admirar Holden Rodrigues, que parecia estar a sorrir-lhe e a acenar-lhe de volta.

Olive franziu o sobrolho. Depois analisou o que Malcolm acabara de dizer.

— *Craigslist?*

Malcolm encolheu os ombros.

— Não estou a dizer que tenha acreditado.

— Mas quem são *todos*? E porque é que estão a falar de nós, para começar?

Anh esticou-se para afagar o ombro de Olive.

— Não te preocupes com os mexericos sobre ti e o Adam; acalmaram bastante desde que a Dra. Moss e o Sloane tiveram uma discussão em público sobre alguém andar a deitar fora amostras de sangue na casa de banho das senhoras. Enfim, acalmaram bastante. Ei.

Sentou-se e envolveu Olive com o braço, puxando-a para um abraço. Cheirava a coco. Maldito, maldito protetor solar.

— Relaxa. Conheço algumas pessoas que têm estranhado um bocado isto, mas o Jeremy, o Malcolm e eu estamos felizes por ti, Ol. — Anh sorriu para a encorajar, e Olive sentiu-se relaxar. — Sobretudo porque andas a dormir com alguém, finalmente.

Capítulo 8

♥ HIPÓTESE: Numa escala de Likert que varia de um a dez, o sentido de oportunidade do Jeremy é de cinquenta pontos negativos, com um erro padrão na ordem dos zero ponto dois.

O número trinta e sete — batatas fritas com sal e vinagre — estava esgotado. Era francamente inexplicável: Olive tinha chegado às oito da noite, e havia pelo menos um pacote na máquina automática da sala de descanso. Ela lembrava-se distintamente de apalpar o bolso de trás das calças à procura de trocos, e de se sentir triunfante por encontrar o valor certo. Tinha ansiado pelo momento em que, duas horas depois, altura em que estimava já ter terminado um terço do trabalho, se haveria de autopremiar com aquele que era, indisputavelmente, o melhor *snack* que o quarto piso tinha para oferecer. Só que, quando o momento chegou, não havia batatas fritas. O que era um problema, porque Olive já tinha inserido as suas preciosas moedas na ranhura, e estava cheia de fome. Selecionou o número vinte e quatro (*Twix*), que também era bom, mas estava longe de ser o seu favorito, e ouviu-o cair na prateleira de baixo com um ruído dececionante. Depois inclinou-se para o apanhar e olhou, deprimida, para o embrulho dourado que brilhava na palma da sua mão.

— Quem me dera que fosses um pacote de batatas fritas de sal e vinagre — sussurrou-lhe, com um toque de ressentimento na voz.

— Aqui.

— Aaah! — assustou-se e virou-se imediatamente, as mãos diante do corpo para se defender, ou, quem sabe, até para atacar. Mas a única pessoa na sala com ela era Adam, sentado

num dos pequenos sofás ao meio, e a olhar para ela com uma expressão de tranquilo divertimento.

Ela recompôs-se e levou as mãos ao peito, numa tentativa de acalmar os batimentos cardíacos.

— Quando é que entraste aqui?

— Há cinco minutos? — Observou-a devagar. — Já cá estava quando entraste.

— Porque é que não *disseste* nada?

Ele inclinou a cabeça.

— Podia perguntar-te o mesmo.

Ela cobriu a boca com a mão, ainda a recuperar do susto.

— Não te vi. Porque é que estás sentado no escuro como um esquisitoide?

— A luz está avariada, como de costume. — Levantou a sua bebida, uma garrafa de *Coca-cola* onde se lia «Seraphina», e Olive lembrou-se de Jess, um dos estudantes de doutoramento dele, que se queixava de como Adam era rígido quanto a levarem comida e bebidas para o laboratório. Ele agarrou algo que estava pousado na almofada e estendeu-o a Olive: — Toma, podes comer o resto das batatas fritas.

Ela semicerrou os olhos.

— Foste tu.

— Eu?

— Roubaste as minhas batatas fritas.

A boca dele curvou-se num sorriso.

— Desculpa. Podes ficar com o resto. — Espreitou para dentro do pacote. — Acho que não comi muitas.

Ela hesitou, e depois encaminhou-se para o sofá. Aceitou o pacote de batatas, desconfiada, e sentou-se ao lado dele.

— Obrigada, acho eu.

Ele assentiu, dando um gole na sua bebida. Ela tentou tirar os olhos da sua garganta, enquanto ele inclinava a cabeça para trás, e fixou-os nos próprios joelhos.

— Devias estar a ingerir cafeína às... — Olive deitou uma olhadela ao relógio — dez e vinte e sete da noite? — Pensando nisso, ele não devia estar a ingerir cafeína de todo, tendo em conta a sua personalidade reluzente. E, ainda assim, os dois tomavam café juntos todas as quartas-feiras. Olive era um catalisador.

— Duvido que vá dormir muito, de qualquer maneira.

— Porquê?

— Preciso de fazer umas análises de última hora para uma candidatura a uma bolsa cujo prazo termina no domingo.

— Oh — ela reclinou-se para trás, encontrando uma posição mais confortável. — Pensei que tinhas *minions* para isso.

— Pois é, mas parece que os recursos humanos não aprovam que obrigues os teus doutorandos a passar a noite em claro por ti.

— Que bandidos.

— Exato. E tu?

— O relatório para o Tom — suspirou. — Devia enviá-lo amanhã, mas há uma secção que simplesmente não... — suspirou mais uma vez. — Estou a refazer algumas análises, só para garantir que está tudo *perfeito*, mas o equipamento em que estou a trabalhar não é exatamente... *hum*.

— Já disseste isso à Aysegul?

À Aysegul, disse ele. Naturalmente. Porque Adam era colega da Dra. Aslan, não era aluno dela, e fazia sentido que pensasse nela como Aysegul. Não era a primeira vez que a chamava assim; nem a primeira vez que Olive reparava nisso. Só que era difícil conciliar o facto de estarem sentados e sozinhos, a conversar tranquilamente, quando Adam era docente e Olive estava longe disso. Eram mundos à parte.

— Disse, mas não há dinheiro para arranjar um melhor. Ela é uma ótima mentora, mas... no ano passado o marido dela ficou doente, e ela decidiu pedir a reforma antecipada, e desde aí parece que deixou de se importar. — Olive massajou a têmpora. Sentia que vinha uma dor de cabeça a caminho, e ainda a noite tinha começado. — Vais dizer-lhe que te disse isto?

— Claro.

Ela rugiu:

— Não te atrevas!

— Acho que também lhe vou dizer que andas a extorquir beijos por aí, e que me meteste num esquema de falso-namoro, e, acima de tudo, vou contar-lhe do protetor solar.

— Oh, Deus. — Olive escondeu a cara nos joelhos, e envolveu a cabeça com os braços. — Deus, o protetor solar.

— Pois. — Dali debaixo, a voz dele soava abafada. — Pois, aquilo foi...

— Estranho? — sugeriu ela, sentando-se direita e fazendo uma careta.

Adam estava a olhar para outra coisa qualquer. De certeza que o rubor que lhe via nas faces era imaginação sua.

Ele aclarou a garganta.

— Entre outras coisas.

— *Yep.* — Tinha sido outras coisas, também. Uma série de coisas que ela não ia mencionar, porque as *suas* outras coisas não eram, de certeza, as outras coisas *dele*. As outras coisas dele eram provavelmente «terrível», «humilhante», «invasivo», enquanto as dela...

— O protetor solar vai para a queixa do artigo IX?

A boca dele estremeceu de riso.

— Vai para a primeira página. *Aplicação de proteção solar não-consensual.*

— Oh, por favor. Salvei-te de um carcinoma das células basais.

— *Disfarçada de proteção contra os raios UV.*

Ela bateu-lhe com o *Twix*, e ele encolheu-se um pouco para a evitar, divertido.

— Ei, queres metade disto? Só pergunto porque tenho a intenção de comer o resto das tuas batatas todas.

— *Nah.*

— Tens a certeza?

— Odeio chocolate.

Olive olhou para ele, enquanto abanava a cabeça incrédula.

— Só podias odiar, não é? Odeias tudo o que é delicioso, adorável e reconfortante.

— O chocolate é nojento.

— Preferes viver no teu mundo escuro e amargo, só com café sem açúcar e *bagels* sem outro recheio que não simples queijo-creme... E, ocasionalmente, batatas fritas de sal e vinagre...

— É evidente que são as tuas batatas preferidas...

— Não é isso que interessa.

— ... e estou lisonjeado por teres memorizado os meus pedidos.

— Serem sempre iguais ajuda bastante.

— Pelo menos nunca pedi nada chamado *Frappuccino unicórnio*.

— Era tão bom. Sabia a arco-íris.

— Tipo açúcar e corantes?

— As minhas duas coisas preferidas no Universo. Obrigada por mo comprares, já agora. — Tinha sido um ótimo presente de falso-namoro na quarta-feira anterior, apesar de Olive estar tão ocupada com o relatório para Tom que mal tivera tempo de trocar duas palavras com Adam. O que, tinha de admitir, lhe dera alguma pena.

— Onde anda o Tom, já agora, enquanto eu me mato a trabalhar numa sexta-feira à noite?

— Saiu. Tem um encontro, acho eu.

— Um encontro? A namorada dele vive aqui?

— O Tom tem montes de namoradas. Em vários sítios diferentes.

— Mas alguma delas é a fingir? — sorriu-lhe, e percebeu que ele estava tentado a sorrir-lhe de volta. — Queres meio dólar, pelas batatas?

— Não é preciso.

— Ótimo, porque é o equivalente a um terço do meu salário.

Ela conseguiu pô-lo a rir e isso não lhe alterou apenas o rosto, mas todo o espaço ao redor dos dois. Olive teve de convencer os seus pulmões a não pararem de trabalhar, e de obrigar o oxigénio a entrar, e de impedir os seus olhos de se

perderem nas rugas de expressão que surgiram nos cantos dos olhos dele, e nas covinhas ao centro das suas bochechas.

— Fico feliz por saber que os salários dos doutorandos não aumentaram desde o tempo em que eu era um.

— Também vivias de *ramen* instantâneo e de bananas durante o doutoramento?

— Não gosto de bananas, mas fartei-me de comer maçãs.

— As maçãs são caras, seu esbanjador irresponsável. — Empertigou-se e ponderou perguntar-lhe uma coisa que andava morta por descobrir. — Que idade tens?

— Trinta e quatro.

— Oh. Uau. — Pensava que fosse mais novo. Ou mais velho, se calhar. Pensou que ele existisse numa dimensão sem idade. Era tão estranho atribuir-lhe um número. Dar-lhe um ano de nascimento quase uma década antes do dela. — Eu tenho vinte e seis. — Não soube porque lhe deu aquela informação, uma vez que ele não tinha perguntado. — É estranho pensar que também foste um estudante.

— É?

— Sim. Também foste assim, antes do diploma?

— Assim como?

— Tu sabes — ela pestanejou na direção dele. — Antagónico e inalcançável.

Ele fulminou-a com o olhar, mas ela começava a não levar esse gesto muito a sério.

— Na realidade, posso ter sido muito pior.

— Aposto que sim. — Houve um silêncio breve e confortável, durante o qual ela voltou a reclinar-se e relanceou

o pacote de batatas. Era tudo o que ela esperava de uma máquina automática. — Então, acaba por ficar melhor?

— O quê?

— Isto — gesticulou ao seu redor. — A academia. Fica melhor, depois de doutorados? Uma vez que te tornas titular?

— Não. Deus, não. — Ele pareceu horrorizado diante daquela assunção, e ela teve de rir.

— Então porque te deixas ficar?

— Não tenho a certeza. — Surgiu algo nos olhos dele que Olive não soube interpretar. Havia muita coisa que ela não sabia sobre Adam Carlsen. Era um sacana, mas um sacana com uma profundidade imprevista. — Há um quê daquela falácia dos custos irrecuperáveis nisto, de certeza. É difícil desistires quando já investiste tanto tempo e energia. Mas a ciência faz tudo valer a pena. Quando funciona, pelo menos.

Ela anuiu, refletindo naquelas palavras, e lembrou-se d'O Gajo da casa de banho. Ele tinha-lhe dito que a academia envolvia muito trabalho para pouco ganho, pelo que era preciso uma boa razão para se escolher aquele caminho. Olive perguntou-se onde estaria ele naquele momento. Se teria conseguido o diploma. Se ele saberia que tinha ajudado alguém a tomar uma das decisões mais difíceis da sua vida. Se ele fazia ideia de que havia uma rapariga, algures no mundo, que ainda se lembrava muitas vezes daquele encontro do acaso. Era pouco provável.

— Eu sei que o doutoramento é miserável para toda a gente, mas é deprimente ver docentes da faculdade por aqui numa sexta-feira à noite, quando deviam estar, por exemplo, a assistir à *Netflix* na cama, ou a jantar com a namorada...

— Pensei que eras minha namorada.

Olive sorriu-lhe.

— Mais ou menos.

Mas uma vez que tinham abordado o tema: porque é que não tens uma? Porque começa a parecer-me cada vez mais difícil entender o motivo. A única opção é que se calhar não queres ter uma. Se calhar só queres estar sozinho, como tudo no teu comportamento sugere, e aqui estou eu, a aborrecer-te de morte. Devia meter as batatas fritas e o chocolate no bolso e voltar para as estúpidas das amostras de proteína, mas por alguma razão é muito confortável ter-te por perto. E sinto-me puxada para ti, mesmo sem entender porquê.

— Planeias ficar na academia? — perguntou ele. — Depois de te doutorares?

— Sim. Talvez. Não.

Ele sorriu, e Olive deu uma gargalhada.

— Ainda não está decidido.

— Certo.

— É só que... há coisas que adoro. Estar no laboratório, fazer pesquisas. Ter ideias para estudos, sentir que estou a fazer alguma coisa com significado. Mas se seguir o percurso académico, então vou ter de fazer mais uma série de coisas e... — Sacudiu a cabeça.

— Outras coisas?

— Sim, a parte de relações públicas, sobretudo. Fazer candidaturas a bolsas e convencer pessoas a financiarem a minha investigação. Estabelecer contactos, que é uma coisa que para mim tem um cantinho especial no inferno. Falar em público, ou mesmo falar com pessoas a sós, mas que sintam que devo impressionar. Isso é o pior. Odeio. Começa a doer-me a cabeça, congelo, e parece que estão todos prontos para olharem para mim e me julgarem, e a minha língua fica paralisada e começo a desejar estar morta, e depois que o

mundo estivesse morto e... — Reparou no sorriso dele e atirou-lhe um olhar pesaroso. — Já percebeste a ideia.

— Há coisas que podes fazer para ultrapassar isso, se quiseres. Só tens de praticar. Garantir que tens os pensamentos organizados, por exemplo. Coisas do género.

— Eu sei, e tento fazer isso; foi o que fiz antes da reunião com o Tom. E, mesmo assim, pus-me a gaguejar que nem uma imbecil quando ele me fez uma pergunta simples. — *E depois tu ajudaste-me a organizar os pensamentos, salvaste-me outra vez, sem querer.* — Não sei. Talvez o meu cérebro esteja avariado.

Ele sacudiu a cabeça.

— Saíste-te muito bem nessa reunião com o Tom, sobretudo tendo em conta que tiveste de aguentar o teu falso-namorado ao lado o tempo todo. — Ela não mencionou que a sua presença até tinha ajudado. — O Tom pareceu-me bem-impressionado, o que não é um feito modesto. E, se alguém esteve mal, foi definitivamente ele. Desculpa ele ter feito aquilo, já agora.

— Feito o quê?

— Obrigar-te a falar da tua vida pessoal.

— Oh. — Olive desviou o olhar na direção do brilho azul da máquina automática. — Não faz mal. Já passou muito tempo. — Sentiu-se surpreendida por se ouvir continuar, e também por *querer* continuar: — Eu estava no secundário.

— Isso foi... cedo. — Havia qualquer coisa no modo como falou, talvez a suavidade, talvez a contenção ao mostrar empatia, que ela sentiu como tranquilizador.

— Tinha quinze anos. Um dia a minha mãe estava lá, e depois... Nem sei. Costumávamos andar de caiaque. Estávamos a pensar adotar um gato. Discutíamos por eu

continuar a atirar porcarias para o lixo depois de o saco já estar cheio, e por não gostar de o levar para a rua. De repente recebeu o diagnóstico, e três semanas depois já tinha... — Não conseguia dizer. Os lábios, as cordas vocais, o coração, não conseguiam pronunciar as palavras. Então engoliu-as. — A proteção de menores não sabia o que fazer comigo, ou onde havia de me meter, até eu atingir a maioridade.

— E o teu pai?

Ela sacudiu a cabeça.

— Nunca estive por perto. É um cretino, segundo a minha mãe. — Riu-se baixinho. — O gene de nunca-levar-o-lixo-para-fora veio-me do lado dele da família. E os meus avós morreram quando eu era pequena, porque aparentemente é isso que fazem as pessoas à minha volta. — Tentou dizê-lo como uma piada, tentou mesmo. Tentou não soar amarga. Até achou que estava a sair-se bem. — Eu fiquei simplesmente... sozinha.

— E o que fizeste?

— Estive numa família de acolhimento até aos dezasseis, e depois pedi a emancipação — estremeceu, para afastar as lembranças. — Se tivessem descoberto antes, só uns mesinhos antes... Quem sabe ela ainda estivesse aqui. E eu... eu sempre fui boa em ciências, pensei que o mínimo que podia fazer era...

Adam vasculhou os bolsos durante alguns instantes e estendeu-lhe um lenço amachucado. Olive fitou-o, confusa, até dar conta de que tinha as bochechas molhadas.

Oh.

— Adam, acabaste de me oferecer um lenço usado?

— Eu... talvez — ele pressionou os lábios. — Entrei em pânico.

Ela riu-se por entre as lágrimas, aceitando o lenço sujo e usando-o para assoar o nariz. Já se tinham beijado duas vezes, no fim de contas. Porque não compartilhar um pouco de ranho?

— Desculpa, não costumo ser assim.

— Assim como?

— Chorona... Não devia falar destas coisas.

— Porquê?

— Porque... — Era difícil explicar o misto de dor e de afeição que vinha ao de cima sempre que ela falava da mãe. Era por isso que quase nunca o fazia, e era o motivo pelo qual ela odiava tanto o cancro. Além de a ter privado da pessoa que mais amava na vida, também lhe tinha transformado as melhores memórias em algo agriçoce. — Deixa-me chorona.

Ele sorriu.

— Olive, podes falar disso. E devias permitir-te ser chorona.

Ela sentiu que ele estava a ser sincero. Que podia falar da mãe durante quanto tempo quisesse, e que ele estaria ali, atento, a escutá-la. Contudo, não sabia se estava pronta para isso. Agitou-se, mudando de assunto:

— Seja como for, aqui estou eu. A adorar o trabalho de laboratório, e mal conseguindo lidar com o resto; apresentações, conferências, contactos. Prestar assistência aos professores. Bolsas rejeitadas... — Olive gesticulou na direção de Adam. — Teses chumbadas...

— O teu parceiro de laboratório continua a dificultar-te a vida?

Olive sacudiu a mão para mostrar que não era importante.

— Não sou a pessoa favorita dele, mas seja. Ele há de ultrapassar. — Mordeu o lábio. — Peço desculpa pela outra

noite. Fui mal-educada. Tens todo o direito de estar chateado.

Adam abanou a cabeça.

— Não tem problema. Eu percebi de onde aquilo veio.

— Eu percebo o que disseste. Sobre não querereres formar uma geração de cientistas *millennials* medíocres.

— Acho que nunca usei essa expressão, «cientistas *millennials* medíocres».

— Mas, para tua informação, ainda acho que não precisavas de ser tão duro quando dás a tua opinião. Percebemos o essencial da mensagem, mesmo que a passes de modo simpático.

Ele olhou-a demoradamente. Depois assentiu.

— Tomei nota.

— Vais ser menos duro, então?

— É pouco provável.

Ela suspirou.

— Sabes, quando não tiver mais amigos, e toda a gente me odiar por causa desta história do falso-namoro, vou ficar completamente sozinha e vais ver-te obrigado a sair comigo todos os dias. Vou chatear-te o tempo todo. Será que vale mesmo a pena seres mau para toda a gente no programa?

— Sem dúvida.

Ela voltou a suspirar, desta vez com um sorriso, e pousou a fronte no ombro dele. Talvez fosse um bocadinho precipitado, mas pareceu-lhe natural, quem sabe porque tinham o condão de se meterem em situações que requeriam demonstrações públicas de afeto, ou por causa de tudo o que tinham estado a conversar, ou porque era tarde. Adam... enfim, não pareceu importar-se. Deixou-se estar ali, calado, relaxado, quente e

sólido para lá do algodão da camisola preta, debaixo da têmpora dela. Pareceu que tinha passado muito tempo antes de ele voltar a falar:

— Não me arrependo de ter dito ao Greg que revisse a sua proposta. Mas tenho pena de ter causado uma situação que o levou a descontar em ti. E também porque, enquanto isto continuar, é provável que volte a acontecer.

— E eu arrependo-me das mensagens que te mandei — reforçou. — E estás certo. Mesmo sendo antagonístico e inalcançável.

— É bom saber.

— Devia voltar para o laboratório. — Endireitou-se e levou uma mão à base do pescoço, para o massajar. — Aquela porcaria desastrosa não se vai resolver sozinha.

Adam pestanejou, e havia um brilho nos olhos dele, como se não esperasse que ela se fosse embora tão cedo. E como se preferisse que ela ficasse mais um pouco.

— Porquê desastrosa?

Ela grunhiu:

— É só que... — Pegou no telemóvel e procurou uma fotografia do seu último resultado, obtido pelo método *immunoblot*. — Vês? — Apontou para a proteína alvo. — Isto não devia...

Ele assentiu, pensativo.

— Tens a certeza de que a amostra inicial estava boa? E o gel?

— Sim, nem demasiado líquido, nem prestes a secar.

— Parece que o problema pode ser um anticorpo.

Ela olhou para ele.

— Achas que sim?

— Sim. Eu verificava a diluição e a absorvência. Se não for isso, também pode ser um anticorpo secundário instável. Se depois disso ainda não funcionar, aparece no meu laboratório; empresto-te o nosso material. O mesmo quanto ao equipamento. Se precisares de alguma coisa, pede ao gerente do meu laboratório.

— Oh, uau. Obrigada — sorriu. — Agora até me sinto triste por não poder ter-te no meu comité de tese. Talvez os rumores a respeito da tua crueldade tenham sido exagerados.

A boca dele curvou-se num sorriso.

— Ou, talvez consigas atrair o melhor de mim.

Ela sorriu.

— Então, nesse caso, eu devia ficar por perto. Como deves entender, seria apenas para salvar todo o departamento do teu mau humor.

Ele deitou um olhar à fotografia do *imunoblot* falhado que ela ainda tinha na mão.

— Bem, não me parece que vás doutorar-te tão depressa.

Ela soltou uma gargalhada misturada com um arquejo.

— Oh, meu Deus. Acabaste de sugerir que...?

— Objetivamente...

— É a coisa mais rude e mais maldosa... — Ela estava a rir-se. Estava agarrada ao estômago enquanto apontava para ele.

— ... tendo em conta o teu *imunoblot*...

— ... que alguém alguma vez poderia dizer a um estudante de doutoramento.

— Acho que consigo dizer coisas piores. Se me empenhar nisso.

— Ficamos por aqui. — Preferia não estar a sorrir. Assim, quem sabe ele a levasse a sério em vez de olhar para ela com aquela expressão paciente e divertida. — A sério. Foi bom enquanto durou. — Preparou-se para se ir embora, derrotada, mas ele agarrou-a pela manga da camisola e puxou gentilmente até ela voltar a sentar-se ao lado dele, no sofá estreito. Talvez estivessem um bocadinho mais próximos do que antes. Ela manteve o olhar fulminante, mas ele olhou para ela com brandura, imperturbado.

— Não há nada de errado em levar mais do que cinco anos a obter o diploma — sugeriu, num tom conciliador.

Olive bufou.

— Queres que fique por aqui para sempre. Até teres o maior e mais forte processo do artigo IX que jamais existiu contra mim.

— Foi sempre esse o meu plano. A única razão pela qual te beijei do nada.

— Oh, cala-te. — Aproximou o queixo do peito, para ele não reparar em como sorria como uma idiota. — Ei, posso perguntar-te uma coisa?

Adam olhou-a, expetante, como se tinha tornado costume nos últimos tempos, pelo que ela continuou, o tom mais suave e tranquilo:

— Porque é que estás mesmo a fazer isto?

— A fazer o quê?

— A fingir que namoramos. Percebo que não queiras passar por alguém em risco de fuga, mas... Porque é que não estás a

sair com alguém *a sério*? Quer dizer, não és tão mau quanto isso...

— Grande elogio.

— Não, vá lá, o que quero dizer é... Tendo em conta o teu comportamento como falso-namorado, tenho a certeza de que um monte de mulheres, enfim... *algumas* mulheres, haveriam de adorar sair contigo. — Mordeu o lábio uma vez mais, enquanto se entretinha com o buraquinho das calças de ganga no joelho. — Somos amigos. Não éramos, quando isto começou, mas agora somos. Podes dizer-me.

— Ai somos?

Ela assentiu. *Sim. Sim, somos. Vá lá.*

— Bem, acabámos de violar uma das regras sagradas da amizade na academia, que é nunca mencionar o tempo que falta para o diploma. Mas acho que te perdoo se me disseres que preferes isto a... Tu entendes, a uma namorada *verdadeira*.

— Prefiro.

— A sério?

— Sim. — Parecia honesto. Ele era honesto. Adam não era um mentiroso; ela apostaria a sua vida nisso.

— Porquê, então? Gostas que te espalhem protetor solar em público? E da oportunidade de doar centenas de dólares ao Starbucks do *campus*?

Ele sorriu, debilmente. E depois já não estava a sorrir. Também já não olhava para ela, mas sim para o plástico amachucado que ela tinha atirado para a mesa há alguns minutos.

Ele engoliu em seco. Ela observou o seu maxilar enquanto o fazia.

— Olive. — Ele respirou fundo. — Devias saber que...

— Oh, meu Deus!

Os dois apanharam um susto — Olive mais do que Adam —, e viraram-se para a entrada. Jeremy estava ali de pé, uma mão dramaticamente agarrada ao esterno.

— Vocês pregaram-me um susto de morte! O que é que estão aí a fazer, sentados no escuro?

O que é que tu estás aqui a fazer? Pensou Olive, contrariada.

— Estamos só a conversar — disse ela. Embora não lhe parecesse uma boa descrição do que se tinha passado. E, ainda assim, não percebia o porquê.

— Assustaram-me — repetiu Jeremy. — Estás a trabalhar no relatório, Ol?

— Sim. — Atirou um olhar rápido a Adam, que estava imóvel e inexpressivo a seu lado. — Estava só a fazer uma pausa. Ia já voltar para o trabalho, de qualquer modo.

— Oh, boa. Eu também — sorriu Jeremy, apontando na direção do seu laboratório. — Preciso de isolar uma série de moscas da fruta virgens. Antes de já não serem virgens, percebes? — Levantou as sobrancelhas, e Olive teve de forçar uma gargalhada, curta e pouco convincente. Geralmente, apreciava o seu sentido de humor. Geralmente. Naquele momento, só queria... — Vens, Ol?

Não, na verdade estou muito bem aqui.

— Claro. — Levantou-se, relutante. Adam fez o mesmo, juntando os plásticos e a garrafa vazia para os distribuir pelos respetivos caixotes de reciclagem.

— Boa noite, Dr. Carlsen — disse Jeremy, da porta. Adam fez um gesto na sua direção, um tanto seco. A expressão dos seus olhos estava uma vez mais fora de alcance.

Parece que é agora, pensou ela. Não sabia de onde lhe vinha o peso no peito. Era possível que estivesse apenas cansada. Ou que tivesse comido muito, ou não o suficiente.

— Vemo-nos por aí, Adam. Certo? — murmurou, antes de se encaminhar para a porta e de deixar a sala. A voz soou baixa o suficiente para que Jeremy não a ouvisse. Se calhar, nem Adam a tinha ouvido. Só que ele parou por um instante e, quando passou por ela, ela teve a impressão de que a sua mão roçou, suavemente, na dela.

— Boa noite, Olive.

Capítulo 9

♥ HIPÓTESE: Quanto mais menciono um anexo no texto do *e-mail*, menos provável é que inclua o dito anexo no *e-mail*.

Sábado, 18h34

DE: Olive-Smith@stanford.edu

PARA: Tom-Benton@harvard.edu

ASSUNTO: Re: Projeto de diagnóstico de cancro pancreático

Olá, Tom.

Aqui está o relatório que me pediste, com uma descrição detalhada de tudo o que fiz até aqui, bem como os meus pensamentos sobre futuros ajustamentos, e sobre os recursos que vou precisar de expandir.

Mal posso esperar pelos teus comentários ao meu trabalho!

Cumprimentos,

Olive.

Sábado, 18h35

DE: Olive-Smith@stanford.edu

PARA: Tom-Benton@harvard.edu

ASSUNTO: Re: Projeto de diagnóstico de cancro pancreático

Olá, Tom.

Ups, esqueci-me do anexo.

Cumprimentos,

Olive.

Hoje, 15h20

DE: Tom-Benton@harvard.edu

PARA: Olive-Smith@stanford.edu

ASSUNTO: Re: Projeto de diagnóstico de cancro pancreático

Olive,

Acabei de ler o teu relatório. Achas que podias passar aqui na casa do Adam para conversarmos sobre ele? Se calhar amanhã de manhã (terça-feira) às nove? Eu e o Adam partimos para Boston na quarta-feira à tarde.

TB

O coração de Olive começou a bater mais rápido, embora ela não soubesse se era por causa da ideia de visitar a casa de Adam, ou de obter uma resposta da parte de Tom. Enviou imediatamente uma mensagem a Adam.

Olive: O Tom acabou de me convidar para ir a tua casa para falarmos do relatório que lhe enviei. Há problema se passar por lá?

Adam: Claro que não. Quando?

Olive: Amanhã às nove da manhã. Vais estar em casa?

Adam: Provavelmente. Não há ciclovias para a minha casa. Precisas de boleia? Posso ir buscar-te.

Ela pensou por alguns instantes, e decidiu que a ideia lhe parecia demasiado boa.

Olive: O meu colega de apartamento leva-me, mas obrigada pela oferta.

Malcolm deixou-a em frente a uma bonita casa espanhola em estilo colonial, com paredes de estuque e janelas em arco, e recusou-se a sair do acesso até Olive concordar em levar uma lata de gás-pimenta na mochila. Ela passou pelo trilho de tijolos e chegou à entrada, maravilhada com o verde do pátio e com a atmosfera acolhedora do alpendre. Estava prestes a tocar à campainha quando ouviu o seu nome.

Adam estava atrás dela, banhado em suor, acabado de chegar da sua corrida matinal. Usava óculos de sol, calções e uma *T-shirt* dos maratonistas de Matemática de Princeton, cingida ao peito. De tudo o que trazia, a única coisa que não era preta eram os *AirPods* nas orelhas, a espreitar por entre as ondas do cabelo. Ela sentiu as bochechas curvarem-se num sorriso, ao tentar imaginar que tipo de música ele estaria a ouvir. Provavelmente Coil, ou Kraftwerk. The Velvet Underground. Ou uma *TED Talk* sobre paisagens com elevada eficiência de consumo de água. Ruídos de baleias.

Teria dado uma boa fatia do seu salário em troca de cinco minutos sozinha com o telemóvel dele, só para lhe desorganizar a *playlist*. Ia incluir Taylor Swift, Beyoncé e algumas de Ariana. Serviria para lhe alargar os horizontes. Não podia ver-lhe os olhos por detrás das lentes negras, mas não era preciso. A boca dele curvou-se assim que a viu. O sorriso era discreto mas estava definitivamente lá.

— Estás bem? — perguntou ele.

Olive deu conta de que estivera a olhá-lo fixamente.

— Hum, claro. Desculpa. E tu?

Ele acenou, afirmativamente.

— Encontraste logo a casa?

— Sim. Ia bater agora.

— Não é preciso. — Passou por ela e abriu a porta diante deles, detendo-se até ela passar por ele para a fechar. Ela captou o seu cheiro ao passar; suor, sabonete, e algo escuro e bom, e perguntou-se como era possível que ele se tivesse tornado tão familiar. — O Tom deve estar para ali.

A casa de Adam era luminosa, espaçosa e mobilada com simplicidade.

— E os animais de taxidermia? — perguntou ela, num sopro.

Ele estava prestes a virá-la do avesso quando viram Tom na cozinha, a escrever no seu computador portátil. Olhou para ela e sorriu, o que, esperou ela, era um bom sinal.

— Obrigado por vires, Olive. Não tinha a certeza se teria tempo de ir ao *campus* antes de me ir embora. Senta-te, por favor.

Adam deixou-os sozinhos, provavelmente para ir tomar um duche, e Olive sentiu o coração a acelerar. Tom já tinha

tomado uma decisão. O seu destino seria decidido nos próximos minutos.

— Achas que me podes esclarecer alguns pontos? — pediu ele, virando o computador na direção dela e apontando para algumas das figuras que ela tinha enviado. — Só para garantir que percebi bem os teus protocolos.

Quando Adam regressou, vinte minutos depois e de cabelo molhado, vestido com uma das suas milhares de camisolas *Henley* pretas, todas quase iguais embora lhe assentassem irritantemente bem, ela estava a concluir a explicação sobre as análises ao ácido ribonucleico. Tom tirava notas no seu portátil.

— Quando terminarem, eu posso dar-te boleia para o *campus*, Olive — informou Adam. — Tenho de ir até lá, de qualquer maneira.

— Terminámos — disse Tom, ainda a digitar. — Ela é toda tua.

Oh. Olive assentiu e pôs-se de pé com prudência. Tom ainda não lhe tinha dado a resposta. Fizera imensas perguntas interessantes e inteligentes sobre o projeto, mas não lhe tinha dito se queria trabalhar com ela no ano seguinte. Será que significava que a resposta seria não, mas preferia não o comunicar a Olive na casa do «namorado»? E se ele nunca viesse a achar que o seu trabalho merecia financiamento? E se tivesse estado só a fingir interesse porque Adam era seu amigo? Adam tinha dito que Tom não era esse tipo de pessoa, mas e se estivesse errado e...

— Estás pronta para ir? — perguntou Adam. Ela agarrou a mochila, tentando recompor-se. Estava bem. Estava tudo bem. Podia chorar mais tarde.

— Claro — balançou-se, apoiada nos pés, e atirou um último olhar a Tom. Infelizmente, absorvido pelo portátil. — Adeus, Tom, foi um prazer conhecer-te. Boa viagem de regresso a casa.

— Igualmente para ti — disse ele, sem sequer a olhar. — Gostei muito das nossas conversas.

— Pois. — Deve ter sido a secção sobre os prognósticos baseados em genomas, pensou ela, seguindo Adam para fora da cozinha. Tinha suspeitado de que essa parte estava fraca, mas fora estúpida e enviara o relatório na mesma. Estúpida, estúpida, *estúpida*. Devia ter melhorado o documento. O mais importante era evitar chorar, até...

— E, Olive — acrescentou Tom.

Ela parou na ombreira e olhou para ele.

— Sim?

— Vejo-te para o ano em Harvard, sim? — O olhar dele encontrou-a, por fim. — Tenho o banco perfeito reservado para ti.

O coração dela detonou. Explodiu-lhe no peito em alegria absoluta, e Olive sentiu uma onda violenta de felicidade, de orgulho e de alívio a espalhar-se por ela. Podia tê-la atirado ao chão com facilidade, mas, por algum milagre da biologia, ela conseguiu manter-se de pé e sorrir a Tom.

— Mal posso esperar — disse, a voz carregada de lágrimas de felicidade. — Muito, muito obrigada.

Ele piscou-lhe o olho e atirou-lhe um último sorriso, bondoso e motivador. Olive mal pôde esperar até se ver no exterior para se pôr a saltar várias vezes e a dançar.

— Já terminaste? — perguntou Adam.

Ela virou-se, lembrando-se de que não estava sozinha. Ele tinha cruzado os braços no peito, os dedos a tamborilar contra os bíceps. Havia uma expressão de indulgência nos seus olhos, e — ela devia sentir-se embaraçada por isso, mas não pôde evitar. Atirou-se para cima dele e cingiu-lhe o tronco com força num abraço. Fechou os olhos quando, alguns segundos depois, ele a envolveu com os braços.

— Parabéns — sussurrou ele, contra o seu cabelo. E só por isso ela ficou uma vez mais à beira das lágrimas.

Uma vez no carro de Adam — um *Prius*, como não poderia deixar de ser — e a caminho do *campus*, ela sentia-se tão feliz que não aguentou ficar calada.

— Ele aceitou-me. Ele aceitou-me.

— Seria parvo se não aceitasse. — Adam sorria suavemente. — Sabia que ia aceitar-te.

— Ele já te tinha dito? — Ela esbugalhou os olhos. — Já sabias e nem sequer me...

— Não sabia. Nunca falámos de ti.

— Oh? — Ela inclinou a cabeça, virando-se no seu lugar para o olhar melhor. — Porquê?

— É um acordo mudo. Podia dar-se um conflito de interesses.

— Certo. — Claro, fazia sentido. Amigo próximo e namorada. Falsa-namorada, na realidade.

— Posso perguntar-te uma coisa?

Ela anuiu.

— Há montes de laboratórios de cancro nos Estados Unidos. Porque é que escolheste o do Tom?

— Bem, não foi bem escolher. Enviei *e-mails* a inúmeras pessoas, duas das quais estão aqui na Universidade de Stanford, que fica bem mais perto do que Boston. Mas o Tom foi o único que respondeu. — Apoiou a cabeça nas costas do assento. Ocorreu-lhe pela primeira vez que ia ter de abandonar a sua vida por um ano inteiro. O apartamento com Malcolm, as noites passadas com Anh. Até Adam. Afastou de imediato esse pensamento, porque ainda não estava pronta para o enfrentar. — Porque é que os professores nunca respondem aos *e-mails* dos alunos, já agora?

— Porque recebemos aproximadamente duzentos por dia, e a maioria deles é do género «porque é que tive negativa?» — Ficou calado por um momento. — O meu conselho, de futuro, é pedires ao teu orientador que faça a abordagem por ti.

Ela assentiu e guardou a informação.

— Fico satisfeita por ter conseguido esta oportunidade em Harvard. Vai ser espetacular. O Tom é notável na área, e o trabalho que posso desenvolver no laboratório dele não tem limites. Vou fazer estudos vinte e quatro horas por dia, e se os resultados forem o que acredito que hão de ser, vou poder publicar em jornais da área com grande alcance, e dentro de poucos anos devo conseguir que façam um ensaio clínico... — Sentiu-se a flutuar diante daquelas perspetivas. — Ei, agora que temos um colaborador em comum, seremos excelentes parceiros de falso-namoro! — Ocorreu-lhe um pensamento. — A bolsa que ganhaste com o Tom é para que tipo de projeto?

— Modelos de células-base.

— Fora da rede?

Ele assentiu.

— Uau. Isso é muito interessante.

— É o projeto mais interessante em que estou a trabalhar, sem dúvida. Também recebi o financiamento no momento certo.

— O que queres dizer com isso?

Ele ficou em silêncio durante um momento, enquanto mudava de faixa.

— É diferente dos outros fundos de investigação que tenho de gerir, que são mais genéricos. O que é interessante, não me interpretes mal, mas depois de dez anos a investigar a mesma coisa... Estava preso na rotina.

— Queres dizer... aborrecido?

— De morte. Até cheguei a ponderar virar-me para o mercado de trabalho.

Olive arquejou. Sair da academia para o mercado seria a maior das traições.

— Não te preocupes. — Adam sorriu. — O Tom resgatou-me. Quando lhe disse que já não estava a tirar prazer da investigação, ele deu-me dicas para novos rumos, encontrou algo que é entusiasmante para os dois, e fez a candidatura ao investimento.

Olive sentiu-se estranhamente agradecida a Tom. Não só porque ia ajudá-la a recuperar o seu projeto, mas também por ele ser o motivo pelo qual Adam ainda estava por perto. O motivo pelo qual ela tivera a oportunidade de o conhecer.

— Deve ser bom sentirmo-nos outra vez entusiasmados com o nosso trabalho.

— Sim, é. A academia é muito trabalho para pouco ganho. É difícil deixares-te ficar se não tiveres um bom motivo.

Ela assentiu, ausente, pensando em como aquelas palavras lhe soavam familiares. Não só o conteúdo, mas também a

forma como tinham sido pronunciadas. Não era de espantar: fora exatamente o que O Gajo da casa de banho lhe tinha dito há alguns anos. *A academia é muito trabalho para pouco ganho. O que interessa é saber se a razão pela qual estás na universidade é boa o suficiente.*

De repente, caiu-lhe a ficha.

A voz profunda. O cabelo negro desfocado. O mesmo modo incisivo de falar. Será que O Gajo da casa de banho e Adam eram...

Não. Impossível. O Gajo era um estudante — contudo, ele teria dito isso especificamente? Não. Não, o que ele tinha dito fora que *Esta é a casa de banho do meu laboratório*, e isso tinha sido há seis anos, e ele não tinha respondido sobre quando iria concluir o doutoramento e...

Impossível. Improvável. Inconcebível.

Como tudo o que envolvia Olive e Adam.

Oh, Deus. Será que se tinham *mesmo* conhecido há anos? Ele provavelmente nem se recordava. De certeza. Olive não era ninguém. Mesmo agora, não era ninguém. Pensou em perguntar-lho, mas para quê? Ele não fazia ideia de que aqueles cinco minutos de conversa tinham sido o empurrão de que ela precisava. E que tinha pensado nele durante anos.

Olive lembrava-se das últimas palavras que lhe tinha dirigido — *Se calhar, vejo-te para o ano* — e oh, se ela soubesse. Sentiu algo quente e suave a mover-se na parte de si que guardava com maior cuidado. Olhou para Adam, e sentiu o ardor intensificar-se, ficar mais quente e mais forte.

Tu, pensou ela. *És o mais...*

O pior...

O melhor...

Olive riu-se, sacudindo a cabeça.

— O quê? — perguntou ele, intrigado.

— Nada. — Sorriu na direção dele. — Nada. Ei, sabes que mais? Devíamos ir tomar café. Para celebrar.

— Celebrar o quê?

— Tudo! O teu financiamento. O meu ano em Harvard. O quão bem está a ir esta história de falso-namoro.

Era injusto que ela lhe pedisse aquilo, posto que só deveriam tomar café no dia seguinte, para o falso-encontro semanal. Mas a quarta-feira anterior tinha durado poucos minutos, e, desde sexta-feira à noite, Olive tinha removido as mãos do telemóvel pelo menos umas trinta vezes para evitar enviar-lhe mensagens sobre temas que só iriam aborrecê-lo. Ele não precisava de saber que tinha razão e que o problema com o *immunoblot* era o anticorpo. De certeza que ele não teria respondido às dez da noite de sábado, quando ela estivera em pulgas para saber se ele estava no seu escritório, e tinha escrito duas vezes *Ei, que andas a fazer?*, mensagem que apagou de seguida. E estava contente por se ter acobardado no momento de lhe reencaminhar um artigo da *Onion* sobre cuidados com a exposição solar.

Era injusto que ela lhe pedisse aquilo e, no entanto, aquele era um dia memorável e queria mesmo celebrar. Com ele.

Ele mordeu o interior da bochecha, pensativo.

— Estamos a falar de café ou de chá de camomila?

— Depende. Vais estar de mau humor?

— Sim, se pedires aquela coisa de abóbora.

Ela revirou os olhos.

— Não sabes o que é bom. — O telemóvel dela emitiu um lembrete sonoro. — Oh, temos de passar no *Gripella*, também.

Antes do café.

Surgiu uma ruga entre as sobrancelhas dele.

— Estou com medo de perguntar o que é isso.

— *Gripella* — repetiu Olive, embora não tivesse sido de grande ajuda, tendo em conta que as rugas na fronte dele se intensificaram. — A vacinação em massa contra a gripe, que está a acontecer na universidade. Gratuito para docentes, funcionários e alunos.

Adam fez uma cara séria.

— Chama-se *Gripella*?

— *Yep*, como o festival. *Coachella*?

Adam não estava familiarizado com o festival, era evidente.

— Não recebes *e-mails* da faculdade sobre essas coisas? Já houve pelo menos uns cinco.

— Tenho um ótimo filtro de *spam*.

Olive franziu o sobrolho.

— Também bloqueia os *e-mails* de Stanford? Porque eu não faria isso. Podes acabar por não receber mensagens importantes da administração, dos estudantes e...

Adam arqueou a sobrancelha.

— Oh. Está bem.

Não te rias. Não te rias. Ele não precisa de saber que está sempre a pôr-te a rir.

— Enfim, devíamos ir levar a vacina da gripe.

— Estou bem assim.

— Já a tomaste?

— Não.

— Tenho a certeza de que é obrigatório para toda a gente.

Os ombros de Adam indicavam, claramente, que ele *não* era toda a gente.

— Nunca fico doente.

— Duvido.

— Não devias duvidar.

— Ei, a gripe pode ser mais grave do que pensas.

— Não é assim tão má.

— É, sim, especialmente para pessoas como tu.

— Como eu?

— Sim, tu sabes... Pessoas com alguma idade.

Ele sorriu e virou para o parque de estacionamento do *campus*.

— Sua sabichona.

— Vá lá — ela inclinou-se, espetando-lhe o indicador nos bíceps. Já se tinham tocado bastante, por essa altura. Em público e sozinhos, e numa mistura dos dois. Não parecia estranho. Parecia bom e natural, como quando Olive estava com Anh, ou com Malcolm. — Vamos juntos.

Ele não hesitou em estacionar o carro numa vaga que teria levado a Olive duas horas de manobras.

— Não tenho tempo.

— Acabaste de concordar em ir tomar um café. Deves ter algum tempo.

Ele concluiu a manobra de estacionamento em menos de um minuto e pressionou os lábios. Não parecia disposto a responder.

— Porque é que não queres levar a vacina? — Ela estudou-o, desconfiada. — És contra as vacinas?

Oh, se um olhar pudesse matar.

— *Okay* — ela arqueou a sobrancelha. — Então, porquê?

— Não vale a pena o trabalho que dá. — Será que ele tinha acabado de estremecer? Estaria a morder o interior do lábio?

— São só dez minutos, literalmente. — Ela inclinou-se, apontando para a manga da sua camisola. — Chegas lá, passas o cartão da universidade. Eles dão-te a vacina. — Sentiu os músculos dele ficarem tensos quando disse as últimas palavras. — Não custa nada, e o melhor é que não vais ter gripe durante um ano inteiro! *Oh*. — Olive cobriu a boca com a mão.

— O quê?

— Oh, meu Deus.

— O quê?

— Estás com... Oh, Adam.

— O quê?

— Tens medo de agulhas?

Ele imobilizou-se. Ficou completamente imóvel. Nem sequer estava a respirar.

— Não tenho *medo* de agulhas.

— Não faz mal — disse ela, tentando soar encorajadora.

— Eu sei, desde que não...

— Isto é um sítio seguro para ti e o teu medo de agulhas...

— Não há medo nenhum de...

— Eu entendo, as agulhas *são* assustadoras.

— Não é...

— É normal que estejas assustado.

— *Não* estou — reforçou ele, e depois virou-se para o outro lado, aclarou a garganta e coçou o pescoço.

Olive apertou os lábios e depois disse:

— Bem, *eu* costumava sentir-me assustada.

Ele olhou para ela, curioso, pelo que ela continuou.

— Em pequena. A minha... — Tossicou para limpar a garganta. — A minha mãe tinha de me dar um abraço de urso sempre que eu levava uma vacina, ou eu não parava quieta. E ela tinha de me subornar com gelado, mas o problema era que tinha de me dar *imediatamente* depois da vacina. — Ela riu-se. — Por isso ela comprava-me um daqueles gelados em sanduíche antes da consulta, e quando me livrava daquilo e podia comê-lo, já tinha derretido na mala dela e sujado tudo...

Merda. Já estava chorosa, outra vez. À frente de Adam, *outra vez*.

— Parece-me uma pessoa amorosa — disse Adam.

— Era mesmo.

— E, para que fique claro, não tenho medo de agulhas — repetiu. Agora, o seu tom de voz era quente e bondoso. — Só me parecem... nojentas.

Ela fungou e olhou para ele. A vontade de o abraçar era quase irresistível. Mas já tinha feito isso nessa manhã, por isso limitou-se a afagar-lhe o braço.

— Oh, isso é enternecedor — disse ela.

Ele atirou-lhe um olhar contrariado.

— Não digas «oh» com esse tom.

Adorável. Ele era adorável.

— A sério, *são* mesmo nojentas. Uma coisa que te espeta. E depois sangras. A sensação é... *bagh*.

Ela desceu do carro e esperou que ele fizesse o mesmo. Quando ele se aproximou, ela sorriu-lhe, motivadora.

— Eu entendo.

— Entendes? — Não parecia muito convencido.

— Sim. São horríveis.

Ele pareceu um pouco desconfiado.

— São mesmo.

— E assustadoras. — Agarrou-o pelo cotovelo e começou a puxá-lo na direção da tenda de *Gripella*. — Ainda assim, tens de ultrapassar isso. Pelo bem da ciência. Vou levar-te a tomar a vacina.

— Eu...

— Isto não é negociável. Eu seguro-te a mão.

— Não preciso que me seques a mão. Mesmo porque não vou levar vacina nenhuma.

Só que *estava* a ir. Podia ter plantado os pés no chão, e nesse caso ter-se-ia transformado num objeto imóvel: Olive não teria como o arrastar fosse para onde fosse. E, ainda assim...

Ele deixou que a mão dela deslizesse até ao seu pulso, e ela olhou para cima.

— Vais, *sim*.

— Por favor. — Ele parecia estar em sofrimento. — Não me obrigues.

Ele era *tão* adorável.

— É para o teu bem. E para o bem dos velhinhos que se cruzarem contigo. Ainda mais velhos do que tu, quero eu dizer.

Ele suspirou, derrotado.

— Olive.

— Vá lá. Se calhar temos sorte e o chefe do departamento vê-nos por lá. E eu compro-te uma sanduíche de gelado depois.

— E sou eu quem vai pagar essa sanduíche de gelado? — Soou resignado.

— Provavelmente. Na verdade, já agora, é pouco provável que gostes do gelado, de qualquer maneira, porque não aprecias nada do que a vida tem de bom. — Ela continuou a caminhar, mordiscando pensativamente o lábio inferior. — Se calhar a cafetaria tem brócolos crus.

— Não mereço este abuso verbal em cima da vacina da gripe.

Ela iluminou-se.

— És um guerreiro. Apesar das agulhas grandes e más que te querem apanhar.

— És mesmo sabichona. — E continuou sem resistir conforme ela o puxava atrás de si.

Eram dez horas numa manhã de setembro. O sol brilhava alto no céu e queimava mesmo através da camisola de algodão de Olive, e as folhas verdes dos áceres continuavam verdes e sem nada que indicasse que estavam prestes a mudar de cor. Pareceu-lhe diferente dos anos anteriores, aquele verão que não parecia terminar, e que permanecia mesmo depois de iniciado o semestre. Os estudantes deviam estar a dormir nas aulas do meio da manhã, ou ainda a dormir nas suas camas,

porque por uma vez o *campus* de Stanford não parecia envolvido na habitual atmosfera caótica. E Olive — Olive teria um laboratório no ano seguinte. Tudo aquilo pelo qual trabalhara para alcançar desde os quinze anos estava agora prestes a acontecer.

A vida não podia tornar-se muito melhor do que aquilo.

Sorriu, sentindo o perfume das flores e cantarolando baixinho, conforme ela e Adam caminhavam em silêncio, lado a lado. Enquanto atravessavam o recinto, os dedos dela deslizaram do pulso dele e fecharam-se em torno da sua mão.

Capítulo 10

♥ HIPÓTESE: Se me apaixonar, as coisas vão acabar invariavelmente mal.

O rato selecionado estava agarrado a um fio há demasiado tempo, o que parecia impossível, tendo em conta que tinha sido geneticamente modificado. Olive franziu o sobrolho e apertou os lábios. Faltava-lhe ADN essencial. Todas as proteínas que lhe permitiriam aguentar-se tinham sido eliminadas. Não havia modo de ele conseguir segurar-se durante tanto tempo. Era esse o objetivo, quando se eliminava certos genes...

O telemóvel acendeu-se, e ela olhou-o de soslaio. Conseguiu ler o nome de quem acabava de lhe enviar uma mensagem (Adam), mas não conseguiu responder à mensagem. Eram 8h42, e era quarta-feira, o que a deixou preocupada com a possibilidade de ele querer cancelar o falso-encontro. Se calhar porque a tinha deixado escolher-lhe uma sanduíche de gelado no dia anterior depois do *Gripella* (que ela podia, ou não, ter acabado por comer), e não era preciso encontrarem-se de novo. Se calhar, ela não o devia ter obrigado a sentar-se num banco ao lado dela, a falar das maratonas em que tinha participado, e talvez o tivesse aborrecido de morte quando lhe tirara o telemóvel, baixara a sua aplicação favorita de corrida, e se adicionara a si própria como amiga. Tinha-lhe parecido que ele também se estava a divertir, mas se calhar estava enganada.

Olive relanceou as próprias mãos enluvadas, e depois voltou a fitar o rato, que continuava preso ao fio.

— Ei, para de te esforçar tanto. — Ajoelhou-se até ficar com o olhar ao nível da gaiola. O rato pôs-se a correr de um lado para o outro sobre as pequenas pernas, a cauda a agitar-se para

a frente e para trás. — Era esperado que tivesses dificuldade nisto. E era esperado que eu escrevesse uma tese em como tens dificuldade nisto. E depois tu recebes um bocado de queijo, e eu ganho um emprego a sério no qual recebo dinheiro a sério, e a satisfação de dizer que «não sou esse tipo de doutora» quando alguém tiver um ataque cardíaco no avião em que eu vou.

O rato guinchou e largou o fio, caindo com um ruído seco no fundo da jaula de testes.

— Muito bem, isso mesmo. — Livrou-se rapidamente das luvas e desbloqueou o telemóvel com o polegar.

Adam: Dói-me o braço.

De início, ela achou que ele estava a apresentar-lhe uma desculpa para não se encontrarem. Depois lembrou-se de ter esfregado o próprio braço, igualmente dorido, ao acordar.

Olive: Por causa da vacina da gripe?

Adam: Dói muito.

Soltou risadinhas. Achara que não era esse tipo de pessoa, mas ali estava, a cobrir a boca com as mãos e... sim, a dar risadinhas como uma parva no meio do laboratório. O rato estava a olhar para ela, com os olhos vermelhos num misto de censura e surpresa. Olive virou-lhe as costas depressa, e voltou a olhar para o telemóvel.

Olive: Oh, Adam, lamento imenso.

Olive: Achas que devo passar por aí e dar-lhe um beijo, a ver se melhora?

Adam: Não disseste que ia doer tanto.

Olive: Como alguém me disse uma vez, não é minha função ajudar-te a regular as tuas emoções.

A resposta de Adam foi um *emoji* (uma mão amarela com o dedo do meio em riste), e Olive sentiu as bochechas repuxadas por conta do sorriso aberto. Estava prestes a responder com o *emoji* de um beijo quando uma voz a interrompeu:

— Que nojo.

Ela levantou os olhos do telemóvel. Anh estava de pé no laboratório, com a língua de fora.

— Ei. O que estás aqui a fazer?

— Vim buscar luvas. E enojar-me.

Olive franziu a testa.

— Porquê?

— Já não há tamanhos pequenos. — Anh deu um passo em frente, revirando os olhos. — Sinceramente, nunca compram muitas porque sou a única mulher do laboratório, mas não é que as use assim tão depressa...

— Não, porque é que estás enojada?

Anh fez uma careta e tirou um par de luvas púrpura do esconderijo de Olive.

— Por te ver tão apaixonada pelo Carlsen. Posso levar alguns pares?

— O que é que... — Olive pestanejou, segurando o telemóvel com força. — Eu não estou *apaixonada* por ele.

— Hum hum, claro que não. — Anh terminou de encher os bolsos de luvas e depois olhou para cima, dando conta da expressão consternada de Olive. Os olhos abriram-se mais. — Ei, estava a brincar! Não és nojenta. Provavelmente faço a mesma cara quando estou a mandar mensagens ao Jeremy. E até é fofo, ver como estás perdida por ele.

— Mas eu *não* estou. Perdida por ele. — Olive estava a entrar em pânico. — Não estou. É só que...

Anh apertou os lábios, como se estivesse a segurar um sorriso.

— Tudo bem. Se dizes que não.

— Não, a sério... Somos só...

— Tudo bem, miúda. — O tom de Anh soava encorajador e um tanto comovido. — É só que és espetacular. E especial. E, sinceramente, és a minha pessoa preferida no mundo. Mas às vezes fico com pena que mais ninguém, a não ser eu e o Malcolm, tenhamos noção do quão incrível és. Bem, pelo menos até agora. Agora já não estou preocupada, porque já vos vi juntos, tu e o Adam, no piquenique. E no parque de estacionamento. E... de vez em quando, para dizer a verdade. E vocês estão *os dois* perdidamente apaixonados um pelo outro, e parecem muito felizes. É fofo! Exceto naquela primeira noite em que vos vi juntos — acrescentou, pensativa. — Aquilo foi *muito* esquisito.

Olive ficou tensa.

— Anh, não é nada disso. Estamos só... a sair juntos. De vez em quando. A passar tempo. A conhecer-nos melhor... Não estamos...

— *Okay*, está bem. Se dizes que não. — Anh encolheu os ombros, e foi evidente que não acreditava numa palavra de Olive. — Ei, tenho de voltar para a minha colónia de bactérias, já te venho chatear quando tiver um intervalo, *okay*?

Olive assentiu, devagar, de olhos postos nas costas da amiga enquanto ela saía pela porta. O coração de Olive deu um pulo quando Anh parou e se virou para trás, com uma expressão séria:

— Ol. Só quero que saibas que... Estava muito preocupada com a possibilidade de ficares magoada por eu andar a sair com o Jeremy. Mas agora já não estou. Porque agora já sei como é que ficas quando estás... Enfim. — Anh fez um sorriso provocador. — Não vou dizê-lo, se não queres.

Saiu com um aceno de mão, e Olive ficou petrificada, de olhos fixos na ombreira da porta muito depois de Anh ter desaparecido. Depois baixou os olhos para o chão, deixou-se cair para o banco atrás de si, e pensou em apenas uma coisa:

Merda.

Não era o fim do mundo. Essas coisas acontecem. Mesmo os melhores podem ter um fraquinho por outra pessoa — mas Anh tinha falado de amor, oh, Deus, ela tinha dito que estava *apaixonada* — pela pessoa com quem andava a fingir que namorava. Não queria dizer nada.

Apenas que: merda. Merda, merda, *merda*.

Olive trancou a porta do escritório atrás de si e atirou-se para uma cadeira, desejando que aquele não fosse o único dia do semestre em que os colegas de laboratório iam aparecer antes das 10h00.

Era tudo culpa dela. Das escolhas dela. Ela já sabia, já tinha percebido que achava Adam atraente. Sabia isso quase desde o início, e depois tinha começado a falar com ele, a conhecê-lo melhor, apesar de não estar previsto no acordo, e... raios o partissem por ser tão diferente do que ela tinha pensado! Por fazê-la querer passar cada vez mais tempo com ele. Maldito fosse. Aquilo já estava lá, de volta dela nos últimos dias, sem que ela tivesse notado. Porque ela era uma idiota.

Pôs-se de pé abruptamente e enterrou as mãos nos bolsos à procura do telemóvel, e abriu a janela de Malcolm.

Olive: Tenho de te ver.

Malcolm, Deus o abençoasse, respondeu em menos de cinco segundos.

Malcolm: Ao almoço? Estou prestes a entrar na junção neuromuscular de um jovem rato.

Olive: Preciso de falar contigo AGORA.

Olive: Por favor.

Malcolm: Starbucks. Daqui a dez minutos.

— Eu avisei-te.

Olive não se deu ao trabalho de levantar a testa da mesa.

— Não avisaste nada.

— Bem, se calhar não cheguei a dizer: «Ei, não te metas nisso de falso-namoro porque vais acabar apaixonada pelo Carlsen», mas disse-te que a ideia era estúpida e que era um desastre iminente.

Malcolm estava sentado de frente para ela, junto à janela da cafetaria apinhada de gente. Ao redor deles, os estudantes conversavam, riam-se, pediam bebidas — rudemente alheios ao redemoinho na vida de Olive. Ela levantou a cabeça da superfície fria da mesa e pressionou os olhos com as palmas das mãos, evitando ao máximo abri-los. Se calhar, nunca mais teria coragem de os abrir.

— Como é que isto foi acontecer? Eu não sou assim. Isto não sou eu. Como é que eu pude... E pelo Adam Carlsen, entre toda a gente. *Quem é que se apaixona pelo Adam Carlsen?*

Malcolm bufou.

— Toda a gente, Ol. Ele é um pão alto, maldisposto e taciturno, com um QI de génio. Toda a gente gosta de pães altos, mal-humorados e taciturnos, com QI de génio.

— Eu não!

— É evidente que sim.

Ela apertou os olhos até se fecharem e choramingou:

— Mas ele não é nada maldisposto, a sério.

— Oh, é, sim. Só que tu nem vês, porque estás perdida por ele.

— Não estou nada... — Ela bateu na têmpora, repetidamente. — Merda.

Ele inclinou-se para a frente e agarrou-lhe a mão, a pele escura e morna em contraste com a dela.

— Ei — disse ele, e a voz assumiu um tom apaziguador. — Tem calma. Havemos de descobrir o que fazer. — Ele até esboçou um sorriso. Olive amou-o tanto naquele momento, mesmo com todos os «eu avisei-te». — Antes de mais, quão grave é a situação?

— Eu sei lá. Há alguma escala?

— Bem, há o gostar, e depois há o *gostar*.

Ela sacudiu a cabeça, sentindo-se completamente perdida.

— Simplesmente gosto dele. Gosto de passar tempo com ele.

— *Okay*, mas isso não quer dizer nada. Também gostas de passar tempo comigo.

Ela sorriu, sentindo-se ruborizar.

— Não da mesma forma.

Malcolm ficou um instante calado.

— Estou a ver. — Ele sabia o quanto aquilo significava para Olive. Tinha falado sobre isso inúmeras vezes; sobre como era difícil ela sentir atração por alguém, especialmente atração sexual. Que havia algo errado com ela. Que, de alguma forma, o passado a atrapalhava.

— Deus. — Ela só queria desaparecer para dentro do capuz como uma tartaruga, até tudo estar terminado. Queria ir dar uma corrida. Escrever a proposta de tese. Qualquer coisa, menos lidar com aquilo. — Já lá estava, mas eu não tinha dado conta. Só conseguia pensar que ele é inteligente e atraente, e que tem um sorriso bonito, e que podíamos ser amigos e... — Esfregou a palma das mãos nos papos sob os olhos, ciente de que gostaria de voltar um mês atrás e apagar as suas escolhas. Apagar o mês inteiro. — Odeias-me?

— Eu? — Malcolm sou surpreendido.

— Sim.

— Não. Porque é que havia de te odiar?

— Porque ele tem sido horrível para ti, mandou-te destruir uma montanha de informação. É só que... comigo ele não é...

— Eu sei. Bem — corrigiu, sacudindo a mão — não sei *bem*. Mas consigo acreditar que ele seja diferente contigo, que não seja como quando estava na porcaria do meu comité de avaliação.

— Vejo que o odeias.

— Sim, odeio-o. Ou, não gosto dele. Mas tu não tens de não gostar dele por causa de mim. Embora eu me reserve o direito de comentar o teu péssimo gosto para homens. De vez em quando. Mas, Ol, eu vi-vos no piquenique. E é evidente que ele não interage contigo como interage comigo. Além disso, tu sabes — acrescentou, relutante —, não é que ele *não* seja bonitão. Percebo que estejas interessada.

— Não foi nada disto que disseste quando te contei do falso namoro.

— Não, mas estou a tentar ajudar-te. Nessa altura não estavas apaixonada por ele.

Ela grunhiu.

— Por favor, podemos não usar essa palavra? Nunca mais? Parece-me um bocadinho prematuro.

— Claro. — Malcolm sacudiu uma poeira inexistente dos botões. — Que bela forma de dar vida a uma comédia romântica, já agora. Então, como é que lhe vais dizer?

Ela massajou a têmpora.

— Como assim?

— Bem, sentes alguma coisa por ele, e são amigos. Assumo que estás a planear contar-lhe sobre... os teus sentimentos? Posso usar a palavra «sentimentos»?

— Não.

— Enfim. — Ele revirou os olhos. — Vais dizer-lhe, não vais?

— Claro que não. — Ela soltou uma gargalhada áspera — Não podes dizer à pessoa com quem andas a fingir que namoras que... — esforçou-se por encontrar a palavra certa, mas não a encontrou, e depois tropeçou em: — *gostas* dele. Não é possível. O Adam vai pensar que planeei isto tudo. Que estive sempre a tentar apanhá-lo.

— Isso é ridículo. Nessa altura nem sequer o conhecias.

— Se calhar já o conhecia. Lembras-te de te ter falado num gajo, um que me ajudou a tomar a decisão sobre o doutoramento? O que conheci na casa de banho no fim de semana das entrevistas?

Malcolm assentiu.

— Pode ter sido o Adam. Acho eu.

— *Achas?* Queres dizer que não lhe perguntaste?

— Claro que não.

— Porquê «claro»?

— Porque, se calhar, *não* era ele. E, se era, é evidente que não se lembra, ou já teria falado nisso há semanas.

Não era *ele* quem estava a usar lentes de contacto fora do prazo, afinal de contas.

Malcolm voltou a revirar os olhos.

— Ouve, Olive — disse, com franqueza. — Preciso que consideres uma coisa: e se o Adam também gostar de ti? E se ele quiser algo mais sério?

Ela riu-se.

— É impossível.

— Porquê?

— Porque sim.

— Porque sim o quê?

— Porque é ele. É o Adam Carlsen, e eu... — desistiu. Não valia a pena continuar. *E eu sou eu. Nada de especial.*

Malcolm ficou calado durante muito tempo.

— Tu não tens mesmo noção, pois não? — Soou triste. — Tu és espetacular. És bonita e amorosa. És independente, e uma cientista genial, e generosa, e leal, caramba, Ol, olha só para esta confusão ridícula que arranjaste só para a tua amiga poder sair com o tipo de quem gosta sem se sentir culpada. É impossível que o Carlsen não tenha dado conta disto.

— Não. — Estava decidida. — Não é isso, eu acho que ele gosta de mim, mas pensa em mim como amiga. E se lhe disser isso, e ele não quiser...

— Quiser o quê? Continuar a fingir que namora contigo? Não é que tenhas muito a perder.

Talvez não. Ou, talvez perdesse as conversas, os olhares que Adam lhe lançava, e o modo como abanava a cabeça quando ela pedia mais *chantilly*; e ainda a forma como ele a deixava tirá-lo do mau humor, as mensagens, a maneira como ele parecia tão à vontade com ela, tão diferente do Adam Carlsen de quem ela costumava ter medo; se calhar tudo aquilo não era grande coisa. Mas ela e Adam tinham-se tornado amigos e podiam continuar amigos depois de vinte e nove de setembro. O coração de Olive ficava apertado só de pensar em abdicar disso.

— Tenho, sim.

Malcolm suspirou, envolvendo uma vez mais a mão de Olive na sua.

— Gostas mesmo dele, então.

Ela apertou os lábios, pestanejando depressa para afastar as lágrimas.

— Se calhar gosto. Não sei, nunca senti isto antes. Nunca quis sentir nada disto.

Ele sorriu, reconfortando-a, apesar de Olive não se sentir nada reconfortada.

— Ouve, eu sei que é assustador, mas não tem de ser necessariamente uma coisa má.

Havia uma lágrima solitária a descer pelo rosto de Olive. Ela apressou-se a limpá-la com a manga.

— É péssimo.

— Finalmente descobriste alguém de quem gostas. E, tudo bem, é o Carlsen, mas ainda pode acabar bem.

— Não pode. Não dá.

— Ol, eu sei porque é que estás assim. Eu percebo. — A mão de Malcolm apertou a dela. — Eu sei que é assustador

sentirmo-nos vulneráveis, mas podes *permitir-te* gostar de alguém. Podes querer estar com pessoas que sejam mais do que amigos ou conhecidos.

— Não posso.

— Não vejo porque não.

— Porque todas as pessoas de quem gostei se foram embora — disparou.

Algures, na cafetaria, o funcionário anunciou um *caramel macchiato*.

Olive lamentou imediatamente a aspereza nas suas palavras.

— Desculpa. É só que... Isto nunca vai funcionar. A minha mãe. Os meus avós. O meu pai. De uma forma ou de outra, toda a gente me deixou. Se me permitir gostar dele, o Adam também se vai embora.

Pronto. Tinha conseguido articular as palavras, tinha-as dito em voz alta, e por causa disso soavam ainda mais verdadeiras.

Malcolm suspirou.

— Oh, Ol. — Ele era uma das poucas pessoas a quem Olive confidenciara os seus receios; a sensação constante de não pertencer a lado nenhum, a suspeita de que, uma vez que tinha passado tanto tempo sozinha na vida, havia de acabar do mesmo modo. Que nunca seria digna de que gostassem dela. A expressão complacente dele, uma combinação de pesar e de compreensão, era impossível de encarar. Ela desviou o olhar, fitou-o nos estudantes que riam, nas tampas dos copos de café empilhadas no balcão, nos autocolantes no *MacBook* de uma rapariga, e removeu a mão de debaixo da mão dele.

— Devias ir andando — tentou sorrir, mas saiu-lhe uma expressão vacilante. — Acaba as tuas cirurgias.

Ele não deixou de a olhar nos olhos.

— Eu gosto de ti. A Anh gosta de ti; se tivesse de escolher, a Anh ter-te-ia escolhido em vez do Jeremy. E tu também gostas de nós. Nós gostamos todos uns dos outros, e eu ainda estou aqui. Não vou a lado nenhum.

— É diferente.

— Porquê?

Olive não se deu ao trabalho de responder e usou a manga para secar a face. Adam era diferente, e o que Olive queria dele era diferente, mas não podia — e não queria — pronunciá-lo. Não naquele momento.

— Não vou contar-lhe.

— Ol.

— Não — disse, com firmeza. Sem o assalto das lágrimas, sentiu-se significativamente melhor. Se calhar era diferente daquilo que sabia de si própria, mas podia fingir. Podia fingir, mesmo perante si mesma. — Não vou contar-lhe nada. É uma péssima ideia.

— Ol.

— Como é que se tem uma conversa dessas? Como é que ia articular as palavras? Quais são as palavras certas?

— Se calhar, devias só...

— Digo-lhe que gosto dele? Que penso nele a toda a hora? Que tenho um fraquinho por ele? Que...

— *Olive.*

No final, o que lhe chamou à atenção não foram as palavras de Malcolm, mas a sua expressão de pânico, e o facto de estar de olhos postos em algo acima dos ombros dela. No final, Anh escolheu a hora certa para lhe mandar uma mensagem, o que obrigou Olive a olhar para os números no ecrã.

Dez da manhã.

Eram dez horas da manhã. De uma quarta-feira. E Olive estava sentada no Starbucks do *campus*, o mesmo onde tinha passado as manhãs de quarta-feira das últimas semanas. Virou-se e...

Nem sequer se sentiu surpreendida por ver Adam. De pé atrás dela. Perto o suficiente para, a menos que os tímpanos dele tivessem sofrido um acidente desde a última vez que haviam falado, ter ouvido cada palavra que saíra da boca de Olive.

Desejou morrer naquele momento. Desejou poder arrastar-se para fora do próprio corpo e daquele café, derreter numa poça de suor, espalhar-se pelas lajes do chão e desaparecer no ar. Mas tudo aquilo estava além das suas habilidades, pelo que se obrigou a ensaiar um sorriso débil e olhou para cima, para Adam.

Capítulo 11

♥ HIPÓTESE: Sempre que minto, as coisas ficam 743 vezes pior.

— Ouviste... ouviste aquilo? — balbuciou.

Malcolm despachou-se a tirar as suas coisas da mesa, murmurando apenas:

— Já estava de saída.

Olive mal reparou, estava entretida a ver Adam arrastar a cadeira para se sentar diante dela.

Merda.

— Sim — disse ele, calmo e incisivo, e Olive sentiu que ia desintegrar-se num milhão de fragmentos, ali, naquele exato instante. Queria que ele mudasse de ideias. Que dissesse «Não, ouvir o quê?» Queria voltar a essa manhã e puxar o tempo atrás, desfazer aquela confusão de dia. Não queria olhar para as mensagens no telemóvel, não queria que Anh entrasse no laboratório e a visse na lua por causa do seu falso-namorado, não queria abrir o coração com Malcolm no pior sítio possível.

Adam não podia saber. Não podia. Ia achar que ela o tinha beijado de propósito, que tinha orquestrado aquele fiasco todo, que o tinha manipulado. Seria obrigado a acabar tudo com ela antes de poder colher os benefícios do arranjo. E ia odiá-la.

A perspetiva era aterradora, por isso ela disse a primeira coisa que lhe veio à cabeça:

— Não estava a falar de ti.

A mentira rolou para fora da sua boca como num deslizamento de terra; não foi premeditada, e saiu rápida e com a garantia de causar uma grande confusão.

— Eu sei — ele assentiu e... nem sequer pareceu surpreendido. A ideia de que Olive pudesse estar interessada nele nunca lhe tinha ocorrido. Isso deixou-a com vontade de chorar, o que era frequente nessa manhã, mas, em vez de fazer isso, limitou-se a cuspir outra mentira:

— É que... tenho um fraquinho. Por uma pessoa.

Ele assentiu novamente, dessa vez devagar. Os olhos tornaram-se mais escuros, e o maxilar ficou tenso por um momento. Ela pestanejou, e a expressão dele estava novamente neutra.

— Sim, eu percebi.

— Este tipo, ele... — Ela engoliu em seco. O que é que ele era? *Depressa, Olive, depressa.* Um imunologista? Islandês? Uma girafa? O que é que ele era?

— Não tens de me dizer nada, se não quiseres. — A voz de Adam pareceu um pouco apagada, mas também reconfortante. Cansada. Olive percebeu que estava a torcer as mãos, mas em vez de parar escondeu-as debaixo da mesa.

— É que... É só que...

— Tudo bem — ele sorriu-lhe, encorajador, e Olive não podia olhar para ele. Nem por mais um instante. Afastou os olhos, desesperada por algo para dizer. Alguma coisa que resolvesse aquilo. Fora da janela, um grupo de estudantes reunia-se em volta de um computador portátil, a rir-se de algo que passava no ecrã. Um sopro de vento espalhou uma pilha de notas, e um rapaz precipitou-se para recuperá-las. Ao longe, o Dr. Rodrigues vinha a caminhar na direção do Starbucks.

— Isto... este arranjo. — A voz de Adam puxou-a de volta para dentro. Para as mentiras e para a mesa entre eles; para o modo gentil e suave com que ele falava com ela. Bom. Ele tinha sido tão bom.

Adam, eu pensava o pior de ti, e agora...

— Devia ajudar-nos aos dois. Se deixar de nos ajudar...

— Não — Olive sacudiu a cabeça. — Não. Eu... — Obrigou-se a sorrir. — É complicado.

— Estou a ver.

Ela abriu a boca para dizer que não. Que ele não estava mesmo a ver. Ele não podia estar a ver nada, porque Olive tinha acabado de inventar tudo. Uma grande mentira.

— Eu não... — Molhou os lábios. — Não é preciso acabarmos com o nosso arranjo antes do tempo, porque eu não lhe posso dizer que gosto dele. Porque eu...

— Ei — uma mão apertou o ombro de Adam. — Desde quando é que não estás no teu escr... Oh, estou a ver. — O olhar do Dr. Rodrigues passou de Adam para Olive e deteve-se nela. Por um momento, deixou-se ficar ali ao lado da mesa e absorveu a informação, surpreendido por a ver ali. Depois a boca expandiu-se num sorriso lento. — Olá, Olive.

Durante o primeiro ano de doutoramento de Olive, o Dr. Rodrigues tinha sido um conselheiro pré-admitido no seu comité de avaliação, uma escolha claramente estranha, tendo em conta a pouca relevância que ele poderia ter para a investigação que ela estava a desenvolver. E, ainda assim, Olive tinha sobretudo boas memórias da sua experiência com ele. Quando gaguejara nas reuniões do comité, ele fora sempre o primeiro a mostrar-lhe um sorriso, e uma vez até tinha elogiado a sua *T-shirt* do *Star Wars*, e tinha cantarolado o tema do Darth Vader a cada vez que a Dra. Moss se punha a discursar contra os métodos de Olive.

— Ei, Dr. Rodrigues. — Tinha a certeza de que o seu sorriso não era tão convincente quanto deveria. — Como está?

Ele acenou-lhe com a mão.

— Por favor, trata-me por Holden. Já não és minha aluna. — Afagou as costas de Adam com agrado. — E tens o prazer dúbio de namorar com o meu amigo mais velho e mais antissocial.

Olive tentou impedir o queixo de cair. Eles eram amigos? O atencioso e descontraído Holden Rodrigues e o brusco e taciturno Adam Carlsen eram *velhos* amigos? Haveria mais alguma coisa que ela devesse saber? A namorada de Adam deveria estar a par daquilo, certo?

Dr. Rodrigues — Holden? Por Deus, Holden. Ela nunca havia de se habituar ao facto de os professores serem pessoas a sério e terem primeiros nomes — virou-se para Adam, que parecia pouco incomodado por terem dito que era antissocial. Perguntou:

— Vais para Boston hoje à noite, não é? — E o modo como falava mudou um pouco, pareceu mais baixo e rápido do que o costume, mais casual. Confortável. Eram mesmo velhos amigos.

— Sim. Ainda podes levar-nos, a mim e ao Tom, ao aeroporto?

— Depende.

— Do quê?

— O Tom vai amordaçado e amarrado no porta-bagagem?

Adam suspirou.

— Holden.

— Deixo-o ir no banco de trás, mas se não ficar calado largo-o na autoestrada.

— Tudo bem. Eu aviso-o.

Holden pareceu satisfeito.

— Seja como for, não quis interromper. — Afagou uma vez mais o ombro de Adam, mas estava de olhos postos em Olive.

— Não faz mal.

— A sério? *Okay*, então. — O sorriso aumentou ao puxar uma cadeira de outra mesa. Adam fechou os olhos, resignado.

— Então, do que é que estavam a falar?

Ora, eu estava a meio de contar uma mentira, obrigada por perguntar.

— Ah... nada de especial. Como é que vocês os dois... — Olhou de um para o outro, e aclarou a garganta. — Desculpa, esqueci-me de como vocês se conheceram.

Ouviu-se um ruído seco — Holden a dar um pontapé a Adam debaixo da mesa.

— Seu merdas. Não lhe falaste da nossa história de décadas?

— Estava a tentar esquecer.

— Querias. — Holden virou-se para sorrir para ela. — Crescemos juntos.

Ela franziu a testa ao fitar Adam.

— Pensava que tinhas crescido na Europa.

Holden sacudiu a mão.

— Ele cresceu em toda a parte. E eu também, porque os nossos pais trabalhavam juntos. Eram diplomatas, o pior tipo de gente. Mas depois as nossas famílias fixaram-se em DC. — Inclinou-se para a frente. — Adivinha quem fez o secundário, a faculdade e o doutoramento juntos.

Olive esbugalhou os olhos, e Holden reparou, julgando pelo modo como voltou a pontapear Adam debaixo da mesa.

— Não lhe contaste mesmo nada. Vejo que ainda estás no registo de maldisposto e misterioso. — Revirou os olhos, afetuosamente, e voltou a olhar para ela. — O Adam contou-te que esteve para não concluir o secundário? Foi suspenso por ter esmurrado um gajo que dizia que o acelerador de partículas ia destruir o planeta.

— É engraçado que não menciones que foste suspenso pelo mesmo motivo que eu.

Holden ignorou-o.

— Os meus pais estavam fora do país numa missão qualquer, e esqueceram-se de que eu existia durante um bocado, por isso passámos a semana na minha casa a jogar *Final Fantasy* — foi épico. E quando o Adam se candidatou à faculdade de Direito? Deve ter-te falado disso.

— *Tecnicamente*, nunca me candidatei à Faculdade de Direito.

— Mentira. É tudo mentira. Ele contou-te, ao menos, que foi o meu par no baile de finalistas? Foi *fenomenal*.

Olive olhou para Adam, à espera que ele voltasse a negar. Mas Adam fez um meio sorriso, olhou para Holden e disse:

— Foi mesmo fenomenal.

— Imagina só, Olive. 2000 e pouco. Uma escola só de homens, ridiculamente cara, cheia de gente afetada. Dois estudantes homossexuais no décimo segundo ano. Bem, dois assumidos, pelo menos. O Richie Muller e eu namorámos durante todo o último ano, e depois ele largou-me a três dias do baile por um gajo com quem tinha uma cena há uns *meses...*

— Era um imbecil — murmurou Adam.

— Eu tinha três opções. Não ir ao baile e ficar a lamuriar-me em casa. Ir sozinho e lamuriar-me na escola. *Ou*, convencer o meu melhor amigo — que ia ficar em casa a lamuriar-se em cima de ácidos gama-aminobutíricos — a ser o meu acompanhante. Adivinha qual escolhi?

Olive arquejou.

— Como é que o convenceste?

— Aí é que está. Não tive de o convencer. Quando lhe contei o que o Richie me tinha feito, ele *voluntariou-se*.

— Não é para te habituares — balbuciou Adam.

— Dá para acreditar, Olive?

Que Adam fingisse estar numa relação para salvar alguém de uma situação miserável?

— *Nope*.

— Demos as mãos. Dançámos juntinhos. Fizemos o Richie cuspir o ponche e arrepender-se das escolhas estúpidas que tinha feito. Depois fomos para casa e jogámos mais *Final Fantasy*. Foi espetacular.

— Foi surpreendentemente divertido — admitiu Adam, hesitante.

Olive olhou para ele e compreendeu uma coisa: Holden era a Anh de Adam. A pessoa dele. Era evidente que Adam e Tom eram próximos, também, mas a relação que tinha com Holden era muito diferente. E Olive não fazia ideia do que fazer com aquela informação.

Se calhar devia contar a Malcolm. Das duas uma: ou ele ia adorar saber, ou ia ficar furioso.

— Bem — disse Holden, pondo-se de pé. — Isto foi ótimo. Vou buscar café, mas devíamos sair juntos um dia destes. Nós os três. Não me lembro da última vez que tive o prazer de

embaraçar o Adam diante de uma namorada. Por agora, ele é todo teu.

Ele fez um sorriso provocador depois da palavra «teu» que fez Olive corar.

Adam revirou os olhos quando Holden se dirigiu ao balcão. Fascinada, Olive seguiu-o com o olhar durante muito tempo.

— Hum, isto foi...?

— Apresento-te o Holden. — Adam pareceu pouco aborrecido.

Ela assentiu, ainda tonta.

— Não posso acreditar que nem sequer sou a tua primeira.

— A minha primeira?

— A tua primeira relação-falsa.

— Certo. Acho que o baile de finalistas também conta — ele pareceu remoer naquilo. — O Holden tem um bocado de... azar nas relações. *Azar imerecido.*

Ela sentiu o peito aquecer ao ouvir o toque protetor na voz dele. Fê-la perguntar-se se ele teria consciência disso.

— Ele e o Tom, alguma vez...?

Adam negou com a cabeça.

— O Holden ficaria indignado se soubesse que perguntaste isso.

— Então porque é que ele não quer levar o Tom ao aeroporto?

Adam encolheu os ombros.

— O Holden sempre teve uma aversão muito profunda e irracional ao Tom, desde o doutoramento.

— Oh. Porquê?

— Não sei. Nem sei se o próprio Holden sabe. O Tom diz que ele tem ciúmes. Acho que é só um traço da personalidade dele.

Olive ficou em silêncio, a absorver a informação.

— Também não contaste ao Holden sobre nós. Não lhe disseste que é a fingir.

— Não.

— Porquê?

Adam desviou o olhar.

— Não sei. — O maxilar ficou tenso. — Acho que não quis... — A voz perdeu intensidade, e ele sacudiu a cabeça antes de lhe dedicar um sorrisinho um tanto forçado: — Ele fala muito bem de ti, sabias?

— O Holden? De mim?

— Do teu trabalho. Da tua investigação.

— Oh. — Não sabia o que dizer daquilo. *Quando é que falaste de mim? E porquê?* — Oh — repetiu, desnecessariamente.

Ela não entendeu porque é que foi ali, naquele momento, que se viu atingida pelas possíveis implicações que aquele arranjo poderia ter na vida de Adam. Tinham concordado em fingir que namoravam porque ambos tinham algo a ganhar com aquilo, mas ocorreu-lhe que Adam tinha muito mais a perder. De todas as pessoas que ela amava, Olive apenas estava a mentir a uma, Anh, e apenas porque era inevitável. Adam, no entanto... Estava a mentir diariamente aos colegas e amigos. Os seus doutorandos interagiam diariamente com ele, crentes de que ele namorava com um dos seus pares. Será que o consideravam lascivo? Será que a relação com Olive tinha alterado a sua opinião sobre ele? E quanto aos outros docentes

do departamento, ou em programas adjacentes? Só porque não era proibido sair com uma aluna, não significava que fosse visto com bons olhos. E se um dos dois viesse a conhecer — ou *já* conhecesse — alguém de quem gostasse a sério? Quando tinham selado o acordo, ele dissera que não ia sair com mais ninguém, mas isso tinha sido há semanas. A própria Olive estivera convencida de que nunca iria ter interesse em sair com ninguém nessa altura, e não é que isso a fazia rir agora, de um modo muito pouco divertido?

Para não mencionar que ela era a única a beneficiar do acordo. Anh e Jeremy tinham acreditado na sua mentira, mas os fundos de Adam continuavam congelados.

E, ainda assim, ele continuava a ajudá-la apesar de tudo. E Olive estava a retribuir a sua gentileza a ter ideias e a desenvolver sentimentos que de certeza iriam deixá-lo desconfortável.

— Queres ir buscar café?

Olive levantou o olhar das mãos.

— Não — aclarou a garganta, para afastar a sensação de queimadura alojada no esterno. A ideia de tomar café deixava-a nauseada. — Acho que devia voltar para o laboratório.

Baixou-se para agarrar a mochila, decidida a pôr-se de pé e a ir-se embora imediatamente, mas, a meio do gesto, foi consumida por um pensamento, e deu por si a olhar fixamente para ele. Ele estava sentado de frente para ela, com uma expressão preocupada, e uma ruga entre as sobrancelhas. Ela tentou sorrir.

— Somos amigos, não é?

A ruga intensificou-se.

— Amigos?

— Sim. Tu e eu.

Ele estudou-a demoradamente. Havia algo novo no rosto dele, intenso e um pouco triste. Demasiado fugaz para poder ser interpretado.

— Sim, Olive.

Ela assentiu, duvidando se devia sentir-se aliviada. O dia não estava a correr como ela tinha pensado, e havia uma estranha pressão atrás das suas pálpebras, o que a fez deslizar os braços pelas alças da mochila com pressa. Acenou-lhe em despedida com um sorriso trémulo, e já estaria fora da porcaria daquele Starbucks se ele não tivesse chamado, com aquela sua voz:

— Olive.

Ela parou diante da cadeira dele e olhou para baixo. Foi estranho ver-se, por uma vez, mais alta do que ele.

— Isto pode ser inapropriado, mas... — Ainda parecia tenso, e fechou os olhos por um momento. Parecia estar a reorganizar as ideias. — Olive. Tu és mesmo... Tu és extraordinária, e se contasses ao Jeremy como te sentes, tenho a certeza de que ele...

Ele silenciou-se, e depois abanou a cabeça. Ela sentiu que as palavras dele a deixavam mais próxima das lágrimas.

Ele pensava que ela gostava de Jeremy. Adam pensava que Olive estava apaixonada por Jeremy quando tinham feito o acordo, e achava que ela *ainda* estava apaixonada por ele. Porque ela lhe contara uma mentira ridícula que agora receava esclarecer.

Ia mesmo acontecer. Ela ia chorar, e tudo o que desejava no mundo era não ter de o fazer diante de Adam.

— Vemo-nos para a semana, *okay?* — Não esperou pela resposta dele e dirigiu-se rapidamente à saída, e o ombro

embateu em alguém a quem ela devia ter pedido desculpa. Uma vez no exterior, respirou fundo e marchou para o edifício de biologia, tentando esvaziar a mente e forçar-se a pensar em que aula estava escalada para ser assistente do professor nesse dia, na candidatura a parceria que tinha prometido à Dra. Aslan enviar no dia seguinte, e que a irmã de Anh viria visitá-las no fim de semana seguinte e tinha prometido preparar comida vietnamita para todos.

Um vento frio soprou por entre as folhas das árvores do *campus*, cingindo a camisola de Olive ao seu corpo. Ela envolveu o próprio tronco com os braços e não olhou para trás, para o café. O outono tinha finalmente começado.

Capítulo 12

♥ HIPÓTESE: Se for má a executar a atividade A, as probabilidades de me pedirem que execute a atividade A crescem exponencialmente.

O *campus* parecia estranhamente vazio sem Adam, mesmo nos dias em que não era esperado encontrarem-se. Não fazia muito sentido: Stanford não estava, definitivamente, vazia, mas a borbulhar de estudantes barulhentos e chatos, a caminho das respectivas aulas. A vida de Olive também estava preenchida: os ratos tinham atingido a idade em que podiam começar a ser submetidos aos exames de comportamento, ela recebera, por fim, comentários a um trabalho que submetera há meses, e havia começado a fazer planos concretos para se mudar para Boston no ano seguinte; a disciplina à qual estava a dar assistência ao professor teria um teste para breve, e os estudantes começaram a surgir como que por magia durante o horário de atendimento, com ar assustado a fazer perguntas cujas respostas constavam, invariavelmente, das três primeiras linhas do programa da disciplina.

Malcolm passou alguns dias a tentar convencer Olive a dizer a verdade a Adam, e depois ficou — graças a Deus — demasiado desencorajado pela teimosia dela, e demasiado ocupado a meditar nos dramas da sua própria vida amorosa para insistir. Preparou vários tabuleiros de bolachas de caramelo, garantindo que não estava a «premiar o teu comportamento autodestrutivo, Olive, estou só a aperfeiçoar a minha receita». Olive comeu-as todas, e abraçou-o por trás enquanto ele polvilhava a última fornada com sal.

No sábado, Anh apareceu para uma cerveja, e Olive sonhou acordada que deixava a academia, e que encontrava um emprego com um salário digno e com o bónus de poder beneficiar de algum tempo livre.

— Podíamos, por exemplo, passar as manhãs de domingo a dormir. Em vez de termos de ir verificar os ratos às seis da manhã.

— Pois — Anh assentiu, nostálgica. Na televisão, passava *Orgulho e Preconceito e Guerra*, mas ninguém estava a prestar atenção. — Podíamos comprar ketchup a sério em vez de roubarmos os pacotes do Burger King. E encomendar aquele aspirador sem fios que vi na televisão.

Olive riu-se, embriagada, e virou-se para o lado, fazendo a cama chiar.

— A sério? Um aspirador?

— Sem fios. É a melhor *cena*, Ol.

— Isso é...

— O quê?

— Simplesmente... — Olive deu mais algumas gargalhadas.
— A coisa mais aleatória de sempre.

— Cala-te — Anh sorriu mas não abriu os olhos. — Tenho alergias graves. Mas sabes uma coisa?

— Vais atirar-me um facto do *Trivial Pursuit* dos aspiradores?

Os cantos dos olhos de Anh agitaram-se.

— *Nah* — disse ela. — Não sei de nenhum. Mas acho que se calhar a primeira CEO feminina trabalhou para uma empresa de aspiradores.

— Não! Isso, na verdade, é *incrível*.

— Mas se calhar estou a inventar. — Anh encolheu os ombros. — Seja como for, o que eu queria dizer é... Será que ainda o quero?

— O aspirador? — Olive bocejou sem se dar ao trabalho de cobrir a boca.

— Não. Um emprego académico. E tudo o que vier com isso. O laboratório, os doutorandos, a montanha de trabalho como professora, a corrida para as bolsas do NIH⁸, o salário desproporcionalmente baixo. Tudo isso. O Jeremy diz que o Malcolm está certo. Que nos outros empregos é que se está bem. Mas eu acho que quero ficar e tornar-me professora. Vou ser uma miserável, de certeza, mas é a única forma de criar um bom ambiente para mulheres como nós, Ol. Oferecer alguma competição a estes homens brancos cheios de si. — Sorriu, bonita e feroz. — O Jeremy pode procurar outro emprego e fazer uma montanha de dinheiro suado que eu hei de investir em aspiradores sem fios.

Olive estudou, embriagadamente, a determinação embriagada de Anh no seu rosto embriagado, perguntando-se se havia algo de encorajador no facto de a sua melhor amiga começar a perceber o que queria fazer para o resto da vida. Com quem queria viver. Aquilo causou um aperto no estômago de Olive, num sítio onde parecia sentir a ausência de Adam com maior intensidade, mas afastou essa sensação, apostada em não pensar demasiado nisso. Ao invés, agarrou a mão da amiga, apertou-a uma vez e inalou a fragrância a maçã do seu cabelo.

— Vais ser ótima nisso, Anh. Mal posso esperar para te ver mudar o mundo.

Em geral, a vida de Olive continuou igual a sempre — só que, pela primeira vez, havia outra coisa que ela preferia estar a fazer. Alguém com quem ela preferia estar.

Então, isto é gostar de alguém, refletiu. Sentir que não valia a pena ir ao edifício de biologia porque Adam estava fora da cidade, e não havia a hipótese mais remota de se cruzar com ele; e, mesmo assim, virava-se de repente sempre que lhe

parecia ver um relance de cabelo preto, ou quando ouvia uma voz profunda que lhe parecesse tão rica como a de Adam, mas no fundo não era; pensar nele quando a sua amiga Jess mencionava que estava a planear uma viagem aos Países Baixos, ou quando, no *Jeopardy!*, a resposta correta para «Aicmofobia» era «medo de agulhas»; sentir-se presa num limbo estranho, só à espera, à espera, à espera... de nada. Adam só estaria de volta daí a alguns dias, e a mentira que Olive lhe tinha contado sobre estar apaixonada por outra pessoa continuaria por perto. Vinte e nove de setembro havia de chegar depressa e, fosse como fosse, a assunção de que Adam algum dia poderia vê-la a uma luz romântica era absurda. Tudo somado, era uma sortuda por ele gostar o suficiente dela para querer ser seu amigo.

No domingo, o telemóvel dela apitou enquanto ela estava a correr no ginásio. Quando o nome de Adam surgiu no topo do ecrã, ela saltou de imediato para ler a mensagem. Só que não havia muito que ler, era uma imagem de uma bebida gigante num copo de plástico, no cimo da qual havia uma espécie de queque. A base da imagem anunciava, orgulhosamente: *Frappuccino de tarte de abóbora*, e, abaixo disso, as palavras de Adam:

Adam: Achas que consigo passar isto no controlo de bagagens?

Ela não precisou que lhe dissessem que estava a rir-se para o telemóvel, feita idiota.

Olive: Bem, a TSA⁹ é notoriamente incompetente.

Olive: Embora, se calhar, não assim tão incompetente.

Adam: É uma pena, então.

Adam: Nesse caso, devias estar aqui.

Olive ficou a sorrir durante muito tempo. E depois, quando se lembrou da confusão em que estava metida, o sorriso

transformou-se num suspiro de pesar.

Estava a carregar um tabuleiro com amostras para o microscópio de eletrões do laboratório, quando alguém lhe tocou no ombro e a assustou. Olive quase tropeçou e destruiu vários milhares de dólares de fundos de investimento federais. Quando se virou, o Dr. Rodrigues estava a olhar para ela com o seu sorriso juvenil, como se fossem os melhores amigos e estivessem prestes a ir beber cerveja e a divertir-se, em vez de serem uma aluna de doutoramento e um professor que, em tempos, estivera no seu comité de orientação, e sem ter lido realmente nenhum dos documentos que ela lhe entregara.

— Dr. Rodrigues.

Ele franziu a sobrancelha.

— Pensei que estávamos de acordo quanto a Holden.

Estavam?

— Certo, Holden.

Ele sorriu, satisfeito.

— O namorado está fora da cidade, não é?

— Oh. Hum... Sim.

— Vais para ali? — Apontou para o laboratório do microscópio com o queixo, e Olive assentiu. — Deixa-me abrir-te a porta. — Passou o cartão para destrancar a porta e segurou-a para ela passar.

— Obrigada. — Ela pousou as amostras num banco e sorriu-lhe, agradecida, enfiando as mãos nos bolsos de trás. — Ia arranjar um carrinho, mas não encontrei nenhum.

— Só há um neste piso. Acho que alguém anda a levá-los para casa e a pô-los à venda.

Ele sorriu, e Malcolm tinha razão. Há dois anos que estava certo: havia mesmo algo de descontraído e desprendidamente atraente em Holden. Não que Olive estivesse interessada noutra coisa que não tipos altos e mal-humorados com QI de génio.

— Não posso culpá-los. Teria feito o mesmo nos meus tempos de doutorando. Então, como vai a vida?

— Hum, ótima. E a sua?

Holden ignorou a pergunta dela e apoiou-se casualmente na parede.

— Está a ser difícil?

— Difícil?

— O Adam estar fora. Porra, até eu tenho saudades desse merdas — riu-se. — Como é que te estás a aguentar?

— Oh. — Ela tirou as mãos dos bolsos, cruzou os braços à frente do peito e depois mudou de ideias e deixou-os cair ao lado do corpo. *Yep. Perfeito. A agir com naturalidade.* — Bem. Muito bem. Ando ocupada.

Holden pareceu genuinamente aliviado.

— Ótimo. Têm falado ao telefone?

Não. Claro que não. Falar ao telefone é a coisa mais difícil e mais stressante do mundo, e não consigo fazê-lo com a senhora simpática que agenda as minhas limpezas dentárias, quanto mais com o Adam Carlsen.

— Ah, trocamos sobretudo mensagens, está a ver?

— Sim, estou. Por muito que o Adam seja afetado e soturno contigo, por favor tem em conta que ele está a esforçar-se e que é mil vezes pior com todos os outros. Eu incluído — ele suspirou e sacudiu a cabeça, mas havia ternura por trás desse gesto. Uma afeição declarada que não passou despercebida a

Olive. *O meu mais velho amigo*, tinha dito, a respeito de Adam, e era evidente que não estava a mentir. — Ele até está muito melhor depois de vocês começarem a namorar.

Olive sentiu que ia encolher-se totalmente. Não sabia o que dizer, por isso ficou-se por um simples, doloroso e estranho:

— A sério?

Holden assentiu.

— Sim. Fico tão feliz por ele ter tido finalmente coragem de te convidar para sair. Há anos que falava dessa «rapariga fantástica», mas estava preocupado por serem do mesmo departamento, e tu sabes como ele é... — Ele sacudiu os ombros e a mão. — Fico feliz por ele ter deixado de ser tão estúpido.

O cérebro de Olive fragmentou-se. Os neurónios dela ficaram lentos e frios, e demorou vários segundos a processar que há muito tempo que Adam queria convidá-la para sair. Não conseguia conceber aquela ideia porque... não era possível. Não fazia sentido. Adam nem se lembrava dela antes de ela o obrigar a considerar o artigo IX há algumas semanas. Quanto mais pensava nisso, mais se convencia de que ele não tinha nenhuma memória do encontro na casa de banho, caso contrário já o teria mencionado. Adam era notoriamente direto, afinal de contas.

Holden devia estar a referir-se a outra pessoa. A alguém por quem Adam tinha sentimentos. Alguém com quem trabalhava, alguém do departamento. Alguém que era «fantástico».

A mente de Olive, meio congelada até há pouco, disparou numa espiral perante aquela informação. Além de aquela conversa ser uma violação da privacidade de Adam, Olive não conseguiu deixar de se perguntar que tipo de implicações teria aquele arranjo para ele. Se a pessoa de quem Holden estava a

falar fosse uma das colegas de Adam, não havia possibilidade de ela não saber nada de Adam e de Olive. Era possível que até os tivesse visto a tomar café juntos às quartas, ou Olive sentada no colo dele durante a apresentação de Tom, ou — Deus, Olive a espalhar-lhe protetor solar no malfadado piquenique. A menos que Adam não se importasse, porque estava certo de que os seus sentimentos não eram correspondidos — e, oh, não seria engraçado? Tão engraçado como uma tragédia grega.

— Seja como for — Holden afastou-se da parede, e coçou a nuca com a mão. — Acho que devíamos fazer uma saída de casais, um dia destes. Estou em pausa quanto a namoricos, dá demasiado trabalho, mas se calhar está na hora de retomar. Com sorte, arranjo um namorado para breve.

O peso no estômago de Olive intensificou-se.

— Seria muito agradável. — Tentou sorrir.

— Não é? — Ele sorriu-lhe. — O Adam vai odiar a ideia com a intensidade de mil sóis. — Ia mesmo. — Mas seria uma boa oportunidade para eu contar histórias sumarentas sobre ele, entre os dez e os vinte e cinco anos. — Holden estava deliciado com a perspectiva. — Ele ia ficar mortificado.

— São sobre taxidermia?

— Taxidermia?

— Nada. É só uma coisa que o Tom disse sobre... — Ela afastou a ideia com a mão. — Nada.

O olhar de Holden tornou-se ríspido.

— O Adam disse que se calhar vais trabalhar com o Tom no ano que vem. É verdade?

— Oh... sim. É essa a ideia.

Ele assentiu, pensativo. Pareceu tomar uma decisão e acrescentou:

— Tem cuidado quando estiveres perto dele, *okay*?

— Cuidado? — Como assim? Porquê? Aquilo estaria relacionado com o que Adam lhe contara acerca de Holden não gostar de Tom? — O que quer dizer com isso?

— Tem cuidado pelo Adam também. *Especialmente* pelo Adam. — A expressão de Holden manteve a intensidade por um momento, e depois desanuviou. — Seja como for, o Tom conheceu o Adam no doutoramento. Mas eu já lá estava na adolescência, e é daí que vêm as boas histórias.

— Oh, se calhar devias contar-me. Visto que... — *Visto que estou a fingir uma relação com ele e de certeza que ele não quer que eu me meta no que não me diz respeito. E também porque está, provavelmente, apaixonado por outra pessoa.*

— Oh, claro. Espera até que ele volte. Quero ver a cara dele quando te contar tudo sobre a fase em que ele andava de boina.

Ela pestanejou.

— A fase em que...?

Ele assentiu, solenemente, e afastou-se, fechando a porta atrás de si e deixando-a sozinha na penumbra do laboratório frio. Olive teve de respirar fundo várias vezes antes de poder concentrar-se no seu trabalho.

Quando recebeu o *e-mail*, começou por achar que devia ser um erro. Talvez tivesse lido mal — não andava a dormir bem e, como se provou, ter um fraquinho indesejado e não correspondido por alguém trazia toda a espécie de dores de cabeça —, embora, vendo melhor, uma segunda, terceira e quarta vez, se tenha apercebido de que não era o caso. Por isso, era provável que o engano estivesse do lado da conferência da SDB. Porque não era possível — não era

mesmo possível — que estivessem a dizer-lhe que a apresentação que submetera tinha sido selecionada para a programação.

Uma programação que incluía docentes.

Não era possível. Era raro os doutorandos serem selecionados para intervenções orais. A maioria das vezes limitavam-se a fazer pósteres com as suas descobertas. As conversas eram para académicos cujas carreiras já iam avançadas, exceto que quando Olive entrou no *website* da conferência e baixou o programa, o nome dela estava lá. Era o único que não era complementado por uma posição. Nada de Dra., nem de Ph.D., nem de Dra. Ph.D.

Merda.

Correu para o laboratório, apertando o portátil contra o peito. Greg atirou-lhe um olhar maldoso quando ela quase embateu nele no corredor, mas ela ignorou-o e correu para dentro do escritório da Dra. Aslan, com os joelhos de repente feitos em gelatina.

— Podemos falar? — Fechou a porta sem esperar por uma resposta.

A sua orientadora olhou-a de trás da secretária com uma expressão alarmada.

— Olive, o que é...

— Não quero fazer nenhuma apresentação. Não posso fazer uma apresentação — sacudiu a cabeça, procurando soar razoável, mas soava apenas em pânico e histérica. — *Não* posso.

A Dra. Aslan empertigou-se e juntou as mãos. A fachada de tranquilidade que a sua mentora projetava era, quase sempre, reconfortante, mas naquele momento fez Olive ter vontade de atirar a peça de mobília mais próxima pelos ares.

Acalma-te. Respira fundo. Usa o mindfulness e essas coisas que o Malcolm anda sempre a pregar.

— Dra. Aslan, o trabalho que submeti para a SDB foi eleito para apresentação. Não querem um póster, querem uma apresentação *ao vivo*. Em voz alta. Perante uma audiência. De pé. Diante de *pessoas*. — A voz de Olive tinha-se elevado até se tornar num guincho. E, ainda assim, a expressão da Dra. Aslan abriu-se num sorriso:

— Isso são ótimas notícias!

Olive pestanejou. E voltou a pestanejar.

— Não são nada!

— Disparate. — A Dra. Aslan pôs-se de pé e contornou a secretária, passando a mão para cima e para baixo no braço de Olive, o que ela entendeu como sendo um gesto de congratulação. — Isto é fantástico. Uma apresentação vai dar-te muito mais visibilidade do que um póster. Vais poder fazer contactos para uma posição de pós-doutoramento. Estou tão, *tão* feliz por ti.

O queixo de Olive caiu.

— Mas...

— Mas?

— Eu não posso falar em público. Não posso *falar*.

— Estás a falar agora mesmo, Olive.

— Não perante pessoas.

— Eu sou uma pessoa.

— Não é *muitas* pessoas. Dra. Aslan, eu não consigo falar para muitas pessoas. Não sobre ciência.

— Porquê?

— Porque... — *Porque a minha garganta vai secar, e o meu cérebro vai desligar-se, e vai correr tão mal que alguém da audiência vai agarrar num arco e atirar-me uma flecha ao joelho.* — Não estou pronta. Para falar. Em público.

— Claro que estás. És uma boa oradora.

— Não sou. Eu gaguejo. Eu fico corada. Eu enrolo-me. Imenso. Especialmente em frente a grandes multidões e...

— Olive — a Dra. Aslan interrompeu-a com um tom firme. — O que é que eu te digo sempre?

— Hum... Para não mudar a pipeta multicanal de sítio?

— A outra coisa.

Ela suspirou.

— «Age com a confiança de um homem branco medíocre.»

— Melhor do que isso, se for possível. Porque não há nada de medíocre em ti.

Olive fechou os olhos e respirou fundo até se afastar do limiar de um ataque de pânico. Quando voltou a abri-los, a sua orientadora estava a sorrir-lhe, motivadora.

— Dra. Aslan — Olive fez uma careta. — Não acho *mesmo* que seja capaz de fazer isto.

— Sei que não achas. — Havia alguma tristeza na sua expressão. — Mas consegues. E vamos trabalhar juntas até te sentires à altura da tarefa. — Dessa vez, apoiou ambas as mãos nos ombros de Olive. Olive ainda estava a apertar o computador portátil contra o peito, como se fosse uma boia no mar alto, mas o toque foi estranhamente reconfortante. — Não te preocupes. Ainda temos quase duas semanas para te preparar.

Dizes isso. Dizes «nós», mas eu é que vou ter de falar para centenas de pessoas, e se alguém fizer uma pergunta com a

duração de três minutos para me obrigar a admitir que no fundo o meu trabalho está mal estruturado e é inútil, eu é que vou mijar-me nas calças.

— Certo. — Olive obrigou-se a um movimento para cima e para baixo com a cabeça, e respirou fundo outra vez. Exalou devagar. — *Okay.*

— Porque é que não preparas um rascunho? Podíamos praticar na próxima reunião do laboratório. — Mais um sorriso tranquilizador, e Olive estava a acenar outra vez, não se sentindo minimamente tranquilizada. — E, se tiveres alguma dúvida, estou sempre aqui. Oh, tenho tanta pena por não poder assistir à tua apresentação. Promete-me que a gravas para mim. Vai ser como se estivesse lá.

Só que não vai estar; vou estar sozinha, pensou, amargamente, fechando a porta do escritório da Dra. Aslan atrás de si. Apoiou-se na parede e cerrou os olhos, procurando acalmar o remoinho de pensamentos em desordem na sua cabeça. E depois voltou a abri-los e ouviu o seu nome na voz de Malcolm. Ele estava de pé diante dela, ao lado de Anh, e estudavam-na com um misto de divertimento e preocupação. Seguravam copos da *Starbucks*. O aroma a caramelo e menta chegou-lhe às narinas, e fê-la sentir-se enjoada.

— Ei.

Anh deu um gole na sua bebida.

— Estás a fazer uma sesta de pé à porta do escritório da tua orientadora?

— Eu... — Olive afastou-se da parede e caminhou alguns passos para longe da porta da Dra. Aslan, esfregando o nariz com as costas da mão. — A minha apresentação foi aceite. A que fiz para a SDB.

— Parabéns! — Anh sorriu. — Mas estava no papo, não?

— Foi aceite para uma *apresentação*.

Durante alguns segundos, dois pares de olhos fitaram-na em silêncio. Olive pensou que Malcolm estava a tremer, mas, vendo melhor, era só um sorriso vago a atravessar-lhe as feições.

— Isso é... espetacular?

— Pois é. — Os olhos de Anh fulminaram Malcolm e voltaram a Olive. — Isso é, hum, espetacular.

— É um desastre de proporções épicas.

Anh e Malcolm trocaram um olhar preocupado. Eles sabiam como Olive se sentia quanto a falar em público.

— O que diz a Dra. Aslan sobre isso?

— O costume. — Ela esfregou os olhos. — Que vai correr tudo bem. Que vamos trabalhar nisto juntas.

— Acho que ela está certa — disse Anh. — Eu ajudo-te a praticar. Vamos assegurar-nos de que sabes tudo de cor. E *vai* correr bem.

— Sim. — *Ou não*. — Ah, e a conferência é em menos de duas semanas. Devíamos marcar o hotel, ou preferem *Airbnb*?

Aconteceu uma coisa estranha no momento em que ela fez a pergunta. Não quanto a Anh, que bebericava o café tranquilamente — mas o copo de Malcolm imobilizou-se a caminho da sua boca, e ele mordeu o lábio enquanto estudava a manga da camisola.

— Em relação a isso... — começou.

Olive franziu a testa.

— O quê?

— Bem — Malcolm balançou-se um pouco nos pés, e se calhar era accidental, o modo como ele parecia estar a afastar-se

de Olive, embora ela não estivesse certa. — Já marcámos.

— Já marcaram alguma coisa?

Anh assentiu, alegremente.

— Sim. — Não pareceu dar conta de que Malcolm estava à beira de um ataque. — O hotel da conferência.

— Oh. *Okay*. Digam-me quanto vos devo então...

— O que se passa é que... — Malcolm pareceu afastar-se um pouco mais.

— O que é que se passa?

— Bem. — Ele brincou com a tampa de cartão do copo, e os olhos voaram para Anh, que pareceu afortunadamente alheia ao seu desconforto. — O quarto do Jeremy está pago por causa da parceria a que ele pertence, e ele pediu à Anh para ficar com ele. E depois o Jess, o Cole e o Hikaru convidaram-me a ficar com eles.

— O quê? — Olive entreolhou Anh. — A sério?

— Vamos poupar imenso dinheiro. E vai ser a minha primeira viagem com o Jeremy — acrescentou Anh, distraída. Estava a escrever qualquer coisa no telemóvel. — Oh, Meu Deus, pessoal, acho que encontrei! Um sítio para organizar o evento em Boston para as mulheres BIPOC nas STEM! Acho que já consegui!

— Isso é ótimo — disse Olive, debilmente. — Mas pensei... pensei que íamos ficar juntos.

Anh levantou os olhos, confrangida.

— Sim, eu sei. Foi o que disse ao Jeremy, mas ele lembrou-se que tu... tu sabes. — Olive inclinou a cabeça, confusa, e Anh continuou: — Quer dizer, porque é que havias de gastar dinheiro num quarto quando podes ficar com o Carlsen?

Oh.

— Porque... — Porque. Porque, porque, *porque*. — Eu...

— Vou sentir a tua falta, mas não é que os quartos sirvam para mais do que dormir.

— Certo... — Ela apertou os lábios e acrescentou: — Claro.

O sorriso de Anh deu-lhe vontade de rugir.

— Fantástico. Comemos juntos e andamos juntos pelas sessões de pósteres. E à noite, claro.

— Claro. — Foi tudo o que Olive conseguiu dizer sem soar amarga. — Mal posso esperar — acrescentou, com o melhor sorriso que arranjou.

— *Okay*. Ótimo. Tenho de ir... Daqui a cinco minutos há encontro de divulgação do comité das Mulheres na Ciência. Mas vemo-nos este fim de semana para planearmos coisas fixas para fazer em Boston. O Jeremy disse que há um *tour* fantasma!

Olive esperou até Anh se afastar para se virar para Malcolm. Ele estava a levantar as mãos num gesto defensivo.

— Antes de mais, a Anh saiu-se com esta ideia quando eu estava a fazer uma vigília de vinte e quatro horas a uma experiência, foi o pior dia da minha vida, *não vejo a hora* de me doutorar. E, depois, o que é que eu podia fazer? Dizer-lhe que não vais ficar com o Carlsen porque o namoro é a fingir? Oh, mas espera, agora que tens um fraco por ele se calhar já começa a ser um bocado real...

— *Okay*, já entendi. — Sentiu o estômago a começar a doer-lhe. — Mas podias ter-me dito na mesma.

— Ia dizer. Mas depois cruzei-me com o Neuro Jude e ele ficou doido e atirou ovos ao meu carro. E depois disso o meu pai ligou para saber como vão os meus projetos, e acabou por

me chatear com o porquê de eu não estar a usar um modelo C. *elegans*¹⁰, e, Ol, tu sabes como ele consegue ser terrivelmente metedico e mandão, e acabámos a discutir e a minha mãe meteu-se ao barulho e... — Ele deteve-se para respirar fundo. — Bem, estavas lá. Ouviste os gritos. Resumindo: passou-me de ideia, e peço desculpa por isso.

— Tudo bem. — Ela coçou a têmpora. — Vou ter de arranjar um sítio para ficar.

— Eu ajudo-te — disse Malcolm, solícito. — Procuramos logo à noite, na internet.

— Obrigada, mas não te preocupes com isso. Eu arranjo-me... — Ou não. Possivelmente. Quem sabe. Uma vez que a conferência era em menos de duas semanas e que já devia estar tudo marcado. Se ainda houvesse alguma coisa estaria, com certeza, acima do que ela podia pagar; teria de vender um rim para poder suportar os custos. O que podia ser uma opção: ela tinha dois.

— Não estás chateada, pois não?

— Eu... — *Sim. Não. Um bocadinho.* — Não. Não é culpa tua. — Retribuiu-lhe o abraço quando ele se inclinou para ela, para o tranquilizar com algumas palmadinhas estranhas no ombro.

Por muito que quisesse culpá-lo por aquilo, só tinha de olhar para si própria. O cerne dos seus problemas — a maioria deles, pelo menos — provinha da sua decisão precipitada e imbecil de mentir a Anh, em primeiro lugar. Ter começado aquela história de falso-namoro. Agora ia fazer uma *apresentação* naquela estúpida conferência, quase de certeza depois de dormir na paragem de autocarro e de comer musgo ao pequeno-almoço, e apesar disso tudo não conseguia parar de pensar em Adam. Que bem.

Com o computador debaixo do braço, voltou para o laboratório, com a perspectiva de organizar os diapositivos para a apresentação a instigá-la a trabalhar e a deprimi-la, em simultâneo. Havia algo pesado e desagradável a revolver-lhe o estômago, e num impulso correu para a casa de banho e fechou-se na cabina mais afastada da porta, recostando-se contra a parede até a nuca tocar nas lajes frias.

Quando o peso se tornou insuportável, os joelhos cederam e ela deslizou pela parede até ficar sentada no chão. Olive ficou assim muito tempo, a fingir que aquela não era a sua vida.

National Institutes of Health: agência de pesquisa médica que apoia estudos científicos que visam transformar descobertas em saúde (*N. da R.*).

Transportation Security Administration: Administração de Segurança em Transporte (*N. da T.*)

Caenorhabditis elegans

Capítulo 13

♥ HIPÓTESE: Aproximadamente duas em cada três situações de falso-namoro envolvem a partilha de um quarto; cinquenta por cento das situações de falso-namoro complicam-se bastante diante da existência de apenas uma cama.

Havia um *Airbnb* a vinte e cinco minutos do centro de conferências, mas era um colchão insuflável no chão de um armazém, e cobrava 180 dólares por noite, e, mesmo que ela pudesse pagar esse valor, um dos comentários ao alojamento dizia que o proprietário tinha tendência a querer brincar aos *Vikings* com os hóspedes, por isso... Não, obrigada. Encontrou um mais barato a quarenta e cinco minutos de distância, se usasse o metro, mas quando foi reservá-lo descobriu que tinha sido vencida por uma questão de segundos por outro hóspede, e ficou com vontade de atirar o portátil para o outro lado da cafetaria. Estava a tentar decidir-se entre um motel duvidoso e um sofá barato nos subúrbios, quando uma sombra pairou acima dela. Olhou para cima com o sobrolho franzido, à espera de outro estudante que quisesse usar a tomada de que ela se tinha apropriado, mas em vez disso encontrou...

— Oh.

Adam estava de pé à frente dela, o sol do fim de tarde funcionava como um halo em torno do seu cabelo e dos ombros, e ele segurava um *iPad* e olhava para ela com uma expressão sombria. Tinha-o visto há menos de uma semana — há seis dias, para ser exata —, o que era apenas algumas horas e minutos. Não era nada, tendo em conta que o conhecia há um mês. E, mesmo assim, foi como se tudo se transformasse — o *campus*, a cidade inteira — por saber que ele estava de volta.

Possibilidades. Era isso que lhe transmitia a presença de Adam. Do quê, não fazia ideia.

— Estás... — A boca secou-lhe. Um acontecimento de grande interesse científico, posto que acabara de dar um gole na garrafa de água há segundos. — Estás de volta.

— Estou.

Ela não se tinha esquecido da sua voz. Nem da sua altura. Nem do modo como as roupas lhe assentavam. Não poderia ter-se esquecido — tinha dois lobos temporais, em pleno funcionamento e bem acomodados no crânio, o que significava que era perfeitamente capaz de codificar e de armazenar memórias. Não se tinha esquecido de nada, e naquele momento não entendeu porque é que lhe parecia que sim.

— Pensei que... Não sabia... — *Sim, Olive, fantástico. Quanta eloquência.* — Não sabia que já tinhas voltado.

Ele estava de rosto fechado, mas acenou-lhe.

— Cheguei no voo noturno.

— Oh. — Ela podia ter preparado alguma coisa para dizer, mas não esperara encontrá-lo até quarta-feira. Se esperasse, não estaria a usar as suas *leggings* mais velhas, e a sua *T-shirt* mais puída, e o cabelo não estaria tão emaranhado. Não que tivesse ilusões de que Adam reparasse nela, estivesse em fato de banho ou em vestido de gala. Mas, ainda assim... — Queres sentar-te?

Inclinou-se para puxar o telemóvel e o caderno, abrindo espaço do outro lado da pequena mesa. Quando ele hesitou em sentar-se, ocorreu-lhe que se calhar ele não vinha com intenções de ficar, e que se calhar agora via-se forçado a isso. Ele encaixou-se na cadeira com graciosidade, como um gato grande.

Belo serviço, Olive. Quem é que não aprecia uma pessoa carente a implorar-lhe por atenção?

— Não tens de ficar. Se estiveres ocupado. Sei que tens bolsas MacArthur para ganhar, doutorandos para brutalizar e brócolos para comer. — Era provável que ele preferisse estar noutra sítio qualquer. Ela mordiscou o polegar, sentindo-se culpada, começou a entrar em pânico e...

Então ele sorriu. E de repente havia uma suavidade na sua boca e covinhas nas suas faces, e a expressão ficou completamente alterada. O ar tornou-se mais leve em torno da mesa. Olive mal podia respirar.

— Sabes, há um meio-termo entre viver de *brownies* e comer exclusivamente brócolos.

Ela sorriu, sem outro motivo que não o facto de Adam estar *ali*, com *ela*. E estava a *sorrir*.

— Isso é mentira.

Ele sacudiu a cabeça, a boca ainda recurvada num sorriso.

— Como estás?

Melhor, agora.

— Bem. E Boston, como correu?

— Bem.

— Estou feliz por estares de volta. E tenho a certeza de que houve menos gente a desistir de biologia por estes dias. Não podemos permitir uma coisa dessas.

Ele dedicou-lhe um olhar paciente e generoso.

— Pareces cansada, sabichona.

— Oh. Sim, eu... — Esfregou as bochechas com a mão, obrigando-se a parar de ser tão insegura quanto ao seu aspeto, tal como se mentalizara que devia parar de ser. Também seria

uma ideia estúpida perguntar-se qual seria o aspeto da mulher que Holden mencionara no outro dia. Era linda de morrer, de certeza. Muito feminina, com curvas; alguém que precisava mesmo de um sutiã, alguém que não estava meio coberta de sardas, e que dominava a arte de aplicar *eyeliner* sem borrar a cara toda.

— Estou bem. Mas tem sido uma semana difícil. —
Massajou a têmpora.

Ele endireitou a cabeça.

— O que aconteceu?

— Nada... Os meus amigos são estúpidos e odeio-os. —
Sentiu-se instantaneamente culpada e fez uma careta. — Bem, não os odeio mesmo. Odeio gostar deles, assim é que é.

— Estamos a falar da amiga do protetor solar? A Anh?

— A própria. E do meu colega de quarto, que já devia ter mais juízo.

— O que é que eles fizeram?

— Eles... — Olive pressionou os dois olhos com a ponta dos dedos. — É uma longa história. Encontraram alojamento alternativo para a SDB. O que quer dizer que tenho de procurar um sítio por minha conta.

— E porque é que fizeram isso?

— Porque... — Ela fechou os olhos por um breve instante e suspirou. — Porque assumiram que ia ficar contigo. Uma vez que és meu... tu sabes. Meu namorado.

Ele ficou calado por um momento. E depois:

— Estou a ver.

— *Yep*. Uma suposição um bocadinho ousada, mas... —
Abriu os braços e encolheu os ombros.

Ele mordeu o interior da bochecha, com ar pensativo.

— Tenho pena de não teres conseguido um quarto com eles.

Ela sacudiu a mão.

— Oh, não é por isso. Teria sido divertido, o problema é que agora tenho de encontrar qualquer coisa perto e não há nada a preço acessível. — Os olhos recaíram no ecrã do computador.

— Estou a pensar marcar este motel a uma hora de distância e...

— Eles não vão saber?

Ela desviou o olhar da imagem desfocada e sombria do quarto.

— Hum?

— A Anh não vai saber que não estás comigo?

Oh.

— Onde é que estás alojado?

— No hotel da conferência.

Claro.

— Bem... — Coçou o nariz. — Eu não vou dizer-lhe nada. Não me parece que vá reparar nisso.

— Mas vai reparar que estás a uma hora de distância.

— Eu... — Sim. Ia reparar. E ia fazer perguntas. E Olive ia ter de lhe apresentar uma série de desculpas e de meias-verdades para resolver a situação. Ia ter de acrescentar alguns blocos àquela torre de mentiras que andava a construir há semanas. — Há de ocorrer-me alguma coisa.

Ele assentiu, devagar.

— Desculpa.

— Não é culpa tua.

— Pode dizer-se que sim, que até é.

— Não é, de todo.

— Posso oferecer-me para te pagar um hotel, mas duvido que haja alguma coisa num raio de dez milhas.

— Oh, não. — Ela abanou a cabeça com ênfase. — Eu não ia aceitar uma coisa dessas. Não é um copo de café. É um *scone*. É uma bolacha. É um *Frappuccino* de abóbora. — Fixou os olhos nele e inclinou-se para a frente, numa tentativa de mudar de assunto. — O que, já agora, é novo no menu. Podias comprar-me um, e isso ia salvar-me o dia.

— Claro. — Ele pareceu ligeiramente nauseado.

— Fantástico. — Ela sorriu. — Acho que está mais barato hoje, é um desconto qualquer por ser terça-feira, por isso...

— Mas podes ficar no quarto comigo.

O modo como ele o disse, tranquilo e razoável, quase a fez sentir que não era nada demais. E Olive quase caiu nisso, até as orelhas e o cérebro restabelecerem a conexão, e ela conseguir processar o significado do que ele tinha acabado de dizer.

Que ela.

Podia ficar no quarto.

Com ele.

Olive sabia bem o que significava dividir quartos com outras pessoas, mesmo que por pouco tempo. Dormir no mesmo espaço significava mostrarem-se pijamas embaraçosos, fazer turnos para usar a casa de banho, ouvir o sibilo da respiração de outra pessoa que tentava adormecer debaixo dos lençóis ali ao lado. Dormir no mesmo quarto significava... Não. *Nope*. Era uma péssima ideia. E Olive começava a achar que já não

tinha de onde tirar mais péssimas ideias. Por isso, aclarou a garganta:

— Na verdade, não posso.

Ele assentiu, calmo. Mas depois perguntou-lhe, com a mesma calma:

— Porquê?

Ela quis bater com a cabeça na mesa.

— Não posso.

— O quarto tem duas camas, claro — ofereceu ele, como se aquela informação pudesse fazê-la mudar de ideias.

— Não é boa ideia.

— Porquê?

— Porque as pessoas vão achar que nós... — Reparou no olhar de Adam e apressou-se a concluir: — *Okay, está bem*. Já acham isso. Mas...

— Mas?

— Adam. — Ela esfregou a testa com os dedos. — Só vai haver uma cama.

— Não, acabei de te dizer que há duas.

— Não. Não vão ser duas. Só vai haver uma cama, de certeza.

Ele olhou-a, perplexo.

— Eu recebi a confirmação da reserva. Posso reencaminhá-la para ti, se quiseres; diz que...

— Não importa o que diz. É *sempre* uma cama.

Ele olhou para ela, espantado, e ela suspirou e reclinou-se contra as costas da cadeira. Era evidente que ele nunca tinha

assistido a uma comédia romântica ou lido um romance na vida.

— Nada. Ignora-me.

— O meu simpósio faz parte de um *workshop* estratégico que ocorrerá um dia antes da conferência, e depois vou falar no primeiro dia da conferência. Tenho o quarto reservado para a conferência toda, e quase de certeza que vou ter reuniões depois da segunda noite, por isso ias ficar sozinha daí por diante. Só íamos cruzar-nos uma noite.

Ela ouviu o modo lógico e metódico como ele lhe explicou as razões pelas quais ela devia aceitar a sua oferta, e sentiu uma onda de pânico a engoli-la.

— Parece-me má ideia.

— Tudo bem. Só não percebo porquê.

— Porque... — *Porque eu não quero. Porque já estou apanhada por ti. E vou ficar muito pior depois disso. Porque é a semana do vinte e nove de setembro, e ando a tentar não pensar nisso.*

— Estás com medo que tente beijar-te sem o teu consentimento? Que tente sentar-me no teu colo, ou que te toque sob o pretexto de te espalhar protetor solar? Porque eu nunca...

Olive atirou-lhe com o seu telemóvel. Ele apanhou-o na mão esquerda, estudou a capa de aminoácidos cintilantes com uma expressão satisfeita, e depois pousou-o com cuidado junto ao computador dela.

— Odeio-te — disse ela, soturna. Era possível que estivesse a fazer beicinho e a sorrir ao mesmo tempo.

A boca dele estremeceu num sorriso.

— Eu sei.

— Alguma vez vais parar de me provocar com isso?

— É pouco provável. E, se deixar, há de surgir outra coisa.

Ela bufou, cruzando os braços sobre o peito, e depois trocaram um sorriso breve.

— Posso perguntar ao Holden ou ao Tom se posso ficar com eles, e ficas no meu quarto — sugeriu ele. — Mas eles sabem que já tenho uma reserva, por isso vou ter de pensar numa desculpa...

— Não, não vou expulsar-te do teu quarto. — Ela passou a mão pelo cabelo e soltou um suspiro. — Ias odiar.

Ele inclinou a cabeça.

— O quê?

— Dividir o quarto comigo.

— Ia?

— Sim. Tu pareces o tipo de pessoa que... — *Pareces o tipo de pessoa que gosta de manter os outros a um braço de distância, que nunca se compromete e que não se dá a conhecer. Pareces importar-te muito pouco com o que os outros acham de ti. Parece que sabes sempre o que estás a fazer. És igualmente mau e espetacular, e só a ideia de que existe alguém a quem gostavas de te mostrar, alguém que não sou eu, faz-me sentir que não consigo ficar nem mais um instante nesta mesa.* — Gosta do seu próprio espaço.

Ele segurou o olhar dela.

— Olive, acho que não haverá problema.

— Mas se acabares a sentir que *há* problema, então já vais estar comprometido comigo.

— É só uma noite. — O maxilar dele relaxou, e ele acrescentou: — Somos amigos, não é?

As palavras dela, a serem-lhe atiradas de volta. *Não quero ser tua amiga*, sentiu-se tentada a dizer. O que acontece é que também não queria *não* ser amiga dele. O que ela queria estava completamente fora de alcance, e precisava de esquecer essa ideia. Removê-la do cérebro.

— Sim. Somos.

— Então, como amigo, não me obrigues a ficar preocupado contigo nos transportes públicos à noite, numa cidade que não conheces. Andar de bicicleta em estradas sem ciclovias já é mau o suficiente — murmurou, e ela sentiu um aperto no estômago. Ele estava a tentar ser um bom amigo. Importava-se com ela, e em vez de ficar satisfeita com o que tinha, ela queria destruir tudo... querendo mais.

Ela respirou fundo.

— Tens a certeza? De que não vou incomodar-te?

Ele assentiu, em silêncio.

— *Okay*, então. *Okay* — obrigou-se a sorrir. — Ressonas?

Ele soltou uma gargalhada.

— Não faço ideia.

— Oh, vá lá. Como é que não sabes?

Ele encolheu os ombros.

— Simplesmente não sei.

— Bem, isso deve querer dizer que não ressonas. Caso contrário, alguém já to teria dito.

— Alguém?

— Um colega de quarto. — Ocorreu-lhe que Adam tinha trinta e quatro anos, e que era pouco provável que tivesse tido um colega de quarto na última década. — Ou uma namorada.

Ele fez um sorriso fraco e baixou o olhar.

— Acho que a minha «namorada» vai dizer-me depois da SDB, então. — Disse-o num tom tranquilo e desprendido, de piada, mas as bochechas de Olive incendiaram-se, e ela não conseguiu olhar mais para ele. Em vez disso, agarrou um fio da manga do seu casaco e procurou algo para dizer.

— O estúpido do meu trabalho — aclarou a garganta. — Foi aceite para uma apresentação.

Os olhos ele encontraram os dela.

— No painel dos docentes?

— Sim.

— Não estás feliz?

— Não. — Ela fez uma careta.

— É aquilo de falar em público?

Ele lembrava-se. Claro que sim.

— Sim. Vai ser horrível.

Adam olhou para ela sem dizer nada. Não lhe disse que ia correr tudo bem, nem que a conversa ia correr sem sobressaltos, nem que ela estava a exagerar e a arriscar-se a perder uma oportunidade fantástica. Aceitou a ansiedade dela com uma tranquilidade que teve o efeito oposto ao entusiasmo da Dra. Aslan: relaxou-a.

— Quando estava no meu terceiro ano de doutoramento — disse ele, calmamente —, o meu orientador mandou-me a um simpósio para o substituir numa comunicação. Avisou-me dois dias antes, sem quaisquer diapositivos nem guião. Só sabia o título da apresentação.

— Uau. — Olive tentou imaginar como teria sido exigirem-lhe que apresentasse algo tão desafiador com tão pouco tempo

de aviso. Ao mesmo tempo, sentiu-se encantada por Adam estar a revelar-lhe algo a seu respeito sem que ela lho tivesse perguntado. — Porque é que ele fez isso?

— Vá-se lá saber. — Ele inclinou a cabeça para trás, fixando um ponto acima da cabeça dela. Tinha um toque de amargura na voz. — Porque teve uma emergência. Porque achou que era uma experiência educativa. Porque podia.

Olive apostava que sim. Não sabia quem tinha sido o orientador de Adam, mas a academia revolvía muito em torno do clube dos velhos membros, onde quem detinha o poder gostava de tirar proveito de quem não o detinha sem sofrer consequências.

— E foi? Uma experiência educativa?

Ele voltou a encolher os ombros.

— Tanto quanto uma coisa que te mantém acordado por quarenta e oito horas, em pânico, pode ser.

Olive sorriu.

— E como é que te saíste?

— Saí-me... — Pressionou os lábios. — Não muito bem. — Ficou em silêncio durante algum tempo, o olhar viajou para lá da janela do café. — Mas enfim, nada era suficientemente bom.

Pareceu-lhe impossível que alguém pudesse olhar para os feitos científicos de Adam e os achasse diminutos. Ou que ele pudesse ser outra coisa que não o melhor no que fazia. Seria por isso que era tão severo a julgar os outros? Porque tinha sido obrigado a seguir os mesmos critérios inalcançáveis?

— Ainda tens contacto com ele? Com o teu orientador, quero dizer?

— Já se reformou. O Tom assumiu o laboratório dele.

Foi uma resposta estranhamente opaca e cuidadosamente fraseada. Olive não conseguiu evitar a curiosidade.

— Gostavas dele?

— É complicado. — Esfregou o queixo com a mão, parecendo pensativo e distante. — Não. Não, não gostava dele. Ainda não gosto. Ele era... — Demorou tanto tempo a responder que ela já se tinha convencido de que não ia dizer mais nada. Mas disse, de olhos postos no sol que se punha atrás dos carvalhos. — Violento. O meu orientador era violento.

Ela riu-se, e os olhos de Adam fitaram-na, confusos.

— Desculpa — ela ainda estava a rir-se. — É engraçado, ouvir as tuas queixas do teu orientador. Porque...

— Porque?

— Porque parece que estás a falar de ti.

— Não sou como ele — retrucou, mais áspero do que Olive tinha esperado. Fê-la bufar.

— Adam, tenho a certeza de que se pedires a alguém que te descreva numa palavra, «violento» haveria de ser a escolha de alguns dos estudantes.

Ela viu-o enrijecer ainda antes de terminar de falar. A linha dos seus ombros endureceu e tornou-se rígida, o maxilar contraiu-se. O primeiro instinto dela foi o de desculpar-se, mas não sabia pelo quê. Não havia nenhuma novidade no que tinha acabado de lhe dizer — já tinham discutido anteriormente o estilo de mentoria dele, e ele sempre o assumira sem problemas. Até se orgulhava disso. E, ainda assim, tinha os punhos cerrados sobre a mesa, e os olhos estavam mais escuros do que de costume.

— Adam, eu... disse alguma coisa que... — gaguejou, mas ele interrompeu-a antes de poder terminar.

— Toda a gente tem problemas com os seus orientadores — disse ele, e havia um tom definitivo na sua voz, como se estivesse a avisá-la para não terminar a frase. Para não perguntar: *O que é que aconteceu? Em que é que estás a pensar?*

Então ela engoliu em seco e assentiu.

— A Dra. Aslan é... — hesitou. Os nós dos dedos dele já não estavam tão pálidos, e a tensão nos seus músculos começava a dissolver-se. Se calhar ela tinha imaginado. Sim, devia estar a ver coisas. — Ela é ótima. Mas às vezes parece que não entende o tipo de ajuda de que preciso... — Precisava de orientação. De apoio. De conselhos práticos, em vez de encorajamento cego. — Nem eu sei bem do que preciso. Acho que isso é parte do problema. Não sou muito boa a comunicar.

Ele assentiu e pareceu escolher as palavras com cuidado.

— É difícil dar orientação. Ninguém te diz como fazê-lo. Somos treinados para sermos cientistas, professores, e para garantir que os alunos aprendem a produzir ciência rigorosa. Eu chamo os meus alunos à responsabilidade e estabeleço objetivos rigorosos para eles. Eles têm medo de mim, mas não faz mal. A fasquia é alta, e se o medo os fizer levar isto a sério, então não me preocupo com isso.

Ela inclinou a cabeça.

— Como assim?

— O meu trabalho é certificar-me de que os meus doutorandos não se transformam em cientistas medíocres. Significa que recai sobre mim a obrigação de ser exigente e de os fazer repetir os ensaios, ou de ajustar as suas hipóteses. Faz parte da minha função.

Olive nunca tinha sido uma pessoa que se esforçasse por agradar aos outros, mas a atitude de Adam em relação ao que os outros pensavam dele era tão cavalheiresca, era quase fascinante.

— A sério que não te importas? — perguntou, curiosa. — Que os teus doutorandos possam não gostar de ti como pessoa?

— Não. Eu também não gosto muito deles. — Ela pensou em Jess, em Alex e noutra meia dúzia de doutorandos e de pós-doutorados que estavam sob a mentoria de Adam, e que ela não conhecia sequer. O facto de ele os achar tão chatos quanto eles o achavam despótico pô-la a rir. — Mas, para dizer a verdade, não gosto de pessoas em geral.

— Certo. — *Não perguntes, Olive. Não perguntes.* — Gostas de mim?

Houve um instante de hesitação durante o qual ele pressionou os lábios.

— Não. És uma sabichona com péssimo gosto para bebidas. — Ele passou o dedo pela superfície do seu *iPad*, e havia um sorrisinho a pairar-lhe nos lábios. — Manda-me os diapositivos.

— Os diapositivos?

— Os que vais apresentar. Posso dar uma olhadela neles.

Olive tentou conter o entusiasmo.

— Oh, não... Não sou tua doutoranda. Não tens de fazer isso.

— Eu sei.

— A sério que não tens de...

— Eu quero — disse ele, em voz baixa e segura enquanto a olhava nos olhos, e Olive teve de desviar o olhar porque havia

algo a apertar-se no seu peito.

— *Okay.* — Conseguiu arrancar o fio solto na manga. — Qual é a probabilidade de o teu *feedback* me pôr a chorar no chuveiro?

— Isso depende da qualidade dos teus diapositivos.

Ela sorriu.

— Não sintas que tens de ser simpático.

— Acredita, não sinto.

— Boa. Ótimo. — Suspirou, mas sentiu-se tranquilizada por saber que ele ia avaliar as suas palavras. — Vens à minha apresentação? — ouviu-se perguntar, e ficou tão surpreendida por lho pedir como ele ficou diante do pedido.

— Eu... queres que vá?

Não. Não, vai ser horrível, humilhante e, provavelmente, um desastre, e vais ver-me na pior versão de mim mesma, na mais fraca. É melhor fechares-te na casa de banho enquanto durar. Só para não se dar o caso de entrares na sala e dares comigo a fazer figura de imbecil.

Mas, ainda assim, a ideia de tê-lo lá, sentado na audiência, aliviava um pouco as suas reservas quanto ao momento. Ele não era o seu orientador, e nem poderia fazer grande coisa se despejassem uma barragem de perguntas em cima dela, ou se o projetor encravasse a meio da apresentação. Mas talvez não fosse para isso que precisava dele.

Nesse instante, percebeu o que havia de tão especial em Adam. Era que, apesar da sua reputação, do primeiro encontro atribulado, Olive sempre tinha sentido que ele estava do seu lado. Uma e outra vez, e de uma forma que ela nunca teria podido antecipar, ele tinha-a ouvido sem a julgar. Fazia-a sentir-se menos sozinha.

Ela exalou devagarinho. A compreensão deveria tê-la inquietado, mas só teve o estranho efeito de a acalmar.

— Sim — disse-lhe ela, pensando que afinal era possível que viesse a correr tudo bem. Talvez nunca viesse a ter o que queria de Adam, mas, pelo menos, ele estava na vida dela. Isso teria de bastar.

— Eu vou, então.

Ela inclinou-se.

— Vais fazer-me alguma pergunta espinhosa que me vai pôr a gaguejar coisas sem nexo e perder o respeito dos meus pares, prejudicando dessa forma o meu lugar no campo da biologia para sempre?

— É possível. — Ele estava a sorrir. — Devo comprar-te aquela coisa nojenta... — Adam fez um gesto na direção da caixa registadora. — Aquela lama de abóbora?

Ela sorriu.

— Oh, sim. Quer dizer, se quiseres.

— Preferia comprar-te outra coisa qualquer.

— Paciência. — Olive pôs-se de pé num salto e dirigiu-se ao balcão, puxando-o pela manga e obrigando-o a ir com ela.

Adam seguiu-a, arrastando-se e murmurando algo sobre café preto simples que Olive preferiu ignorar.

Já é suficiente, repetiu, para si própria. Isto que tens agora já é suficiente, vai ter de bastar.

Capítulo 14

♥ HIPÓTESE: Esta conferência vai ser a pior coisa que alguma vez aconteceu à minha carreira profissional, bem-estar geral e sanidade mental.

Havia duas camas no quarto.

Duas camas duplas, especificamente, e, conforme as observava, Olive sentiu o alívio dessa constatação nos ombros, e teve de resistir à vontade de fazer um gesto vitorioso com o pulso. *Aí têm, suas estúpidas comédias românticas*. Podia ter-se apaixonado pelo tipo com quem fingia namorar, como uma perfeita idiota, mas pelo menos não ia dividir uma cama com ele nos próximos tempos. Tendo em conta os desastres das últimas semanas, precisava mesmo daquele pequeno triunfo.

Havia alguns indícios de que Adam tinha dormido na cama mais próxima da porta — um livro na mesa de cabeceira numa língua que lhe pareceu neerlandês, uma *pen* USB e o mesmo *iPad* que ela já o tinha visto carregar pelo *campus*, e ainda um cabo de carregador de *iPhone* pendente da tomada. Havia uma mala de viagem arrumada ao fundo da cama, preta e de aspeto caro. Não tinha nada em comum com a de Olive, que tinha sido pescada do caixote de pechinchas da Walmart.

— Então, parece que fico com esta — murmurou, sentando-se na cama perto da janela e sacudindo-se um pouco para testar a firmeza do colchão. Não era absurdamente sofisticado, mas Olive, de repente, sentiu-se grata pelo modo como Adam tinha bufado e olhado para ela como se estivesse doida por querer pagar metade do alojamento. Pelo menos o sítio era grande o suficiente para não precisarem de estar um em cima do outro. Ficar ali com ele não seria como uma versão particularmente sádica de sete minutos no paraíso.

Não que fossem passar muito tempo juntos. Ela ia fazer a apresentação dentro de algumas horas — *ugh* —, e depois iria para a área de sociabilização passear com os amigos enquanto... Enquanto fosse possível. Era provável que Adam tivesse toneladas de reuniões marcadas, e que nem sequer se vissem. Olive estaria a dormir quando ele regressasse, nessa noite, e na manhã seguinte ia fingir que ainda dormia quando ele estivesse a preparar-se para sair. Ela ia ficar bem. Segura. Pelo menos, as coisas não ficariam piores do que já estavam.

A vestimenta habitual de Olive para as conferências consistia em calças de ganga pretas e o seu casaco com menos borbotos, mas alguns dias antes Anh mencionara que o conjunto era demasiado informal para uma apresentação. Depois de suspirar durante horas, Olive decidiu levar o vestido preto cintado que tinha comprado em saldos antes de se candidatar ao doutoramento, e pediu uns sapatos de salto pretos emprestados à irmã de Anh. Na altura, parecera boa ideia, mas assim que se esgueirou para a casa de banho para pôr o vestido, deu conta de que devia ter encolhido desde a última vez que o lavara. Ela rugiu e tirou uma foto que enviou a Anh e Malcolm que lhe responderam, respetivamente, Continua a ser apropriado para uma conferência, e um *emoji* de fogo. Olive rezou para Anh estar certa enquanto penteava as ondas do cabelo e se debatia com o rímel seco — o que era inevitável quando se comprava maquilhagem na loja de tudo a um dólar.

Tinha acabado de sair da casa de banho e estava a ensaiar a apresentação em voz baixa quando a porta se abriu e alguém — Adam, claro que era Adam — entrou no quarto. Estava a segurar o cartão e a escrever alguma coisa no telemóvel, mas parou assim que levantou os olhos e viu Olive. Abriu a boca e...

Foi isso. Ficou de boca aberta.

— Ei. — Olive obrigou-se a sorrir. O coração estava a fazer movimentos estranhos no peito. Estava a bater demasiado depressa. Devia ir ver isso assim que voltasse para casa. Nunca se pode ser demasiado cauteloso com a saúde cardiovascular. — Olá.

Ele fechou a boca e aclarou a garganta.

— Estás... — Ele engoliu em seco e passou o peso de um pé para o outro. — Aqui.

— *Yep* — ela assentiu, ainda a sorrir. — Acabei de chegar. O meu voo chegou a horas, o que foi uma surpresa.

Ele pareceu um bocadinho lento. Talvez ainda estivesse a sofrer com a diferença de horário devido ao seu próprio voo, ou se calhar tinha saído na noite anterior com os seus famosos amigos cientistas, ou com a mulher misteriosa que Holden tinha mencionado. Limitou-se a olhar para Olive, silencioso durante muito tempo, e quando falou foi só para dizer:

— Pareces...

Ela passou o olhar pelo vestido e pelos saltos, perguntando-se se a maquilhagem dos olhos já estaria a transformar-se num borrão. Acabara de a pôr há três minutos, pelo que já estava na hora.

— Muito profissional?

— Não é isso que... — Adam fechou os olhos e sacudiu a cabeça, como se estivesse a recompor-se. — Mas sim, pareces. Como estás?

— Bem. Ótima. Quer dizer, preferia estar morta. Mas, fora isso...

Ele riu-se baixinho e aproximou-se.

— Vai correr tudo bem. — Ela achava que as camisolas lhe ficavam bem, mas isso era apenas porque nunca o tinha visto

com um *blazer*. *Ele guardara aquela arma secreta o tempo todo*, pensou ela, procurando não o olhar com tanta intensidade. *E agora soltou-a. Raios o partam.*

— Concordo. — Afastou o cabelo para trás e sorriu. — Depois de eu morrer.

— Vai correr bem. Tens um guião. Memorizaste-o. Os diapositivos estão bons.

— Acho que estavam melhores antes de me obrigares a mudar o fundo do *PowerPoint*.

— Era verde-ácido.

— Eu sei. Punha-me alegre.

— A mim dava-me náuseas.

— Hum. Seja como for, obrigada por me ajudares com isto. — *E por teres respondido às 139 perguntas que te fiz. Obrigada por teres demorado menos de um minuto a responder aos meus e-mails, a qualquer hora, mesmo quando eram 5h30 da manhã e escreveste mal «concenso», o que não é costume acontecer contigo, e faz-me suspeitar de que ainda estavas meio a dormir.* — E por me deixares infiltrar-me no teu alojamento.

— Sem problema.

Ela coçou o lado do nariz.

— Percebi que ficaste com aquela cama, por isso pus as minhas coisas aqui. Mas, se quiseres... — gesticulou de modo desordeiro ao redor do quarto.

— Não, dormi lá a noite passada.

— *Okay.* — Ela *não* estava a contar os centímetros que separavam ambas as camas. Definitivamente que não. — Então, como correu a conferência até agora?

— Como sempre. Passei o tempo quase todo em Harvard a ter reuniões com o Tom. Só voltei para almoçar.

O estômago de Olive manifestou-se diante da menção a comida.

— Estás bem?

— Sim. Acho que me esqueci de comer hoje.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Não achei que pudesses esquecer-te disso.

— Ei! — Ela deitou-lhe um olhar. — Os níveis de desespero que tive de suportar na última semana merecem um número avolumado de calorias, caso... O que é que estás a fazer?

Adam estava inclinado sobre a sua mala, a vasculhar em busca de algo que estendeu a Olive.

— O que é isto?

— Calorias. Para equilibrar os teus níveis de desespero.

— Oh. — Ela aceitou e estudou a barra de proteína nas mãos, tentando não chorar. Era só comida. Quem sabe um *snack* que ele tivesse comprado durante o voo e tivesse acabado por não comer. Ele não precisava de entrar em desespero, afinal de contas. Era o Dr. Adam Carlsen. — Obrigada, vais... — O plástico que envolvia a barra ficou amachucado conforme ela o mudava de uma para a outra mão. — Ainda vens à minha apresentação?

— Claro. Vai ser a que horas, exatamente?

— Hoje às quatro, na sala 278. É a sessão 3-B. A boa notícia é que fica quase sobreposta à palestra do orador principal, o que quer dizer que, com sorte, vai pouquíssima gente...

Ele endireitou-se, tenso. Olive hesitou.

— A menos que estivesse a planejar ir ouvir o orador principal.

Adam humedeceu os lábios.

— Eu...

Nesse preciso momento, os olhos dela recaíram sobre o cartão que ele trazia pendurado ao pescoço.

Adam Carlsen, Ph.D.

Universidade de Stanford

Orador Principal

Ela ficou boquiaberta.

— Oh, meu Deus — olhou para ele, de olhos esbugalhados e... Oh, *Deus*. Pelo menos teve a decência de não parecer envergonhada. — Porque é que *não* me disseste que eras o orador principal?

Adam coçou o queixo, desconfortável.

— Não me lembrei disso.

— Oh, meu Deus — repetiu ela.

Na verdade, era culpa dela. O nome do orador principal tinha sido impresso em letra de tamanho 300 no programa, e em todo o material promocional, para não mencionar a aplicação da conferência e os *e-mails*. Olive tinha estado excecionalmente de cabeça no ar para não notar.

— Adam — ela preparou-se para massajar os olhos com os dedos, mas desistiu. Maldita maquilhagem —, não posso fingir que estou a sair com o orador principal da SDB.

— Bem, tecnicamente há três oradores principais, e os outros dois são mulheres casadas, de meia-idade, que vivem na Europa e no Japão, por isso...

Olive cruzou os braços sobre o peito e deitou-lhe um olhar cético até ele se calar. Ela não pôde deixar de se rir.

— Como é que isto não calhou em conversa?

— Não é nada de especial. — Ele encolheu os ombros. — Duvido de que tenha sido a primeira escolha deles.

— Certo. — Claro. Porque alguém iria recusar-se a ser orador principal na SDB. Ela inclinou a cabeça. — Pensaste que sou uma idiota, quando me pus a queixar-me da minha participação de dez minutos que vai ter catorze pessoas e meia na audiência?

— Não, de todo. A tua reação foi compreensível. — Ele refletiu naquilo um momento. — Às vezes acho que és idiota, mas é sobretudo quando te vejo a meter *ketchup* e queijo-creme nos *bagels*.

— É uma ótima combinação.

Ele pareceu ofendido.

— Quando é que vais fazer a apresentação? Se calhar ainda consigo ir.

— Não. Falta exatamente meia hora. — Ela sacudiu a mão, esperando parecer descontraída. — Não faz mal, a sério. — E não fazia. — Eu vou gravar-me no *iPhone* — revirou os olhos —, para a Dra. Aslan. Ela não pôde vir, mas diz que quer ouvir a minha apresentação. Posso mandar-ta também, se fores fã de pessoas a gaguejar e de embaraço em segunda mão.

— Sim, gostava que me mandasses isso.

Olive corou e mudou de assunto.

— É por isso que tens direito a um quarto durante toda a conferência? Porque és um mandachuva?

Ele franziu o sobrolho.

— Não sou nada.

— Posso chamar-te «mandachuva» daqui por diante?

Ele suspirou, encaminhando-se para a mesa de cabeceira e metendo a *pen* que ela tinha visto antes no bolso.

— Tenho de levar os meus diapositivos para baixo, sabichona.

— *Okay*. — Ele podia ir-se embora. Não havia problema. Problema nenhum, mesmo. Olive não deixou que o sorriso esmorecesse. — Então, acho que te vejo depois da minha apresentação?

— Claro.

— E depois da tua. Boa sorte. E parabéns, é uma grande honra.

Adam não parecia estar a pensar nisso, contudo. Demorou-se junto à porta, a mão na maçaneta conforme olhava para trás, para Olive. Os olhos dos dois encontraram-se por um momento, antes de ele lhe dizer:

— Não fiques nervosa, *okay*?

Ela pressionou os lábios e assentiu.

— Vou seguir o conselho que a Dra. Aslan sempre me dá.

— E qual é?

— Agir com a confiança de um homem branco medíocre.

Ele sorriu, e ali estavam elas — as covinhas de roubar a respiração.

— Vai correr tudo bem, Olive — o sorriso suavizou-se. — E, se não correr, pelo menos vai acabar depressa.

Só alguns minutos depois, sentada na sua cama e de olhos na linha do horizonte de Boston, a mastigar o almoço, é que

reparou que a barra de proteína que Adam lhe dera tinha cobertura de chocolate.

Verificou se estava na sala certa pela terceira vez — para evitar submeter uma multidão que aguardava por uma apresentação sobre o aparelho de Golgi ao tema do cancro pancreático — mas depois sentiu uma mão a apertar-lhe o ombro. Virou-se, deu conta de quem a abordava e sorriu de imediato.

— Tom!

Ele usava um fato cinzento. O cabelo loiro estava penteado para trás, o que o fazia parecer mais velho do que quando o vira na Califórnia, mas também mais profissional. Ele era um rosto familiar num mar de desconhecidos, e a sua presença aliviou a vontade que ela tinha de vomitar nos próprios sapatos.

— Ei, Olive. — Ele segurou a porta para ela passar. — Imaginei que ia ver-te por aqui.

— Oh?

— Para o programa da conferência. — Olhou para ela de um modo estranho. — Não reparaste que estamos no mesmo painel?

Oh, *merda*.

— Uh, eu nem sequer vi o nome dos outros participantes do painel. — *Estava demasiado ocupada com o pânico*.

— Não te preocupes. São quase todas pessoas aborrecidas. — Ele piscou-lhe o olho, e a mão dele deslizou-lhe para as costas, levando-a para o palco. — Menos eu e tu, claro.

A intervenção dela não correu mal. Atrapalhou-se na palavra «channelrhodopsina» duas vezes, e, por algum defeito do

projektor, a sua mancha parecia-se mais com uma bolha preta do que com uma tira.

— Tinha outro aspeto no meu computador — disse Olive à audiência, com um sorriso confrangido. — Acreditem em mim.

As pessoas riram-se e ela sentiu-se relaxar, grata por ter passado tantas horas a memorizar tudo o que devia dizer. A sala não estava tão cheia quanto ela tinha receado, e houve algumas pessoas — provavelmente a trabalhar em projetos semelhantes em outras instituições — que tiraram notas e que beberam cada palavra que ela disse. Devia ter ficado tolhida de ansiedade, mas, aproximadamente a meio da apresentação, percebeu que se sentia extasiada por saber que havia outras pessoas apaixonadas pelo tipo de pesquisa à qual dedicara os últimos dois anos da sua vida.

Na segunda fila, Malcolm fingiu uma expressão de fascínio, enquanto Anh, Jeremy e vários outros doutorandos de Stanford assentiam, entusiasmados, sempre que Olive olhava naquela direção. Quanto a Tom, ora olhava intensamente para ela, ora espreitava o telemóvel com uma expressão aborrecida — o que era justo, posto que já tinha lido o relatório. A sessão estava a arrastar-se, e o moderador encerrou-a concedendo-lhe tempo para responder a apenas uma pergunta — uma fácil. No fim, dois dos outros intervenientes — conhecidos investigadores de cancro em relação a quem Olive teve de se impedir de agir como uma fã tresloucada — apertaram-lhe a mão e fizeram-lhe várias perguntas sobre o seu trabalho. Ela sentiu-se desorientada e exultante.

— Foste espetacular — disse-lhe Anh, quando terminou, puxando-a para um abraço. — E parecias tão profissional que, enquanto estavas a falar, tive uma visão do teu futuro na academia.

Olive passou os braços em redor de Anh.

— Que visão?

— Eras uma investigadora de topo, rodeada de estudantes que prestavam atenção a tudo o que dizias. E respondias a *e-mails* com múltiplos parágrafos só com um «não» em minúsculas.

— Boa. E estava feliz?

— Claro que não — Anh fungou. — É a academia.

— Meninas, o convívio do departamento começa daqui a meia hora. — Malcolm inclinou-se para beijar Olive na bochecha e apertar-lhe a cintura. Quando ela estava de saltos, ele era um bocadinho mais baixo do que ela. Ela queria mesmo uma fotografia dos dois, lado a lado. — Temos de celebrar com álcool gratuito a única vez em que a Olive conseguiu pronunciar «channelrhodopsina» bem.

— Que sacana!

Ele puxou-a para um abraço apertado e murmurou-lhe ao ouvido:

— Estiveste fantástica, *kalamata*. — E depois, mais alto: — Vamos embebedar-nos!

— Porque é que vocês não vão à frente? Vou buscar a minha *pen* e pôr as coisas no quarto.

Olive avançou da sala vazia até ao palco, sentindo que lhe tinham tirado um peso enorme dos ombros. Estava relaxada e aliviada. Profissionalmente, as coisas começavam a parecer promissoras: ao que parecia, com a devida preparação, ela conseguia debitar algumas frases coerentes diante de outros cientistas. Também tinha meios para continuar a sua investigação no ano seguinte, e dois nomes importantes da sua área tinham acabado de elogiar o seu trabalho. Sorriu,

deixando a mente vaguear sobre se devia mandar uma mensagem a Adam para lhe dizer que ele tinha razão, que ela tinha sobrevivido; devia perguntar-lhe como tinha corrido o seu discurso como orador principal. Se o *PowerPoint* tinha estado à altura, e se ele tinha pronunciado mal alguma palavra como «microarranjo» ou «cariotipagem», e se planeava ir socializar com o departamento. Era provável que fosse antes encontrar-se com amigos, mas talvez ela pudesse oferecer-lhe uma bebida de agradecimento. Até podia pagar, desta vez.

— Correu bem — disse alguém.

Olive virou-se e viu Tom atrás de si, de braços dobrados sobre o peito conforme se apoiava na mesa. Parecia que tinha estado um bocado a olhar para ela.

— Obrigada. A tua intervenção também. — Fora um apanhado sintetizado da que tinha feito em Stanford, e Olive tinha de admitir que se distraíra um bocado.

— Onde anda o Adam? — perguntou ele.

— Ainda está a fazer o discurso de orador, acho eu.

— Certo. — Tom revirou os olhos, possivelmente com afeição, mas Olive não conseguiu perceber bem na sua expressão. — Ele é assim, não é?

— Assim como?

— Tem de ficar acima de ti. — Ele afastou-se da mesa, aproximando-se um pouco. — Bem, ele fica acima de toda a gente. Não é pessoal. — Ela franziu a testa, confusa, disposta a perguntar a Tom o que é que ele queria dizer com aquilo, mas ele continuou: — Acho que eu e tu vamos dar-nos bem no ano que vem.

A ideia de que Tom acreditava o suficiente no seu trabalho para a aceitar no seu laboratório aliviou-lhe um pouco do desconforto.

— Pois vamos. — Sorriu. — Obrigada por nos dares uma oportunidade, a mim e ao meu projeto. Mal posso esperar para começar a trabalhar contigo.

— Não precisas de agradecer. — Ele também estava a sorrir. — Acho que podemos ganhar muito um com o outro. Não concordas?

Olive sentiu que tinha muito mais a ganhar do que ele, mas assentiu de qualquer maneira.

— Espero que sim. Acho que a imagiologia e os biomarcadores de sangue se complementam na perfeição, e só combinando os dois é que podemos...

— E tenho o que precisas, não é? Os fundos de investigação. A dimensão do laboratório. O tempo e a habilidade para te orientar da melhor forma.

— Sim. Pois tens. Eu...

De repente, ela conseguia ver a cor cinzenta da córnea dele. Ele tinha-se aproximado? Ele era alto, mas não muito mais alto do que ela. Não costumava ser *tão* impositivo.

— Estou agradecida. Muito agradecida. Tenho a certeza de que...

Ela sentiu o cheiro dele nas narinas, e a respiração dele, quente e desagradável contra o canto da sua boca, e dedos, um aperto insistente em redor do seu braço, e porque é que ele... o que é que ele...

— O que... — Sentindo o coração a bater-lhe na garganta, Olive libertou o braço e recuou vários passos. — O que estás a *fazer*? — Levou a mão ao braço e *doía* onde ele a tinha apertado.

Céus, será que ele tinha mesmo feito aquilo? Tentara beijá-la? Não, devia estar a imaginar coisas, porque Tom jamais...

— Uma antevisão, acho eu.

Ela fitou-o, demasiado tonta e estupefacta para reagir, até ele se aproximar de novo e se inclinar para ela. Estava a acontecer outra vez.

Ela empurrou-o. Fê-lo com quanta força tinha, empurrando-o pelo peito com as duas mãos, até ele cair numa risada cruel e condescendente. De repente, os pulmões dela encolheram-se e ela não conseguia respirar.

— Uma antevisão do quê? Estás doido?

— Vá lá.

Porque é que ele estava a sorrir? Porque é que havia aquela expressão oleosa, cheia de ódio, no rosto dele? Porque é que ele estava a olhar para ela como se...

— Uma rapariga bonita como tu já devia saber como é que isto funciona. — Ele olhou-a dos pés à cabeça, com um brilho lascivo no olhar que a fez sentir repulsa. — Não vale a pena mentires e dizeres que não escolheste um vestido assim tão curto para me provocares. Belas pernas, já agora. Já entendi porque é que o Adam anda a perder tempo contigo.

— O que é que...

— Olive — suspirou ele, enfiando as mãos nos bolsos. Ele devia parecer inofensivo, naquela pose. Mas parecia o contrário. — Não achas que te aceitei no meu laboratório porque és boa nisto, pois não?

Boquiaberta, ela recuou mais um passo. Um dos saltos quase ficou preso na alcatifa, e ela teve de se agarrar à mesa para evitar cair.

— Uma rapariga como tu, que percebeu tão depressa na sua carreira académica que foder professores conhecidos e bem-sucedidos é a maneira mais rápida de subir. — Ele ainda

estava a sorrir. O mesmo sorriso que, um dia, Olive considerara bondoso. Encorajador. — Fodeste o Adam, não foi? Ambos sabemos que vais foder-me pelo mesmo motivo.

Ela ia vomitar. *Ia* vomitar naquela sala, apesar de tudo, e não seria por causa da apresentação.

— És nojento.

— Sou? — Ele encolheu os ombros, imperturbado. — Então já somos dois. Usaste o Adam para chegar a mim e ao meu laboratório. Para chegar a esta conferência, também.

— Não, não usei. Nem sequer *conhecia* o Adam quando submeti...

— Oh, por favor. Estás a dizer-me que achaste que esse resumo miserável foi selecionado para uma apresentação por causa da sua qualidade e importância científica? — Ele fez uma expressão de descrédito. — Alguém tem uma opinião muito elevada de si mesma, tendo em conta que a sua pesquisa é inútil e que mal consegue dizer duas palavras sem se pôr a gaguejar como uma idiota.

Ela congelou. O estômago afundou-se e revirou-se, os pés ficaram presos ao chão.

— Não é verdade — sussurrou ela.

— Não? Achas que não é verdade que os cientistas desta área querem impressionar o magnífico Adam Carlsen a ponto de aceitarem bajular quem quer que ele ande a foder no momento? Foi o que eu fiz, quando lhe disse que a sua namoradinha medíocre podia vir trabalhar comigo. Mas, se calhar, tens razão — disse ele, como se estivesse a fazer uma piadinha amigável. — Talvez conheças a academia das STEM melhor do que eu.

— Eu vou contar isto ao Adam. Vou contar-lhe que...

— Fica à vontade. — Tom abriu os braços. — Conta-lhe. Faz-me esse favor. Queres que te empreste o meu telefone?

— Não. — Ela sentiu as narinas dilatarem-se. Foi tomada por uma onda de raiva gelada. — Não. — Virou-se e marchou para a entrada, debatendo-se com as náuseas e a bÍlis que lhe subiam à garganta. Ia encontrar Adam. Ia encontrar os organizadores da conferência e fazer queixa de Tom. Nunca mais ia ter de olhar para a cara dele.

— Uma pergunta rápida. Em quem é que achas que o Adam vai acreditar, Olive?

Ela parou abruptamente, a alguns passos da porta.

— Numa cabra qualquer que anda a foder há duas semanas, ou em alguém que é seu amigo próximo há anos? Alguém que o ajudou a obter o financiamento mais importante da sua carreira? Alguém que o apoiou desde que ele era mais novo do que tu és agora? Alguém que é, na verdade, um *bom* cientista?

Ela virou-se para ele, a tremer de raiva:

— Porque é que estás a fazer isto?

— Porque posso. — Tom voltou a encolher os ombros. — Porque, por muito vantajosa que seja a minha colaboração com o Adam, às vezes é um bocado irritante que ele tenha de ser sempre o melhor em tudo, e gosto da ideia de ficar com uma coisa dele, só desta vez. Porque és muito bonita, e mal posso esperar por passar tempo contigo no próximo ano. Quem diria que o Adam tinha tão bom gosto?

— És doido. Se achas que vou trabalhar no teu laboratório, és...

— Oh, Olive. Mas vais. Porque, se vires bem, o teu trabalho não é particularmente brilhante, mas complementa de forma satisfatória os projetos que estou a desenvolver no meu laboratório.

Ela atirou-lhe uma gargalhada amarga.

— Estás a alucinar se achas que vou colaborar contigo depois disto.

— Hum. Nem que seja por não teres escolha. Porque, se queres concluir o projeto, o meu laboratório é a tua única hipótese. E, se não quiseres... enfim. Mandaste-me informações de todos os teus protocolos, o que significa que posso replicá-los facilmente. Mas não te preocupes. Talvez te mencione na página dos agradecimentos.

Ela sentiu que o chão lhe fugia de debaixo dos pés.

— Não farias isso — sussurrou. — É má conduta científica.

— Ouve bem, Olive. O meu conselho de amigo é: come e cala. Mantém o Adam feliz e interessado enquanto for possível, e depois vem para o meu laboratório desenvolver um trabalho decente. Se *me* fizeres feliz, vou garantir que salvas o mundo do cancro pancreático. A tua historinha triste sobre a tua mãe, ou a tua tia ou a idiota da tua professora da primária que morreu de cancro só te vai levar até certo ponto. És medíocre.

Olive virou-se e correu para fora da sala.

Quando ouviu o ruído da chave eletrónica, limpou imediatamente o rosto com as mangas do vestido. Não foi de grande ajuda; tinha estado uns bons vinte minutos a chorar, e nem um rolo inteiro de papel higiénico teria sido capaz de esconder o que ela estivera a fazer. Na realidade, não era culpa dela. Estava certa de que Adam ia assistir à cerimónia de abertura, ou pelo menos ia ao convívio do departamento depois do seu discurso. Não estava no comité social e de contactos? Ele deveria estar noutra sítio qualquer. A socializar. A fazer contactos. Em coisas do comité.

Mas estava ali. Olive ouviu os passos quando ele entrou, e depois quando parou à entrada do quarto e...

Ela não conseguiu obrigar os seus olhos a enfrentarem os dele. Estava toda desalinhada, era uma figura miserável e desastrosa. Mas devia, ao menos, tentar distrair Adam. Dizer alguma coisa. Qualquer coisa.

— Ei. — Tentou sorrir, mas continuou a olhar para as próprias mãos. — Como é que correu o teu discurso?

— O que é que aconteceu? — A voz dele soou calma, baixa.

— Acabaste agora mesmo? — Estava a conseguir sorrir. Muito bem, ótimo. — Como correu a parte das perguntas...?

— O que é que aconteceu?

— Nada. Eu...

Ela não conseguiu terminar a frase. E o sorriso, que, tinha de admitir, não era bem um sorriso, estava a desfazer-se. Olive ouviu Adam aproximar-se, mas não levantou os olhos para ele. Manteve os olhos fechados para impedir que a barragem se abrisse, e nem assim estava a ser bem-sucedida.

Ficou surpreendida quando o viu ajoelhado à sua frente. Estava junto à cadeira dela, a cabeça ao nível da dela, e estudava-a com ar preocupado. Ela tentou esconder a cara nas mãos, mas ele levou a mão ao queixo dela para lho levantar, até ela não ter outra opção que não olhá-lo nos olhos. Então, os dedos dele deslizaram para a sua face, segurando-a, e perguntou outra vez:

— Olive, o que é que aconteceu?

— Nada. — A voz dela tremeu. Estava sempre a falhar-lhe, a afundar-se nas lágrimas.

— Olive.

— A sério, não foi nada.

Adam olhou para ela, exigindo uma resposta.

— Alguém comprou o último pacote de batatas?

Saiu-lhe uma gargalhada, molhada e fora de controlo.

— Sim. Foste tu?

— Claro. — O polegar dele acariciou-lhe a bochecha, intercetando uma lágrima. — Comprei-os todos.

Aquele sorriso soube melhor do que o que tinha fabricado antes.

— Espero que tenhas um bom seguro de saúde, porque vais apanhar diabetes de tipo 2.

— Vale a pena.

— Seu malvado.

Ela devia estar a apoiar-se na mão dele, porque o polegar estava a acariciá-la de novo, com delicadeza.

— É assim que falas para o teu falso-namorado? — Ele parecia mesmo preocupado. Os olhos, a linha da boca. E, ainda assim, tão paciente. — O que é que aconteceu, Olive?

Ela sacudiu.

— Foi só que...

Ela não podia contar-lhe. E não podia *não* lhe contar. Mas, acima de tudo, não podia contar-lhe.

Em quem é que achas que o Adam vai acreditar, Olive?

Ela respirou fundo. Empurrou a voz de Tom para fora da cabeça e acalmou-se antes de continuar. Tinha de arranjar alguma coisa para dizer, algo que não fizesse o céu cair sobre aquele quarto de hotel.

— A apresentação. Achei que tinha corrido bem. Os meus amigos disseram que sim. Mas depois ouvi pessoas a falarem

dela, e disseram... — Adam devia parar de lhe tocar. Ela já devia ter-lhe molhado a mão toda. A manga do *blazer*, também.

— O que é que disseram?

— Nada. Que a minha investigação não trazia nada de novo. Que era aborrecida. Que gaguejei. Que sabiam que sou tua namorada e que esse foi o único motivo pelo qual fui escolhida para fazer a apresentação. — Ela abanou a cabeça. Precisava de sacudir aquilo. Tirá-lo da cabeça. Precisava de pensar com cuidado no que fazer.

— Quem? Quem disse isso?

Oh, Adam.

— Alguém, não vi bem.

— Nem viste os cartões?

— Eu... não prestei atenção.

— Estavam no teu painel? — Havia algo oculto no tom com que ele lhe falava. Algo insistente que pedia violência, raiva e ossos partidos. A mão de Adam continuava suave no seu rosto, mas os olhos estavam semicerrados. Havia tensão no seu maxilar, e Olive sentiu um arrepio a descer-lhe pela espinha.

— Não — mentiu. — Não importa. Não faz mal.

Os lábios dele transformaram-se numa linha fina, as narinas dilataram-se, e ela acrescentou:

— De qualquer forma, não me interessa o que as pessoas acham de mim.

— Claro — ele bufou.

O Adam que tinha diante de si era o mal-humorado e irascível de quem os doutorandos se queixavam. Olive não

devia ter ficado tão surpreendida por vê-lo zangado, mas nunca o tinha visto assim antes.

— Não, a sério, não quero saber do que as pessoas dizem...

— Eu sei que não. Mas aí é que está o problema, não é? — Ele olhou para ela, e estava tão próximo. Ela conseguia ver que havia amarelo e verde misturado com o castanho-claro dos seus olhos. — Não é o que *eles* dizem. É o que *tu* pensas. E tu pensas que eles têm razão, não é?

Ela sentiu a boca seca.

— Eu...

— Olive. Tu és uma ótima cientista. E vais tornar-te ainda melhor. — O modo como ele estava a olhar para ela, tão sério e solene, ia quebrá-la. — O que quer que seja que esse imbecil disse, não se traduz em nada daquilo que tu és, e no que muitos deles são. — Os dedos dele moveram-se sobre a pele dela até se embrenharem no cabelo atrás da orelha. — O teu trabalho é brilhante.

Ela nem pensou bem. E, mesmo que tivesse pensado, dificilmente teria podido deter-se. Limitou-se a inclinar-se para a frente e a esconder a cara no pescoço dele, apertando-o com força. Uma péssima ideia, estúpida e inapropriada, e Adam ia empurrá-la a qualquer momento, de certeza, só que...

A palma da mão dele deslizou para a sua nuca, como que para a puxar para mais perto, e Olive ficou ali por vários minutos, a chorar lágrimas mornas na pele do pescoço dele, sentindo o quão seguro, o quão quente e sólido ele era — tanto debaixo dos seus dedos como na sua vida.

Tinhas de arranjar maneira de eu me apaixonar por ti, pensou, pestanejando contra a pele dele. *Seu autêntico idiota.*

Ele não a largou. Não até ela recuar e limpar outra vez as bochechas, sentindo que se calhar, dessa vez, já ia conseguir

controlar-se. Ela fungou e ele inclinou-se para agarrar um pacote de lenços sobre a mesa da televisão.

— A sério, estou bem.

Ele suspirou.

— *Okay*, se calhar ainda não estou bem, mas vou ficar. — Ela aceitou o lenço que ele lhe estendeu e assoou o nariz. — Só preciso de...

Ele estudou-a e assentiu, os olhos inexpressivos de novo.

— Obrigada. Pelo que disseste. E por me deixares espalhar ranho pelo teu quarto de hotel.

Ele sorriu.

— Sempre às ordens.

— E no teu casaco também. Vais... vais ao convívio do departamento? — perguntou, a detestar o momento em que teria de sair daquela cadeira. Daquele quarto. *Sê sincera*, suspirou a voz da razão, a que tudo sabia, dentro dela. *É de perto da presença dele que não queres sair.*

— Tu vais?

Ela encolheu os ombros.

— Disse que ia. Mas não estou com vontade de falar com ninguém. — Secou as bochechas mais uma vez, mas por milagre a cascata tinha parado. Adam Carlsen, responsável por 90 % das lágrimas do departamento, tinha acabado de fazer alguém parar de chorar. Quem diria? — Embora ache que o álcool gratuito pudesse ajudar.

Ele olhou-a por um momento, pensativo, enquanto mordida o interior da bochecha. Depois assentiu, parecendo tomar uma decisão, pôs-se de pé e estendeu a mão para ela.

— Anda.

— Oh. — Ela levantou a cabeça para olhar para ele. — Acho que vou esperar um bocadinho antes de...

— Não vamos ao convívio.

Não *vamos*?

— O quê?

— Anda — repetiu ele, e desta vez Olive agarrou-lhe a mão e já não a largou. Não podia, pelo modo como os dedos dele se fecharam em torno dos dela.

Adam olhou para os sapatos dela, até ela perceber e os calçar, apoiando-se no braço dele para manter o equilíbrio.

— Onde vamos?

— Vamos arranjar algum álcool gratuito. Bem — corrigiu-se ele —, gratuito para ti.

Ela quase arquejou quando percebeu o que ele estava a dizer.

— Não, Adam... Não. Tens de ir ao convívio do departamento. E à cerimónia de abertura. És o orador principal!

— E já fiz a minha intervenção! — Ele agarrou o casaco vermelho dela, que estava em cima da cama, e puxou-a para a porta. — Consegues andar nesses sapatos?

— Sim... Mas...

— Eu tenho o cartão, não precisas de trazer o teu.

— Adam. — Ela agarrou-lhe o pulso, e ele virou-se imediatamente para olhar para ela. — Adam, não podes faltar a esses eventos. As pessoas vão dizer que...

O sorriso dele era assimétrico.

— Que quero passar tempo com a minha namorada?

O cérebro de Olive parou. Ali mesmo. E depois recomeçou e...

O mundo estava um bocadinho diferente.

Quando ele voltou a apertar-lhe a mão, ela sorriu e seguiu-o, simplesmente, para fora do quarto.

Capítulo 15

♥ HIPÓTESE: Não há nenhum momento na vida que não possa ser melhorado com comida entregue num tapete rolante.

Toda a gente os viu.

Pessoas que Olive nunca tinha visto antes, pessoas que reconheceu de artigos de blogues e do Twitter das ciências, pessoas do departamento dela que tinham sido seus professores em anos anteriores. Pessoas que sorriram a Adam, que se dirigiam a ele pelo seu primeiro nome ou por Dr. Carlsen, que lhe diziam «Excelente discurso» e «Vemo-nos por aí». Pessoas que ignoraram completamente Olive, e pessoas que a estudaram com curiosidade — a ela, a Adam, e ao sítio onde as suas mãos se uniam.

Adam limitou-se a acenar-lhes de volta, e apenas se deteve para falar com Holden.

— Vão saltar a parte chata? — perguntou, com um sorriso conhecedor.

— *Yep.*

— Nesse caso vou beber por ti também. E distribuo as tuas desculpas.

— Não é preciso.

— Vou dizer que tiveste uma urgência familiar. — Holden piscou o olho. — Quem sabe urgência *familiar futura*, parece-vos bem assim?

Adam revirou os olhos e puxou Olive para o exterior. Ela teve de se apressar para o acompanhar, não porque ele estivesse a caminhar muito rápido, mas porque as suas pernas eram tão compridas que por cada passo dele ela tinha de dar três.

— Hum... Estou de saltos!

Ele virou-se para ela, os olhos desceram-lhe pelas pernas e depois afastaram-se depressa.

— Eu sei. Estás menos debilitada em altura do que é habitual.

Ela semicerrou os olhos.

— Ei, tenho um metro e setenta e dois. Já conta como alta.

— Hum — fez Adam, com uma expressão descomprometida.

— Que cara é essa?

— Que cara?

— A tua cara.

— É só a minha cara de sempre.

— Não, é a cara de «não és assim tão alta».

Ele sorriu, brevemente.

— Consegues andar nesses sapatos? Ou é melhor voltarmos?

— Consigo andar, mas podemos ir mais devagar?

Ele fingiu suspirar, mas concordou. A mão dele largou a dela e empurrou-a pelo fundo das costas, para a dirigir para a direita. Ela teve de disfarçar um pequeno arrepio.

— Então... — Ela enfiou os punhos no bolso do casaco, tentando ignorar o facto de a ponta dos seus dedos ainda estar a formigar. — As bebidas gratuitas que mencionaste vêm com comida?

— Eu arranjo-te jantar. — Os lábios de Adam curvaram-se um pouco mais. — Porém, não saís nada barata.

Ela inclinou-se para ele e deu-lhe um encontrão nos bíceps com o ombro. Foi difícil não reparar que ele mal deu conta disso.

— Não sou mesmo. Tenho planos para beber e comer os meus sentimentos, hoje.

O sorriso dele estava mais assimétrico do que nunca.

— Onde é que te apetece ir, sabichona?

— Vejamos... Do que é que gostas? Além de água da torneira e espinafres cozidos?

Ele atirou-lhe um olhar de soslaio.

— Que tal hambúrgueres?

— Hum... — Ela encolheu os ombros. — Pode ser. Se não houver mais nada.

— Qual é o problema dos hambúrgueres?

— Não sei. Sabem a pés.

— O quê?

— E que tal mexicano? Gostas de mexicano?

— Os hambúrgueres não sabem a...

— Ou italiano? Piza seria ótimo. E talvez haja algo à base de aipo que pudesses pedir.

— Vamos aos hambúrgueres.

Olive deu uma gargalhada.

— E se for chinês?

— Comi ao almoço.

— Bem, os chineses comem comida chinesa várias vezes ao dia; isso não deveria impedir-te de... *Oh*.

Adam tinha avançado vários passos quando deu conta de que Olive tinha parado no meio do passeio. Virou-se para olhar para ela.

— O que foi?

— Ali. — Ela apontou para a placa vermelha e branca do outro lado da estrada.

Adam seguiu-lhe o dedo com o olhar e, durante muito tempo, deixou-se estar de pé, pestanejando várias vezes. E depois:

— Não.

— Ali — repetiu ela, sentindo as bochechas expandirem-se num sorriso largo.

— Olive. — Havia uma profunda linha vertical entre as sobrancelhas dele. — Não. Há restaurantes muito melhores onde podemos...

— Mas quero ir àquele.

— Porquê? Há algum...

Ela aproximou-se dele e agarrou-lhe a manga do *blazer*.

— Por favor. Por favor?

Adam apertou a ponta do nariz e cerrou os lábios. Mas nem cinco segundos tinham passado e ele já a guiava, com a mão entre as suas omoplatas, para o outro lado da estrada.

O problema, explicou ele, apressadamente, enquanto esperavam por um lugar, não era o comboio de *sushi*, mas o *all-you-can-eat* a vinte dólares.

— Nunca é bom sinal — disse-lhe ele, e a voz soou mais resignada do que combativa, e quando o empregado os conduziu para o interior, ele seguiu-a desanimado até à cabina.

Olive ficou maravilhada com os pratos que iam passando no tapete rolante que corria o restaurante, incapaz de esconder um sorriso de boca aberta. Quando se lembrou da presença de Adam, e voltou a focar-se nele, ele estava a olhar para ela com um ar meio exasperado, meio indulgente.

— Sabes — disse-lhe ele, deitando um olhar a uma salada de algas que estava a passar-lhe junto ao ombro. — Podíamos ir a um japonês a sério. Não me importo de pagar todo o *sushi* que queiras comer.

— Mas o *sushi* vai estar a *mexer-se* ao meu redor?

Ele sacudiu a cabeça.

— Desisto. Afinal sais-me *perturbadoramente* barata.

Ela ignorou-o e levantou a porta de vidro, agarrando um *sushi roll* e um dónute de chocolate. Adam murmurou algo que soou bastante a «muito autêntico», e quando a empregada veio ter com eles pediu-lhe duas cervejas.

— O que é que achas que isto é? — Olive mergulhou um pedaço de *sushi* no seu molho de soja. — Atum ou salmão?

— Provavelmente, carne de aranha.

Ela meteu-o na boca.

— Delicioso.

— A sério? — Ele pareceu cético.

Não era, para dizer a verdade. Mas não era mau. E aquilo, bem, aquilo era muito mais divertido. Era precisamente o que ela precisava para esvaziar a mente de... tudo. De tudo menos do ali e do agora. Com Adam.

— *Yep*. — Empurrou o pedaço que sobrou na direção dele, desafiando-o silenciosamente a prová-lo.

Ele separou os pauzinhos com uma expressão de sofrimento, agarrou-o e mastigou-o durante muito tempo.

— Sabe a pés.

— Não sabe nada. Prova isto. — Agarrou uma tigela de *edamame* do tapete rolante. — Podes comer, são praticamente brócolos.

Ele levou um feijão à boca, fingindo que não odiava.

— Não temos de falar, já agora.

Olive inclinou a cabeça.

— Disseste que não querias falar com ninguém no hotel. Por isso não temos de falar, se preferires comer esta — ele deitou um olhar aos pratos que tinham acumulado com evidente desconfiança — comida em silêncio.

Tu não és um qualquer, pareceu-lhe uma coisa perigosa de dizer, por isso apenas sorriu.

— Aposto que és ótimo a ficar em silêncio.

— É uma aposta?

Ela sacudiu a cabeça.

— Eu quero falar. Mas podemos não falar da conferência? Ou de ciência? Ou de como o mundo está cheio de idiotas? — *E de como alguns deles são teus amigos próximos e colaboradores?*

A mão dele fechou-se sobre a mesa, o maxilar ficou tenso conforme anuía.

— Ótimo. Podemos falar sobre o quão agradável este sítio é...

— É hediondo.

— ... Ou do sabor do *sushi*...

— Pés.

— ... Ou do melhor filme da saga *Velocidade Furiosa*...

— *Velocidade Furiosa 5*, embora tenha a impressão de que vais dizer que é o...

— *Ligação Tóquio*.

— Pois — ele suspirou, e trocaram um breve sorriso.

Depois, o sorriso desvaneceu-se e ficaram só a olhar um para o outro, e havia algo denso e doce a colorir o espaço entre eles, magnético e difícil de suportar. Olive teve de arrancar o olhar do dele, porque... não. Não.

Virou-se e o olhar recaiu sobre um casal a algumas mesas, à direita. Eram a imagem espelhada de Adam e de Olive, sentados cada um do seu lado da cabina, ambos com olhares amistosos e tentativas de sorriso.

— Achas que estão num falso-encontro? — perguntou, reclinando-se no assento.

Adam seguiu o olhar dela até ao casal.

— Pensei que esses envolviam sobretudo cafetarias e aplicações de protetor solar.

— *Nah*. Só os melhores.

Ele soltou uma gargalhada, baixinho.

— Bem — focou-se na mesa e em posicionar os pauzinhos paralelos um ao outro —, posso definitivamente recomendar isso.

Olive baixou o queixo para esconder um sorriso, e depois inclinou-se para roubar um *edamame*.

No elevador, ela apoiou-se nos bíceps dele para tirar os saltos altos, passando ao lado da graciosidade enquanto ele a estudava e sacudia a cabeça.

— Pensei que tinhas dito que não te magoavam. — Soava curioso. Ou divertido? Ou afetuoso?

— Isso foi há séculos. — Olive agarrou-os e segurou-os na ponta dos dedos. Quando se endireitou, Adam tinha voltado a ser impossivelmente alto. — Agora já estou pronta para serrar os pés.

O elevador imobilizou-se e as portas abriram-se.

— Isso parece-me contraproducente.

— Oh, não fazes ideia... Ei, o que é que estás a...?

O coração dela saltou uma meia dúzia de batimentos quando Adam a levantou do chão para a carregar como se fosse uma noiva. Ela guinchou, e ele carregou-a até ao quarto, tudo porque tinha uma bolha no dedo mindinho. Sem grande escolha, passou-lhe os braços pelo pescoço e apertou-se contra ele, procurando assegurar-se de que sobrevivia se ele a deixasse cair. As mãos dele estavam mornas ao redor das suas costas e dos joelhos, os antebraços firmes e fortes.

Ele cheirava maravilhosamente bem. Era ainda melhor senti-lo tão perto.

— Sabes, o quarto é só a vinte metros do...

— Não faço ideia do que isso significa.

— Adam.

— Nós, americanos, pensamos em pés, Canadá.

— Sou demasiado pesada.

— És mesmo. — A facilidade com que ele a ajeitou nos braços para poder passar o cartão eletrónico desacreditava as suas palavras. — Devias cortar bebidas com abóbora da tua dieta.

Ela puxou-lhe o cabelo e sorriu contra o seu ombro.

— Nunca.

Os cartões com as suas identificações continuavam junto à televisão, exatamente onde os tinham deixado, e havia um programa da conferência meio aberto na cama de Adam, para não mencionar as sacolas e as montanhas de folhetos desnecessários. Olive reparou imediatamente neles, e foi como se lhe espetassem mil farpas numa ferida aberta. Trouxe de

volta todas as palavras que Tom dissera, e todas as suas mentiras, e as verdades, e os insultos desdenhosos, e...

Adam deve ter-se apercebido. Assim que a pôs no chão, juntou tudo o que era material da conferência e meteu-o numa cadeira virada para a janela, longe da vista dela, e Olive... apetecia-lhe abraçá-lo. Não ia fazê-lo — já o tinha feito duas vezes nesse dia — mas apetecia-lhe mesmo. Em vez disso, removeu resolutamente as farpas da cabeça, atirou-se para a cama de costas e fitou o teto.

Tinha achado que seria estranho estar com ele num espaço tão pequeno a noite inteira. E era, um bocadinho, ou, pelo menos, tinha sido quando ela chegara, nesse dia, mas entretanto sentia-se calma e segura. Como se o seu mundo, sempre frenético, confuso e exigente, estivesse a abrandar. A tornar-se um bocadinho mais fácil.

A colcha restolhou debaixo da sua cabeça quando se virou para olhar para Adam. Ele também parecia relaxado, enquanto pendurava o casaco nas costas de uma cadeira, tirava o relógio e o arrumava na secretária. O efeito casualmente doméstico daquilo tudo — a ideia de que o dia dela e o dele terminavam no mesmo sítio, à mesma hora — acalmou-a como uma carícia lenta nas costas.

— Obrigada. Por me comprares comida.

Ele olhou-a, franzindo o nariz.

— Não sei se houve alguma comida na história.

Ela sorriu, rebolando até se posicionar de lado.

— Não vais sair outra vez?

— Sair?

— Sim. Para encontrar pessoas importantes das ciências? Comer outros sete quilos de *edamame*?

— Acho que já vi pessoas suficientes por hoje, e também já comi *edamame* que baste por uma década. — Tirou os sapatos e as meias, e arrumou-os direitos perto da sua cama.

— Então vais ficar?

Ele deteve-se e olhou para ela.

— A menos que prefiras ficar sozinha.

Não, *não prefiro*. Ela apoiou-se no cotovelo.

— Podemos ver um filme.

Ele pestanejou.

— Está bem. — Souu surpreendido, mas não desagradado.

— Mas se o teu gosto por filmes for igual ao teu gosto por restaurantes, é provável que...

Ele não reparou na almofada que voava na sua direção. Bateu-lhe no rosto e caiu no chão, fazendo Olive rir-se e saltar da cama.

— Importas-te que tome um duche, primeiro?

— Sabichona.

Ela começou a vasculhar na mala de viagem.

— Podes escolher o filme! Não me importo, desde que não haja cenas com cavalos a serem mortos, porque... Merda.

— O quê?

— Esqueci-me do pijama. — Procurou o telemóvel nos bolsos do casaco. Não estava lá, e depois lembrou-se de que não o tinha levado para o restaurante. — Viste o meu... Oh, ali está ele.

Estava quase sem bateria, possivelmente porque se tinha esquecido de desligar a gravação da apresentação. Há horas que não verificava as mensagens, e encontrou várias por

responder — sobretudo de Anh e de Malcolm, perguntando-lhe onde andava e se ainda ia ao convívio, e para se mexer porque havia álcool em cascata, e depois, por fim, informando-a de que iam sair até um bar. Anh devia estar meio bêbeda por essa altura, porque na sua mensagem lia-se: Tlfona s qseres ivr ♥ conncso, Olvie

— Esqueci-me do pijama e queria ver se um dos meus amigos me podia emprestar um. Mas não me parece que voltem tão depressa. Embora, se calhar, a Jess não tenha ido com eles, deixa-me mandar-lhe uma mensagem a ver se...

— Toma. — Adam pousou algo preto e bem dobrado na cama dela. — Podes usar isto, se quiseres.

Ela estudou-o, cética.

— É o quê?

— Uma *T-shirt*. Dormi com ela ontem, mas é melhor do que o vestido que estás a usar. Para dormir, quero eu dizer — acrescentou, com um ligeiro rubor nas faces.

— Oh. — Ela agarrou-a, e a *T-shirt* desdobrou-se. Reparou, de imediato, em três coisas: era grande, tão grande que ia cobri-la até meio da coxa ou até mais abaixo; cheirava maravilhosamente bem, uma mistura da pele de Adam com detergente que a fez querer enterrar a cara nela e inalá-la durante semanas; e, à frente, em letras grandes e brancas, dizia...

— Ninja da Biologia?

Adam coçou a nuca.

— Não fui eu que a comprei.

— Então... roubaste-a?

— Foi um presente.

— Bem — ela sorriu. — Belo presente. Dr. Ninja.

Ele olhou-a, inexpressivo.

— Se contares a alguém, nego.

Ela riu-se.

— A sério que não te importas? O que é que vais vestir?

— Nada.

Ela deve ter ficado a olhar para ele, embasbacada, porque ele atirou-lhe um olhar divertido e sacudiu a cabeça.

— Estou a brincar. Tenho uma *T-shirt* debaixo da camisa.

Ela assentiu e despachou-se a ir para a casa de banho, decidida a não encontrar os olhos dele.

Sozinha, debaixo do jato quente de água, tornou-se ainda mais difícil concentrar-se no *sushi* e no sorriso assimétrico de Adam, bem como esquecer que ele a tinha deixado pendurar-se nele durante três horas. O que Tom lhe tinha feito era desprezível, e ela ia ter de fazer queixa dele. Ia ter de contar a Adam. Ia ter de *fazer* alguma coisa. Mas sempre que pensava nisso racionalmente, só conseguia reviver a voz dele na sua cabeça — *mediocre*, e *belas pernas*, e *inútil*, e *historinha triste* —, tão alta que lhe parecia que a cabeça ia fragmentar-se em pedaços.

Então tomou um duche tão rápido quanto possível, distraíndo-se a ler os rótulos do champô de Adam e do gel de banho (algo com pH neutro que a fez revirar os olhos), e secou-se tão depressa quanto era humanamente possível. Tirou as lentes de contacto e roubou-lhe alguma pasta de dentes. O olhar recaiu sobre a escova de dentes dele, que era preta do cabo às cerdas, e não conseguiu evitar rir-se.

Quando saiu da casa de banho, ele estava sentado à beira da cama, com umas calças de pijama axadrezadas e uma *T-shirt* branca. Tinha o comando da televisão numa mão e o telemóvel

na outra, e ia alternando o olhar entre os dois canais com uma ruga na testa.

— Só podia.

— O quê? — perguntou ele, distraído.

— A tua escova de dentes só podia ser preta.

A boca dele retorceu-se num sorriso.

— Vais ficar chocada quando souberes que na Netflix não há nenhuma categoria de filmes em que os cavalos não morram.

— Uma obscenidade, não achas? — Ela enrolou o vestido demasiado curto numa bola e enfiou-o dentro da mala, fantasiando que estava a enfiá-lo na garganta de Tom. — Se fosse americana, candidatava-me ao parlamento dessa plataforma.

— É preciso fingirmos que casamos, para obteres a nacionalidade?

O coração dela deu um salto.

— Oh, sim. Acho que já está na hora de levarmos isto do fingimento para outro patamar.

— Então... — ele escreveu alguma coisa no telemóvel. — Estou a pôr no Google «cavalo morto», mais o título de qualquer filme que me soe bem.

— É o que costumo fazer. — Atravessou o quarto até ficar perto dele. — O que é que apareceu?

— Há um sobre uma professora de linguística que é chamada para ajudar a decifrar um extraterrestre...

Ele levantou os olhos do telemóvel e ficou imediatamente em silêncio. A boca abriu-se e voltou a fechar-se, os olhos relancearam as coxas dela, os pés, as meias de unicórnio pelos joelhos, e voltaram depressa para a cara dela. Não, não para a

cara dela: para algum sítio acima do seu ombro. Ele aclarou a garganta antes de dizer:

— Ainda bem que te serviu. — Estava outra vez a olhar para o telemóvel. A mão que segurava o comando da televisão cingia-o com força.

Ela demorou muito tempo a entender que ele estava a referir-se à sua *T-shirt*.

— Oh, sim — sorriu. — É mesmo o meu tamanho, não é? — Era tão grande que cobria praticamente toda a pele que o vestido tinha coberto, mas era suave e confortável como um sapato usado. — Se calhar, não ta devolvo.

— É toda tua.

Ela balançou-se nos calcanhares, perguntando-se se haveria problema em sentar-se perto dele. Era conveniente, uma vez que tinham de escolher um filme juntos.

— Posso mesmo ficar com ela esta semana?

— Claro que sim. Vou-me embora amanhã, de qualquer maneira.

— Oh. — Ela já sabia, claro. Sabia desde que ele lho tinha dito, há duas semanas; tinha-o recordado quando entrou no avião, em São Francisco, e tinha-o recordado de novo há poucas horas, quando se convencera de que por muito estranha e stressante que a sua convivência com Adam pudesse ser, pelo menos seria curta. Só que, afinal, já não era nada estranha. Nem stressante. A ideia de ficar afastada dele vários dias é que era. De ficar ali, de entre todos os sítios, sem ele. — De que tamanho é a tua mala?

— Hum?

— Posso ir contigo?

Ele olhou para ela, ainda a sorrir, mas deve ter notado algo nos seus olhos, por detrás das piadas e da tentativa de humor. Algo vulnerável e suplicante que ela escondera mal dentro de si própria.

— Olive — ele largou o comando e o telemóvel na cama. — Não deixes que façam isso.

Ela apenas inclinou a cabeça. Não ia chorar outra vez. Não valia a pena. E ela não era assim — uma criatura frágil e indefesa que estava sempre a duvidar de si própria. Pelo menos, não era costume ser. Por Deus, odiava o Tom Benton.

— Que façam o quê?

— Que te estraguem a conferência. Ou a ciência. Ou que te façam sentir menos orgulhosa das tuas conquistas.

Ela olhou para baixo, estudou o amarelo das meias conforme enterrava os dedos na alcatifa suave. E depois voltou a olhar para ele.

— Sabes o que é mais triste nisto?

Ele negou com a cabeça, e Olive continuou:

— Por um instante, durante a apresentação... Eu estava mesmo a divertir-me. Estava em pânico. Quase a vomitar, sem dúvida. Mas enquanto estava a falar com aquele grupo enorme de pessoas, sobre o meu trabalho, as minhas hipóteses e as minhas ideias, e a explicar o meu raciocínio, as tentativas e erros, e porque é que a minha pesquisa é tão importante, eu... Senti-me confiante. Senti que era boa nisto. Pareceu-me tudo *bem*, e *entusiasmante*. Tal como deve ser quando a ciência é partilhada. — Ela envolveu-se a si própria com os braços. — Como se, talvez, pudesse vir a ensinar um dia. Ser uma docente a sério. E, quem sabe, fazer a diferença.

Ele assentiu como se soubesse exatamente o que ela estava a dizer.

— Quem me dera ter estado lá, Olive.

Ela viu que era verdade. Que ele tinha pena de não ter estado lá com ela. Mas mesmo Adam, indomável, resoluto, sempre competente, não podia estar em dois sítios ao mesmo tempo, e era definitivo que *não* tinha visto a sua apresentação.

Não faço ideia se és boa o suficiente, mas não é isso que devias perguntar-te. A academia é muito trabalho para pouco ganho. O que interessa é saber se a razão pela qual estás na universidade é boa o suficiente. Fora o que ele lhe dissera há anos, na casa de banho. O que ela repetira a si própria durante anos, sempre que se via num beco sem saída. Mas e se ele tivesse estado sempre errado? E se *existisse* mesmo isso de ser-se bom o suficiente? E se isso fosse o mais importante de tudo?

— Mas e se for verdade? Se eu for mesmo medíocre?

Ele não respondeu durante um bocado. Limitou-se a olhá-la, com um laivo de frustração na expressão, e uma linha pensativa nos lábios. E depois, baixo e firme, disse:

— Quando eu estava no meu segundo ano de doutoramento, o meu orientador disse-me que eu era um falhanço que nunca havia de chegar a lado nenhum.

— O quê? — Não era nada daquilo que ela esperara ouvir. — Porquê?

— Por causa de um iniciador de *design* incorreto. Mas não foi a primeira nem a última vez que o disse. Às vezes, humilhava os doutorandos publicamente, sem razão aparente. Mas nunca consegui esquecer essa vez, porque lembro-me de pensar... — Ele engoliu em seco, e a garganta cooperou. — Lembro-me de ficar convencido de que ele tinha razão. Que nunca havia de ir a lado nenhum.

— Mas tu... — *Publicaste artigos na Lancet. És titular e concederam-te milhões de dólares em bolsas de investigação. Foste orador principal numa conferência importantíssima.* Olive nem sabia por onde começar, por isso ficou-se por: — Foste distinguido com a MacArthur.

— Sim — exalou uma gargalhada. — E cinco anos antes da bolsa MacArthur, no segundo ano do meu doutoramento, passei uma semana inteira a preparar candidaturas a Direito porque tinha a certeza de que nunca havia de me tornar cientista.

— Espera... então o que o Holden disse era verdade? — Ela mal podia acreditar. — Porquê Direito?

Ele encolheu os ombros.

— Os meus pais teriam adorado. E, se não pudesse ser cientista, então pouco me importava a profissão que havia de ter.

— O que é que te deteve, então?

Ele suspirou.

— O Holden. E o Tom.

— O Tom — repetiu ela. O estômago revirou-se, encolheu-se.

— Teria largado o doutoramento se não fosse por eles. O meu orientador era conhecido na área por ser um sádico. Como eu, suponho. — A boca recurvou-se num sorriso amargo. — Eu já conhecia a reputação dele antes de começar o programa. Mas acontece que ele também era brilhante. O melhor dos melhores. E eu pensei... pensei que aguentava o que quer que fosse que ele me atirasse, e que ia valer a pena. Achei que ia ser uma questão de sacrifício, disciplina e trabalho árduo. — Havia uma contenção na voz de Adam,

como se aquele não fosse um tópico que ele costumasse discutir.

Olive tentou ser cordial ao perguntar:

— E não foi?

Ele sacudiu a cabeça.

— Em certa medida, foi o oposto.

— O oposto de disciplina e de trabalho árduo?

— Trabalhámos arduamente, sem dúvida. Mas quanto a disciplina... Disciplina presume expectativas bem estabelecidas. Códigos de comportamento bem definidos, e uma falha nesse âmbito deveria ser abordada de modo produtivo. Era o que eu pensava, pelo menos. E o que ainda penso. Disseste que sou bruto com os meus doutorandos, e se calhar tens razão...

— Adam, eu...

— Mas o que tento é estabelecer objetivos para eles e ajudá-los a atingi-los. Se perceber que não estão a fazer o que concordámos que iam fazer, digo-lhes o que está errado e o que devem mudar. Não os trato como se fossem bebés, não escondo as críticas nos elogios, e não acredito em *feedbacks* de bolachas *Oreo*, e se acham que sou aterrorizador por causa disso, ou antagonístico, que seja. — Respirou fundo. — Mas também *nunca* quero que tenha nada que ver com eles. Tem que ver com o trabalho... com o trabalho que pode ser feito. Que pode melhorar. Eu não quero que associem o seu valor pessoal ao que são capazes de produzir. — Fez uma pausa e parecia, não, *estava mesmo*, distante. Como se tudo aquilo fossem coisas a que tinha dedicado muita reflexão, como se quisesse mesmo aquilo para os seus estudantes. — Odeio como parece que me dou demasiada importância, mas a

ciência é um assunto sério e... é o meu dever como cientista, acho eu.

— Eu... — De repente, o ar no quarto de hotel estava frio. *Fui eu quem lhe disse*, pensou ela, sentindo o estômago a revirar. *Fui eu quem lhe disse que ele é assustador e antagonístico, e que os alunos o odeiam.* — E o teu orientador não achava?

— Nunca percebi bem a cabeça dele. O que sei agora, anos depois, é que ele era abusivo. Aconteceram coisas terríveis sob a sua supervisão. Cientistas que não receberam crédito pelas suas ideias ou pela autoria de ideias, conforme mereciam. As pessoas eram publicamente diminuídas por fazerem erros que seriam normais para investigadores com experiência, quanto mais para alunos. As expectativas eram impossivelmente altas, mas nunca estavam bem definidas. Os prazos eram estabelecidos arbitrariamente, sem aviso, e os estudantes eram punidos por não os cumprirem. Os doutorandos estavam sempre a ser obrigados a fazer as mesmas tarefas, e eram atirados uns contra os outros, pediam-lhes que competissem, para divertimento do meu orientador. Uma vez, pôs-me a mim e ao Holden num projeto, e disse que quem chegasse a um resultado publicável primeiro ia receber financiamento para o semestre seguinte.

Ela tentou imaginar como seriam as coisas se a Dra. Aslan promovesse, abertamente, uma atmosfera de competitividade entre Olive e os seus pares. Mas não — Adam e Holden tinham sido sempre amigos próximos a vida toda, por isso a situação não era comparável. Teria sido como se lhe dissessem que, para receber um salário no próximo semestre, teria de superar Anh em matéria de ciência.

— O que é que fizeste?

Ele passou a mão pelo cabelo e caiu-lhe uma mecha para a testa.

— Formámos uma equipa. Percebemos que tínhamos capacidades que se complementavam: um especialista em farmacologia pode chegar muito mais longe com a ajuda de um biólogo computacional, e vice-versa. E tínhamos razão. Levámos a cabo um estudo muito bom. Foi cansativo, mas também entusiasmante, ficar acordado a noite inteira para descobrir como corrigir os protocolos. Saber que éramos os primeiros a descobrir alguma coisa. — Por um momento, ele pareceu apreciar aquela lembrança. Mas, depois, apertou os lábios e movimentou o maxilar. — No fim desse semestre, quando apresentámos o que tínhamos descoberto ao orientador, ele disse-nos que íamos ficar os dois sem financiamento, porque ao colaborar tínhamos violado as indicações dele. Passámos a primavera seguinte a dar seis aulas de Introdução à Biologia por semana... em cima do trabalho no laboratório. O Holden vivia comigo. Juro que uma vez o ouvi murmurar «mitocôndria na fonte de energia da célula» enquanto dormia.

— Mas... vocês deram ao orientador o que ele queria.

Adam sacudiu a cabeça.

— Ele queria um jogo de poder. E, no fim, conseguiu: puniu-nos por não termos dançado a música dele, e publicou as descobertas que fizemos sem sequer nos citar no processo.

— Eu... — Ela cerrou os punhos sobre o tecido largo da sua *T-shirt* emprestada. — Adam, peço desculpa por te ter comparado com ele. Não quis...

— Não faz mal. — Ele sorriu-lhe, tenso mas encorajador.

Fazia mal, sim. Sim, Adam podia ser direto, dolorosamente direto. Teimoso, obstinado e descomprometido. Não era

sempre bom, mas nunca era desonesto nem maldoso. Era o oposto: era honesto por defeito, e requeria dos outros a mesma disciplina que impunha a si próprio. Por muito que os doutorandos se queixassem da aspereza do seu *feedback*, ou das longas horas de trabalho a que ele os submetia no laboratório, todos reconheciam que ele era um mentor que dominava os temas e que saberia arregaçar as mangas, não se limitava a orientá-los. A maioria deles doutorava-se com várias publicações e conseguia excelentes lugares na academia.

— Tu não sabias.

— Ainda assim, não devia... — Ela mordeu o lábio, sentindo-se culpada. Derrotada. Estava com raiva do orientador de Adam e de Tom por se movimentarem na academia como se tudo lhes pertencesse e apenas servisse para os entreter. Estava com raiva de si própria, por não saber o que fazer para mudar as coisas. — Porque é que não fizeram queixa dele?

Ele fechou os olhos, brevemente.

— Porque ele esteve nomeado para um prémio Nobel. Duas vezes. Porque tinha amigos poderosos em sítios importantes, e achámos que ninguém ia acreditar em nós. Porque ele podia lançar carreiras e acabar com elas. Porque sentíamos que não havia nada no sistema que pudesse ajudar-nos. — Havia azedume na sua expressão, e ele já não estava a olhar para ela. Era surreal, a ideia de Adam Carlsen se sentir impotente. E, ainda assim, os olhos dele contavam outra história. — Estávamos aterrorizados, e possivelmente, cá dentro, estávamos convencidos de que tínhamos sido nós a meter-nos naquilo, e que merecíamos. Que éramos falhanços e que nunca havíamos de ser ninguém.

O coração dela apertou-se por ele. Por ela própria.

— Tenho tanta, *tanta* pena.

Ele sacudiu a cabeça de novo, e de algum modo a expressão aligeirou.

— Quando ele me disse que eu era um falhanço, achei que ele tinha razão. Estava pronto para desistir da única coisa que queria mesmo por causa dele. Mas o Tom e o Holden... eles também tinham os seus problemas com o nosso orientador, claro. Toda a gente tinha. Mas ajudaram-me. Por algum motivo, o meu orientador parecia estar sempre a par quando havia alguma coisa de errado com os meus estudos, mas o Tom fartava-se de mediar as coisas entre nós. Ele aguentou montes de porcarias que eu não teria aguentado. Era o favorito do meu orientador, e intercedeu para o laboratório se parecer menos com uma arena de combate.

Adam a falar de Tom como se ele fosse um herói deixou-a enjoada, mas manteve-se em silêncio. Não estavam a falar dela.

— E o Holden... O Holden roubou a minha candidatura a Direito e fez aviões de papel com os documentos. Ele conseguia ver de fora o que estava a acontecer, por isso pôde ajudar-me a ver as coisas objetivamente. Do mesmo modo como eu, hoje, tentei fazer-te ver de fora o que te estava a acontecer. — Os olhos dele recaíram sobre ela. Havia neles um brilho que ela não compreendeu. — Não és medíocre, Olive. Não foste convidada para falar porque as pessoas acham que és minha namorada; essas coisas não acontecem, porque as propostas para a SDB passam por um processo sigiloso de avaliação. Eu sei disso, já fiz parte do júri que as avalia. E o trabalho que apresentaste é importante, rigoroso e brilhante. — Ele respirou fundo. Os ombros subiram e desceram ao ritmo do coração dela. — Gostava que te visses como eu te vejo.

Talvez tivessem sido aquelas palavras, ou talvez o tom em que as disse. Se calhar foi por ele estar a contar-lhe algo sobre si próprio, ou a forma como, mais cedo, a tinha levado pela mão para fora da sua miséria. O seu cavaleiro de armadura negra. Se calhar não foi nada disso, ou foi isso tudo, ou quem sabe estivesse sempre destinado a acontecer. Ainda assim — não importava. De repente, não importava, o *porquê*, ou o *como*. Nem sequer o *depois*. Tudo o que importava a Olive era o que queria naquele momento, e isso pareceu-lhe suficiente para que estivesse certo.

Foi tudo muito devagar: o passo que ela deu em frente, para se posicionar entre os joelhos dele, e a mão que elevou até ao seu rosto, e o modo como os seus dedos lhe acomodaram o queixo. Foi lento o suficiente para ele poder pará-la, ou afastar-se do seu alcance, ou dizer alguma coisa, mas ele não fez nada disso. Limitou-se a olhar para cima, para ela, os olhos de um castanho-claro, líquidos, e o coração de Olive agitou-se quando ele inclinou a cabeça e encostou o rosto à palma da sua mão.

A pele dele era suave, debaixo da barba de fim de dia, e era muito mais quente do que a dela, e isso não a surpreendeu. E depois ela inclinou-se, por uma vez mais alta do que ele, e a forma dos lábios dele sob os dela foi como uma canção antiga, familiar e simples. Não era o primeiro beijo dos dois, afinal de contas. Ainda assim, foi diferente. Calmo, experimental e precioso, e Adam manteve a mão pousada, com ligeireza, na cintura dela, enquanto projetava o queixo para cima, para ela, ávido e exigente, como se aquilo fosse algo em que ele já tivesse pensado — algo que ele também queria. Não foi o primeiro beijo deles, mas foi o primeiro beijo que era *deles*, e Olive saboreou-o por muito tempo. A textura, o odor, a proximidade. A respiração superficial de Adam, as pausas

ocasionais, a forma como os seus lábios tiveram de se esforçar por encontrar os ângulos certos e alguma coordenação.

Vês? Queria ela dizer, triunfante. A quem, não estava certa. *Vês? Esteve sempre para ser assim.* Olive sorriu contra os lábios dele, e Adam...

Adam já estava a abanar a cabeça quando ela recuou, como se estivesse esse tempo todo a segurar um *não*, apesar de ter retribuído o beijo. Os dedos dele fecharam-se com firmeza em torno do pulso dela, afastando-a de si.

— Isto não é boa ideia.

O sorriso dela desvaneceu. Ele tinha razão. Estava completamente certo. Só que também estava errado.

— Porquê?

— Olive. — Ele sacudiu a cabeça uma vez mais. Depois a mão largou-lhe a cintura e subiu para os próprios lábios, como se estivesse a sentir o beijo que tinham acabado de dar, para se certificar de que tinha mesmo acontecido. — Isto é... não.

Ele tinha mesmo razão. Mas...

— Porquê? — repetiu ela.

Adam pressionou os olhos com os dedos. A mão esquerda ainda estava a segurar-lhe o pulso, e ela perguntou-se distraidamente se ele teria consciência disso. Se ele saberia que o seu polegar estava a acariciar-lhe o pulso.

— Não é para isto que estamos aqui.

Ela sentiu as narinas dilatarem-se.

— Isso não significa que...

— Não estás a pensar com clareza... — Ele engoliu com dificuldade. — Estás chateada e bebeste, e...

— Bebi duas cervejas. Há horas.

— És uma estudante de doutoramento, e neste momento estás dependente de mim para alojamento, e, mesmo que não estivesses, a influência que tenho sobre ti poderia transformar isto com facilidade numa dinâmica coerciva e...

— Eu... — Olive riu-se — não me sinto nada coagida.

— Estás apaixonada por *outra pessoa*!

Ela quase se retraiu, tal não era a intensidade com que ele cuspiu aquelas palavras. Deviam tê-la posto ao largo, fazê-la debandar, fazer-lhe um furo na cabeça para que ela entendesse, de uma vez por todas, que era uma ideia ridícula, desastrosa. Mas não fizeram nada disso. Por essa altura, o Adam de mau humor e com péssimo feitio misturava-se na perfeição com o *seu* Adam, o único que lhe comprava bolachas e que verificava os seus diapositivos e que a deixava chorar no seu pescoço. Em tempos, ela tivera dificuldade em conciliar os dois, mas agora ele era-lhe tão fácil de ler, em todos os seus ângulos... Ela não queria perder nenhum dos lados dele. Nenhum.

— Olive. — Ele suspirou pesadamente, fechando os olhos. A ideia de que ele pudesse estar a pensar na mulher que Holden tinha mencionado cruzou-lhe a mente e eclipsou-se, demasiado dolorosa para ser analisada.

Ela devia dizer-lhe logo. Devia ser sincera com ele, admitir que não queria saber de Jeremy, que não havia mais ninguém. Nunca tinha havido. Mas estava aterrorizada, paralisada de medo, e depois do dia que tivera, parecia-lhe que o seu coração estava muito vulnerável, seria fácil parti-lo. Estava frágil. Adam podia quebrá-lo em mil pedaços.

— Olive, isto é o que estás a sentir *agora*. Daqui a um mês, a uma semana, amanhã, não quero que te arrependas...

— E quanto ao que *eu* quero? — Ela inclinou-se, deixando as suas palavras perdurarem no silêncio que se seguiu. — E

quanto ao facto de *eu* querer isto? Embora, se calhar, não queiras saber. — Ela encolheu os ombros, pestanejando para afastar a sensação de picada nos olhos. — Porque tu não queres, é isso? Se calhar, és *tu* que não me achas atraente e não queres...

Ela quase perdeu o equilíbrio quando ele lhe puxou o pulso para si próprio, pressionando a palma da mão dela contra a virilha para lhe mostrar que... Oh.

Oh.

Sim.

O maxilar estava tenso enquanto ele sustentava o olhar dela.

— Não fazes a menor ideia do que eu quero.

Roubou-lhe a respiração, por completo. O tom baixo, gutural da voz, o volume considerável debaixo dos dedos dela, a nota enfurecida e esfomeada nos olhos dele. Ele afastou-lhe a mão quase no mesmo instante, mas já era demasiado tarde.

Não é que Olive não tivesse... os beijos que tinham trocado envolviam sempre contacto físico, mas agora era como se um interruptor se tivesse acendido. Durante muito tempo, ela tinha pensado nele como bonito e atraente. Tinha-lhe tocado, tinha-se sentado no seu colo, tinha considerado a hipótese remota de se relacionar intimamente com ele. Tinha pensado nele, tinha pensado em sexo, tinha pensado nele *e* em sexo, mas fora sempre no campo abstrato. De uma maneira vaga e indefinida. Como desenhar por pontos, em preto e branco: só o esboço de um desenho, que de repente se via preenchido de cores.

Era-lhe agora evidente, na ardência húmida que se acumulava entre as suas coxas, e no modo como os olhos dele eram só pupila, como as coisas iriam passar-se entre eles. Seria inebriante, suado e peganhento. Seria desafiador. Fariam coisas um pelo outro, pediriam coisas um ao outro. Estariam

incrivelmente perto. E Olive, agora que o via com clareza, queria muito, *muito* que acontecesse.

Ela deu um passo para mais perto, e para mais perto ainda.

— Assim sendo... — Falou baixo, mas sabia que ele conseguia ouvi-la.

Ele fechou os olhos com força.

— Não foi para isto que te pedi que dividisses o quarto comigo.

— Eu sei. — Olive afastou uma mecha de cabelo preto da frente dele. — Também não foi para isto que aceitei.

Os lábios dele estavam entreabertos, e ele olhava para a mão dela, para a que quase tinha envolvido a sua ereção há apenas um momento.

— Disseste que não ia haver sexo.

Tinha dito isso. Lembrava-se de refletir sobre as suas regras, de lhas debitar no escritório dele, e de estar certa de que nunca, nunca haveria de querer estar com Adam Carlsen mais do que dez minutos por semana.

— Eu também disse que ia ser uma coisa exclusiva do *campus*. E acabámos de jantar juntos. Por isso... — Ele podia saber o que estava certo, mas o que queria era algo diferente. Ela quase conseguia ver o seu controlo a estilhaçar-se, sentia-o a evaporar-se devagar.

— Eu não... — Ele endireitou-se um pouco. A linha dos ombros e o maxilar continuavam tensos, e ele continuava a evitar os olhos dela. — Não tenho nada comigo.

O tempo que ela levou a compreender o que ele estava a dizer foi embaraçoso.

— Oh. Não faz mal. Eu tomo a pílula. E não tenho doenças. — Mordeu o lábio. — Mas também podemos fazer... outras

coisas.

Adam engoliu duas vezes, e depois assentiu. Não parecia que estivesse a respirar normalmente. E, por essa altura, Olive duvidava de que ele pudesse dizer que não. Ou, sequer, que ele quisesse dizer que não. Ele bateu-se com bravura, no entanto.

— E se depois me odiares por causa disto? E se voltarmos e mudares de ideias...

— Não vou mudar. — Ela conseguiu aproximar-se ainda mais. Não ia pensar no depois. Não podia e não queria. — Nunca estive tão certa de uma coisa. Exceto, talvez, da teoria das células. — Sorriu, esperando que ele lhe sorrisse de volta.

A boca de Adam manteve-se direita e séria, mas isso mal importava: quando voltou a sentir o toque dele, foi na curva da sua anca, debaixo da *T-shirt* de algodão que ele lhe tinha dado.

Capítulo 16

♥ HIPÓTESE: Apesar do que toda a gente diz, o sexo nunca vai ser mais do que uma atividade moderadamente agradável... Oh.

Oh.

Foi como se removessem camadas. Adam livrou-se da camisola que estava a usar num movimento fluido, e a peça de algodão branco foi apenas mais uma atirada para um canto do quarto. Olive não tinha nome para as outras coisas; tudo o que sabia era que, há poucos instantes, ele parecia relutante, quase decidido a não lhe tocar, e agora... já não estava.

Agora era ele quem assumia o comando. Envolvia-lhe a cintura com as mãos enormes, deslizava os dedos sob o elástico das cuecas verdes às bolinhas que ela usava, e beijava-a.

Ele está a beijar-me, pensou Olive, *como um homem esfomeado*. Como se tivesse estado aquele tempo todo à espera. A conter-se. Como se a possibilidade de aquilo acontecer entre eles já lhe tivesse ocorrido no passado, e ele a tivesse posto de lado, e a tivesse arrumado num sítio distante e escuro, onde se tinha transformado numa coisa feroz e fora de controlo. Olive achou que conseguia antecipar como as coisas se iam passar — já se tinham beijado antes, afinal. Só que, e entendia-o agora, tinha sido sempre *ela* a beijá-lo.

Se calhar estava a fantasiar. O que é que ela entendia de tipos de beijos, afinal? Ainda assim, algo na sua barriga agitou-se e liquidificou-se quando a língua dele lambeu a sua, e quando ele mordiscou um recanto suave do seu pescoço, e quando fez um som gutural vindo do fundo da garganta quando os dedos dele lhe tocaram no rabo através das cuecas. Debaixo da *T-shirt*, a mão dele subiu-lhe até às costelas. Olive arquejou e sorriu contra a boca dele.

— Já tinhas feito isso uma vez.

Ele pestanejou, confuso, as pupilas ainda dilatadas e escuras.

— O quê?

— Na noite em que te beijei no corredor. Também fizeste isso.

— Fiz o quê?

— Tocaste-me. Aqui. — Ela deslizou a mão para as costelas, e cobriu a dele com a sua sobre o algodão.

Ele olhou-a através das pestanas escuras, e começou a subir-lhe um canto da *T-shirt*, revelando-lhe as coxas e as ancas, até se deter abaixo dos seios. Ele inclinou-se, pressionando os lábios contra a base das suas costelas. Olive arquejou. E arquejou outra vez quando ele a mordiscou devagar, e depois quando lambeu o mesmo ponto.

— Aqui? — perguntou ele. Ela estava a sentir a cabeça cada vez mais leve. Podia ser por ele estar tão perto, ou por causa do calor no quarto. Ou por estar quase nua, diante dele, sem nada que não as cuecas e as meias. — Olive. — A boca dele subiu um pouco, menos de um centímetro, com os dentes a roçarem-lhe a pele. — Aqui? — Ela nunca pensara que podia ficar assim tão molhada tão depressa. Ou de todo. Mas, uma vez mais, mal tinha pensado em sexo nos últimos anos.

— Toma atenção, querida. — Ele sugou a parte debaixo do seu seio. Ela teve de se agarrar aos ombros dele, ou teria cedido ao impulso de abrir os joelhos. — Aqui?

— Eu... — Precisou de um instante para se focar, mas acenou-lhe. — Talvez. Sim, aí. Foi... foi um bom beijo. — Fechou os olhos e nem se debateu quando ele lhe removeu a *T-shirt* por completo. Era dele, no fim de contas. E o modo como ele estava a observá-la não lhe admitia modéstia. — Lembra-te?

Era ele quem, entretanto, estava distraído. Olhava para os seios dela como se fossem algo de extraordinário, os lábios afastados e a respiração rápida e superficial.

— Lembro-me do quê?

— Do nosso primeiro beijo.

Ele não respondeu. Em vez disso, os olhos brilhantes encontraram os dela, e ele disse:

— Quero trancar-te neste quarto de hotel durante uma semana. — A mão dele subiu para lhe segurar um seio, sem grande gentileza. Quase a magoou, e Olive sentiu-se pairar sem apoio. — Durante um ano.

Ele empurrou-a pelos ombros para a obrigar a arquear-se para ele, e depois fechou a boca em torno do seio dela, num gesto que era todo dentes, língua e maravilhosa, deliciosa sucção. Olive soltou um soluço contra as costas da mão, porque não sabia, não achava que fosse tão sensível, mas tinha os mamilos tensos, duros e sensíveis, e se ele não fizesse nada, ela...

— És comestível, Olive.

A palma da mão dele pressionou-lhe as costas, e ela arqueou-se mais um pouco. Como se estivesse a oferecer-se.

— Isso é capaz de ser um insulto — soprou ela, com um sorriso —, tendo em conta que só comes brócolos... Oh.

O seio dela cabia todo na boca dele. Por completo. Ele soltou um gemido do fundo da garganta, e foi evidente que adoraria engoli-la por inteiro. Olive também o devia tocar — ela é que lhe tinha pedido para avançar, e devia assegurar-se de que estar com ela não seria um frete para ele. Talvez pôr a mão no sítio onde ele a tinha posto antes e acariciá-lo? Ele podia dizer-lhe como gostava. Quem sabe aquilo fosse um acontecimento único, e depois nunca mais voltassem a falar disso, mas Olive

não podia segurar-se — queria que ele também gostasse do que estavam a fazer. Que gostasse *dela*.

— Não te importas? — Ela devia estar perdida nos próprios pensamentos há algum tempo, porque ele estava a olhá-la de testa franzida, com o polegar a afagar-lhe a anca. — Estás tensa. — A voz parecia apreensiva. De vez em quando, levava a mão ao pénis e ajeitava-o quase inconscientemente; como quando os olhos recaíram nas pontas rígidas dos mamilos dela, ou quando ela se arrepiou, ou quando ela se agitou e pressionou as coxas uma contra a outra. — Não temos de...

— Eu quero. Eu disse que queria.

A garganta dele estremeceu.

— Não importa o que disseste. Podes sempre mudar de ideias.

— Não vou mudar de ideias. — Pela forma como ele estava a olhar para ela, Olive soube que ia protestar de novo. Mas ele apenas pousou a testa no seu peito, respirando contra a pele que tinha acabado de lambe, e levou os dedos ao elástico das cuecas delas, mergulhando-os debaixo do algodão fino.

— Acho que *eu* mudei de ideias — murmurou.

Ela ficou rígida.

— Eu sei que não estou a fazer nada, mas se me disseres do que gostas, posso...

— Parece-me que, afinal de contas, a minha cor preferida é o verde.

Ela soltou a respiração quando o polegar dele a pressionou entre as pernas, roçando no tecido que já estava húmido. Ela continuou a exalar até não ter mais ar nos pulmões, sentindo-se embaraçada diante da possibilidade de que agora ele

entendia o quanto ela desejava aquilo, e diante da pressão do dedo dele, grande e firme, a percorrer-lhe a costura das cuecas.

Era evidente que ele entendeu. Porque olhou para ela, de olhos vidrados e respiração rápida.

— Porra — disse ele, devagar. — Olive.

— Queres... — A boca dela estava seca como um deserto. — Queres que as tire?

— Não. — Ele abanou a cabeça. — Ainda não.

— Mas se vamos...

Ele enganchou o elástico com o dedo e puxou o algodão para o lado. Ela estava reluzente, inchada e carnuda aos seus próprios olhos, e demasiado excitada, considerando que mal tinham feito alguma coisa. Estava demasiado ávida. Era confrangedor.

— Desculpa. — Havia dois tipos de calor, o que se acumulava no seu ventre, e o que lhe subia às faces. Olive mal conseguia distingui-los. — Estou...

— Perfeita. — Ele não estava bem a falar com ela. Estava mais a falar consigo próprio, maravilhado pelo modo como o seu dedo desapareceu com tanta facilidade entre as pregas dela, separando-as e deslizando para cima e para baixo, até que Olive atirou a cabeça para trás e fechou os olhos, porque o prazer estava a escorrer, a intensificar-se, a vibrar nela e ela não podia, não podia, *não podia*...

— És tão bonita. — As palavras soaram apressadas, como que arrancadas do peito dele. Como se ele não planeasse dizê-las. — Posso?

Ela precisou de algum tempo para perceber que ele estava a referir-se ao seu dedo do meio, e ao modo como estava a

circular ao redor da entrada dela, a sondá-la. Aplicou uma ligeira pressão contra ela, estava tão molhada.

Olive gemeu.

— Sim, tudo o que quiseres — disse, num sopro.

Ele lambeu-lhe o mamilo, em tom de agradecimento, e pressionou-a. Ou, pelo menos, tentou. Olive sibilou e ele também, com um «Merda» rouco.

Ele tinha dedos grandes — devia ser por isso que não cabiam. Deslizou até ao primeiro nó, e depois ela sentiu uma dorzinha e a sensação desconfortável de preenchimento. Ela mexeu-se sobre os calcanhares, procurando ajeitar-se e dar-lhe espaço, e depois moveu-se mais um pouco, até ele a segurar pela anca com a outra mão para a manter quieta. Olive agarrou-se aos ombros dele, à sua pele suada e pegajosa, e incrivelmente quente debaixo das mãos dela.

— *Shh*. — Acariciou-a com o polegar, e ela soluçou. — Está tudo bem. Relaxa.

Era *impossível*. No entanto, o modo como o dedo dele estava a encurvar-se dentro dela começava a ser mais agradável. Não era tão doloroso, e talvez ainda ficasse melhor, se ele a tocasse *ali...* A cabeça descaiu-lhe para trás. Apertou os músculos dele com as unhas.

— Aqui? É um bom sítio?

Olive queria dizer-lhe que não, que era demasiado, mas antes de poder abrir a boca ele repetiu o que estava a fazer, até ela não conseguir ficar calada, e pôs-se a gemer e a choramingar e a fazer ruídos molhados obscenos. Quando ele tentou afundar-se um pouco mais, ela não conseguiu evitar encolher-se.

— O que foi? — Era a voz dele, mas um milhão de vezes mais rouca. — Dói-te?

— Não... *Oh*.

Ele olhou para cima, a pele clara ruborizada contra as ondas escuras do cabelo.

— Porque é que estás tão tensa, Olive? Já fizeste isto antes, certo?

— Eu... sim. — Ela não soube o que a fez continuar. Qualquer idiota poderia ver, à distância, que era uma péssima ideia, mas não havia espaço para mais mentiras quando estavam tão perto um do outro. Por isso ela confessou: — Algumas vezes, na faculdade.

Adam ficou imóvel. Completamente inerte. Os músculos fletiram-se, ficaram rígidos debaixo das mãos dela, e deixaram-se ficar assim, tensos e quietos enquanto ele a olhava.

— Olive.

— Mas não importa — apressou-se a acrescentar, porque ele já estava a sacudir a cabeça, a afastar-se dela. Não importava mesmo. Olive não se importava e, por isso, Adam também não se devia importar. — Eu posso aprender. Aprendi a fazer fixação de membranas celulares em algumas horas; o sexo não pode ser muito mais difícil. E aposto que fazes isto a toda a hora, por isso podes dizer-me como...

— Perdias.

O quarto estava frio. O dedo dele já não estava dentro dela, e a mão largou-lhe a anca.

— O quê?

— Perdias a aposta — ele suspirou, passando uma mão pelo rosto. A outra, a que tinha estado dentro dela, desceu para ajeitar o pénis. Por essa altura, parecia enorme, e ele estremeceu ao tocar-lhe. — Olive, não posso.

— Claro que podes.

Ele abanou a cabeça.

— Desculpa.

— O quê? Não. Não, eu...

— És praticamente vir...

— Não sou!

— Olive.

— Não sou.

— Mas estás tão perto disso que...

— Não, não é assim que funciona. A virgindade não é uma variável contínua, é categórica. Binária. Nominal. Dicotómica. Ordinal, potencial. Estou a falar de qui-quadrado, talvez da correlação de Spearman, de regressão logística, do modelo logístico e da estúpida da função sigmoide, e...

Tinham passado semanas e ainda ficava sem fôlego quando via a curva assimétrica do sorriso dele. Como era inesperado, e como surgiam covinhas no seu rosto. Olive ficou sem ar quando a mão dele lhe segurou o rosto e a puxou para um beijo lento e morno, pontuado de riso.

— És cá uma sabichona — disse, contra a boca dela.

— Talvez. — Ela também estava a sorrir. E a retribuir-lhe o beijo. Estava a abraçá-lo, com os braços a envolverem-lhe o pescoço, e sentiu um estremecimento de prazer quando ele a puxou para mais perto.

— Olive — disse, soerguendo-se um pouco —, se, por algum motivo, o sexo te for uma coisa... uma coisa com a qual não te sintas confortável, ou com a qual não te sintas confortável fora de uma relação, então...

— Não. Não, não é nada disso — ela respirou fundo, procurando um modo de se explicar. — Não é que eu queira *não* ter sexo. É só que... não *quero* particularmente ter sexo. Há alguma coisa estranha com o meu cérebro, e com o meu corpo, e não sei o que está errado comigo, mas não me parece que sinta atração da mesma forma que os outros. Como uma pessoa *normal*. Tentei, simplesmente... fazer, acabar com aquilo, e o outro rapaz com quem estive foi querido, mas a verdade é que não sinto nada... — Fechou os olhos. Era difícil de admitir. — Não sinto atração sexual por ninguém, a menos que confie muito na pessoa, o que, por algum motivo, nunca acontece. Ou quase nunca. Há muito tempo que não acontecia, mas agora... Eu gosto mesmo de ti, e confio em ti, e pela primeira vez num milhão de anos quero...

Ela não podia continuar a tagarelar, porque ele estava outra vez a beijá-la, dessa vez com uma nova intensidade, como se quisesse devorá-la.

— Quero mesmo fazer isto — disse ela, assim que conseguiu. — Contigo. Quero mesmo.

— Eu também, Olive. — Suspirou. — Não fazes ideia de quanto.

— Então, por favor. Por favor, não digas que não. — Mordeu o lábio, e depois mordeu o dele. E segurou-lhe o queixo. — Por favor?

Ele respirou fundo e assentiu. Ela sorriu e beijou a curva do pescoço dele, e a mão dele abriu-se ao fundo das costas dela.

— Mas — disse ele — é melhor fazermos isto de outra maneira.

Ela demorou imenso tempo a perceber quais eram as intenções dele. Não porque fosse estúpida, ou ignorante, ou ingénua quanto a sexo, mas porque...

Se calhar *era* um bocadinho ingénua em matéria de sexo. Mas há uma eternidade que não pensava naquilo, e depois surgira Adam, e mesmo aí, nunca tinha pensado naqueles termos — ele em cima dela, a separar-lhe as pernas com as mãos no interior das suas coxas, e depois a ajoelhar-se entre elas. E a deslizar para baixo, devagar.

— O que estás...?

O modo como ele lhe tocou com a língua foi como se ela fosse manteiga e ele estivesse a abri-la com uma faca quente. Ele era lento mas decidido, e não parou quando as coxas de Olive enrijeceram debaixo das suas mãos, ou quando ela tentou escapar-lhe. Ele limitou-se a rugir baixinho contra ela, e depois passou o nariz pela junção do seu abdómen, inalou profundamente, e voltou a lambê-la.

— Adam... para — implorou ela, e ele aninhou o rosto contra a carne dela, como se não tivesse intenções de fazer tal coisa. Depois levantou a cabeça, com os olhos enublados, como se ganhasse consciência de que devia estar a ouvi-la.

— Hum? — Os lábios dele vibraram contra a pele dela.

— Se calhar... Se calhar devias parar.

Ele ficou quieto, a mão a envolver-lhe a coxa.

— Mudaste de ideias?

— Não. Mas devíamos fazer... outras coisas.

Ele franziu o sobrolho.

— Não gostas assim?

— Não. Sim. Bem, nunca tinha... — A ruga entre as sobrancelhas dele intensificou-se. — Mas fui eu que te meti nisto, por isso devíamos fazer alguma coisa de que *tu* gostes, e não só coisas que eu...

Dessa vez, ele apoiou a língua no clitóris dela, pressionando o suficiente para a levar a encolher-se e a exalar com urgência. A ponta circulou sobre ela, o que era um movimento muito simples mas, ainda assim, obrigou-a a levar a mão à boca e a morder a própria carne.

— Adam! — Parecia-lhe a voz de outra pessoa. — Ouviste o que eu...?

— Disseste para fazermos algo de que eu goste. — A respiração dele queimava contra ela. — Estou a fazer.

— Não é possível que queiras...

Ele beliscou-lhe a perna.

— Não me lembro de um instante em que não tenha querido.

Ela não sentia que aquilo estivesse no menu habitual das relações sexuais, algo tão íntimo. Mas era difícil protestar quando ele parecia enfeitiçado a olhar para ela, para a cara dela e para as pernas dela, e para o resto do seu corpo. A mão dele era grande, e estava aberta sobre o seu estômago e mantinha-a deitada, subindo cada vez mais na direção dos seus seios, sem nunca chegar suficientemente perto. Assim deitada, Olive sentiu-se envergonhada pelo seu estômago côncavo, e pelo modo como as costelas surgiam salientes. Adam, no entanto, não parecia importar-se.

— Não preferias...

Outro beliscão.

— Não.

— Eu nem sequer disse...

Ele deitou-lhe um olhar.

— Não há nada que eu preferisse fazer.

— Mas...

Ele sugou um dos seus lábios com um ruído alto e molhado e ela arquejou. E depois a língua dele estava dentro dela, e ela gemeu, em parte de surpresa, em parte devido ao sentimento de... Sim.

Sim.

— Foda-se — disse alguém. Não foi Olive, por isso só podia ter sido Adam. Era incrível. Sobrenatural. A língua dele a entrar e a sair dela, aos círculos e a envolvê-la, e o nariz dele contra a pele dela, os sons que lhe saíam do fundo do peito, sempre que ela se contraía, e Olive ia... Ia...

Não tinha a certeza se conseguia vir-se. Não com outra pessoa no mesmo espaço, a tocá-la.

— É capaz de demorar um bocadinho — disse ela, desculpando-se, e detestando o som da própria voz.

— Foda-se, sim. — A língua dele lambeu-a por completo, num gesto amplo e demorado. — Por favor. — Ela não teria podido imaginá-lo tão entusiasmado fosse com o que fosse, nem sequer com o financiamento ou com biologia computacional. Isso fê-la sentir-se ainda melhor, e ficou ainda melhor quando se apercebeu do braço dele. O que não estava a segurar-lhe a nádega e a mantê-la aberta.

Ele ainda não tinha tirado as calças, pelo que Olive conseguia ver, e isso pareceu-lhe injusto, uma vez que ela estava espojada diante dele. Mas o modo como o braço dele ondulava, como a mão se movia para cima e para baixo devagar, foi-lhe insuportável. Ela arqueou-se, a coluna a desenhar uma curva perfeita quando a nuca embateu na almofada.

— Olive. — Ele inclinou-se um pouco e beijou o interior da coxa trémula dela. Respirou fundo pelo nariz, como se procurasse absorver o cheiro dela e mantê-lo consigo. —

Ainda não podes vir-te. — Os lábios dele roçaram as suas pregas conforme a língua voltava a afundar-se nela, e ela abriu os olhos de surpresa. Havia um calor líquido e ardente a transbordar-lhe do ventre, a escorrer por ela. Os dedos apertaram os lençóis, desesperados por uma âncora. Era impossível. Incontrolável.

— *Adam.*

— Não. Só mais dois minutos. — Ele sugou-a.

Deus, sim. Ali.

— Desculpa...

— Só mais um...

— Não aguento...

— Concentra-te, Olive.

No fim, foi a voz dele que arruinou tudo. O tom calmo e possessivo, a sugestão de uma ordem na rouquidão das palavras dele, e o prazer quebrou-a como uma onda oceânica. A mente dela estilhaçou-se, e ela não se sentiu ela própria durante vários segundos, e depois minutos, e quando voltou a ter uma noção do que a rodeava, ele ainda estava a lambê-la, embora devagar, como se não tivesse outro propósito que não o de saboreá-la.

— Quero continuar até desmaiars. — Os lábios dele eram tão macios contra a pele dela.

— Não. — Olive cerrou o punho sobre a almofada. — Eu... não podes.

— Porquê?

— Tenho de... — Não conseguia pensar, ainda não. A mente estava confusa, trôpega.

Quase gritou quando ele a penetrou com um dedo. Dessa vez, afundou-se como uma pedra num charco, com suavidade e sem obstáculos, e os músculos dela distenderam-se para receber Adam e para o segurar lá dentro.

— Jesus. — Ele lambeu-lhe o clitóris uma vez mais, e ela ainda estava demasiado sensível para aquilo. Talvez. — Tu és... — Ele enganchou o dedo dentro dela, pressionando contra o limite do seu canal, e o prazer jorrou nela, lavando-a até às extremidades. — ... tão pequena, e apertada, e quente.

O calor voltou a inundá-la, roubou-lhe o ar dos pulmões, deixou-a de boca aberta, com cores intensas a dançarem-lhe por detrás das pálpebras. Ele murmurou algo que não lhe pareceu muito coerente, e deslizou outro dedo para dentro dela, para o sítio onde nasciam os seus orgasmos, e o modo como a alongou foi desastroso. O corpo dela desabrochou em algo que já não lhe pertencia, algo feito de picos elevados e de vales luxuriantes. Deixou-a pesada e mole, e não conseguiu entender quanto tempo passou até conseguir levantar a mão até à ténporas dele e puxá-lo para cima, para o fazer parar. Ele deitou-lhe um olhar contrariado mas cedeu, e Olive puxou-o mais — porque ele tinha ar de quem estava prestes a recomeçar tudo a qualquer momento, e porque seria bom tê-lo perto de si. Se calhar, ele estava a pensar no mesmo, porque se ergueu acima dela, apoiando o peso no antebraço; o peito empurrou-lhe os seios, e a coxa larga alojou-se firmemente entre as pernas dela.

Ela ainda tinha as meias pelo joelho e, *Deus*, Adam devia estar a pensar que ela era a pessoa mais pirosa com quem ele jamais tinha...

— Posso foder-te?

Ele disse aquilo, e depois beijou-a, sem se preocupar com o sítio onde a sua boca estivera há segundos. Ela perguntou-se se

isso a incomodava, mas ainda estava trémula de prazer, ainda se contraía com espasmos perante a memória do que ele acabara de fazer. Não havia forma de se importar, e foi bom beijá-lo assim. Muito bom.

— Hum. — As mãos dela seguraram-lhe a cara, e ela começou a desenhar-lhe as maçãs do rosto com os polegares. Estavam vermelhas e quentes. — O quê?

— Posso foder-te? — Ele sugou a base da garganta dela. — Por favor. — Respirou contra a orelha dela, e ela não sentiu que pudesse recusar-se. Nem que quisesse recusar. Acenou a permissão e esticou-se para lhe agarrar o pênis, mas ele chegou lá mais depressa e puxou as calças para baixo, envolvendo-o com a mão. Ele era grande. Maior do que pensara que seria, do que pensara que alguém poderia ser. Ela ainda sentia o coração dele a bater-lhe descompassado contra o peito, enquanto ele se ajustava a ela, e a ponta procurou a sua entrada e...

Olive estava relaxada. E excitada. E continuava a não estar suficientemente pronta para ele.

— *Ah*. — Não foi bem uma dor, mas foi quase demasiado. Não foi fácil. E, mesmo assim, a sensação, a pressão dele em cada parte dela, continha uma promessa. — És tão grande.

Ele rugiu contra o pescoço dela. O corpo dele vibrava de tensão por inteiro.

— Tu aguentas.

— Eu aguento — disse ela, num sopro de voz, e ficou sem respiração a meio da segunda palavra. As mulheres davam à luz, no fim de contas. Só que ele ainda não estava lá dentro, não por inteiro. Nem sequer metade. E não havia mais espaço.

Olive olhou para cima, para ele. Tinha os olhos fechados, como meias-luas escuras contra a pele, e o maxilar estava

tenso.

— E se for demasiado grande?

Adam baixou os lábios para orelha dela.

— Se for... — Tentou penetrá-la com uma investida, e se calhar era demasiado mas a fricção foi agradável. — Se for, fodo-te assim. — Ela fechou os olhos quando ele atingiu um sítio que a fez soluçar. — Meu Deus, Olive.

O corpo dela pulsava por inteiro.

— Há alguma coisa que eu deva fazer...?

— Fica só... — Ele beijou-lhe a clavícula. A respiração dos dois tinha-se tornado errática, elevava-se acima do silêncio do quarto. — Fica só um bocadinho quieta, para eu não me vir já.

Olive inclinou as ancas, e ele estava a tocar naquele sítio outra vez. Pôs-lhe as coxas a tremer, e ela tentou abri-las mais. Para o convidar a entrar.

— Se calhar devias.

— Devia?

Ela assentiu. Estavam demasiado inebriados para se beijarem com qualquer tipo de coordenação, mas os lábios dele estavam quentes e suaves quando roçaram nos dela.

— Sim.

— Dentro de ti?

— Se qui... — A mão de Adam passou atrás do joelho de Olive e ajustou-lhe as pernas de uma forma que ela não teria considerado. Segurou-as firmemente abertas. — Se quiseres.

— És tão perfeita, estás a pôr-me doido.

O corpo dela abriu-se para ele sem aviso. Recebeu-o e estreitou-o até ele chegar ao fundo, até estar alojado em

profundidade, a distendê-la de uma forma que deveria ser dolorosa, mas que apenas a fez sentir-se preenchida, selada, perfeita.

Os dois exalaram. Olive levantou uma mão, fechou-a tremulamente em redor da nuca suada de Adam.

— Ei. — Ela sorriu-lhe.

Ele sorriu de volta, ligeiramente.

— Ei.

Os olhos dele estavam opacos, como um vitral. Ele moveu-se dentro dela, só uma sugestão de investida, e o corpo dela cingiu-se em redor dele, até ela sentir o pénis a contrair-se e a pulsar dentro dela, como um tambor. A cabeça dela caiu na almofada, e alguém estava a gemer de modo gutural e descontrolado.

Depois Adam retirou-se, voltou a entrar nela e aniquilaram a regra de não haver sexo. No espaço de poucos segundos as investidas dele passaram de cautelosas, exploratórias, a rápidas e exigentes. A mão dele deslizou para o fundo das costas dela, levantando-a num ângulo que lhe permitiu repetir aquele gesto, uma e outra vez, pressionando-a por dentro, fazendo o prazer revibrar-lhe na espinha.

— Está bom assim? — perguntou contra a orelha dela, incapaz de parar.

Olive não conseguia responder. Não conseguia falar por cima da própria respiração arrastada, dos próprios dedos desesperadamente enterrados nos lençóis. A pressão estava a acumular-se uma vez mais dentro dela, tornava-se maior e ameaçava consumi-la.

— Tens de me dizer, se não estiveres a gostar — disse ele, com a voz rouca. — Do que estou a fazer. — Ele estava ávido, um bocadinho desajeitado, e estava a perder o controlo e a

deslizar para fora dela, e depois tinha de voltar a encontrar a entrada; era impossível concentrar-se, mas para ela também, inundada como estava pelo que sentia, pelo prazer entorpecedor, pelo modo suave como ele deslizava para dentro e para fora dela. Como lhe parecia tão certo.

— Eu...

— Olive, tens de ... — Ele parou com um ronco, porque ela tinha ajustado as ancas e envolvia-o com as pernas, com firmeza. Apertava-o com força, puxando-o para mais fundo.

— Eu gosto. — Ela estendeu a mão para lhe tocar nos cabelos com os dedos, para lhe ver os olhos, para garantir que ele estava a prestar atenção ao que ela dizia. — Estou a *adorar*, Adam.

Ele perdeu o controlo por completo. Fez um ruído cru e encolheu-se, investindo com força enquanto dizia disparates contra a pele dela — como lhe parecia perfeita, bonita, como tinha desejado aquilo durante tanto tempo, como nunca, *nunca* poderia deixá-la ir-se embora... Olive sentiu o orgasmo dele a aproximar-se, o prazer cego e escaldante que o apanhou enquanto ele estremecia em cima dela.

Ela sorriu. E depois, quando sentiu novos espasmos a descerem-lhe pelas costas, mordeu o ombro de Adam e deixou-se ir.

Capítulo 17

♥ HIPÓTESE: Quando penso que atingi o fundo do poço, vem alguém estender-me uma pá. Esse alguém é, quase de certeza, o Tom Benton.

Olive dormitou depois da primeira vez, e sonhou com muitas coisas estranhas e sem sentido. *Sushi rolls* com a forma de aranhas. A primeira neve em Toronto, durante o último ano que passou com a mãe. As covinhas de Adam. O ar de desdém de Tom quando cuspiu as palavras «historinha triste». Adam, outra vez, dessa vez sério, a dizer o nome dela do seu modo único.

Depois sentiu o colchão afundar-se, e o som de alguma coisa a ser pousada na mesa de cabeceira. Pestanejou devagar, ao despertar, desorientada na pouca luz que havia no quarto. Adam estava sentado ao lado da cama, e puxava-lhe uma madeixa de cabelo para trás da orelha.

— Olá — sorriu ela.

— Ei.

Estendeu a mão para lhe tocar na coxa, através das calças que ele nunca tinha chegado a tirar por completo. Ele ainda estava quente, ainda estava sólido. Ainda estava ali.

— Quanto tempo estive a dormir?

— Não muito, uns trinta minutos.

— Hum. — Espreguiçou-se sobre o colchão, com os braços acima da cabeça, e reparou no copo de água na mesa de cabeceira. — É para mim?

Ele assentiu, passou-lhe o copo e ela apoiou-se no cotovelo para beber, sorrindo em agradecimento. Ela reparou em como o olhar dele se deteve nos seus seios, ainda suaves e inchados

por causa da boca dele, e depois ele o desviou para a palma das mãos.

Oh. Agora que tinham tido sexo — *bom sexo*, pensou Olive, ótimo sexo, que dizer de Adam? Se calhar precisava do próprio espaço. Se calhar queria recuperar a própria almofada.

Ela voltou a pôr o copo vazio no sítio e sentou-se.

— Devia ir para a minha cama.

Ele abanou a cabeça com uma intensidade que sugeria que não queria que ela saísse dali, para lado nenhum, nunca. A mão livre cingiu-lhe a cintura com força, como se procurasse mantê-la presa a si.

Olive não se importou.

— Tens a certeza? Acho que devo ser daquelas que se apropriam da colcha toda...

— Não faz mal. Eu mantenho-me quente. — Ele afastou uma mecha de cabelo da testa dela. — E, segundo me disseram, parece que posso rressonar.

Ela arquejou e fingiu-se ultrajada.

— Quem é que se *atreveu* a dizer isso? Diz-me quem foi, eu vou lá em pessoa vingar-te... — Ela guinchou quando ele segurou o copo gelado contra o seu pescoço, e depois soltou uma gargalhada, subindo os joelhos para tentar escapar dele. — Desculpa, não rressonas nada! Dormes como um príncipe!

— Podes crer que sim. — Ele pousou o copo na mesa de cabeceira, apaziguado, mas Olive manteve-se encolhida, as bochechas ruborizadas e a respiração arrastada por o ter enfrentado. Ele estava a sorrir. Com covinhas. O mesmo sorriso que tinha feito contra o seu pescoço um pouco antes, contra a sua pele, o que lhe tinha feito cócegas e que a tinha feito rir.

— Peço desculpa pelas meias, já agora. — Fez uma careta.
— Sei que é um assunto controverso.

Adam olhou para baixo, para as meias em padrão de arco-íris que lhe cingiam a barriga das pernas.

— As meias são controversas?

— Não as meias por si só. Apenas o mantê-las enquanto se tem sexo...

— A sério?

— Definitivamente. Pelo menos, segundo a edição da *Cosmopolitan* que temos em casa para enxotar as baratas.

Ele encolheu os ombros, como um homem que só lia o *Jornal de Medicina da Nova Inglaterra*, e talvez o *Diário de Empurrar Camionetas*.

— Porque é que alguém havia de se preocupar com isso, com ou sem meias?

— Se calhar não querem ter sexo, sem saberem, com alguém que tem os dedos dos pés potencialmente horríveis e desfigurados.

— Tens os dedos dos pés desfigurados?

— São grotescos. Material de circo. A antítese do sexo. Praticamente um contraceutivo nato.

Ele suspirou, claramente divertido. Estava a ter dificuldades em manter o ar sóbrio, mal-humorado, e Olive estava a *adorar*.

— Já te vi de chinelos várias vezes. O que, já agora, não é aconselhável num laboratório.

— Deves estar enganado.

— Vi, sim.

— Não gosto do que está a insinuar, Dr. Carlsen. Eu levo muito a sério os protocolos de saúde e de segurança ambiental de Stanford, e... O que é que *estás* a...

Ele era muito maior do que ela, podia mantê-la quieta só com uma mão sobre o seu estômago enquanto se debatia para lhe tirar as meias, e por algum motivo ela adorou cada instante. Foi uma boa adversária, e quem sabe tivesse algumas mazelas no dia seguinte, mas quando ele, por fim, lhas conseguiu tirar, Olive estava sem fôlego de tanto rir. Adam acariciou-lhe os pés com veneração, como se fossem delicados e bem delineados, ao invés de pertencerem a alguém que corria duas maratonas por ano.

— Tens razão — disse ele. Com o peito a arfar, ela olhou para ele com curiosidade. — Os teus pés são medonhos.

— O quê? — Ela arquejou e libertou-se, empurrando-o pelos ombros até ele ficar debaixo dela, de costas. Ele podia tê-la dominado num instante, gigante como era. Mas não o fez. — Retira o que disseste.

— Tu disseste primeiro.

— Retira o que disseste. Os meus pés são fofos.

— De um modo medonho, talvez.

— Isso *não* existe!

A gargalhada dele era um sopro quente na sua face.

— Provavelmente, há uma palavra alemã para isso. Fofos, mas excepcionalmente feios.

Ela mordeu-lhe o lábio apenas o suficiente para ele o sentir, e Adam pareceu perder o controlo que tinha sempre sobre si próprio. Pareceu querer mais, de repente, e fê-los rolarem até ela ficar debaixo dele, transformando a mordida num beijo. Ou, se calhar, foi a própria Olive que o fez, porque a língua

estava a lambar o lábio dele, exatamente onde o tinha provocado.

Talvez devesse pedir-lhe que parasse. Estava suada e peganhenta, e o melhor era retirar-se para tomar um duche. Sim, souou-lhe a boa conduta no sexo. Mas sentia-o quente e forte, incandescente. Cheirava deliciosamente bem, mesmo depois do que tinham feito, e ela não conseguiu evitar sentir-se arrastada, pelo que enganchou os braços no pescoço dele. Puxou-o para baixo.

— Pesa uma tonelada — disse-lhe ela. Ele fez tenção de se levantar, mas ela envolveu-lhe a cintura com as pernas, mantendo-o perto. Sentia-se tão segura com ele. Invencível. Uma autêntica guerreira. Ele transformava-a numa pessoa poderosa e feroz, uma que podia destruir Tom Benton e o cancro pancreático antes do pequeno-almoço.

— Não, eu adoro. Fica, por favor — ela sorriu-lhe e sentiu a respiração dele acelerar.

— Queres *mesmo* a colcha toda para ti. — Havia um sítio na base do pescoço dela que ele tinha descoberto há pouco, um cantinho que a fazia suspirar e arquear-se para cima e derreter na almofada. Ele atacou-o como se fosse o seu novo e único norte. Tinha um modo de a beijar, meio cauteloso e meio desenfreado, que a fazia perguntar-se como é que podia ter achado que beijar alguém era algo aborrecido e sem sentido.

— Devia ir lavar-me — disse ela, mas não se mexeu. Ele deslizou para baixo, apenas alguns centímetros, apenas o suficiente para se ver distraído pela clavícula dela, e depois pela curva do seu seio. — Adam.

Ele ignorou-a e traçou a saliência das suas ancas, as costelas, a pele tensa da barriga. Beijou todas as sardas, como que para as manter vivas na memória, e havia tantas.

— Estou toda peganhenta, Adam — contorceu-se um pouco.

Como resposta, a mão dele moveu-se para o rabo dela, para a manter quieta.

— Chiu. Eu limpo-te, não te preocupes.

Introduziu um dedo nela e ela arquejou porque... — Oh, Deus. Oh. Oh, *Deus*. Conseguia ouvir ruídos húmidos lá em baixo, da combinação dos fluidos dos dois, e ele devia sentir-se enjoado com aquilo, e ela também, e, no entanto...

Não estava. E ele estava a gemer, como se a satisfação de a ter deixado suja, mesmo por dentro, de saber que ela o permitira, fosse algo que o inebriasse. Olive fechou os olhos e deixou-se levar, e, enquanto o sentia a lamber-lhe a pele entre a coxa e o ventre, ouvia gemidos baixos e arquejos a saírem-lhe da própria boca, e enfiou os dedos no cabelo dele para o puxar com mais força contra si. Estava definitivamente limpa quando se veio, as contrações lentas transformaram-se em ondas enormes e puseram-lhe as coxas a tremer ao redor da cabeça dele, e foi aí que ele perguntou:

— Posso foder-te outra vez?

Ela olhou para ele, ruborizada na neblina do orgasmo, e mordeu o lábio. Ela queria. Queria mesmo tê-lo outra vez em cima dela, dentro dela, o peito a empurrá-la contra o colchão e os braços a cingirem-lhe o corpo. A sensação de segurança, de finalmente pertencer a alguma coisa, tornava-se muito mais intensa quanto mais perto ele estivesse dela.

— Eu quero. — A mão subiu para lhe tocar o braço, o que ele estava a usar para se apoiar. — É só que... É só que estou um bocado dorida e...

Ele arrependeu-se imediatamente de lho ter pedido. Ela entendeu pelo modo como o corpo dele se imobilizou antes de

ele se afastar dela, como se não quisesse oprimi-la, e quisesse dar-lhe o espaço que ela não queria.

— Não — assustou-se ela. — Não é que...

— Ei. — Ele reparou em como ela estava agitada e inclinou-se para a beijar.

— Eu quero mesmo...

— Olive. — Ele abraçou-a por completo. Ela sentiu o pénis roçar-lhe o fundo das costas, mas ele afastou os quadris de imediato. — Tens razão. Vamos dormir.

— O quê? Não. — Ela sentou-se, de cenho franzido. — Não quero dormir.

Ele estava a esforçar-se, percebeu ela. Estava a tentar esconder a ereção. A tentar não passar os olhos pelo corpo nu dela.

— O teu voo partiu muito cedo, hoje. Deves estar com o fuso horário...

— Mas só temos uma noite. — Só uma noite. Uma noite para Olive manter o restante mundo em suspenso. Para evitar pensar em Tom, no que tinha acontecido, e na mulher misteriosa por quem Adam estava apaixonado. Uma noite para se esquecer de que, quaisquer que fossem os sentimentos que tinha por ele, não eram correspondidos.

— Ei. — Ele alcançou-a, puxando-lhe o cabelo para trás do ombro. — Não me debes nada. Vamos dormir um bocado e...

— Só temos uma noite. — Determinada, pressionou a mão contra o peito dele e montou-o. O algodão das calças era suave contra o corpo dela. — Quero a noite inteira. — Sorriu para baixo, para ele, a testa contra a sua, o cabelo como uma cortina entre eles e o mundo exterior. Um santuário, um refúgio. Ele apertou-a pela cintura como se não conseguisse controlar-se,

puxando-a para ele, e, oh, encaixavam tão bem. — Por favor, Adam. Sei que és velho, mas não podes ir já dormir.

— Eu... — Ele pareceu esquecer-se do que ia dizer no momento em que a mão dela deslizou para dentro das suas calças. Fechou os olhos e exalou com dificuldade e... sim. Bom. — Olive.

— Sim?

Ela continuou a deslizar para baixo no corpo dele. E a roçar-se nas suas calças. Ele fez alguns esforços mais ou menos sinceros para a deter, mas não parecia estar totalmente na posse das suas faculdades, e acabou por a deixar tirar-lhe o resto da roupa. Ela puxou o cabelo para trás e sentou-se sobre os calcanhares, entre as coxas dele.

Adam tentou desviar o olhar, mas não conseguiu.

— És tão bonita. — As palavras saíam-lhe devagar e sussurradas, como se lhe escapassem da boca. Soltas e espontâneas, como tudo o que se estava a passar.

— Nunca fiz isto antes — confessou ela. Não se sentia tímida, possivelmente porque era Adam.

— Não. Anda cá.

— Por isso, é provável que não saia muito bem...

— Tu... Olive. Não tens de fazer isso. Não é preciso...

— Tomei nota. — Ela depositou-lhe um beijo na anca, e ele gemeu como se ela tivesse feito alguma coisa especial. Como se aquilo estivesse além de tudo. — Mas, se tiveres alguma preferência...

— Olive. Eu vou... — Um grunhido. Ele ia grunhir, houve um estrondo a sair-lhe das profundezas do peito. Ela passou o nariz pela pele do seu ventre, e viu-lhe o pénis a contrair-se pelo canto do olho.

— Adoro o teu cheiro.

— Olive.

Devagar, mas com precisão, ela envolveu a base da sua ereção com a mão, e estudou-a sob as pestanas. A ponta já estava brilhante, e ela não percebia grande coisa, mas achava que ele já estava perto. Parecia-lhe muito duro e, acima dela, o peito dele lutava por ar, e os lábios estavam afastados e a pele ruborizada. Parecia que não ia precisar de fazer grande coisa, o que era... bom. Mas Olive também queria desfrutar de algum tempo com ele. Queria muito tempo com Adam.

— Já te fizeram isto antes, certo?

Ele assentiu, como ela já esperava que fizesse. A mão dele fechou-se num punho sobre os lençóis, ligeiramente trémula.

— Boa. Então podes dizer-me, se não estiver a fazer bem.

Disse a última palavra contra o membro dele, e foi como se estivessem a oscilar, a vibrar nalguma frequência que explodiu e se estilhaçou quando ela lhe tocou a sério. Antes de separar os lábios na ponta do pénis dele, ela olhou para cima, para ele, e fez-lhe um sorriso, e isso pareceu arruiná-lo. As costas dele arquearam-se. Ele gemeu, e ordenou-lhe, com urgência, que lhe desse um instante, que fosse devagar, que não o deixasse vir-se, e Olive perguntou-se se a coluna dele estaria a derreter-se no mesmo prazer líquido e escaldante que ela tinha sentido há pouco.

Provavelmente, não podia ser mais evidente que ela nunca tinha feito aquilo. E, ainda assim, ele parecia inacreditavelmente excitado. Era evidente que não conseguia conter-se — projetou-se numa investida, enredou os dedos no cabelo dela e empurrou-a para baixo até a garganta dela se apertar ao redor dele. Ele gemeu, e falou, e encontrou os olhos dela, como se estivesse constantemente fascinado pelo modo

como ela olhava para ele. Atirou-lhe palavras roucas, murmuradas: «Olive, sim.» «Lambe a...» «Só um bocadinho mais... fundo. Faz-me vir». Ela ouviu elogios e palavras de afeto saírem-lhe da boca — como era boa naquilo, como era adorável, como era perfeita; obscenidades sobre os seus lábios, o seu corpo e os seus olhos, que se calhar a teriam deixado embaraçada, se não fosse o prazer a jorrar em abundância entre os dois, a inundar-lhes as mentes. Pareceu-lhe natural que Adam lhe pedisse o que queria. Que ela lho desse.

— Posso...? — Os dentes dela roçaram a base da cabeça do pénis dele, e ele soltou um rugido abrupto.

— Na tua boca.

Ela só teve de sorrir, e o clímax dele pareceu nuclear, palpitante, e tomou-lhe o corpo por completo. O que Olive tinha sentido antes, um calor branco sem inibições. Ela ainda estava a chupar devagar quando ele recuperou o controlo sobre os seus membros e lhe acariciou o rosto.

— As coisas que te quero fazer. Não fazes ideia.

— Acho que talvez até faça — ela lambeu os lábios. — Algumas, pelo menos.

Os olhos dele pareceram vidrados enquanto ele lhe tocava no canto da boca, e Olive perguntou-se como é que poderia despedir-se daquilo, *dele*, dali a algumas horas.

— Duvido.

Ela inclinou-se para a frente, escondendo um sorriso no interior da coxa dele.

— Podes fazer o que quiseres, sabes? — Ela mordiscou a planície rijá da barriga dele e olhou para cima, para ele. — Faz.

Ela ainda estava a sorrir quando ele a puxou para cima do peito e, por alguns minutos, conseguiram dormir.

Era mesmo um quarto de hotel agradável, pensou ela. Sobretudo as janelas amplas. E a vista de Boston à noite, o trânsito e as nuvens, e a sensação de que alguma coisa estava a acontecer lá fora, embora ela não precisasse de fazer parte disso, porque estava ali. Com Adam.

— Que língua é essa? — lembrou-se de perguntar. Ele não podia ver-lhe a expressão, uma vez que a cabeça dela estava apoiada debaixo do seu queixo, por isso continuou a desenhar formas na sua anca com a ponta dos dedos.

— O quê?

— No livro que estás a ler. Com o tigre na capa. Alemão?

— Neerlandês. — Ela sentiu a voz dele sair-lhe do peito e vibrar-lhe na pele.

— É um manual de taxidermia? — Ele beliscou-lhe a anca, e ela riu-se. — Foi difícil aprender? Refiro-me ao neerlandês.

Ele inalou a fragrância do cabelo dela, refletindo por um momento.

— Não sei bem, sempre soube falar.

— Foi estranho? Crescer com duas línguas?

— Nem por isso. Basicamente, sempre pensei em neerlandês até nos mudarmos para aqui.

— Que idade tinhas?

— Hum. Nove, acho eu.

A ideia de Adam, em criança, fê-la sorrir.

— Falavas neerlandês com os teus pais?

— Não. — Ele deteve-se. — Havia sobretudo *baby-sitters*.
Montes delas.

Olive soergueu-se para olhar para ele, apoiando o queixo nas mãos e as mãos no peito dele. Observou-o enquanto ele também a estudava, admirando o jogo das luzes exteriores no rosto delineado dele. Ele era sempre bem-parecido mas, àquela hora da noite, roubou-lhe a respiração.

— Os teus pais costumavam estar muito ocupados?

Ele suspirou.

— Eram muito dedicados ao trabalho. Não tinham grande jeito para arranjar tempo para mais nada.

Ela assentiu, com suavidade, evocando uma imagem: a de Adam com cinco anos, a mostrar um desenho em lápis de cera a pais altos e distraídos, de fatos negros, rodeados de agentes secretos que falavam com auscultadores. Ela não entendia nada de diplomatas.

— Foste uma criança feliz?

— É... complicado. Fui criado segundo o cliché. Filho único de pais financeiramente ricos, mas emocionalmente pobres. Podia fazer o que quisesse, mas não tinha ninguém para o fazer comigo. — Pareceu-lhe triste. Olive e a mãe sempre haviam tido poucos recursos, mas nunca se sentira sozinha. Até ao cancro.

— Exceto o Holden?

Ele sorriu.

— Exceto o Holden, mas isso foi mais tarde. Acho que já estava moldado por eles. Já estava habituado a entreter-me com... coisas. *Hobbies*. Atividades. A escola. E quando tive de passar tempo com pessoas, era... antagonístico e inalcançável. — Ela revirou os olhos e mordeu ligeiramente a

pele dele, fazendo-o rir. — Transformei-me nos meus pais — concluiu. — Dedicado em exclusivo ao meu trabalho.

— Isso não é verdade, de todo. És muito bom a arranjar tempo para os outros. Para mim. — Ela sorriu, mas ele desviou o olhar como se o assunto o embaraçasse, e ela decidiu mudar de tema. — A única coisa que sei dizer em neerlandês é «*ik hou van jou*». — A pronúncia deve ter sido fraca, porque, durante algum tempo, Adam não conseguiu decifrar o significado. Quando conseguiu, os olhos dilataram-se.

— A minha colega de quarto do secundário tinha um póster onde estava escrito «Amo-te» em todas as línguas — explicou Olive. — Mesmo em frente à minha cama. Era a primeira coisa que via de manhã quando acordava.

— E, no fim do secundário, já sabias dizê-lo em todas as línguas?

— No fim do primeiro ano. Ela juntou-se a uma residência de estudantes, no segundo ano, e foi o melhor que aconteceu. — Baixou o olhar, aninhou a cara no peito dele, e depois olhou para cima: — É um bocado estúpido, se pensarmos bem.

— Estúpido?

— Quem precisa de saber dizer «Amo-te» em todas as línguas? As pessoas mal usam essa expressão numa. Às vezes, nem sequer numa. — Ele alisou-lhe o cabelo com os dedos. — Já «Onde fica a casa de banho?», por outro lado...

Ele aconchegou-se ao toque dela, como que reconfortado.

— *Waar is de WC?*

Olive pestanejou.

— É assim que se diz «Onde fica a casa de banho?» — explicou ele.

— Sim, eu percebi. É só que... a tua voz... — Ela aclarou a garganta. Estaria melhor sem saber como ele soava atraente quando falava outra língua. — Seja como for. Esse é que teria sido um póster útil. — Passou os dedos pelas têmporas dele. — De onde é que isto veio?

— A minha cara?

— A cicatriz pequena. Esta em cima da tua sobrancelha.

— Ah. Só uma briga ridícula.

— Uma briga? — Ela riu-se. — Um dos teus doutorandos tentou matar-te?

— *Nah*. Eu era miúdo. Embora veja, sem dificuldade, os meus doutorandos a meterem acetoneitrila no meu café.

— Oh, sem dúvida — assentiu ela, de acordo. — Também tenho uma. — Puxou o cabelo para trás do ombro e mostrou-lhe a cicatriz pequena em forma de meia-lua junto à fronte.

— Eu sei.

— Sabes? Que tenho uma cicatriz?

Ele assentiu.

— Quando é que reparaste? É tão discreta.

Ele encolheu os ombros e começou a percorrê-la com o polegar.

— Como é que a fizeste?

— Não me lembro. Mas a minha mãe dizia que eu tinha quatro anos e que tinha havido uma tempestade de neve *gigante* em Toronto. Camadas e camadas de neve a acumularem-se, o nevão mais intenso das últimas cinco décadas, estás a ver? E toda a gente sabia que vinha aí, e ela andava a preparar-me há dias para a possibilidade de ficarmos trancadas em casa durante algum tempo. Eu estava tão

excitada que corri lá para fora e atirei-me de cabeça para a neve — só que a tempestade só tinha começado há meia hora, e acabei por bater com a cabeça numa pedra — riu-se, baixinho, e Adam acompanhou-a. Era uma das histórias favoritas da mãe dela. E, agora, Olive era a única pessoa que podia contá-la. Vivia nela, e em mais ninguém. — Sinto falta da neve. A Califórnia é linda, e detesto o frio. Mas tenho muitas saudades da neve.

Ele continuou a acariciar-lhe a cicatriz, com um sorriso leve nos lábios. E depois, quando o silêncio tinha recaído sobre os dois, disse-lhe:

— Boston vai ter neve, para o ano.

O coração dela deu um tombo.

— Sim. — Só que ela já não ia estar em Boston. Ia ter de encontrar outro laboratório. Ou não trabalhar num laboratório de todo.

A mão de Adam subiu para o seu pescoço, fechando-se com delicadeza em torno da sua nuca.

— Há bons trilhos para caminhadas, perto de onde eu e o Holden fizemos o secundário. — Ele hesitou antes de acrescentar. — Ia adorar mostrar-tos.

Ela fechou os olhos e, por um instante, permitiu-se imaginá-lo. O cabelo preto de Adam contra a neve branca e contra o verde intenso das árvores. As botas dela a enterrarem-se no solo fofo. O ar frio a circular-lhe nos pulmões, e uma mão morna a envolver a sua. Quase via os flocos, a flutuarem atrás das suas pálpebras. Pura felicidade.

— Infelizmente, vais estar na Califórnia — disse ela, distraída.

Uma pausa. Demasiado longa.

Olive abriu os olhos.

— Adam?

Ele moveu a língua sob a bochecha, como se estivesse a pesar as palavras com cuidado.

— Há alguma probabilidade de me mudar para Boston.

Ela pestanejou, confusa. Mudar-se? Ele ia mudar-se?

— O quê? — Não. O que é que ele estava a dizer? Adam não ia deixar Stanford, certo? Ele não estava *mesmo* em risco de fuga, pois não?

Só que ele nunca tinha dito isso. Olive refletiu nas suas conversas e — ele tinha-se queixado do congelamento dos fundos pelo departamento, e da suspeita de que estava de partida, e das assunções que circulavam por causa da sua colaboração com Tom, mas... ele nunca os tinha desmentido. Ele dissera que os fundos embargados já tinham projetos assinalados — no ano corrente. E era por isso que queria que os libertassem o quanto antes.

— Harvard — sussurrou ela, sentindo-se incrivelmente estúpida. — Vais mudar-te para Harvard.

— Ainda não decidi. — A mão dele ainda lhe envolvia o pescoço, o polegar a deslizar sobre a pulsação na base da sua garganta. — Pediram-me uma entrevista, mas não há nenhuma oferta formal.

— Quando? Quando é que vais à entrevista? — perguntou ela, mas não precisava que ele respondesse. Tudo começava a fazer sentido na sua cabeça. — Amanhã. Não vais para casa. — Ele nunca tinha dito que ia. Só lhe tinha dito que ia deixar a conferência mais cedo. Oh, Deus. *Estúpida, Olive. Estúpida.* — Vais para Harvard. Ser entrevistado o resto da semana.

— Era a única forma de evitar que o departamento ficasse ainda mais desconfiado — explicou ele. — A conferência é uma excelente desculpa.

Ela assentiu. Não era boa — era perfeita. E, Deus, ela sentiu-se tonta. E, mesmo deitada, sentia os joelhos fracos.

— Eles vão oferecer-te o lugar — murmurou, embora ele também já devesse sabê-lo. Ele era Adam Carlsen, afinal de contas. E tinham-lhe pedido uma entrevista. Estavam a *cortejá-lo*.

— Ainda não é certo.

Era. Claro que era.

— Porquê Harvard? — atirou ela. — Porque é que... Porque é que queres abandonar Stanford? — A voz dela vacilou um pouco, mesmo apesar de estar a fazer tudo por soar calma.

— Os meus pais vivem na Costa Leste, e, apesar de ter os meus desentendimentos com eles, vão precisar que esteja por perto mais cedo ou mais tarde. — Ele fez uma pausa, mas Olive percebeu que havia mais. Preparou-se. — A razão principal é o Tom. E o financiamento. Quero passar a fazer mais trabalho desse género, mas isso só vai ser possível se tivermos bons resultados. Estar no mesmo departamento do Tom vai tornar-nos muito mais produtivos. Profissionalmente, mudarmos mantém-nos estimulados.

Ela tinha-se preparado, mas mesmo assim sentiu que acabara de levar um murro no esterno, e como consequência estava sem ar, com o estômago às reviravoltas e o coração aos pés. Tom. Aquilo era por causa de Tom.

— Claro — sussurrou ela. Foi bom que a voz tenha soado firme. — Faz sentido.

— E também posso ajudar-te a adaptares-te — ofereceu-se, com evidente timidez. — Se quiseres. A Boston. Ao

laboratório do Tom. Mostrar-te a cidade, se... se estiveres a sentir-te sozinha. Comprar-te aquelas coisas de abóbora...

Ela não podia responder àquilo. Não podia — *não* podia mesmo responder àquilo. Por isso apoiou a cabeça durante um momento, dizendo a si própria que se recompusesse, e voltou a levantá-la para lhe sorrir.

Ela ia conseguir fazer aquilo. Ia *fazê-lo*.

— A que horas vais embora amanhã? — Era possível que ele estivesse apenas a mudar-se para um hotel mais perto do *campus* de Harvard.

— Cedo.

— *Okay*. — Inclinou-se e enterrou a cara na garganta dele. Não iam dormir, nem por um instante. Seria um desperdício. — Não tens de me acordar, quando te fores embora.

— O quê? Não vais levar-me as malas lá abaixo?

Ela riu-se no pescoço dele e chegou-se ainda mais para ele. Aquela, pensou, ia ser a noite perfeita dos dois. E a última.

Capítulo 18

♥ HIPÓTESE: Um coração parte-se com mais facilidade do que a mais frágil das ligações de hidrogénio.

Não foi o sol, que já ia alto no céu, que a acordou, nem o serviço de limpeza de quartos — graças a Adam e ao pedido de «Não Incomodar» na porta. O que tirou Olive da cama, embora ela não quisesse *mesmo* enfrentar o dia, foi a vibração frenética na mesa de cabeceira.

Enterrou a cabeça na almofada, estendeu a mão para tatear o caminho até ao telemóvel, e depois levou-o ao ouvido.

— Sim? — gemeu, e percebeu que não era uma chamada mas uma corrente muito longa de notificações. Incluía um *e-mail* da Dra. Aslan a dar-lhe os parabéns pela sua apresentação e a pedir a gravação, duas mensagens de Greg (viste a pipeta multicanal? Não consigo encontrá-la.), uma de Malcolm (liga-me quando vires esta mensagem), e...

Cento e quarenta e três mensagens de Anh.

— Que raio...? — Pestanejou para o ecrã, desbloqueou o visor e começou a ler as mensagens. Seriam cento e quarenta e três lembretes para usar protetor solar?

Anh: Oh

Anh: Meu

Anh: Deus

Anh: Oh meu deus, oh meu deus, OH MEU DEUS

Anh: Onde é que te meteste?

Anh: OLIVE

Anh: OLIVE LOUISE SMITH

Anh: (Estou a gozar, sei que não tens um nome do meio)

Anh: (Mas se tivesses seria Louise, diz lá que estou errada)

Anh: Onde ESTÁS?!?!?

Anh: Fazes aqui tanta falta, fazes aqui imensa falta

Anh: ONDE É O RAI DO TEU QUARTO, VOU TER CONTIGO

Anh: OL precisamos de falar disto PESSOALMENTE!!!!!!1!!!!

Anh: Estás MORTA?

Anh: É melhor que estejas, e É A ÚNICA FORMA DE TE PERDOAR POR NÃO ESTARES AQUI A VER ISTO OL

Anh: OL isto é a vida real oU É SÓ FANTASIA SJFGAJHSGFASF

Anh: OOL

Olive deu um ronco, esfregou a cara, e decidiu ignorar as outras 125 mensagens e enviar uma mensagem a Anh com o número do quarto. Foi até à casa de banho e agarrou a escova de dentes, tentando não reparar que o sítio onde tinha estado a de Adam estava agora vazio. O que quer que fosse que estava a tirar o juízo a Anh, era pouco provável que conseguisse entusiasma-la. Jeremy tinha feito uma dança irlandesa durante o convívio do departamento, ou Jeremy tinha dado um nó no pé de uma cereja com a língua. De certeza que tinha sido um ótimo entretenimento, mas Olive passava bem ser ter assistido a nenhum dos dois.

Secou a cara, pensando em como estava a fazer um excelente trabalho a esquecer-se do quão dorida estava; e como o seu corpo pulsava e vibrava como se não tivesse intenções de parar de o fazer nas próximas duas, três ou cinco horas; e de como ainda tinha uma réstia do cheiro reconfortante de Adam na pele.

Pois. Um excelente trabalho.

Quando saiu da casa de banho, estava alguém a ameaçar deitar a porta abaixo. Ela abriu-a e deu com Anh e Malcolm, que a abraçaram e começaram a falar rápido e muito alto, pelo que ela mal conseguiu captar as palavras que diziam — embora tenha percebido os termos «mudança de paradigma», «mudar de vida» e «momento histórico aquoso».

Tagarelaram até à cama arrumada de Olive e sentaram-se. Depois de alguns momentos a falarem por cima um do outro, Olive decidiu intervir e levantou as mãos.

— Calma. — Já estava a sentir uma dor de cabeça a aproximar-se. O dia ia ser um pesadelo, por diversas razões. — O que é que aconteceu?

— A coisa mais estranha de sempre — disse Anh.

— A mais espetacular — interrompeu Malcolm. — Ela quer dizer espetacular.

— Onde é que *estavas*, Ol? Disseste que vinhas ter connosco.

— Aqui. Eu... fiquei cansada depois da apresentação, e adormeci e...

— Estiveste mal, Ol, *muito* mal, mas não tenho tempo para te explicar que estiveste mal, porque preciso de te pôr a par do que aconteceu na noite passada...

— Devia ser *eu* a contar — Malcolm atirou um olhar mordaz a Anh —, uma vez que é sobre mim.

— Muito bem — concordou, com um gesto floreado.

Malcolm sorriu, satisfeito, e aclarou a garganta.

— Ol, com quem é que eu gostava de ter sexo há anos?

— Hum... — Ela coçou a fronte. Assim de cabeça, conseguia nomear trinta pessoas. — Com a Victoria Beckham?

— Não. Bem, sim. Mas não.

— O David Beckham?

— Também sim. Mas não.

— A outra *Spice Girl*? A do fato de treino da *Adidas*?

— Não. *Okay*, sim, mas não te foques em celebridades. Foca-te em pessoas da *vida real*...

— Holden Rodrigues — atirou Anh, impaciente. — Ele enrolou-se com o Rodrigues no convívio do departamento. Ol, é com a mais profunda tristeza que te informo de que foste destronada, já não és a presidente do clube dos Enrolados com Professores. Retiras-te envergonhada, ou aceitas o lugar de tesoureira?

Olive pestanejou. Várias vezes. Uma montanha desordenada de vezes. E, depois, ouviu-se dizer:

— Uau.

— Não é a coisa mais estranha...

— Mais espetacular, Anh — interrompeu Malcolm. — Mais *espetacular*.

— As coisas podem ser estranhas no bom sentido.

— Sim, mas isto é puramente, cem por cento, espetacular, zero por cento estranho...

— Espera — interrompeu Olive. A dor de cabeça tinha duplicado. — O Holden nem sequer é do departamento. Porque é que estava no convívio?

— Não faço ideia, mas é um ótimo ponto de vista, isto é, como ele é de farmacologia, podemos fazer o que quisermos sem ter de prestar contas a ninguém.

Anh inclinou a cabeça.

— Ai é?

— *Yep*. Demos uma vista de olhos pelo regulamento de sociabilização de Stanford enquanto estávamos a caminho da farmácia para comprar preservativos. Foi uma espécie de preliminares. — Fechou os olhos, realizado. — Será que alguma vez vou conseguir voltar a entrar numa farmácia sem ter uma ereção?

Olive aclarou a garganta.

— Fico muito feliz por ti. — Estava mesmo. Apesar de lhe parecer um pouco estranho. — Como é que aconteceu?

— Atirei-me a ele. Foi fenomenal.

— Ele foi um desavergonhado, Ol. *E* fenomenal. Tirei algumas fotos.

Malcolm arquejou, ultrajado.

— *Okay*, isso é ilegal e vou processar-te. Mas, se eu tiver saído bem nessas fotos, podes mandá-las para mim.

— Vou já mandar, querido. Agora conta-nos a parte do sexo.

O facto de Malcolm, geralmente ávido por partilhar os pormenores da sua vida sexual, se ter limitado a fechar os olhos e a sorrir, disse tudo. Anh e Olive trocaram um olhar longo e impressionado.

— E isso nem sequer foi a melhor parte. Ele quer estar comigo outra vez. Hoje. Um *encontro*. Ele usou a palavra «encontro», saiu-lhe com naturalidade. — Ele deixou-se cair para trás na cama. — Ele é tão *sexy*. E divertido. E simpático. Uma besta doce e porca.

Malcolm parecia tão feliz que Olive não conseguiu resistir: engoliu o nó que se tinha instalado na sua garganta algures na noite passada e saltou para a cama, ao lado dele, abraçando-o com tanta força quanta conseguiu. E Anh seguiu-a e fez o mesmo.

— Estou tão feliz por ti, Malcolm.

— Eu também. — A voz de Anh soou abafada contra o cabelo dele.

— Também estou feliz por mim. Espero que as intenções dele sejam sérias. Sabem quando eu disse que andava a treinar para a medalha de ouro? Bem, o Holden é *platina*.

— Devias perguntar ao Carlsen, Ol — sugeriu Anh —, se ele sabe quais são as intenções do Holden.

Era provável que ela não voltasse a ter essa oportunidade tão depressa.

— Eu pergunto.

Malcolm inclinou-se um pouco e virou-se para Olive.

— Adormeceste mesmo, ontem à noite, ou tu e o Carlsen puseram-se a celebrar de formas indizíveis?

— A celebrar?

— Eu disse ao Holden que estava preocupado contigo, e ele disse que vocês deviam estar a celebrar. Algo sobre os fundos do Carlsen terem sido disponibilizados? Já agora, nunca me tinhas dito que o Carlsen e o Holden eram melhores amigos. Parece-me uma informação que devias ter partilhado com o teu colega de quarto fundador-do-clube-de-fãs-do-Holden-Rodrigues-e-seu-mais-aficionado-membro...

— Espera. — Olive sentou-se, de olhos esbugalhados. — Os fundos que foram disponibilizados são os... que estavam congelados? Os que Stanford estava a reter?

— Talvez? O Holden disse algo sobre o chefe do departamento finalmente ter cedido. Tentei tomar atenção, mas falar sobre o Carlsen corta-me um bocado a pica, sem ofensa. Além disso, estou sempre a perder-me nos olhos do Holden.

— E no rabo dele — acrescentou Anh.

— E no rabo dele — suspirou Malcolm, feliz. — Que belo rabo. Tem covinhas ao fundo das costas.

— Oh, meu Deus, o Jeremy também! Apetece-me mordê-las.

— Não é tão fofo?

Olive deixou de os ouvir e pôs-se de pé, agarrando o telemóvel para ver a data.

Vinte e nove de setembro.

Era dia vinte e nove de setembro.

Ela já sabia, claro. Sabia há mais de um mês que aquele dia ia chegar, mas na última semana tinha estado demasiado ocupada a arrancar os cabelos por causa da apresentação para pensar em qualquer outra coisa, e Adam não a tinha recordado disso. Ainda assim, com o que se passara nas últimas vinte e quatro horas, não era de admirar que ele se tivesse esquecido de mencionar que os fundos tinham sido desbloqueados. Mas, ainda assim. As implicações se...

Fechou os olhos, com força, enquanto, ao fundo, Anh e Malcolm tagarelavam, excitados, num volume cada vez mais alto. Quando os abriu, o telemóvel iluminou-se com uma notificação. De Adam.

Adam: Tenho reuniões por causa da entrevista até às 16h30, mas estou livre à noite. Queres ir jantar? Há bons restaurantes perto do *campus* (embora haja uma escassez vergonhosa de tapetes rolantes). Se não estiveres ocupada, posso mostrar-te o *campus*, talvez até o laboratório do Tom.

Adam: Sem pressão, claro.

Eram quase duas horas da tarde. Olive sentiu que os seus ossos pesavam o dobro do que tinham pesado no dia anterior. Respirou fundo, endireitou os ombros e começou a escrever uma resposta a Adam.

Sabia o que tinha de fazer.

Bateu à porta dele às cinco em ponto, e ele respondeu alguns segundos depois, ainda de calças escuras e *blazer*, que devia ser a roupa que usara para a entrevista e...

Estava a sorrir para ela. Não era um dos seus meio sorrisos aos quais já estava habituada, mas um sorriso real, verdadeiro. Com covinhas e rugas em torno dos olhos, e genuína felicidade por a ver. Desfez-lhe o coração em mil pedaços ainda antes de ele falar.

— Olive.

Ela ainda não tinha entendido porque é que ele dizia o seu nome de uma forma tão única. Como se houvesse algo por detrás disso, algo que nunca chegava a ver a superfície. Um sentido de possibilidades. De profundidade. Olive perguntou-se se seria verdade, se estaria a alucinar, se ele teria consciência disso. Olive perguntou-se várias coisas, e depois obrigou-se a parar. Não tinha nenhuma importância agora.

— Entra.

O hotel era ainda mais elegante, e Olive revirou os olhos, sem perceber porque é que as pessoas tinham de gastar centenas de dólares em alojamento para Adam Carlsen quando ele mal prestava atenção ao que o rodeava. Deviam dar-lhe uma cabana e doar o dinheiro a causas que valessem a pena. Baleias em risco. Psoríase. Olive.

— Trouxe-te isto, acho que é teu. — Deu alguns passos na direção dele e entregou-lhe um carregador de telemóvel, deixando o cabo a balançar, para se assegurar de que Adam não precisava de lhe tocar.

— É, sim. Obrigado.

— Estava atrás da lâmpada da mesa de cabeceira, talvez tenha sido por isso que te esqueceste. — Pressionou os lábios.

— Ou, se calhar, é da idade. Se calhar a demência já te apanhou. Essas placas amiloides todas.

Ele olhou-a fixamente, e ela tentou não sorrir, mas já estava a sorrir, e ele estava a revirar os olhos e a chamar-lhe sabichona e...

Lá estavam eles. A fazer a mesma coisa. Raios.

Ela deixou os olhos afastarem-se dele, porque... não. Não ia acontecer de novo.

— Como correu a entrevista?

— Bem. Mas foi só o primeiro dia.

— De quantos?

— Demasiados — suspirou ele. — Tenho reuniões marcadas com o Tom também, por causa do financiamento.

Tom. Certo. Claro. Claro — era por isso que ela estava ali. Para lhe explicar que...

— Obrigado por vires — disse ele, a voz calma e séria. Como se, por ter entrado num comboio e ter concordado em vê-lo, estivesse a dar-lhe um grande prazer. — Achei que ias estar entretida com os teus amigos.

Ela sacudiu a cabeça.

— Não, a Anh saiu com o Jeremy.

— Lamento — disse ele, parecendo genuinamente triste por ela, e Olive precisou de algum tempo para se lembrar da sua mentira, e de que ele achava que ela estava apaixonada por Jeremy. Fora só há algumas semanas, mas parecia ter sido há imenso tempo que ela achara que o pior que lhe podia acontecer era Adam descobrir que ela tinha sentimentos por ele. Parecia-lhe tão ridículo, depois de tudo o que tinha acontecido nos últimos dias. Ela devia mesmo dizer-lhe a verdade, mas o que é que isso ia adiantar agora? Que Adam

pensasse o que quisesse. Era melhor do que a verdade, fosse como fosse.

— E o Malcolm está com o... Holden.

— Ah, sim. — Ele assentiu, e parecia exausto.

Olive fantasiou brevemente sobre Holden a enviar uma mensagem a Adam com o conteúdo a que Olive e Anh tinham sido sujeitas nas últimas duas horas, e sorriu:

— É séria?

— Séria?

— Esta coisa entre o Malcolm e o Holden.

— Ah. — Adam apoiou o ombro na parede, e cruzou os braços sobre o peito. — Acho que pode vir a ser muito bom. Para o Holden, pelo menos. Ele gosta mesmo do Malcolm.

— Ele disse-te isso?

— Ainda não se calou com isso. — Revirou os olhos. — Sabias que, na realidade, o Holden tem doze anos?

Ela riu-se.

— O Malcolm também. Ele tem muitos encontros, e costuma ser bom a gerir as expetativas, mas nisto com o Holden... Eu comi uma sanduíche ao almoço e ele disse-me, do nada, que o Holden é alérgico a amendoins. E nem sequer era uma sanduíche de manteiga de amendoim!

— Ele não é alérgico, apenas diz que é porque não gosta de frutos secos. — Ele massajou a têmpora. — Hoje, acordei com um *haiku*¹¹ sobre as sobrancelhas do Malcolm. O Holden tinha-mo mandado às três da manhã.

— Era bom?

Ele arqueou uma sobrancelha, e ela voltou a rir-se.

— Eles são...

— Os piores. — Adam sacudiu a cabeça. — Mas acho que o Holden estava a precisar disto. De alguém com quem se importar, e que também se importe com ele.

— O Malcolm também. Eu estou só... preocupada com a possibilidade de ele querer mais do que o Holden pode dar.

— Acredita em mim, o Holden está pronto a fazer a declaração de rendimentos a dois.

— Ótimo. Fico feliz. — Ela sorriu. E depois sentiu o sorriso a esmorecer, igualmente rápido. — Relações em que só um investe não são... boas. — *Eu sei bem, e tu também deves saber.*

Ele estudou a palma da própria mão, sem dúvida a pensar na mulher que Holden tinha mencionado.

— Não. Não são mesmo.

Foi uma dor estranha, a do ciúme. Confusa, desconhecida, não era algo a que estivesse acostumada. Por um lado rasgava-a, por outro desorientava-a mesmo sem um alvo, e era muito diferente da solidão que ela havia sentido desde os quinze anos. Olive tinha saudades da mãe todos os dias, mas com o tempo aprendera a usar a dor como combustível para o trabalho. Como motivação. O ciúme, no entanto... o sentimento miserável que trazia não vinha com nenhum ganho. Só trazia pensamentos exaustivos, e algo a apertar-lhe o peito sempre que pensava em Adam.

— Preciso de te perguntar uma coisa — disse ele. A seriedade com que o disse levou-a a olhar para cima.

— Claro.

— As pessoas que ouviste a falarem de ti na conferência, ontem...

Ela enrijeceu.

— Preferia não...

— Não vou obrigar-te a fazer nada. Mas, seja quem for, quero... Acho que devias considerar formalizar uma queixa.

Oh, Deus. *Deus*. Seria uma piada cruel?

— Gostas mesmo de queixas, não é? — Riu-se, numa fraca tentativa de fazer humor.

— Estou a falar a sério, Olive. E se decidires fazer isso, ajudo-te em tudo o que puder. Vou contigo e falo com os organizadores da SDB, ou podemos ir por via do balcão do artigo IX de Stanford...

— Não. Eu... Adam, não. Não vou fazer queixa nenhuma. — Esfregou os olhos com a ponta dos dedos, sentindo que aquilo era uma partida gigante e dolorosa. Só que Adam não podia saber. Ele queria mesmo protegê-la, e Olive queria... protegê-lo. — Já decidi. Ia causar mais danos do que outra coisa.

— Sei porque é que achas que seria assim. Também me senti assim com o meu mentor. Sentimo-nos todos. Mas *há* formas de contornar isso. Seja quem essa pessoa for, ou eles...

— Adam, eu... — Passou a mão pelo rosto. — Preciso que te esqueças disto. Por favor.

Ele estudou-a, silencioso durante vários minutos, e depois assentiu.

— *Okay*, claro. — Ele afastou-se da parede e endireitou-se, claramente contrariado por abandonar o assunto, mas esforçando-se por conseguir. — Onde é que queres ir jantar? Há um mexicano aqui perto. Ou *sushi*, *sushi a sério*. E há um cinema. Se calhar há lá um ou dois filmes em que os cavalos não morrem...

— Na verdade... não estou com fome.

— Oh. — A expressão dele era provocadora. Gentil. — Não sabia que isso era possível.

— Nem eu. — Ela soltou uma gargalhada débil, e depois obrigou-se a continuar: — Hoje é vinte e nove de setembro.

Houve um compasso de espera. Adam estudou-a, paciente e curioso.

— Pois é.

Ela mordeu o lábio inferior.

— Sabes o que o chefe do departamento decidiu sobre os teus fundos?

— Oh, claro. Os fundos vão ser descongelados. — Ele pareceu feliz, os olhos cintilaram de modo juvenil. Ela sentiu o coração a partir-se mais um bocadinho. — Ia contar-te hoje à noite, ao jantar.

— Isso é ótimo. — Conseguiu sorrir, um sorriso fraco e deplorável na sua ansiedade crescente. — É mesmo espetacular, Adam. Fico feliz por ti.

— Devem ter sido as tuas habilidades a espalhar protetor solar.

— Pois. — A gargalhada dela soou falsa. — Tenho de as incluir no meu CV. Namorada a fingir com muita experiência. *Microsoft Office* e excelentes habilidades com protetor solar. Disponível de imediato, só chamadas sérias.

— Não de imediato. — Ele olhou-a com curiosidade. Com ternura. — E não durante algum tempo, diria.

O peso que lhe tinha pressionado o estômago desde que percebera o que tinha de fazer afundou-se um pouco mais. Era agora — estava na hora. Era o fim. O momento em que tudo terminava. Olive ia conseguir, ia fazê-lo, e tudo ficaria melhor depois disso.

— Acho que devia ficar. — Engoliu em seco, como se estivesse a engolir ácido. — Disponível. — Estudou o rosto dele, reparou em como estava confuso, e depois apertou o punho na bainha da camisola. — Estabelecemos um prazo, Adam. Conseguimos tudo o que queríamos. O Jeremy e a Anh estão bem, duvido que se lembrem sequer que eu e ele chegámos a sair. E os teus fundos foram desbloqueados, o que é fantástico. A verdade é que...

Os olhos ardiam-lhe. Ela fechou-os com força, evitando assim que as lágrimas se soltassem. Mal.

A verdade, Adam, é que o teu amigo, o teu colaborador, uma pessoa que claramente amas e de quem és próximo, é horrível e desprezível. Ele disse-me coisas que até podem ser verdade, ou que se calhar são mentira — não sei. Já não sei de nada, e adoraria perguntar-te isso tudo, a sério. Mas tenho medo de que ele tenha razão e que não acredites em mim. E ainda tenho mais medo de que acredites em mim, e que o que eu tenho a dizer te obrigue a abdicar de coisas que são muito importantes para ti: a tua amizade e o teu trabalho com ele. Estou aterrorizada com isto tudo, como podes ver. Por isso, em vez de te dizer a verdade, vou dizer-te outra verdade. Uma verdade que, acho eu, é melhor para ti. Uma verdade que me retira da equação, mas que tem melhores resultados. Porque começo a perguntar-me se é isto que é estar-se apaixonado. Não te importares por teres de te desfazer em pedaços, desde que o outro possa ficar inteiro.

Ela inalou profundamente.

— A verdade é que estivemos muito bem. E chegou a hora de darmos isto por terminado. — Ela percebeu, pelo modo como os lábios dele se afastaram, pelo seu olhar desorientado à procura dos olhos dela, que ainda não tinha processado o que ela tinha dito. — Acho que não temos de o anunciar

especificamente a ninguém — continuou ela. — As pessoas vão deixar de nos ver juntos e, depois de algum tempo, vão achar que... que não funcionou. Que acabámos. E, se calhar, tu... — Era a parte mais difícil. Mas ele precisava de ouvir. Ele tinha-lhe dito o mesmo, afinal de contas, quando achava que ela estava apaixonada por Jeremy. — Desejo-te o melhor, Adam. Com Harvard e com a tua... namorada a sério. Seja quem for que escolhas. Não consigo imaginar que alguém pudesse não corresponder aos teus sentimentos.

Ela deu conta do momento exato em que lhe caiu a ficha. Conseguiu distinguir os sentimentos que se debatiam na expressão dele — a surpresa, a confusão, um toque de teimosia, um instante de vulnerabilidade — e que, de repente, se desvaneceram numa expressão apática, vazia. Depois, ela viu a garganta dele a mover-se.

— Certo — disse ele. — Certo. — Ele estava a olhar para os sapatos, absolutamente imóvel. A aceitar as palavras dela devagar.

Olive recuou um passo e balançou-se nos calcanhares. Lá fora, ouvia-se um *iPhone* a tocar, e segundos depois alguém explodiu em riso. Ruídos normais, num dia normal. Era normal, aquilo tudo.

— É melhor assim — disse ela, porque o silêncio entre eles não era algo que ela pudesse suportar. — Foi o que concordámos.

— É como quiseres. — A voz dele estava rouca, e ele parecia... ausente. Tinha-se retirado para um sítio qualquer dentro de si próprio. — É como precisares.

— Não tenho como te agradecer por tudo o que fizeste por mim. Não só quanto à Anh. Quando nos conhecemos, eu sentia-me tão sozinha e... — Por um momento, não conseguiu continuar. — Obrigada por todas as bebidas de abóbora, e pelo

imunoblot, e por teres escondido a tua coleção de esquilos em taxidermia quando eu passei pela tua casa, e...

Ela não conseguiu obrigar-se a continuar, não sem sufocar nas próprias palavras. O ardor nos olhos estava a queimá-la, ameaçava transbordar, e ela assentiu uma vez, decidida, o que foi um ponto final naquela frase sem final à vista.

E deviam ter ficado por aí. Devia ter sido o fim. Deviam ter deixado as coisas por ali, se Olive não tivesse passado por ele a caminho da porta. Se ele não tivesse levado a mão ao seu pulso para a deter. Se não tivesse retirado a mão de imediato, ficando a fitá-la com uma expressão estupefacta, como se estivesse chocado por se ter atrevido a tocar-lhe sem lhe pedir permissão.

Se ele não tivesse dito:

— Olive. Se alguma vez precisares de alguma coisa, qualquer coisa. Seja o que for. Quando for. Podes contar comigo. — O maxilar dele moveu-se, como se houvesse mais a dizer, coisas que ele guardava para si. — *Quero* que contes comigo.

Ela quase não deu conta de limpar a cara molhada com as costas da mão, ou de se aproximar dele. Foi o cheiro dele que lançou o alerta — sabonete, e algo obscuro, subtil, mas tão familiar. O cérebro dela já conhecia todos os recantos dele, guardava-os com todos os sentidos. Os olhos guardavam os sorrisos enviados, as mãos a pele, o cheiro trazia-o nas narinas. Nem teve de pensar no que estava prestes a fazer, simplesmente pôs-se em bicos de pés, apertou os braços dele com os dedos e deu-lhe um beijo terno na bochecha. A pele dele era suave, morna, e estava um bocadinho áspera; o que foi inesperado, mas não desagradável.

Um adeus adequado, pensou ela. Adequado. Aceitável.

E também o foi a mão dele que a apoiou no fundo das costas, puxando-a para si e impedindo-a de apoiar os calcanhares no chão, e o modo como a cabeça dele se virou até os lábios dela não estarem já a roçar a bochecha dele. A respiração dela silvou, um sopro contra a curva da boca dele, e por alguns instantes ela limitou-se a saboreá-lo, o prazer intenso que correu pelos dois ao fecharem os olhos e ao simplesmente deixarem-se *estar*, ali, juntos.

Quietos. Imóveis. Um último momento.

Depois, Olive abriu a boca e moveu a cabeça, respirando contra os lábios dele.

— Por favor.

Adam soltou um rugido do fundo do peito. Mas foi ela que venceu o espaço entre os dois, que aprofundou o beijo, que passou as mãos pelo cabelo dele, as unhas curtas a acariciarem-lhe o couro cabeludo. Foi ela que o puxou para mais perto, e foi ele que a empurrou contra a parede e gemeu para dentro da boca dela.

Foi assustador. Assustador, o quão bom era. O quão fácil seria nunca pararem. Deixar o tempo estender-se e dobrar-se, esquecer tudo o resto, e simplesmente ficarem naquele instante para sempre.

Mas Adam recuou primeiro, mantendo os olhos nos dela enquanto tentava recompor-se.

— Foi bom, não foi? — perguntou Olive, com um sorrisinho saudoso.

Nem ela própria entendia ao que estaria a referir-se. Talvez aos braços dele ao redor dela. Talvez ao último beijo. Talvez a tudo o resto. O protetor solar, as respostas ridículas sobre a cor preferida dele, as conversas tranquilas pela noite adentro... tudo isso tinha sido muito bom.

— Foi. — A voz de Adam soou demasiado profunda para ser a dele.

Quando ele pressionou os lábios contra a testa dela uma última vez, ela sentiu o amor que sentia por ele alcançar a intensidade de uma enxurrada.

— Acho que devia ir-me embora — disse-lhe, baixinho, sem olhar para ele. Ele deixou-a ir sem dizer mais nenhuma palavra, por isso ela saiu.

Quando ouviu o ruído da porta a fechar-se nas suas costas, ela sentiu como se estivesse a cair de uma altura enorme.

Poesia tradicional japonesa, em que os versos são breves e descritivos (*N. da T.*).

Capítulo 19

♥ HIPÓTESE: Em caso de dúvida, a opinião de um amigo pode salvar-me.

Olive passou o dia seguinte no hotel, a dormir, a chorar, a fazer exatamente o que a tinha metido naquela confusão: mentir. Disse a Malcolm e a Anh que estava ocupada com amigos do secundário o dia inteiro, fechou as cortinas densas e enterrou-se na cama. O que, na prática, era a cama de Adam.

Não quis pensar demasiado na situação. Algo dentro dela — muito possivelmente o coração — estava feito em vários estilhaços de tamanho significativo, como se tivesse sido partido em dois, e depois novamente em dois. Tudo o que ela conseguia fazer era deixar-se estar por entre os escombros e rebolar-se neles. Dormir durante o dia quase todo ajudou a anestesiar um bocadinho a dor. Ver-se entorpecida, começava a perceber, era bom.

Também mentiu no dia seguinte. Fingiu um pedido de última hora da Dra. Aslan quando os amigos a convidaram para se juntar à conferência ou para os acompanhar num passeio por Boston, e depois respirou fundo, para recuperar as forças.

Abriu as cortinas, obrigou o sangue a voltar a circular (com cinquenta abdominais, cinquenta saltos e cinquenta flexões — embora tenha feito batota nos últimos, ao apoiar-se nos joelhos), e depois tomou um duche e escovou os dentes pela primeira vez em trinta e seis horas.

Não foi fácil. Ver a *T-shirt* de *Ninja da Biologia* de Adam, no espelho, abalou-a, mas lembrou-se de que tinha tomado a sua decisão. Tinha optado pelo bem-estar de Adam, e não se arrependia. Mas raios a partissem se ia deixar que a porra do Tom Benton ficasse com os louros de um projeto no qual ela

trabalhara durante *anos*. Um projeto que significava tudo para ela. Se calhar a vida dela era apenas uma historinha triste, mas era a historinha triste *dela*.

Podia estar de coração partido, mas o cérebro estava inteiro e funcionava.

Adam tinha dito que a razão pela qual a maioria dos professores não se dava ao trabalho de responder era porque ela era uma estudante. Então, seguiu o conselho dele: enviou um *e-mail* à Dra. Aslan e pediu-lhe que a apresentasse aos investigadores que já tinha contactado antes, e também aos dois que haviam estado no painel e que tinham mostrado interesse no seu trabalho. A Dra. Aslan estava quase a reformar-se, e tinha praticamente desistido de produzir resultados científicos, mas ainda era uma professora de Stanford. Isso tinha de ter algum peso.

Depois, Olive correu o *Google* intensivamente à procura de éticas de pesquisa, plágio e roubo de ideias. Era um tema um pouco escorregadio, tendo em conta que Olive tinha — inconsequentemente, entendia agora — descrito todos os seus protocolos em detalhe no relatório que enviara a Tom. Mas, uma vez analisando a situação com a cabeça fria, decidiu que não era tão grave quanto lhe tinha parecido de início. O relatório que preparara estava bem estruturado e era minucioso. Com um pouco de jogo de cintura transformava-o numa publicação académica. Com sorte, seria rapidamente submetida à opinião dos seus pares, e teria o crédito pelas descobertas.

Decidiu focar-se no facto de que, apesar dos seus insultos e comentários maldosos, Tom, um investigador de topo na área do cancro nos Estados Unidos, havia mostrado interesse em roubar a sua pesquisa. Entendeu-o como um elogio muito, *muito* distorcido.

Passou as restantes horas a evitar, cuidadosamente, quaisquer pensamentos sobre Adam, e em vez disso pesquisou sobre potenciais cientistas interessados em apoiar a sua investigação no ano seguinte. Era um tiro no escuro, mas tinha de tentar. Quando ouviu bater à porta, a tarde já ia a meio e ela tinha acrescentado três nomes à lista. Vestiu-se num ápice para abrir, pensando que seria o serviço de limpeza. Quando Anh e Malcolm entraram como furacões, amaldiçoou-se por nunca espreitar pelo óculo da porta. Merecia mesmo ser chacinada por um assassino em série.

— *Okay* — disse Anh, atirando-se para a cama ainda arrumada de Olive. — Tens duas frases para me convenceres a não ficar chateada contigo por nem me teres perguntado como correu o meu evento de divulgação.

— Merda! — Olive cobriu a boca com a mão. — Desculpa! Como correu?

— Na perfeição. — Os olhos de Anh cintilavam de felicidade. — Tivemos uma grande audiência e toda a gente adorou. Estamos a pensar em fazer disto uma coisa anual, e criar uma organização formal. Mentoria de pares! Ouve isto: todos os doutorandos ficam responsáveis por *dois* alunos de pós-graduação. Assim que cheguem ao doutoramento, eles próprios vão orientar *dois* alunos de pós-graduação. E em dez anos o mundo é nosso!

Olive olhou para ela, boquiaberta.

— Isso é... tu és fantástica!

— Sou, não sou? *Okay*, agora é a tua vez de me bajulares. Eee... podes começar.

Olive abriu a boca, mas durante muito tempo não saiu nada.

— Não tenho uma boa desculpa. Estava só ocupada com... uma coisa que a Dra. Aslan me pediu que terminasse.

— Isso é ridículo. Estás em Boston. Devias estar aí num bar irlandês qualquer a fingir que adoras os *Red Sox* e a comer donuts, não a *trabalhar*. Para a tua *chefe*.

— Em teoria estamos aqui para participar numa conferência — lembrou Olive.

— Ninguém trabalha em conferências. — Malcolm juntou-se a Anh na cama.

— Podemos sair os três, por favor? — implorou Anh. — Vamos fazer o Freedom Trail. Com gelado. E cerveja.

— Onde anda o Jeremy?

— A apresentar o póster dele. E estou aborrecida. — O sorriso de Anh era travesso.

Olive não estava com vontade de socializar, ou de beber cerveja, ou de fazer trilhos, mas nalgum momento teria de retomar a vida em sociedade, mesmo de coração partido.

Sorriu e disse:

— Deixem-me só ver o meu *e-mail*, e depois vamos.

Não havia explicação para o facto de ter acumulado cerca de quinze mensagens nos últimos trinta minutos, sendo que apenas uma delas não era *spam*.

Hoje, 15h11

DE: Aysegul-Aslan@stanford.edu

TO: Olive-Smith@stanford.edu

ASSUNTO: Abordar investigadores para projeto de cancro pancreático

Olive,

Terei todo o gosto em te apresentar e em perguntar a outros docentes se têm oportunidades para ti nos seus laboratórios. Concordo que podem estar mais recetivos se for eu a abordá-los. Envia-me a lista, por favor.

Já agora, ainda não me mandaste a gravação da tua apresentação. Mal posso esperar para a ouvir!

Atenciosamente,

Aysegul Aslan, Ph.D.

Olive fez alguns cálculos mentais para perceber se seria cordial enviar a lista, mas não a gravação (provavelmente não era), suspirou e começou a carregar o ficheiro para o *AirDrop* do seu computador. Quando reparou que tinha várias horas de duração, porque se tinha esquecido de parar a gravação depois da apresentação, o suspiro transformou-se num rugido.

— Vai demorar, pessoal. Tenho de mandar um ficheiro áudio à Dra. Aslan, mas tenho de o editar primeiro.

— Tudo bem — Anh bufou. — Malcolm, gostarias de nos entreter com histórias sobre o Holden?

— *Okay*, para começar, ele usou a camisa azul-bebé mais fofa de sempre.

— Azul-bebé?

— Não me venhas com esse tom cético. Depois, trouxe-me uma flor.

— Onde é que ele arranjou a flor?

— Não tenho a certeza.

Olive foi clicando ao longo do ficheiro MP3, a tentar perceber onde o devia cortar. O final eram só minutos e minutos de silêncio, de quando ela tinha deixado o telemóvel no quarto.

— Se calhar roubou-a do *buffet* — disse ela, ausente. — Acho que vi cravos cor-de-rosa lá em baixo.

— Era um cravo cor-de-rosa?

— Talvez.

Anh estalou a língua.

— E ainda dizem que o romantismo morreu.

— Cala-te. Depois, logo ao princípio do encontro, aconteceu uma coisa. Uma coisa catastrófica que só podia acontecer-me a mim, posto que a minha família toda é obcecada com ciência e, como consequência, assiste a *todas* as conferências. *Todas*.

— Não. Diz-me que não...

— Sim. Quando chegámos ao restaurante, encontrámos a minha mãe, pai, tio e avô. Que insistiram que nos juntássemos a eles. O que significa que o meu primeiro encontro com o Holden foi a porcaria de um jantar de *Dia de Ação de Graças*.

Olive levantou o olhar do seu computador portátil e trocou um olhar perplexo com Anh.

— Foi muito mau?

— Engraçado que perguntes, porque é com o maior desconcerto de sempre que devo dizer: foi *espetacular*! Eles adoraram-no, porque ele é um ótimo cientista e porque é mais suave do que um *smoothie* biológico, e em apenas duas horas ele conseguiu convencer os meus pais de que o meu plano para trabalhar na indústria científica é bombástico. E não estou a gozar; hoje de manhã a minha mãe ligou para me dizer como me acha tão maduro, e que finalmente tenho um projeto de futuro e que os meus interesses amorosos refletem isso. Disse que o meu pai concorda. Dá para acreditar? Enfim. Depois de jantar fomos comer gelado e voltámos para o quarto do Holden, onde nos dedicámos ao sessenta e nove como se o mundo estivesse prestes a acabar...

Uma rapariga como tu, que percebeu tão depressa na sua carreira académica que foder professores conhecidos e bem-sucedidos é a maneira mais rápida de subir. Fodeste o Adam, não foi? Ambos sabemos que vais foder-me pelo mesmo mo...

Olive esmurrou o botão de *espaço*, parando a gravação de imediato. O coração estava aos saltos no peito — primeiro

devido à confusão, depois pela compreensão do que tinha, inadvertidamente, gravado, e por fim de raiva por voltar a ouvir aquelas palavras. Levou uma mão trémula aos lábios, como se procurasse purgar a voz de Tom da sua cabeça. Tinha passado dois dias a tentar recuperar, e agora...

— Que raio foi isso? — perguntou Malcolm.

— Ol? — A voz hesitante de Anh recordou-a de que não estava sozinha no quarto. Olhou para cima e deu com os amigos sentados. Estavam a olhar para ela, de olhos esbugalhados de preocupação e de choque.

Olive sacudiu a cabeça. Não queria... não, não tinha força para explicar.

— Nada, só...

— Eu conheço a voz — disse Anh, vindo sentar-se ao lado dela. — Reconheço a voz, daquela apresentação a que fomos assistir. — Deteve-se, procurando os olhos de Olive. — Isso é o Tom Benton, não é?

— Que raio... — Malcolm pôs-se de pé. Havia verdadeiro alarme na sua voz. Também havia raiva. — Ol, porque é que tens uma gravação do Tom Benton a dizer essas porcarias? O que é que aconteceu?

Olive olhou para cima, para ele, e depois para Anh, e depois para ele outra vez. Eles estavam a observá-la com expressões incrédulas de consternação. Anh deve ter agarrado a mão de Olive a dada altura. Disse a si própria que precisava de ser forte, de ser pragmática, de estar entorpecida, mas...

— É que...

Tentou. Tentou mesmo. Mas a cara desfigurou-se de dor, e o peso dos últimos dias abateu-se sobre ela. Olive inclinou-se para a frente, enterrou a cabeça no colo de Anh e permitiu-se chorar.

Olive não tinha nenhuma intenção de voltar a ouvir Tom cuspir o seu veneno outra vez, por isso passou os auscultadores aos amigos, foi para a casa de banho e deixou a torneira correr enquanto eles acabavam de ouvir. Demorou menos de dez minutos, mas ela soluçou o tempo todo. Quando Malcolm e Anh entraram, sentaram-se perto dela no chão. Anh também estava a chorar, havia lágrimas gordas e furiosas a descerem-lhe pelas faces.

Pelo menos, há uma casa de banho para inundarmos, pensou Olive, enquanto lhe passava o rolo de papel higiénico que tinha açambarcado.

— Ele é o ser humano mais nojento, detestável, vergonhoso e desgraçado... — disse Malcolm. — Espero que esteja, neste preciso momento, a sofrer de uma diarreia explosiva. Espero que tenha verrugas genitais. Espero que tenha de viver afligido pela maior e mais dolorosa hemorroida do Universo. Espero que ele...

Anh interrompeu-o:

— O Adam sabe disto?

Olive negou com a cabeça.

— Tens de lhe dizer. E depois vocês os dois têm de fazer queixa do Benton e garantir que o expulsam da academia.

— Não... não posso.

— Ol, ouve o que te digo. O que o Tom disse é assédio sexual. Não há forma de o Adam não acreditar em ti, para não falar na *gravação*.

— Não importa.

— Claro que importa!

Olive limpou o rosto com as palmas das mãos.

— Se eu contar ao Adam, ele não vai querer colaborar mais com o Tom, e o projeto em que ele está a trabalhar é demasiado importante para ele. Além de que ele vai mudar-se para Harvard no ano que vem, e...

Anh bufou.

— Não, não vai.

— Sim. Ele disse-me que...

— Ol, eu vejo bem a forma como ele olha para ti. Está doido por ti. Jamais vai mudar-se para Boston se tu não fores, e tenho a certeza de que não te vai deixar trabalhar para esse merdas... O quê? — Os olhos voaram de Olive para Malcolm, os dois estavam a trocar um olhar significativo. — Porque é que estão a olhar assim um para o outro? Porque é que estão com a cara que fazem quando há alguma piada interna?

Malcolm suspirou, apertando o nariz entre os dedos.

— *Okay*, Anh, ouve com atenção. E, antes que perguntes, não, não estou a inventar isto. Isto é mesmo a sério. — Respirou fundo antes de começar. — O Carlsen e a Olive nunca estiveram juntos. Só fingiram, para tu acreditares que a Olive já não queria nada com o Jeremy, o que nunca quis, para começar. Não percebi bem o que é que o Carlsen ganhava com esta história, esqueci-me de perguntar. Mas a meio do namoro a fingir a Olive começou a gostar do Carlsen, e continuou a mentir-lhe sobre isso, e fingiu que estava apaixonada por outra pessoa. Mas, então... — Ele atirou um olhar de soslaio a Olive. — Bem. Não quis ser metedico, mas tendo em conta que no outro dia só havia uma cama desfeita neste quarto, tenho a certeza de que deve ter havido acontecimentos recentes.

Foi tão dolorosamente assertivo que Olive teve de enterrar a cara nos joelhos. Ao mesmo tempo que ouvia Anh dizer:

— Isto não é a sério.

— É, sim.

— Nã, nã. Isto é um filme do *Hallmark*. Ou um *young adult* muito mal escrito. Que não vai vender *nada*. Olive, diz ao Malcolm que não se despeça do emprego, porque nunca vai ser bem-sucedido como escritor.

Olive obrigou-se a olhar para cima, e a ruga entre as sobrancelhas de Anh era a mais profunda que ela alguma vez tinha visto.

— É verdade, Anh. Lamento imenso ter-te mentido. Eu não quis, mas...

— Estavas a fingir que andavas com o Adam Carlsen?

Olive assentiu.

— Deus, eu *sabia* que aquele beijo era esquisito!

Olive levantou as mãos, na defensiva.

— Anh, lamento...

— Tu fingiste que andavas com a *porra* do *Adam Carlsen*?

— Pareceu-me boa ideia e...

— Mas eu vi-te a beijá-lo! No corredor de biologia e no parque de estacionamento!

— Só porque tu me obrigaste...

— Mas sentaste-te no colo dele!

— Uma vez mais, *obrigaste-me* a isso, não foi o melhor momento da nossa amizade, já agora.

— Mas tu puseste-lhe protetor solar, à frente de pelo menos uma centena de pessoas!

— Só porque *alguém* me levou a isso. Estás a ver o padrão nisto?

Anh abanou a cabeça, como se de repente estivesse perplexa perante as suas próprias ações.

— Eu só... vocês ficavam tão bem juntos! Era tão evidente, na forma como o Adam olhava para ti, que era *maluco* por ti. E o oposto também, tu olhavas para ele como se ele fosse o único gajo na Terra e, depois... Parecia sempre que estavas a obrigar-te a conter os teus impulsos em relação a ele, e eu queria que soubesses que podias exprimir os teus sentimentos, se quisesses. A sério que achei que te estava a ajudar e... *Tu fingiste que namoravas com o Adam Carlsen?*

Olive suspirou.

— Ouve, peço desculpa por ter mentido. Por favor, não me odeies, eu...

— Não te *odeio*.

Oh?

— Não?

— Claro que não. — Anh estava indignada. — Odeio-me a *mim* própria por te ter obrigado a fazer essas coisas todas. Bem, se calhar não é bem «odiar», mas era capaz de enviar um *e-mail* com palavras fortes a mim mesma. E estou incrivelmente lisonjeada por teres feito uma coisa dessas por mim. Quer dizer, foi enganador e ridículo, e desnecessariamente intrincado, e tu és uma máquina andante de comédias românticas e... Olive, és cá uma idiota. Mas és uma idiota muito adorável, e és a *minha* idiota. — Ela sacudiu a cabeça, incrédula, e apertou o joelho de Olive ao olhar para Malcolm. — Espera, a tua cena com o Rodrigues é a sério? Ou vocês estão a fingir para um juiz lhe dar a custódia dos seus afilhados recentemente órfãos?

— É muito a sério — disse Malcolm, com um sorriso presunçoso. — Fodemos como coelhos.

— Fantástico. Enfim, Ol, depois voltamos a falar disto. A falar *muito mais* disto. Provavelmente falaremos do maior evento de falsos-namoros do século vinte e um durante milénios, mas por agora devemos focar-nos no Tom e... não muda nada, quer tu e o Adam estejam juntos ou não. Acho que ele vai querer saber. *Eu* quereria saber. Ol, se a situação fosse ao contrário, se tu estivesses prestes a perder uma coisa e o Adam tivesse sido molestado sexualmente...

— Não fui.

— Sim, Ol, *foste*. — Os olhos de Anh estavam muito sérios, queimavam ao encontro dos dela, e Olive por fim compreendeu a enormidade do que lhe tinha acontecido. Do que Tom tinha feito.

Respirou fundo.

— Se isto fosse ao contrário, eu ia querer saber. Mas é diferente.

— Porque é que é diferente?

Porque eu estou apaixonada pelo Adam. E ele não está apaixonado por mim. Olive massajou as têmporas, tentando pensar apesar da dor de cabeça que se avizinhava.

— Não quero tirar-lhe uma coisa que ele adora. O Adam respeita e admira o Tom, e eu sei que, no passado, o Tom cuidou do Adam. É possível que seja melhor ele não saber.

— Se ao menos houvesse forma de sabermos o que é que o Adam ia preferir — disse Malcolm.

Olive fungou uma resposta:

— Pois.

— Se ao menos houvesse alguém que conheça *muito* bem o Adam a quem pudéssemos perguntar... — disse Malcolm, dessa vez mais alto.

— Pois — repetiu Anh. — Isso seria ótimo, mas não há, por isso...

— *Se ao menos* houvesse alguém neste quarto que tivesse começado a sair com o melhor amigo do Adam das últimas três décadas... — Malcolm quase gritou, cheio de indignidade passivo-agressiva, e Anh e Olive trocaram um olhar esbugalhado.

— Holden!

— Podes perguntar ao Holden!

Malcolm bufou.

— Vocês são tão espertas e conseguem ser tão lentas...

Olive lembrou-se de algo, de repente.

— O Holden odeia o Tom.

— Uh? Porque é que o odeia?

— Não sei. — Ela encolheu os ombros. — O Adam diz que é algo da personalidade do Holden, mas...

— Ei! A personalidade do meu homem é perfeita.

— Talvez haja alguma coisa por detrás disso.

Anh assentiu com energia.

— Malcolm, onde é que a Olive pode encontrar o Holden neste instante?

— Eu não sei. Mas... — começou a digitar no telemóvel com um sorriso presunçoso. — Por acaso tenho o número dele aqui.

Holden (ou Holden RabodeBolha, como Malcolm o tinha guardado nos contactos), estava a acabar a sua apresentação. Olive apanhou os últimos cinco minutos — algo a respeito de cristalografia que ela não compreendeu nem tentou

compreender —, e não ficou surpreendida por descobrir que ele era um orador leve e carismático. Aproximou-se dele ainda no palco assim que ele acabou de responder às perguntas que lhe fizeram, e ele sorriu quando a viu subir as escadas, parecendo genuinamente feliz por a ver.

— Olive. Minha nova cunhada-de-quarto!

— Certo. Pois. Hum, excelente apresentação. — Disse a si própria que parasse de torcer as mãos. — Precisava de te perguntar uma coisa...

— É sobre os ácidos nucleicos do quarto diapositivo? Porque estão cheios de disparates. Foi uma doutoranda minha que reparou, é muito mais esperta do que eu.

— Não, a pergunta é sobre o Adam...

A expressão de Holden iluminou-se.

— Bem, na verdade é sobre o Tom Benton.

Escureceu igualmente rápido.

— O que é que tem o Tom?

Certo. O que é que tinha o Tom, exatamente? Olive não sabia bem como abordar o tópico. Nem sequer sabia ao certo o que queria perguntar. Claro, podia ter despejado a sua história toda a Holden e implorado que ele a ajudasse a resolver tudo, mas por algum motivo não lhe pareceu boa ideia. Deu voltas à cabeça por um momento, e depois saiu-lhe:

— Sabias que o Adam está a pensar mudar-se para Boston?

— Sim. — Holden revirou os olhos e apontou para as janelas altas. Havia nuvens enormes e sinistras a ameaçarem explodir numa chuva torrencial. O vento, já gelado mesmo em setembro, sacudia uma noqueira solitária. — Quem é que não *quereria* sair da Califórnia e vir viver para aqui? — bufou.

Olive apreciava o conceito de estações do ano, mas guardou o pensamento para si própria.

— Achas... Achas que ele vai ser feliz aqui?

Holden estudou-a minuciosamente por um instante.

— Sabes, tu já és a minha namorada do Adam preferida, não que tenha havido muitas; foste a única mulher que conseguiu competir com modelação computacional na última década, mas essa pergunta conquistou-te a placa vitalícia de número um. — Ele ponderou no assunto. — Acho que o Adam pode ser feliz aqui, à sua maneira, claro. Isto é, uma felicidade taciturna e sem grande entusiasmo. Mas sim, feliz. Desde que também estejas aqui.

Olive teve de se impedir de bufar.

— Desde que o Tom se comporte.

— Porque é que dizes isso? Sobre o Tom? Não quero intrometer-me, mas disseste-me para ter cuidado quando estivesse em Stanford. Não gostas dele?

Ele suspirou.

— Não é que eu não goste dele, embora não goste. É só que não confio nele.

— Porquê? O Adam contou-me as coisas que o Tom fez por ele quando o vosso orientador era abusivo.

— Vês, é daí que vem grande parte da minha desconfiança. — Holden mordeu o lábio inferior, como se estivesse a tentar decidir se devia continuar. — O Tom interveio para salvar o Adam em várias ocasiões? Claro. Não dá para negar. Mas como é que essas ocasiões surgiram, para começar? O nosso orientador era um osso duro de roer, mas não era um microgerente. Quando nos juntámos a ele no laboratório, ele estava demasiado ocupado a ser um famoso sacana para saber

o que é que se passava no dia a dia do laboratório. Era por isso que ele tinha pós-doutorados como o Tom a dar mentoria a doutorandos como eu e o Adam. E, ainda assim, ele estava a par de cada vez que o Adam fazia merda. A cada duas semanas aparecia, dizia ao Adam que ele era um falhanço de pessoa por coisas mínimas como trocar reagentes ou deixar cair uma proveta, e depois o Tom, o pós-doutorado favorito do nosso orientador, intervinha publicamente a favor do Adam para salvar o dia. O padrão era sempre o mesmo, e isso só acontecia com o Adam, que era, sem sombra de dúvida, o estudante mais promissor do nosso programa. Estava destinado ao sucesso. De início, fiquei um bocado desconfiado de que o Tom andasse a sabotar o Adam de propósito. Mas, nos últimos anos, comecei a perguntar-me se o que ele queria não era outra coisa...

— Contaste ao Adam?

— Sim. Mas não tinha provas, e o Adam... bem, tu sabes como ele é. É teimoso e obstinadamente leal, e estava grato ao Tom. — Ele encolheu os ombros. — Acabaram por ficar os melhores amigos, e desde então são amigos próximos.

— Isso incomodou-te?

— A amizade por si só, não. Percebi que podia parecer que estava com ciúmes da amizade deles, mas a verdade é que o Adam sempre foi demasiado focado no trabalho para ter muitos amigos. Teria ficado feliz por ele, a sério. Mas o Tom...

Olive assentiu. Pois. *Tom*.

— Porque é que ele faria isso? Essa... vingança esquisita contra o Adam?

Holden suspirou.

— Foi por isso que o Adam ignorou as minhas suspeitas. É que não há um motivo claro. A verdade é que eu não acho que o Tom odeie o Adam. Ou, pelo menos, acho que não é assim tão simples. Mas acho que o Tom é esperto e muito, muito artiloso. Que, quase de certeza, há alguma inveja envolvida, uma vontade de tirar vantagem do Adam, de o controlar ou de poder mandar nele. O Adam tem tendência a menosprezar as suas conquistas, mas ele é um dos melhores cientistas da nossa geração. Ter o poder de influenciá-lo... é um privilégio, e um grande feito.

— Sim. — Ela assentiu outra vez. A pergunta, a que ela tinha vindo fazer-lhe, começava a ganhar forma na sua cabeça. — Sabendo isto tudo, sabendo como o Tom é importante para o Adam, se tivesses provas de quem o Tom é, na realidade, mostrava-las ao Adam?

Holden teve o mérito de não perguntar que provas eram essas, ou provas do quê. Estudou o rosto de Olive com uma expressão pensativa e, quando falou, escolheu bem as palavras:

— Não posso responder por ti. Não acho que deva — tamborilou os dedos sobre o pódio, perdido em reflexões. — Mas quero dizer-te três coisas. A primeira já deves saber: o Adam é, acima de tudo, um cientista. Como eu, e como tu. E a boa ciência só acontece quando tiramos conclusões baseadas nas evidências disponíveis, não só nas fáceis, nem nas que confirmam as nossas hipóteses. Concordas?

Olive anuiu, e ele prosseguiu:

— A segunda é algo que podes ou não saber, porque está relacionada com politiquices e com a academia, e que não são fáceis de perceberem quando dás por ti em reuniões de cinco horas com os docentes, semana sim, semana não. Mas cá vai: a colaboração entre o Adam e o Tom beneficia mais o Tom do

que beneficia o Adam. E é por isso que o Adam é o principal investigador do financiamento que lhes concederam. O Tom é... enfim, é substituível. Não me interpretes mal, ele é um bom cientista, mas a maior parte da sua fama veio do facto de ter sido o aluno mais brilhante e o favorito do nosso antigo orientador. Ele herdou um laboratório que já estava bem oleado e manteve-o a funcionar. O Adam criou a sua própria linha de pesquisa de raiz, e acho que ele tende a esquecer-se de como é bom nisto. O que até não é mau, porque ele já é bastante insuportável. — Ele bufou. — Consegues imaginar como seria se também tivesse um ego enorme?

Olive riu-se, e o som saiu-lhe estranhamente molhado. Quando levou as mãos ao rosto, não ficou surpreendida por as encontrar húmidas. Parecia que o seu novo estado normal era chorar em silêncio.

— Por último — continuou Holden, sem que as lágrimas o demovessem — há algo que provavelmente não sabes — hesitou. — O Adam já foi recrutado para uma data de instituições no passado. *Inúmeras*. Já lhe ofereceram dinheiro, posições de prestígio, acesso ilimitado a infraestruturas e a equipamento. Isso inclui Harvard, esta não é a primeira vez que tentam trazê-lo para cá. Mas foi a primeira vez que ele *concordou* em ir às entrevistas. E ele só concordou depois de tu decidires trabalhar no laboratório do Tom. — Sorriu-lhe com gentileza, e depois desviou o olhar, começando a recolher as suas coisas e a enfiá-las na mochila. — Faz o que quiseres com essa informação, Olive.

Capítulo 20

♥ HIPÓTESE: As pessoas que me fizeram mal hão de arrepender-se.

Ela teve de mentir.

Outra vez.

Estava a tornar-se um hábito, e enquanto se saía com uma história mirabolante para a secretária do departamento de biologia de Harvard, uma na qual era uma doutoranda do Dr. Carlsen que precisava de falar com ele de imediato, para lhe entregar uma mensagem de vida ou morte em pessoa, jurou a si própria que seria a última vez. Era demasiado stressante. Demasiado difícil. Não valia a pena o esforço cardiovascular e a sua saúde psicológica.

Ainda por cima, era péssima naquilo. A secretária do departamento não acreditou numa palavra do que ela disse, mas deve ter decidido que não haveria mal em indicar-lhe onde é que o quadro de docentes da faculdade de biologia tinha levado Adam a jantar — segundo a *Yelp*, era um restaurante chique que ficava a menos de dez minutos de *Uber*. Olive olhou para as suas calças rasgadas e para os *Converse* lilases, e perguntou-se se a deixariam entrar. Depois, perguntou-se se Adam ficaria chateado. Depois, perguntou-se se estava a cometer um erro e a dar cabo da sua vida, da vida de Adam e da vida da sua motorista de *Uber*. Estava muito tentada a mudar o destino para o hotel da conferência, quando o carro travou e encostou, e a motorista — Sarah Helen, segundo a aplicação — se virou para lhe sorrir:

— Cá estamos.

— Obrigada. — Olive começou a levantar-se do lugar do passageiro e percebeu que não conseguia mexer as pernas.

— Está tudo bem? — perguntou Sarah Helen.

— Sim. Só, hum...

— Vais vomitar no meu carro?

Olive sacudiu a cabeça. Não. Sim.

— Talvez?

— Não faças isso, ou dou cabo da tua classificação.

Olive assentiu e tentou deslizar para fora do assento. Os seus membros não estavam a colaborar.

Sarah Helen franziu o sobrolho:

— Ei, qual é o problema?

— É que... — Tinha um nó na garganta. — Preciso de fazer uma coisa que não quero fazer.

Sarah Helen murmurou:

— É uma situação de trabalho, ou de amor?

— Uh... ambas.

— Pois — Sarah Helen franziu o nariz. — Duplo risco. Não consegues arrumar isso para o lado?

— Não, infelizmente.

— Não podes pedir a alguém que faça isso por ti?

— Não.

— Não podes mudar de nome, cauterizar as pontas dos dedos, entrar num programa de proteção de testemunhas e desaparecer?

— Hum, não tenho a certeza. Não sou uma cidadã americana, está a ver?

— Provavelmente não, então. Consegues dizer «que se lixe» e lidar com as consequências?

Olive fechou os olhos e refletiu naquilo. Quais, exatamente, seriam as consequências se não fizesse o que planeava fazer? Tom ficaria livre para continuar a ser um merdas, para começar. E Adam nunca iria entender que estavam a tirar proveito dele. Ia mudar-se para Boston. E Olive nunca mais ia poder falar com ele, e tudo o que ele significava para ela ia acabar...

Numa mentira.

Uma mentira, depois de uma série de mentiras. Tantas mentiras que tinha contado, tantas verdades que podia ter dito, mas nunca dissera, tudo porque estivera demasiado receosa da verdade, de afastar as pessoas que amava. Tudo porque tinha medo de as perder. Tudo porque não queria ficar sozinha outra vez.

Enfim, as mentiras não tinham funcionado lá muito bem. De facto, até tinham estragado tudo ultimamente. Era hora de passar ao plano B.

Hora da verdade.

— Não. Não quero lidar com as consequências.

Sarah Helen sorriu.

— Então, minha querida, é melhor ires fazer o que tens a fazer. — Pressionou um botão e a porta do passageiro desbloqueou-se com um ruído. — E é melhor que me dêes a classificação máxima, pela parte da psicoterapia gratuita.

Dessa vez, Olive conseguiu sair do carro. Deu uma gorjeta de 150 % a Sarah Helen, respirou fundo, e encaminhou-se para o restaurante.

Encontrou Adam de imediato. Ele era grande, afinal de contas, e o restaurante não era, o que facilitou bastante a busca. Para não dizer que ele estava sentado entre dez pessoas

que se pareciam muito com professores muito sérios de Harvard. E, claro, Tom.

Que merda de vida a minha, pensou ela, passando pela rececionista ocupada e caminhando na direção de Adam. Percebeu que o seu casaco vermelho ia atrair a atenção dele, e depois ia gesticular para ele espreitar o telemóvel, e ia mandar-lhe uma mensagem a dizer para ele lhe conceder por favor, *por favor*, cinco minutos do seu tempo quando o jantar terminasse. Compreendeu que contar-lhe tudo naquela noite era a melhor opção — a entrevista dele seria no dia seguinte, e ele poderia tomar uma decisão em plena posse da verdade. Ela achou que o seu plano podia funcionar.

Mas *não* achou que Adam ia vê-la enquanto falava com uma docente jovem e bonita. *Não* achou que ele ia parar de falar de repente, de olhos dilatados e lábios entreabertos, e que ia murmurar um «Com licença» enquanto olhava para Olive, e pôr-se de pé, ignorando os olhares curiosos na sua direção, nem que ele ia marchar para a entrada, onde Olive estava, com longas passadas e um ar preocupado.

— Olive, estás bem? — perguntou-lhe, e...

Oh. A voz dele. E os olhos dele. E o modo como as mãos dele se levantaram, como que para a tocar, para ter a certeza de que ela estava intacta e ali — embora, ainda antes de os seus dedos se fecharem em torno dos braços dela, ele tenha hesitado e os tenha deixado cair ao lado do corpo.

Ela sentiu o coração partir-se mais um bocadinho.

— Eu estou bem. — Tentou sorrir. — Desculpa por interromper. Sei que é importante, que queres mudar-te para Boston e... que isto é inapropriado. Mas é agora ou nunca, e não sabia se ia ter coragem de... — Estava a gaguejar, por isso respirou fundo e recomeçou. — Preciso de te contar uma coisa. Uma coisa que aconteceu. Com...

— Ei, Olive.

Tom. Mas claro.

— Olá, Tom. — Olive manteve o olhar no de Adam e não olhou para ele. Ele não merecia que olhasse para ele. — Podes dar-nos um momento a sós?

Ela conseguia ver o seu sorriso oleoso e falso pelo canto do olho.

— Olive, sei que és jovem e que não percebes como estas coisas funcionam, mas o Adam está aqui a ser entrevistado para uma posição muito importante e não pode simplesmente...

— Vai-te embora — ordenou Adam, a voz baixa e fria.

Olive fechou os olhos e assentiu, respirando fundo. Bem. Estava tudo bem. Adam tinha o direito de não querer falar com ela. — *Okay.* Desculpa, eu...

— Não és tu. És tu, Tom, vai-te embora.

Oh. Oh. Muito bem, então.

— Meu — disse Tom, numa voz animada —, não podes levantar-te da mesa a meio de um jantar de entrevista e...

— Deixa-nos sozinhos — insistiu Adam.

Tom riu-se, descaradamente.

— Não, a menos que venhas comigo. Somos colaboradores e, se agires como um imbecil durante um jantar do meu departamento por causa de uma estudante com quem andas a dormir, vai refletir-se pessimamente em mim. Tens de voltar para a mesa e...

Uma rapariga bonita como tu já devia saber como é que isto funciona. Não vale a pena mentires e dizeres que não escolheste um vestido assim tão curto para me provocares.

Belas pernas, já agora. Já entendi porque é que o Adam anda a perder tempo contigo.

Nem Adam nem Tom tinham visto Olive tirar o telemóvel do bolso e pressionar o *play*. Os dois debateram-se por um instante, confusos, ambos tinham evidentemente ouvido as palavras mas não estavam certos de onde elas tinham vindo. Até que a gravação recomeçou.

Não achas que te aceitei no meu laboratório porque és boa nisto, pois não? Uma rapariga como tu, que percebeu tão depressa na sua carreira académica que foder professores conhecidos e bem-sucedidos é a maneira mais rápida de subir. Fodeste o Adam, não foi? Ambos sabemos que vais foder-me pelo mesmo motivo.

— Que raio... — Tom deu um passo em frente, de mão estendida para agarrar o telemóvel de Olive. Não chegou muito longe, porque Adam empurrou-o pelo peito com uma mão, obrigando-o a recuar vários passos.

Ele ainda não estava a olhar para Tom. Nem sequer para Olive. Estava a olhar para baixo, para o telemóvel dela, e havia algo escuro, perigoso e assustadoramente imóvel na sua expressão. Ela devia estar assustada. Se calhar estava, um bocadinho.

Estás a dizer-me que achaste que esse resumo miserável foi selecionado para uma apresentação por causa da sua qualidade e importância científica? Alguém tem uma opinião muito elevada de si mesma, tendo em conta que a sua pesquisa é inútil e que mal consegue dizer duas palavras sem se pôr a gaguejar como uma idiota.

— Foi ele — murmurou Adam. A voz soou baixa, quase um sussurro, enganadoramente calma. Os olhos estavam ilegíveis.
— Estavas a chorar por causa do Tom.

Olive só conseguiu acenar com a cabeça. Ao fundo, ouvia-se ainda a voz de Tom a zumbir. A dizer-lhe como era medíocre. Que Adam nunca ia acreditar nela. A chamar-lhe nomes.

— Isto é ridículo. — Tom estava a aproximar-se outra vez, numa nova tentativa de lhe arrebatat o telemóvel. — Não percebo qual é o problema desta cabra, mas está claramente...

Adam explodiu tão depressa que ela nem o viu a mover-se. Num momento estava diante dela, no outro estava a pressionar Tom contra a parede.

— Vou matar-te — foi como se rugisse, se rosnasse. — Se voltares a dizer mais uma palavra sobre a mulher que eu amo, se olhares para ela, se sequer *pensares* nela, vou acabar contigo!

— Adam... — Tom estava a sufocar.

— Aliás, vou matar-te seja como for.

Havia pessoas a correr para eles. A rececionista, o empregado de mesa, uns quantos docentes da mesa de Adam. Estavam a formar uma multidão, a gritar confusos e a tentar puxar Adam para longe de Tom — sem sucesso. A cabeça de Olive foi para o momento em que Adam tinha empurrado a camioneta de Cherie, e quase soltou uma gargalhada histérica. Quase.

— Adam — chamou-o. Mal se ouvia a sua voz no caos ao redor deles, mas foi o que deteve Adam. Ele virou-se para a olhar, e havia um mundo inteiro nos seus olhos. — Adam, não vale a pena — disse ela. — Por ele, não vale a pena.

E foi assim que Adam recuou um passo e largou Tom. Um senhor mais velho, possivelmente um reitor de Harvard, começou a aproximar-se dele para lhe pedir explicações, enquanto dizia que aquele comportamento era inaceitável.

Adam ignorou-o, e ignorou toda a gente. Encaminhou-se para Olive e...

Segurou-lhe o rosto com as duas mãos, os dedos a deslizarem-lhe pelo cabelo e a segurarem-na com força enquanto inclinava a testa para a dela. Ele estava quente, e cheirava a ele próprio, a *segurança* e a *casa*.

— Desculpa. Eu não sabia, e peço desculpa, desculpa, desculpa...

— Não é culpa tua — conseguiu ela balbuciar, mas ele não pareceu estar a ouvi-la.

— Desculpa. Eu...

— Dr. Carlsen — ribombou uma voz masculina atrás deles, e ela sentiu o corpo de Adam enrijecer contra o seu. — Exijo uma explicação.

Adam ignorou o homem, e continuou a segurar Olive.

— *Dr. Carlsen* — repetiu —, isto é *inaceitável*.

— Adam — sussurrou Olive. — Tens de lhe responder.

Adam respirou fundo. Depois pousou um beijo longo e demorado na testa de Olive, antes de a largar, relutante. Quando ela conseguiu vê-lo bem, por fim, ele tinha voltado a parecer-se consigo próprio.

Estava calmo. Zangado com o mundo todo. Controlado.

— Envia-me essa gravação imediatamente — murmurou-lhe. Ela assentiu, e ele virou-se para o senhor mais velho que tinha acabado de os abordar. — Precisamos de falar. Em privado. No seu escritório? — O senhor mais velho pareceu chocado e ofendido, mas assentiu com rigidez. Atrás dele, Tom estava a fazer um escândalo, e Adam apertou o maxilar. — Mantenham-no longe de mim. — Virou-se para Olive antes de ir embora, inclinando-se para ela e baixando a voz. A mão

estava quente no cotovelo dela. — Vou tratar disto — disse-lhe. Havia determinação e seriedade no seu olhar. Olive nunca se tinha sentido mais segura, ou mais amada. — E depois venho à tua procura e vou cuidar de ti.

Capítulo 21

♥ HIPÓTESE: Usar lentes de contacto fora de prazo causa infeções bacterianas e/ou fúngicas que podem trazer consequências durante anos e anos.

— O Holden mandou-te uma mensagem.

Olive desviou o olhar da janela e fitou Malcolm, que tinha desligado o modo avião no instante em que aterraram em Charlotte para o voo de conexão.

— O Holden?

— Sim. Bem, tecnicamente é uma mensagem do Carlsen.

O coração dela deu um salto.

— Ele perdeu o carregador do telemóvel e não pode mandar-te mensagens, mas ele e o Holden estão a caminho de São Francisco.

— Ah — assentiu ela, sentindo-se aliviada. Isso explicava o silêncio de Adam. Não se falavam desde a noite anterior. Ela estava preocupada com a possibilidade de ele ter sido detido, e estava a considerar esvaziar as suas poupanças para ajudar a pagar-lhe a fiança. Ia dar-lhe os seus doze dólares e dezasseis cêntimos. — Onde é o voo de conexão deles?

— Não têm voo de conexão — Malcolm revirou os olhos. — É voo direto. Vão estar em São Francisco dez minutos depois de nós, embora só agora estejam a sair de Boston. Vida de ricos.

— O Holden disse alguma coisa sobre...

Malcolm sacudiu a cabeça.

— O avião deles está prestes a descolar, mas podemos esperar por eles no aeroporto. Tenho a certeza de que o Adam

deve ter novidades para ti.

— Só queres pôr-te na marmelada com o Holden, não é?

Malcolm sorriu e apoiou a cabeça no ombro dela.

— A minha *kalamata* conhece-me bem.

Parecia impossível que só estivesse fora há uma semana. Que tinha havido tanto caos no decorrer de poucos dias. Olive sentia-se tonta, chocada, como se o cérebro estivesse exausto depois de uma maratona. Estava cansada e queria dormir. Tinha fome e queria comer. Estava zangada e queria assegurar-se de que Tom ia ter o que merecia. Estava ansiosa, tensa como um nervo danificado, e queria um abraço. De preferência de Adam.

Em São Francisco, dobrou o seu casaco inútil dentro da mala e sentou-se nela. Verificou se tinha mensagens novas enquanto Malcolm ia buscar uma garrafa de *Diet Coke*. Havia várias de Anh, que acabara de fazer o *check-in* no aeroporto em Boston, e uma do seu senhorio a informar que o elevador não estava a funcionar. Revirou os olhos e passou para o seu *e-mail* académico, descobrindo várias mensagens assinaladas como importantes por ler.

Clicou no ponto de exclamação e abriu uma.

Hoje, 17h15

DE: Anna-Wiley@berkeley.edu

PARA: Aysegul-Aslan@stanford.edu

CC: Olive-Smith@stanford.edu

ASSUNTO: Re: Projeto de cancro pancreático

Aysegul,

Obrigada pelo contacto. Tive o privilégio de assistir à apresentação da Olive Smith na SDB — estávamos no mesmo painel — e fiquei muito impressionada com o trabalho dela em torno das ferramentas de diagnóstico precoce em casos de cancro pancreático. Adoraria tê-la a

trabalhar no meu laboratório no ano que vem. Talvez, em breve, possamos conversar as três ao telefone?

Cumprimentos,

Anna

Olive arquejou. Cobriu a boca com a mão, e abriu outro *e-mail* de imediato.

Hoje, 15h19

DE: Robert-Gordon@umn.edu

PARA: Aysegul-Aslan@stanford.edu; Olive-Smith@stanford.edu

ASSUNTO: Projeto de cancro pancreático

Dra. Aslan, Sr.^{ta} Smith,

O seu trabalho na área do cancro do pâncreas é fantástico, e ficaria feliz se me desse a oportunidade de colaborarmos. Podemos marcar uma reunião no Zoom.

-R

Havia mais dois *e-mails*. *Quatro*, no total, de pesquisadores de cancro, todos em resposta à mensagem de apresentação da Dra. Aslan, a dizerem que gostariam de ter Olive nos seus laboratórios. Ela sentiu uma onda de alegria tão violenta que quase ficou tonta.

— Ol, vê só quem encontrei.

Olive pôs-se de pé. Malcolm tinha voltado, com Holden pela mão, e apenas um passo atrás deles...

Adam. Tinha um ar cansado, e bonito, e era tão amplo na vida real quanto tinha sido na sua mente nas últimas vinte e quatro horas. Tinha os olhos postos nela. Olive lembrou-se das palavras que ele tinha dito na noite anterior, no restaurante, e sentiu as bochechas incendiarem-se, o peito apertado, o coração a ameaçar saltar-lhe do peito.

— Oiçam — disse Holden, sem sequer a cumprimentar —, nós os quatro: uma saída dupla. Hoje à noite.

Adam ignorou-o e foi posicionar-se junto de Olive.

— Como estás? — perguntou, em voz baixa.

— Bem. — Pela primeira vez em vários dias, não era mentira. Adam estava ali. Havia todos aqueles *e-mails* na sua caixa de correio. — E tu?

— Bem — retrucou, com um meio-sorriso, e ela teve a estranha sensação de que, tal como ela, ele não estava a mentir. O coração dela elevou-se mais alto ainda.

— Que tal chinês? — interrompeu Holden. — Gostam todos de chinês?

— Chinês está ótimo, por mim — murmurou Malcolm, embora não soasse nada entusiasmado com a ideia de uma saída de casais. Provavelmente porque não se queria sentar diante de Adam durante a refeição inteira, a reviver o trauma das reuniões de aconselhamento do seu comité de avaliação.

— Olive?

— Hum... Eu gosto de chinês.

— Perfeito. O Adam também, por isso...

— Não vou jantar fora — disse Adam.

Holden franziu o sobrolho.

— Porquê?

— Tenho mais que fazer.

— Tipo o quê? A Olive também vem.

— Deixa a Olive em paz. Ela está cansada e estamos ocupados.

— Eu tenho acesso ao teu calendário do *Google*, imbecil. Não estás nada ocupado. Se não queres sair comigo, mais vale seres sincero.

— Não quero sair contigo.

— Seu merdas. Depois da semana que acabámos de passar! E no meu *aniversário*!

Adam vacilou um pouco.

— O quê? Não é o teu aniversário.

— É, sim.

— Fazes anos em dez de abril.

— Faço?

Adam fechou os olhos, coçando a fronte.

— Holden, falámos diariamente nos últimos vinte e cinco anos, e já fui a pelo menos cinco festas de aniversário tuas com o tema dos *Power Rangers*. A última foi quando fizeste 17 anos. — Malcolm tentou esconder o riso com um tossicar. — Eu sei quando é que fazes anos.

— Na verdade, estiveste sempre errado. Só que sempre fui demasiado querido para te corrigir. — Agarrou o ombro de Adam. — Por isso, chinês para celebrarmos a bênção do meu nascimento?

— Porque não tailandês? — tentou Malcolm, dirigindo-se a Holden e ignorando Adam.

Holden fez um queixume e começou a dizer algo a respeito da escassez de bons restaurantes tailandeses em Stanford, algo que Olive geralmente estaria interessada em ouvir, só que...

Adam estava a olhar para ela outra vez. Bem acima das cabeças de Holden e de Malcolm; estava a olhar para ela com uma expressão que era meio apologética, meio aborrecida, e... muito íntima, na realidade. Algo familiar que os dois partilhavam. Olive sentiu algo dentro de si a derreter-se e suprimiu um sorriso.

De repente, pareceu-lhe boa ideia irem jantar.

Vai ser divertido, fez, com os lábios, enquanto Holden e Malcolm estavam distraídos a discutir se deviam ou não ir experimentar um novo restaurante de hambúrgueres.

Vai ser atroz, fez-lhe ele de volta, movendo os lábios, com um ar tão resignado e sacrificial, e tão maravilhosamente *Adam* que Olive não conseguiu evitar soltar uma gargalhada.

Holden e Malcolm pararam de discutir e viraram-se para ela.

— O quê?

— Nada — disse Olive. A boca de Adam estava a curvar-se num sorriso, também.

— Porque é que te estás a rir, Ol?

Ela abriu a boca para disfarçar, mas Adam falou mais depressa:

— Tudo bem. Nós também vamos. — Disse «nós» como se ele e Olive fossem um «nós», como se nunca tivesse sido a fingir, e ela ficou sem respiração. — Mas fico dispensado de quaisquer celebrações de aniversário no ano que vem. Aliás, nos próximos dois anos. E veto o novo sítio de hambúrgueres.

Holden começou por comemorar com uma dança da vitória, e depois franziu a testa:

— Porque é que vetas os hambúrgueres?

— Porque — disse ele, com o olhar preso no de Olive — os hambúrgueres sabem a pés.

— Devíamos começar por lidar com o óbvio — disse Holden, a mastigar os aperitivos, e Olive ficou tensa no seu assento. Não estava certa de querer discutir o episódio de Tom com Malcolm e Holden antes de falar com Adam a sós.

Como acabou por descobrir, não valia a pena preocupar-se.

— Que é o facto de o Adam e o Malcolm se odiarem mutuamente.

Sentado ao lado dela na cabina, Adam franziu o sobrolho, confuso. Malcolm, que estava sentado de frente para Olive, cobriu a cara com as mãos e gemeu.

— Estou relativamente bem informado — continuou Holden, determinado — de que o Adam disse que as experiências do Malcolm são «desleixadas», e «um desperdício de fundos de pesquisa», durante uma reunião do comité, e que o Malcolm ficou ofendido com isso. Pois bem, Adam, eu tenho andado a tentar explicar ao Malcolm que devias estar num dia mau, se calhar um dos teus doutorandos tinha-se enganado a conjugar o infinitivo num *e-mail*, ou a tua salada de rúcula não era biológica o suficiente. Queres dizer alguma coisa em teu favor?

— Uh... — A ruga de Adam intensificou-se, e Malcolm enterrou mais a cara nas mãos. Holden estava nitidamente à espera de uma resposta, e Olive observava o desenrolar da cena, perguntando-se se devia tirar o telemóvel para filmar aquele desastre. — Não tenho nenhuma lembrança dessa reunião do comité. Embora soe a algo que eu seria capaz de dizer.

— Ótimo. Agora explica ao Malcolm que não foi nada pessoal, para podermos esquecer isso e avançarmos para o arroz frito.

— Oh, meu Deus — balbuciou Malcolm —, por favor, Holden.

— Não vou comer arroz frito — disse Adam.

— Podes comer bambu cru enquanto as pessoas normais comem arroz frito. Mas como, neste instante, o meu namorado acha que o namorado da sua melhor amiga, e meu melhor

amigo, tem algo contra ele, e isso está a arruinar este encontro duplo, faz-me esse favor.

Adam pestanejou, devagar.

— Melhor amigo?

— Adam — Holden apontou, com o polegar, para um Malcolm que tinha a cara distorcida numa careta. — Agora, se fazes favor.

Adam suspirou pesadamente, mas virou-se para Malcolm.

— Seja o que for que eu tenha dito, não foi pessoal. Já me disseram que posso ser desnecessariamente antagonístico. E inalcançável.

Olive não chegou a ver a reação de Malcolm. Estava entretida a estudar Adam e a curva ligeira dos seus lábios, a que quase se transformava num sorriso quando ele olhava para Olive e os olhos dos dois se encontravam. Por um momento, o breve momento em que olharam um para o outro antes de ele desviar o olhar, foram só os dois. E a espécie de passado que partilhavam, e as suas piadas internas, e o modo como se tinham provocado à luz do fim do verão.

— Perfeito. — Holden bateu palmas demasiado alto. — Querem rolinhos de ovos para entrada?

Era uma boa ideia, aquele jantar. Aquela noite, aquela mesa, aquele momento. Estar sentada ao lado de Adam, a sentir a fragrância a petricor, a ver as manchas escuras na camisola *Henley* dele, por causa da tempestade que começara no instante em que estavam a entrar no restaurante. Teriam de falar, mais tarde. Teriam de ter uma conversa séria sobre Tom e sobre outras coisas. Mas, por agora, tudo era o que sempre tinha sido entre Adam e ela: como se pusesse um vestido preferido, um que achava que tinha perdido dentro do

roupeiro, e acabasse de descobrir que continuava a ser-lhe tão confortável como sempre.

— Quero rolinhos de ovo. — Ela relanceou Adam. O cabelo dele estava a ficar comprido demais outra vez, por isso ela fez o que lhe pareceu natural: estendeu a mão e alisou-lhe uma mecha rebelde. — Vou atrever-me a arriscar que não gostas de rolinhos de ovos, como não gostas de nada do que é bom no mundo.

Ele sibilou-lhe «sabichona», enquanto o empregado de mesa trazia as águas e dispunha os menus na mesa. Três menus, para ser exato. Holden e Malcolm agarraram um respetivamente, e Olive e Adam trocaram um olhar carregado de divertimento quando perceberam que tinham de dividir o terceiro. Funcionou perfeitamente: ele segurou-o num ângulo em que a secção vegetariana ficou do lado dele, enquanto as entradas fritas surgiam do dela. Foi tão providencial que ela soltou uma gargalhada.

Adam tocou com o indicador na secção de bebidas.

— Olha para esta aberração — murmurou ele. Os lábios aproximaram-se da orelha dela, e ela sentiu um sopro de ar quente, íntimo e agradável no vendaval do ar condicionado.

Ela sorriu.

— Nada disso.

— Hediondo.

— Espetacular, queres tu dizer.

— Não quero.

— Este é o meu novo restaurante preferido.

— Ainda nem sequer provaste a comida.

— Vai ser espetacular.

— Vai ser medonha.

Alguém aclarou a garganta, para os recordar de que não estavam sozinhos. Malcolm e Holden estavam a olhá-los fixamente — Malcolm com uma expressão de desconfiança perspicaz, e Holden com um sorriso conhecedor.

— O que é que se passa aí?

— Oh. — As bochechas de Olive ficaram um pouco ruborizadas. — Nada. É só que têm um chá borbulhante de abóbora e especiarias.

Malcolm fingiu um reflexo de vômito.

— Ugh, Ol. *Que nojo!*

— Cala-te.

— Soa maravilhoso. — Holden sorriu e inclinou-se para Malcolm. — Queremos um para dividir.

— Desculpa?

Olive tentou não se rir da expressão horrorizada de Malcolm.

— Não inicies o Malcolm nas bebidas de abóbora — disse a Holden, num sussurro teatral.

— Oh, merda — Holden apertou o peito num terror fingido.

— Isto é um assunto sério — Malcolm deixou o menu cair na mesa. — Bebidas de abóbora são poções de Satanás, prenúncios do apocalipse, e sabem a rabo, e não no bom sentido. — Olive sentiu Adam a acenar ao seu lado, altamente impressionado com o desabafo de Malcolm. — Um *latte* de abóbora e especiarias tem a mesma quantidade de açúcar que cinquenta *Skittles*, e *nem um grama de abóbora*. Vai pesquisar.

Adam olhou para Malcolm com uma expressão muito próxima da admiração. Holden encontrou os olhos de Olive e disse-lhe, com um ar conspirativo:

— Os nossos namorados têm tanto em comum.

— Têm mesmo. Eles acham que odiar certos grupos de alimentos inofensivos conta como traço de personalidade.

— Essas bebidas de abóbora não são inofensivas. São radioativas, uma bomba com excesso de açúcar que se infiltra em toda a espécie de produto e que é o único responsável pela extinção das focas-monge das Caraíbas. E tu... — apontou o dedo a Holden — estás na linha vermelha.

— Eu? Porquê?

— Não posso sair com uma pessoa que não respeita as minhas convicções quanto às bebidas de abóbora.

— Para dizer a verdade, não é uma convicção lá muito respeitável — Holden reparou no olhar fulminante de Malcolm e levantou as mãos na defensiva. — Não fazia ideia, amor.

— Devias saber essas coisas.

Adam estalou a língua, divertido.

— Sim, Holden. Tens de te esforçar mais. — Reclinou-se no assento, e o ombro roçou no de Olive. Holden mostrou-lhe o dedo do meio.

— O Adam conhece e respeita a opinião da Olive quanto a hambúrgueres, e eles nem sequer... — O que quer que fosse que ia dizer, teve o bom senso de se deter. — Enfim, se o Adam sabe, tu também devias saber a verdade sobre as bebidas de abóbora.

— O Adam não era um idiota até há, tipo, doze segundos?

— Como o jogo vira — murmurou Adam. Olive estendeu-se para o beliscar, mas ele parou-a ao envolver-lhe o pulso com a mão.

Malvado, fez-lhe ela, com os lábios. Ele limitou-se a sorrir, maliciosamente, estudando Malcolm e Holden com um ar bastante alegre.

— Vá lá. Nem sequer é comparável — dizia Holden. — A Olive e o Adam estão juntos há anos. Nós só nos conhecemos há menos de uma semana.

— Não estão, não — corrigiu Malcolm, com um dedo em riste. A mão de Adam ainda estava a envolver-lhe o pulso. — Eles começaram a andar, tipo, um mês antes de nós.

— Não — insistiu Holden. — O Adam já gostava dela há imenso tempo. Provavelmente estudou os seus hábitos alimentares e compilou dezassete bases de dados e algoritmos numa máquina de autoaprendizagem para prever as suas preferências culinárias.

Olive desmanchou-se a rir.

— Não gostava nada. — Ela deu um gole na água, ainda a rir-se. — Só começámos a sair agora. No início do semestre de outono.

— Sim, mas já se conheciam antes. — Holden tinha uma ruga entre os olhos. — Os dois conheceram-se no ano antes de começares o teu doutoramento aqui, quando vieste à tua entrevista, e desde aí que ele regista tudo.

Olive sacudiu a cabeça e riu-se, virando-se para Adam para partilhar a sua animação. Só que Adam já estava a olhar para ela, e não parecia nada divertido. Parecia... outra coisa qualquer. Preocupado, talvez, ou culpado, ou resignado. Em pânico? E, de repente, o restaurante ficou em silêncio. Ouviase o respingar da chuva nas janelas, a tagarelice das pessoas, os ruídos dos talheres — tudo desvaneceu, o chão inclinou-se, sacudiu-se um pouco, e os dedos de Adam libertaram-lhe o pulso.

Olive lembrou-se do incidente da casa de banho. Dos olhos a arder e das bochechas molhadas, do cheiro do reagente e de uma pele limpa e masculina. O vulto de uma figura larga, escura, de pé diante dela, com uma voz profunda, pacificadora e divertida. O desespero de ter vinte e três anos e de estar sozinha e de não fazer ideia do que devia estar a fazer, para onde devia estar a ir, de qual seria a escolha certa.

Acha a minha razão suficientemente boa para fazer um doutoramento?

É a melhor.

De repente, as coisas pareceram-lhe bastante simples.

Era mesmo Adam, afinal de contas. Olive estava certa.

A única coisa que lhe tinha escapado era que ele, afinal, *lembrava-se* dela.

— Sim — disse ela. Já não estava a sorrir. E Adam ainda estava de olhos postos nos dela. — Acho que regista.

Capítulo 22

♥ HIPÓTESE: Quando tenho de escolher entre A (contar uma mentira) e B (dizer a verdade), acabo inevitavelmente por...

Não. Desta vez, não.

Olive não tinha dúvidas de que as histórias de Holden eram embelezadas com anos de aperfeiçoamento na comédia, mas ainda assim não conseguia parar de se rir cada vez mais.

— E acordo com esta cascata a encharcar-me...

Adam revirou os olhos.

— Foi um pingo.

— E pergunto-me porque é que está a chover dentro do beliche, quando reparo que vem da cama de cima e que o Adam, que na altura tinha treze anos...

— Seis. Tinha seis anos, e tu tinhas sete.

— Tinha mijado na cama, e o mijo estava a pingar do colchão para cima de mim.

As mãos de Olive voaram para lhe cobrir a boca, sem grande sucesso a esconderem o seu divertimento — como também tinha falhado quando Holden tinha recontado a história do dálmata bebé que mordera o rabo de Adam através das calças de ganga, ou aquela em que Adam tinha sido eleito a pessoa «com mais probabilidade de fazer os outros chorar» no último ano do secundário.

Pelo menos Adam não parecia embaraçado, nem tão chateado quanto tinha parecido depois de Holden dizer que ele tinha andado a tomar atenção ao que ela fazia. O que explicava... muitas coisas.

Tudo, se calhar.

— Jesus. Seis anos — Malcolm sacudiu a cabeça e limpou os olhos.

— Estava doente.

— Ainda assim, parece-me um bocadinho crescido para esse tipo de acidente.

Adam limitou-se a fitar Malcolm até ele baixar o olhar.

— Hum, se calhar não era assim tão crescido — murmurou.

Havia uma tigela enorme de biscoitos da sorte junto à máquina registadora. Olive reparou nela quando estavam a sair do restaurante, soltou um guincho de deleite e mergulhou lá a mão para tirar quatro pacotinhos de plástico. Entregou dois a Malcolm e a Holden, e deu um a Adam com um olhar malicioso:

— Também odeias isto, não odeias?

— Não odeio. — Ele aceitou o biscoito. — Só acho que sabem a esferovite.

— E é provável que tenham o mesmo valor nutricional, também — sibilou Malcolm, enquanto saíam para a humidade gelada do início da noite. Era surpreendente como ele e Adam tinham tantos pontos de vista em comum.

Já não estava a chover, mas a rua estava molhada à luz de um candeeiro de rua; havia uma brisa suave e as folhas restolhavam, e havia gotas de chuva errantes a derramarem-se no chão. Olive recebeu o ar fresco nos pulmões com satisfação, depois de horas fechada no restaurante. Desenrolou as mangas, e roçou sem querer a mão no abdómen de Adam. Sorriu-lhe, pedindo desculpa de modo brincalhão; ele corou e afastou o olhar.

— «Aquele que se ri de si próprio nunca fica sem nada de que se rir» — disse Holden, fazendo estalar um pedaço do

biscoito na boca, e pestanejando para a mensagem que encontrou lá dentro. — Isto é a gozar? — Olhou ao seu redor, indignado. — Este biscoito da sorte acabou de gozar comigo?

— Parece que sim — respondeu Malcolm. — O meu diz: «Porque é que não se permite ser feliz, em vez de esperar que alguém o faça feliz?» Acho que o meu biscoito também acabou de gozar contigo, amor.

— O que é que se passa com esta fornada? — Holden apontou para Adam e Olive. — O que é que os vossos dizem?

Olive já estava a abrir o dela, mordiscando um canto enquanto puxava o papel para fora. Era uma mensagem banal e, ainda assim, o coração deu um pulo.

— A minha é normal — disse a Holden.

— Estás a mentir.

— *Nope.*

— O que é que diz?

— «Nunca é demasiado tarde para dizer a verdade.» — Encolheu os ombros, e virou-se para mandar o plástico fora. No último instante, decidiu manter a tirinha de papel dentro do bolso de trás das calças.

— Abre o teu, Adam.

— Não.

— Vá lá.

— Não vou comer um bocado de cartão só para não ferir os teus sentimentos.

— És um amigo de merda.

— Segundo a indústria dos biscoitos da sorte, tu és um namorado de merda, por isso...

— Dá-mo cá — pediu Olive, tirando o biscoito da mão de Adam. — Eu como-o. E leio.

O parque de estacionamento estava completamente vazio, à exceção dos carros de Adam e de Malcolm. Holden tinha vindo do aeroporto com Adam, mas ele e Malcolm tinham planeado dormir em casa de Holden, para poderem passear o seu cão, *Fleming*.

— O Adam dá-te boleia, Ol?

— Não é preciso. São menos de dez minutos a pé até casa.

— E a tua mala?

— Não é pesada, e... — Parou abruptamente, mordeu o lábio enquanto contemplava as suas possibilidades, e depois deu por si a sorrir, por uma vez segura e determinada: — Na verdade, o Adam vem a pé até à minha casa comigo. Certo?

Ele ficou um momento num silêncio inescrutável. Depois disse, calmamente:

— Claro — enfiou as chaves no bolso das calças, e pôs a alça da sacola de Olive ao ombro.

— Onde é que vives? — perguntou, quando Holden já não estava por perto.

Ela apontou, em silêncio.

— Tens a certeza de que queres levar a minha mala? Ouvi dizer que as pessoas de certa idade costumam dar jeitos às costas com facilidade.

Ele atirou-lhe um olhar fulminante, e Olive riu-se, caminhando ao mesmo ritmo que ele enquanto saíam do parque de estacionamento. A rua estava silenciosa, à exceção das solas dos seus *Converse* no alcatrão molhado, e do carro de Malcolm que passou por eles uns segundos depois.

— Ei — perguntou Holden, da janela do passageiro. — O que é que dizia o biscoito da sorte do Adam?

— Hum. — Olive fez um trejeito ao olhar para a tira de papel. — Não diz grande coisa. Só «Holden Rodrigues, Ph.D., é um falhado». — Malcolm acelerou no momento exato em que Holden ia retrucar, fazendo-a desatar às gargalhadas.

— O que é que diz, afinal? — perguntou Adam, quando por fim ficaram sozinhos.

Olive entregou-lhe o papel amachucado e ficou silenciosa enquanto ele o ajeitava na direção da luz do candeeiro de rua. Não ficou surpreendida quando viu um músculo a mover-se no maxilar dele, ou quando ele enfiou o papelinho no bolso das calças de ganga. Ela sabia o que dizia, afinal.

Podés apaixonar-te: alguém te vai conquistar.

— Podemos falar sobre o Tom? — perguntou ela, passando ao lado de uma poça. — Não temos de falar, mas se pudermos...

— Podemos. Devemos. — Ela viu a garganta dele ficar tensa. — Vai ser despedido de Harvard, claro. Ainda estão a refletir sobre outras medidas disciplinares, houve reuniões até tarde. — Ele atirou-lhe um olhar rápido. — Foi por isso que não te liguei mais cedo. O coordenador do artigo IX de Harvard vai entrar em contacto contigo em breve.

Ótimo.

— E o financiamento?

Ele contraiu o maxilar.

— Ainda não sei bem. Mas hei de resolver, ou não. Não estou particularmente preocupado com isso neste momento.

Ela ficou surpreendida. E depois já não, nem sequer quando considerou que as possíveis implicações profissionais da

traição de Tom o deviam ter magoado tanto quanto as pessoais.

— Lamento imenso, Adam. Sei que ele era teu amigo...

— Não era. — Adam parou abruptamente no meio da rua. Virou-se para ela, com os olhos de um castanho límpido e profundo. — Eu não fazia ideia, Olive. Pensava que o conhecia, mas... — Engoliu com dificuldade. — Nunca te devia ter confiado a ele. Desculpa.

Ele disse aquilo como se Olive fosse especial, única e preciosa para ele. O seu tesouro mais valioso. Deu-lhe vontade de estremecer, e de rir, e de chorar ao mesmo tempo. Deixou-a feliz e confusa.

— Eu... Eu estava com medo que ficasses chateado comigo. Por estragar tudo. A tua amizade com o Tom e, se calhar... Se calhar já não ias poder ir para Boston.

Ele sacudiu a cabeça.

— Não quero saber disso. Não podia importar-me menos com isso. — Ele sustentou o olhar dela por um longo momento, a boca a trabalhar como se ele estivesse a engolir o resto das palavras. Mas nunca continuou, por isso Olive assentiu e virou-se, recomeçando a andar.

— Acho que encontrei outro laboratório. Para terminar o meu estudo. Mais perto, por isso não vou precisar de me mudar para o ano. — Ajeitou o cabelo atrás da orelha e sorriu-lhe. Havia algo intrinsecamente agradável em tê-lo perto de si, física e inequivocamente. Sentiu a felicidade visceral, primária, que a acometia sempre que estava com ele. De repente, Tom era a última coisa que queria trazer para a sua conversa com Adam. — O jantar foi bom. E tinhas razão, já agora.

— Sobre a lama de abóbora?

— Não, isso estava ótimo. Sobre o Holden. Ele é mesmo insuportável.

— Acabas por gostar dele, dá-lhe uma década ou assim.

— A sério?

— Nao. Acho que não.

— Coitado do Holden. — Ela soprou uma gargalhada. — Não és o único que se lembra, já agora.

Ele deitou-lhe um olhar.

— Que se lembra do quê?

— Do nosso encontro. O da casa de banho, quando vim à entrevista.

Olive pensou que o passo dele tinha hesitado por um milésimo de segundo. Ou, se calhar, não. Ainda assim, houve um travo de incerteza quando ele ganhou fôlego e disse:

— Lembras-te mesmo?

— *Yep*. Só demorei um bocado até perceber que eras tu. Porque é que não disseste nada? — Ela estava tão curiosa sobre os pensamentos de Adam dos últimos dias, semanas, anos. Estava a começar a conseguir imaginar algumas coisas, mas outras... Outras ele ia ter de lhe explicar.

— Porque tu apresentaste-te como se nunca nos tivéssemos conhecido antes. — Ela achou que ele estava um bocadinho corado. Se calhar estava a ver mal. Se calhar era impossível perceber, sob o céu sem estrelas e àquela luz amarela tão fraca. — E eu tinha... Tinha pensado em ti. Durante anos. E não quis...

Ela só podia imaginar. Tinham passado um pelo outro no corredor, participado em inúmeros simpósios de investigação do departamento e em vários seminários juntos. Ela nunca

relacionara as coisas, mas agora... Agora perguntava-se o que é que *ele* tinha pensado.

Há anos que falava dessa rapariga fantástica, mas estava preocupado por serem do mesmo departamento, tinha dito Holden.

E Olive tirara conclusões erradas. Estivera tão enganada.

— Não precisavas de mentir, sabes? — disse ela, num tom nada acusatório.

Ele ajustou a alça da sua mala ao ombro.

— Não menti.

— Mentiste mais ou menos. Por omissão.

— Verdade. Estás... — Ele apertou os lábios. — Estás chateada?

— Não. A sério. Não é uma mentira muito grave.

— Não?

Ela mordiscou o polegar por um instante.

— Eu contei mentiras muito piores. E também não falei desse encontro, quando fiz a ligação.

— Ainda assim, se achas que...

— Não estou chateada — disse ela, gentil mas decidida. Olhou para cima, para ele, a tentar perceber. A tentar entender como é que havia de lho dizer. De lho *mostrar*. — Estou... outras coisas. — Sorriu. — Contento, por exemplo. Por te lembrares de mim desde esse dia.

— Tu... — uma pausa — és muito memorável.

— Ah. Não sou nada. Não era ninguém, era parte de uma manada enorme de recém-chegados. — Ela bufou e fitou os próprios pés. Tinha de caminhar muito mais depressa do que

ele para o acompanhar. — Odiei o meu primeiro ano. Foi tão stressante.

Ele olhou para ela, surpreendido.

— Lembras-te da tua primeira apresentação no seminário?

— Lembro-me. Porquê?

— A piada sobre o elevador, chamaste-lhe um turbo-elevador e puseste uma fotografia do *Star Trek* nos diapositivos.

— Oh, sim. Pus. — Riu-se baixinho. — Não sabia que eras fã.

— Tive uma fase. E, no piquenique desse ano, choveu imenso em cima de toda a gente. Estiveste a jogar ao macaquinho do chinês com os filhos de alguém durante horas. Os miúdos adoraram-te, tiveram de te arrancar o mais novo do colo para o meterem no carro.

— Eram os filhos da Dra. Moss. — Ela olhou para ele, curiosa. Levantou-se uma brisa suave que agitou o cabelo dele, mas ele não pareceu importar-se. — Não sabia que gostavas de crianças. Até diria o contrário.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Não gosto de pessoas de vinte e cinco anos que se comportam como crianças. Não me importo que sejam crianças se tiverem três anos de idade.

Olive sorriu.

— Adam... O facto de saberes quem eu era... Influenciou a tua decisão de fingirmos o namoro?

Houve pelo menos uma dúzia de expressões a cruzarem-lhe o rosto enquanto ele procurava uma resposta, e ele não pareceu deter-se em nenhuma.

— Queria ajudar-te, Olive.

— Eu sei. Acredito em ti. — Ela roçou os dedos na boca. — Mas foi só isso?

Ele apertou os lábios. Soltou um longo suspiro. Fechou os olhos e, durante um instante, pareceu que estavam a arrancar-lhe os dentes e a alma. Então disse, resignado:

— Não.

— Não — repetiu ela, pensativa. — Moro aqui, já agora. — Apontou para o edifício alto de tijolo na esquina.

— Certo. — Adam olhou ao redor, observando a rua em que ela vivia. — Queres que leve as malas até ao cimo das escadas?

— Eu... mais tarde, talvez. Há uma coisa que preciso de te dizer. Antes.

— Claro.

Ele parou em frente a ela, e ela olhou para ele, para as linhas agradáveis do seu rosto familiar. Havia apenas a brisa fresca entre os dois, e a distância que Adam considerara adequada manter. O seu falso-namorado teimoso e volátil. Maravilhosa e perfeitamente único. Deliciosamente único. Olive sentiu o coração transbordar de emoção.

Respirou fundo.

— O que acontece, Adam, é que... fui estúpida. E estava enganada. — Brincou nervosamente com uma mecha de cabelo, e depois deixou a mão deslizar para baixo até ao estômago e... *Okay. Okay.* Ia dizer-lhe. Ia conseguir. Nesse momento. — É como... como testar hipóteses estatísticas. Erros de tipo 1. É assustador, não é?

Ele franziu a testa. Não fazia ideia de onde ela ia com aquilo.

— Erros de tipo 1?

— Um falso positivo. Achas que alguma coisa está a acontecer, quando não está.

— Eu sei o que é um erro de tipo 1...

— Sim, claro. É só que... nas últimas semanas, o que me deixou aterrorizada foi a ideia de poder estar a interpretar mal a situação. De poder estar a convencer-me de algo que não era real. Ver coisas que não estavam lá, só porque queria vê-las. O pior pesadelo de um cientista, não é?

— Certo. — As sobrancelhas dele franziram-se ainda mais.
— É por isso que quando fazemos análises temos de estabelecer um nível de...

— Mas acontece que o erro de tipo 2 também é péssimo.

Os olhos dela estreitaram-se ante aquilo, simultaneamente hesitantes e ansiosos. Estava assustada — muito assustada por causa do que estava prestes a dizer. Mas também estava extasiada por ele ir finalmente saber. Estava determinada a despejá-lo.

— Sim — concordou ele devagar, confuso. — Os falsos negativos também são maus.

— É esse o problema da ciência. Estamos formatados para achar que os falsos positivos são maus, mas os falsos negativos são igualmente assustadores.

Ela engoliu em seco.

— Não sermos capazes de ver algo, mesmo que esteja diante dos nossos olhos. Andarmos propositadamente cegos, só porque temos medo de ver demais...

— Estás a dizer que a formação de doutoramento em estatística tem falhas?

Ela soprou uma gargalhada, de repente corada, mesmo na noite escura e fria. Os olhos começaram a queimar.

— Se calhar. Mas também... Acho que *tenho* tido falhas e não quero voltar a falhar.

— Olive. — Ele aproximou-se um passo, só alguns centímetros. Não o suficiente para a encurralar, mas o bastante para que ela sentisse o seu calor. — Estás bem?

— Têm acontecido... tantas coisas, antes de eu te conhecer, e acho que mexeram um bocado comigo. Eu conto-te tudo depois, se quiseres. Em primeiro lugar, tenho de ser eu a perceber porque é que me escondi atrás de tantas mentiras, e porque é que preferi isso a admitir um grama da verdade. Mas acho que...

Ela respirou fundo, profundamente. Havia uma lágrima, uma única lágrima, e ela sentiu-a deslizar-lhe pela bochecha. Adam viu-a e sussurrou o nome dela.

— Acho que algures no meio da história esqueci-me de que valia alguma coisa. Esqueci-me de mim própria.

Foi ela que se aproximou dele. Foi ela que levou as mãos à bainha da camisola dele, que apertou com delicadeza e que ficou agarrada a ele, e que começou a tocá-lo, a chorar e a rir ao mesmo tempo.

— Há duas coisas que quero dizer-te, Adam.

— O que é que...

— Por favor, deixa-me dizer-tas.

Ele era muito bom naquilo. A ficar simplesmente de pé sem fazer nada enquanto os olhos dela jorravam cada vez mais lágrimas. Ela entendia que ele se sentia impotente, as mãos tinham-se fechado do lado do corpo dele, e ela... Ela ainda o amou mais por causa disso. Por olhar para ela como se ela fosse o início e o fim de todos os seus pensamentos.

— A primeira coisa que quero dizer é que te menti. E a minha mentira não foi só por omissão.

— Olive...

— Foi uma mentira a sério. E uma grave. Estúpida. Eu deixei-te, não, eu *fiz-te* pensar que tinha sentimentos por outra pessoa, quando a verdade é que não tinha. Nunca tive.

A mão dele segurou-lhe o rosto.

— O que é que estás...

— Mas isso não importa lá muito.

— Olive. — Ele puxou-a para mais perto, pressionando os lábios contra a testa dela. — Não interessa para nada. Seja lá qual for o motivo pelo qual estás a chorar, eu resolvo. Eu trato disso. Eu...

— Adam — ela interrompeu-o com um sorriso molhado. — Não importa, porque a segunda coisa é que importa a sério.

Estavam tão perto. Ela podia sentir o cheiro dele, o seu calor, e as mãos dele estavam a segurar-lhe o rosto, os polegares moviam-se para lhe secar as lágrimas.

— Querida — murmurou ele. — Qual é a segunda coisa?

Ela ainda estava a chorar, mas nunca se tinha sentido tão feliz. Então disse o que tinha a dizer, provavelmente na pior pronúncia que ele alguma vez tinha ouvido:

— *Ik hou van jou*, Adam.

Epílogo

♥ RESULTADOS: Uma análise cuidada da informação recolhida, tendo em conta potenciais confusões, erros estatísticos, e possíveis imprevistos, mostra que, se me apaixonar, as coisas vão acabar por não correr assim tão mal.

DEZ MESES DEPOIS

— Fica aí. Estavas no sítio certo.

— Estava?

Ele estava a gozar com ela. Um bocadinho. Aquela expressão deliciosamente resignada tinha-se tornado a favorita de Olive no último ano.

— Só um bocadinho mais perto do dispensador de água. Perfeito. — Ela deu um passo atrás para admirar a sua obra, e depois piscou-lhe o olho e tirou o telemóvel do bolso para tirar uma fotografia rápida. Considerou brevemente trocá-la pelo protetor de ecrã atual — uma *selfie* dos dois em Joshua Tree há poucas semanas, Adam a fechar os olhos por causa do sol e Olive a dar-lhe um beijo na bochecha — mas reconsiderou.

O verão tinha sido preenchido com caminhadas, gelados deliciosos e beijos noturnos na varanda de Adam, a rirem-se e a contarem histórias inéditas enquanto contemplavam as estrelas, tão mais brilhantes do que aquelas que, um dia, Olive tinha colado ao teto do seu quarto no cimo do escadote. Ia começar a trabalhar num laboratório de cancro em Berkeley em menos de uma semana, o que significava que ia passar a ter um horário mais preenchido e stressante, em parte por conta das deslocações. E, mesmo assim, mal podia esperar.

— Fica aí — ordenou. — Faz um ar antagonístico e inalcançável. Diz «bebida de abóbora!».

Ele revirou os olhos.

— Qual é o plano se alguém entrar?

Olive lançou um olhar em redor do edifício de biologia. O corredor estava silencioso e deserto, e as luzes fracas da madrugada faziam o cabelo de Adam parecer azul. Era tarde, e era verão, e o fim de semana estava à porta. Não ia aparecer ninguém. E, se aparecesse, Olive Smith e Adam Carlsen já não eram notícia há muito tempo.

— Tipo quem?

— A Anh pode aparecer. Para te ajudar a recriar a magia.

— Tenho a certeza de que ela está com o Jeremy.

— Jeremy? O gajo por quem és apaixonada?

Olive deitou-lhe a língua de fora e olhou para baixo, para o telemóvel. Estava tão feliz, e nem sequer entendia porquê. Aliás, sabia bem porquê.

— *Okay*. Em um minuto.

— Não podes saber a hora exata. — A voz de Adam soou paciente, e indulgente. — Não com a precisão de minutos.

— Estás errado. Eu fiz um *imunoblot* nessa noite. Olhei para o meu registo do laboratório, e reconstruí o quando e o onde com rigor. Sou uma cientista minuciosa.

— Hum. — Adam cruzou os braços diante do peito. — E como é que te saiu esse *imunoblot*?

— Não interessa — sorriu ela. — E o que é que andavas a fazer aqui, já agora?

— Como assim?

— Há um ano. Porque é que andavas a vaguear pelo departamento à noite?

— Não me lembro. Devia ter algum prazo a aproximar-se. Ou, se calhar, ia para casa. — Ele encolheu os ombros e

passou o corredor em revista até dar com o dispensador de água. — Se calhar estava com sede.

— Se calhar. — Ela aproximou-se um passo. — Se calhar, estavas secretamente à espera de um beijo.

Ele deitou-lhe um olhar longo e animado.

— Talvez estivesse.

Ela deu outro passo, e outro, e outro. E depois o alarme soou uma vez, no preciso instante em que ela ficou diante dele. Outra ofensa ao espaço pessoal dele. Mas, dessa vez, quando ela se pôs em bicos de pés, quando passou os braços pelo seu pescoço, as mãos de Adam puxaram-na para mais perto.

Tinha passado um ano. Exatamente um ano. E, por essa altura, o corpo dele era-lhe tão familiar que ela já conhecia de cor a largura dos seus ombros, a aspereza da sua barba, o cheiro da sua pele; conseguia perceber que ele estava a sorrir só por lhe ver a expressão dos olhos.

Olive encostou-se a ele, deixou-o sustentar-lhe o peso, e depois chegou a boca o mais perto possível ao ouvido dele. Pressionou-lhe a orelha com os lábios, e sussurrou baixinho contra a pele dele:

— Importa-se que o beije, Dr. Carlsen?

Nota da Autora

Escrevo histórias passadas na academia, porque a academia é tudo o que conheço. Pode ser um ambiente muito insular, desgastante e isolado. Na última década, tive excelentes mentoras que me apoiaram constantemente, mas posso referir dezenas de situações em que senti que era um falhanço gigante, sempre aos tropeços no meu caminho pelas ciências. Mas isso, como toda a gente que passou pelo mesmo sabe, é um doutoramento: uma atmosfera stressante, de grande pressão e competição. A academia tem o seu jeito particular de destruir o equilíbrio entre vida e trabalho, de pôr as pessoas de rastos, e de as fazer esquecer que valem muito mais do que o número de publicações que têm, ou do que o dinheiro que angariaram em financiamento e bolsas.

Pegar na coisa que eu mais adoro (escrever histórias de amor) e situá-las no pano de fundo da academia das STEM tem sido surpreendentemente terapêutico. A minha experiência não tem sido igual à da Olive (não há nenhum falso namorado na academia no meu caso), mas ainda assim consegui purgar muitas das minhas frustrações, alegrias e desilusões nas peripécias dela. Tal como a Olive, senti-me sozinha, motivada, impotente, assustada, feliz, encurralada, inadequada, incompreendida, entusiasmada. Escrever *A Hipótese do Amor* deu-me a oportunidade de transformar essas experiências em algo com algum humor e autoindulgência, e de perceber que posso ver os meus azares de outro ângulo — às vezes até é possível rir-me deles! Por este motivo — e sei que provavelmente não devia dizê-lo — este livro significa tanto para mim quanto a minha tese de doutoramento.

Okay, é mentira. Significa muuuito mais.

Se não estão familiarizados com isto, gostaria de deixar algumas palavras sobre um tópico que é muito discutido no livro. O artigo IX é uma lei federal que proíbe qualquer tipo de discriminação com base no género em qualquer instituição que receba fundos federais (por exemplo, a maioria das universidades). As instituições de ensino ficam assim obrigadas, por lei, a dar resposta e a resolver situações de má conduta, desde ambientes de trabalho hostis até assédio e agressões. As escolas abrangidas têm coordenadores do artigo IX, cujo trabalho é gerir as queixas e violações e informar a comunidade da instituição acerca dos seus direitos. O artigo IX tem sido, e continua a ser, fulcral para garantir o acesso igualitário à educação, e para proteger estudantes e funcionários contra discriminação com base no género.

Por último: as mulheres nas organizações das STEM que a Anh menciona no livro são ficcionais, mas a maioria das universidades tem variações destas organizações. Para fontes reais de apoio a académicas nas STEM, visitem awis.org. Para fontes que apoiem especificamente as académicas BIPOC nas STEM, visitem sswoc.org.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, deixem-me dizer: asgfgsfasdghadg. Não acredito que este livro existe. A sério, asgfgsfasdghadg.

Em segundo lugar, deixem-me dizer ainda que: este livro *não* existiria se aproximadamente duzentas pessoas não me tivessem dado a mão nos últimos dois anos. *Música final com os créditos*. De um modo muito desorganizado, devo agradecer a:

Thao Le, o meu agente maravilhoso (a tua mensagem privada mudou a minha vida para melhor); Sarah Blumenstock, a minha editora fantástica (que não é *esse* tipo de editora); Rebecca e Alannah, as primeiríssimas leitoras beta (e palmas para a Alannah, que teve a ideia para o título!); os meus *gremlins*, por serem maravilhosos e por me defenderem o c.p.; Daddy Lucy e Jen (obrigada por todas as leituras e pelas mensagens e pelas muitas vezes que me deram a mão); Claire, Court, Julie, Katie, Kat, Kelly, Margaret, e a minha mulher, Sabine (ALIMONE!) (bem como a Jess, Shep, Trix, meus *grems* honorários). Aos meus colegas de «My Words are Hard», pelo apoio emotivo: Celia, Kate, Sarah e Victoria. Aos meus Tmers, que acreditaram em mim desde o início: Court, Dani, Christy, Kate, Mar, Marie e Rachelle; Caitie, por ser a primeira pessoa da vida real com quem senti que podia falar disto tudo; Margo Lipschultz e Jennie Conway, pelo *feedback* precioso sobre os primeiros rascunhos; Frankie, pela constante prontidão; Psi, por me inspirar com a beleza da sua escrita; os Berkletes, pelo cansaço e pelo tricô; Sharon Ibbotson, pela inestimável perspectiva editorial e encorajamento; Stephanie, Jordan, Lindsey Merrill, e Kat, por ser leitora beta do meu manuscrito e por me ajudar a corrigi-lo; Lilith, pela arte espetacular da capa, bem como o pessoal da Penguin Creative;

Bridget O'Toole e Jessica Brock, por me ajudarem a fazer as pessoas acreditar que se calhar até vão querer ler este livro; toda a gente da Berkley que me ajudou a polir este manuscrito nos bastidores; Rian Johnson, por fazer A Coisa que me inspirou a fazer Todas as Coisas.

A verdade é que nunca me vi como alguém que haveria de escrever mais do que artigos científicos. E, provavelmente, nunca teria escrito outra coisa se não fosse por todos os autores de *fanfiction* que publicaram histórias magníficas *online* e que me encorajaram a começar a escrever. E com certeza que não teria tido coragem para começar a escrever ficção original se não fosse pelo apoio, a motivação, o encorajamento, a crítica construtiva que recebi dos clubes de fãs de Star Trek e Star Wars/Reylo. A toda a gente que deixou um comentário ou um elogio nas minhas histórias, que me motivou nas redes sociais, que me enviou mensagens privadas, que desenhou arte para mim ou que fez um quadro de humores, que me animou ou que tirou tempo para ler alguma coisa que eu tenha escrito: obrigada. A sério, muito obrigada. Devo-vos imenso.

Por último, e agora a sério, é definitivamente o último: um agradecimento mais ou menos sentido ao Stefan, pelo amor e paciência. É melhor que não leias isto, seu *hipster* presunçoso.

Obrigado por leres na DESROTINA!

A hipótese do amor

Os desrotinadores que tomaram este livro possível:

João Gonçalves

publisher overlord

António Fonseca Tavares

project management jedi

Miguel Cardoso Pereira

editor extraordinaire

Ana Gaspar Pinto

design & marketing wizard

Célia Correia Loureiro

translation genius

Daniela Maciel

proof-reader sensation

Teresa Barreiros

rock-star sales manager

Romão Cunha

do-it-all ninja

... e, claro, tu

o nosso fiel leitor

Ajuda-nos na divulgação e descobre todos os nossos livros em:

Site: www.desrotina.pt

Facebook: @desrotinaeditora

Instagram: @desrotinaeditora

DESROTINA. CRIA UMA. 